



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MARCIA REGINA DE OLIVEIRA LUPION

**PADRE BERNARDO,
UMA DEVOÇÃO CONTINGENTE (1969-2000)**

MARINGÁ-PR

2021

MARCIA REGINA DE OLIVEIRA LUPION

**PADRE BERNARDO,
UMA DEVOÇÃO CONTINGENTE (1969-2000)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá como requisito obrigatório para a obtenção do título de Doutora.

Área de concentração: História, Cultura e Política. Linha de pesquisa: História, Cultura e Narrativa.

Orientadora: Profa. Dra. Solange Ramos de Andrade.

MARINGÁ-PR

2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

| | |
|-------|--|
| L965p | <p>Lupion, Marcia Regina de Oliveira Padre Bernardo, uma devoção contingente (1969-2000) / Marcia Regina de Oliveira Lupion. -- Maringá, PR, 2021. 227 f.: il. color., figs., tabs.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Solange Ramos de Andrade. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2021.</p> <p>1. Devoção. 2. Santo de Cemitério. 3. Maringá (PR) - História regional. 4. História das religiões. 5. Cnudde, Bernard Abel Alphonse, Padre, 1939-2000. I. Andrade, Solange Ramos de, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.</p> <p>CDD 23.ed. 981.62</p> |
|-------|--|

LUPION, MARCIA REGINA DE OLIVEIRA. PADRE BERNARDO, UMA DEVOÇÃO CONTINGENTE (1969-2000).

RESUMO

Analisar a prática religiosa e a devoção destinada a Bernardo Abel Alfonso Cnudde (1939-2000), padre que viveu a maior parte de sua vida eclesial na arquidiocese de Maringá, é o objetivo desta pesquisa. Conhecido pelo atendimento massivo e pela eficácia ao interceder por graças e/ou praticar exorcismos, o túmulo do monsenhor tem sido espaço de um tipo de devoção executada por dois grupos específicos de devotos. Um composto por pessoas com idade superior aos cinquenta anos e outro formado por integrantes do Grupo Carismático Filhos de Sião. Essas manifestações pontuais levaram à conjectura sobre um possível ocaso da devoção, o que a tornaria “uma devoção contingente”, dada a dependência em relação a essas duas circunstâncias. Para traçar a economia da prática realizada pelo monsenhor e o alcance da devoção a ele prestada, o trabalho sobre as fontes privilegiou a busca por aspectos objetivos e subjetivos presentes na documentação, de forma que, qualitativamente, fosse possível verificar traços de sua prática religiosa, sobretudo a partir dos relatos de cura e intercessões atribuídas a ele. De posse desses elementos, a escolha foi analisar os dados a partir dos pressupostos da História das Religiões e interpretar a forma como os indivíduos ou grupos operacionalizam seus fazeres, agindo e reagindo sobretudo em relação aos grupos dominantes. Dessa opção resultou que a *performance* do padre permite compreendê-lo como alguém com múltiplas identidades. Uma delas é sua identificação como *outsider* ou alguém que se desvia das regras do grupo de pertencimento sem que haja uma ruptura entre as partes. A outra como um indivíduo dotado de um espírito livre e aberto a múltiplos conhecimentos. A persistência dos frequentadores do túmulo e o desenvolvimento de uma devoção ao padre à revelia da Igreja Católica local foram analisados como ações nas quais se celebra o afeto e a confiança nos poderes intercessores do monsenhor. E, após o trabalho, constatou-se que a devoção destinada a ele se dá menos pelo resultado da eficácia de suas curas e milagres no *post mortem* do que pelas recordações cristalizadas pela memória coletiva, nas quais são lembrados fatos do tempo em que ele era vivo e sua prática o identificava como alguém com capacidades sobrenaturais e, portanto, com potencial para aliviar as dores e os sofrimentos alheios.

Palavras-chave: Padre Bernardo Cnudde. Maringá. Devoção Contingente. História das Religiões. História das Sensibilidades.

LUPION, MARCIA REGINA DE OLIVEIRA. FATHER BERNARDO, A CONTINGENT DEVOTION (1969-2000).

ABSTRACT

The analysis of the religious practice and the devotion towards Bernardo Abel Alfonso Cnudde (1939-2000), a priest who lived most of his ecclesiastic life in the archdiocese of Maringá, is the objective of this research. Known for its massive attendance and its effectiveness in interceding for graces and/or practicing exorcisms, the tomb of the monsignor has been a space for a type of devotion performed by two specific groups of devotees. One composed of people over the age of fifty and another formed by members of the Charismatic Group Filhos de São. These particular manifestations led to the conjecture about a possible decline in devotion without these two groups in the future, which would make it a 'contingent devotion' given the dependence on these two circumstances. To outline the economy of the practice performed by the monsignor and the extent of the devotion to him, the search for objective and subjective aspects present in the documentation was privileged. In this way, it was possible to verify, qualitatively, the traces of his religious practice, especially from the reports of healings and intercessions attributed to him. With these elements in mind, the choice was to analyze the data based on the assumptions of the History of Religions and to interpret how individuals or groups operationalize their practices, acting and reacting in relation to dominant groups. This point of view demonstrates that the priest's performance yields his acknowledgment as someone with multiple identities. He had characteristics that may identify him as an outsider and had aspects of someone who deviated from the rules of the belonging group, without there being a rupture between the parties. Also, the priest was an individual endowed with a free spirit and was open to a multitude of knowledge. The persistence of the tomb-goers and the development of devotion to the priest, despite the local Catholic Church, were analyzed as a set of celebratory actions guided by the affection and trust in the monsignor's intercessory powers. The work showed that the devotion destined to him happens less by the result of the effectiveness of his cures and miracles in the *post mortem* than by the crystallized memories, composed by facts of the time when he was alive. Cnudde's practice identified him as someone with supernatural abilities and, therefore, with the potential to relieve the pain and suffering of others.

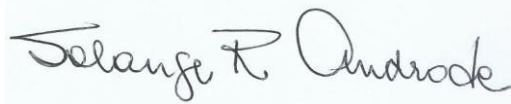
Keywords: Father Bernardo Cnudde. Maringá. Contingent Devotion. History of Religions. History of Sensitivities.

MARCIA REGINA DE OLIVEIRA LUPION

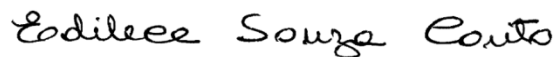
PADRE BERNARDO, UMA DEVOÇÃO CONTINGENTE (1969-2000)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá como requisito obrigatório à obtenção do título de Doutora. Área de concentração: História, Cultura e Política. Linha de pesquisa: História, Cultura e Narrativa.

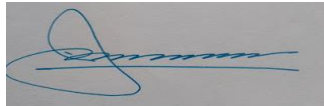
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Solange Ramos de Andrade
Presidente/Orientadora (UEM/PPH)



Profa. Dra. Edilece Souza Couto
Membro Convidado (UFBA)



Profa. Dra. Patrícia Carla de Melo Martins.
Membro Convidado (UEPG)



Prof. Dr. Reginaldo Benedito Dias
Membro Corpo Docente (UEM/PPH)



Prof. Dr. Lúcio Tadeu Mota
Membro Corpo Docente (UEM/PPH)

Maringá
2021

*Dedico este trabalho a todos e todas que cederam suas
lembranças e representações sobre o “padre” Bernardo
sem as quais esse trabalho não poderia ter sido
realizado.*

AGRADECIMENTOS

Na significativa data de defesa dessa tese não tivemos abraços ou comemorações coletivas presenciais. Em tempos de pandemia, os gestos que comunicam afeto tornaram-se interditos. A morte bateu em nossas portas, infiltrou-se em nossas vestimentas, pele, alma e corações. Nós nos tornamos vetores da morte. Nesse dia 04 de junho de 2021, mais de 170 milhões de pessoas pereceram diante do Coronavírus. Mas, esse mesmo viver que é afetado pela pandemia, nos impeliu a continuarmos com nossos afazeres dando sentido tanto a novas propostas de trabalho quanto àquelas já iniciadas como, por exemplo, a escritura dessa tese que é anterior ao momento de exceção vivido. E, para que ela se tornasse real, foi necessária a ajuda de muitas pessoas e instituições:

Nesse sentido, gostaria de agradecer profundamente:

Aos memorialistas que cederam suas lembranças para a elaboração dessa narrativa. Solícitos, muitas vezes retomaram a qualquer tempo datas e eventos inserindo novas informações ou esclarecendo dúvidas da pesquisadora. De alguns me tornei uma amiga com a qual discorriam sobre aquele que lhes foi tão caro, ainda que, por vezes, tenham pedido sigilo de algumas informações as quais eu teria imenso prazer em citar. Devido a normas do Conselho de Ética em pesquisas que envolvem seres humanos, apenas as iniciais de seus nomes foram inseridas na narrativa, o que os desgostou sobremaneira, pois tencionavam que o registro de suas falas fosse feito de forma personalizada;

À minha orientadora, Professora Doutora Solange Ramos de Andrade, por acreditar e me apoiar nessa empreita há tanto adiada e há muito desejada;

Aos membros da Banca Professora Dra. Edilece Souza Couto, Professora Dra. Patrícia Carla de Melo Martins, Professor Dr. Reginaldo Benedito Dias, Professor Dr. Lucio Tadeu Mota e Professor Dr. Selson Garutti (*in memoriam*) por terem aceitado a faina da leitura crítica da tese e contribuído para sua escrita;

Ao LERR, Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades, e seus membros por terem me aceito em seu meio com um carinho imenso e compartilhamento generoso de experiências;

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. Sem o trabalho incansável de seus membros o sonho de um doutoramento em História, formação amada, não seria possível em nossa cidade;

A CAPES, pela concessão da bolsa que possibilitou, parcialmente, o financiamento dessa pesquisa;

Às instituições que abriram suas portas para a pesquisa em seus acervos, especialmente:

- à Paróquia Divino Espírito Santo, na pessoa do monsenhor Júlio Antônio da Silva, que além de uma entrevista, permitiu acesso aos documentos sobre o padre Bernardo e, generosamente me presenteou com um exemplar da obra escrita pelo monsenhor Orivaldo Robles, *A Igreja que brotou da mata*. Em tempo, agradeço a inestimável colaboração do senhor Ocimar Schorro, secretário da paróquia. A ele devo todos os contatos feitos com o padre, com alguns memorialistas assim como a delicadeza em me alojar para a realização da pesquisa nas dependências da secretaria;

- à Paróquia São José Operário, coordenada pelo pároco Renato Quezini, que gentilmente permitiu a pesquisa nos Livros Tombo que colaboraram para a construção de uma possível trajetória da construção da Igreja Divino Espírito Santo, bem como sobre a inserção das propostas do Vaticano II na diocese de Maringá;

- à Cúria Metropolitana de Maringá pelo acesso dado aos documentos sobre o padre Bernardo presentes na instituição; pelos inúmeros e-mails trocados com o senhor Jorge Luiz D’Pieri de Souza em busca de informações e dados sobre o patrimônio da arquidiocese de Maringá bem como ao Senhor Everton Barbosa pela facilitação aos trâmites ligados à Cúria Metropolitana e pela doação de dois exemplares do livro *A Igreja que brotou da mata*;

- à Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória, na pessoa do padre Virgílio Cabral dos Santos, por permitir a pesquisa no Livro Tombo da paróquia;

- ao Patrimônio Histórico de Maringá, na pessoa do historiador João Laércio Lopes Leal, pelas conversas esclarecedoras e pela cessão da cópia do Anteprojeto de Maringá assinado pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira e viabilizado pelos engenheiros da CMNP em Maringá Gastão de Mesquita Filho e Cássio Vidigal;

- à Casa de Emaús por permitir acesso e registro fotográfico do relicário existente no local;

À Dom Pedro Antônio Marchetti Fedalto, bispo emérito da Arquidiocese de Curitiba, por muito gentilmente ter me presenteado, no início da pesquisa, com um exemplar da obra *História da Igreja no Paraná*. Obra de edição esgotada cuja contribuição à pesquisa foi ímpar;

Ao Senhor Edgar Werner Osterroht por ter cedido seu tempo para uma prosa sobre Maringá e também por autorizar o uso de uma das imagens do seu livro *Homenagem ao cinquentenário de Maringá* na presente pesquisa. Estendo o agradecimento à esposa do Sr. Egdar, Márcia Osterroht, por ter conduzido a visita e me presenteado, juntamente com seu marido, com a nova versão da *Homenagem*, intitulada *Maringá, passado e futuro* lançado em 2007. O Sr. Edgar faleceu em outubro de 2020, dois anos após nosso encontro;

Aos inumeráveis amigos e amigas que, com paciência e positividade infinitas, me ouviram discorrer sobre os diversos passos da pesquisa nos últimos quatro anos;

A todos os familiares, principalmente minhas irmãs Dilma, Eliane e Walkiria pela presença e incentivo constantes;

Ao Paulo e ao Paulo Emílio pelo apoio incondicional. Amor eterno.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|-------------|--|-----|
| FIGURA 1 - | Padre Bernardo (1939-2000). | 32 |
| FIGURA 2 - | Pedido de Incardinação na diocese de Bernardo, 1969. | 33 |
| FIGURA 3 - | DVD em homenagem ao monsenhor. | 37 |
| FIGURA 4 - | Difusão de dioceses pelo Brasil a partir de 1551 até 1969. | 53 |
| FIGURA 5 - | Difusão de dioceses pelo Paraná entre 1892 e 1969. | 54 |
| FIGURA 6 - | Igreja São José Operário, década de 1950. | 56 |
| FIGURA 7 - | Igreja São José Operário - Edgar Werner Osterroht, 1958. | 57 |
| FIGURA 8 - | Anteprojeto da cidade Bernardo, 1945. | 57 |
| FIGURA 9 - | Cruzes demarcando onde foram construídas as Igrejas São José Operário e Divino Espírito Santo – Anteprojeto/Detalhe. | 58 |
| FIGURA 10 - | Multidão na estação ferroviária de Bernardo, 195(?). | 63 |
| FIGURA 11 - | Ata de Solenidade: Benção das obras iniciais da Igreja Divino Espírito Santo, 05 julho de 1964. | 66 |
| FIGURA 12 - | Presença simultânea do capela-igreja em madeira e da igreja em forma de heptágono, 1974(?). | 68 |
| FIGURA 13 - | Alvará de Licença para a construção da Primeira Igreja na Praça Gomes Carneiro, 1964. | 68 |
| FIGURA 14 - | “Suprindo uma lacuna”: Criação da Paróquia Divino Espírito Santo. | 72 |
| FIGURA 15 - | Cartão Natalino do padre Bernardo a Dom Jaime, 1980. | 75 |
| FIGURA 16 - | Cartão Postal de Bernardo a Dom Jaime, sem data definida. | 75 |
| FIGURA 17 - | Convite: Sessão de Outorga do Título de Cidadão Benemérito ao Monsenhor Bernardo Cnudde, 1998. | 78 |
| FIGURA 18 - | Cidadão Benemérito, 1998. | 78 |
| FIGURA 19 - | Recortes de jornais que veicularam a notícia da concessão do Título de Cidadão Benemérito ao Monsenhor Bernardo Cnudde. | 79 |
| FIGURA 20 - | Santinho de luto entregue por ocasião do velório do padre Bernardo, 2000. | 89 |
| FIGURA 21 - | Lembrança dos 25 anos do Grupo Filhos de Sião, 2005. | 90 |
| FIGURA 22 - | Fiéis dizem alcançar graças em missa celebrada pelo padre Bernardo Cnudde, 1998. | 112 |
| FIGURA 23 - | Padre Bernardo em momentos de lazer, década de 1990. | 121 |

| | |
|---|-----|
| FIGURA 24 - Padre Bernardo e amigos, meados dos anos 1990. | 127 |
| FIGURA 25 - Notícia sobre a morte do padre – primeira página d’O Diário de Maringá. | 150 |
| FIGURA 26 - Atestado de óbito do Monsenhor. | 151 |
| FIGURA 27 - Notícia sobre a morte do monsenhor - primeira página d’O Diário pelo segundo dia consecutivo. | 155 |
| FIGURA 28– Cortejo Fúnebre em carro de Bombeiros. | 157 |
| FIGURA 29 - Artigo sobre a morte do padre com ênfase em seu apreço pelo cigarro. | 158 |
| FIGURA 30 - Véu Umeral. | 161 |
| FIGURA 31 - Documentos e objetos pertencentes ao padre em posse do casal P. P. B. e N. M. S. B. | 162 |
| FIGURA 32 - Cemitério do Centro de Espiritualidades Rainha da Paz. | 168 |
| FIGURA 33 - Túmulo de Clodimar Pedrosa Lô. | 175 |
| FIGURA 34 - O toque. | 178 |
| FIGURA 35 - Manifestações dos vivos no túmulo de Bernardo Cnudde. | 180 |
| FIGURA 36 - Túmulo do padre no dia 13 de outubro de 2020. | 183 |
| FIGURA 37 - Túmulo do padre no dia 02 de novembro de 2020. | 183 |
| FIGURA 38 - Exposição das “Relíquias” e fotografias durante Celebração do Grupo Filhos de São na Igreja Divino Espírito Santo – 25 de março de 2013. | 192 |
| FIGURA 39 - Celebração Eucarística – Capela Ecumênica do Cemitério Municipal de Maringá, 23 de novembro de 2014. | 192 |
| FIGURA 40 - Estola pertencente ao Padre Bernardo em posse do Grupo Filhos de São. | 193 |
| FIGURA 41 - Relicário da Casa de Emaús. | 194 |
| FIGURA 42 - Objetos do padre presentes no Relicário da Casa de Emaús: Estola e Vasos de óleo santo. | 194 |

LISTA DE SIGLAS

| | | |
|--------|---|--|
| ACMM | - | Acervo da Cúria Metropolitana de Maringá |
| APDES | - | Acervo da Paróquia Divino Espírito Santo |
| APSJO | - | Acervo da Paróquia São José Operário |
| ACMNSG | - | Acervo da Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Glória |
| APNPB | - | Acervo Particular de N. S. P. e P. P. B. |
| APFHC | - | Acervo Particular de F. C. e H.C. |
| APLN | - | Acervo Particular de L. N. |
| APHM | - | Acervo do Patrimônio Histórico de Maringá |
| CAE | - | Conselho de Assuntos Econômicos |
| CMNP | - | Companhia Melhoramentos Norte do Paraná |
| CELAM | - | Conferência Episcopal da América Latina |
| CNBB | - | Conferência Nacional dos Bispos do Brasil |
| CPP | - | Conselho Pastoral Paroquial |
| IAP | - | Instituto Ambiental do Paraná |
| RCC | - | Renovação Católica Carismática |
| CEBs | - | Comunidades Eclesiais de Base |
| PP | - | Plano de Pastoral |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|---|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 14 |
| 1.1 | PORQUE O PADRE BERNARDO | 15 |
| 1.1.1 | A pesquisa e a Igreja Católica em Maringá | 18 |
| 1.2 | FUNDAMENTOS TEÓRICOS | 19 |
| 1.3 | COMO OUVIR O MONSENHOR | 21 |
| 1.3.1 | As fontes orais e sua construção | 24 |
| 1.4 | COMO FOI DIVIDIDA A NARRATIVA | 27 |
| 2 | PADRE | 30 |
| 2.1 | A “CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE” | 30 |
| 2.2 | PADRE E MONSENHOR | 31 |
| 2.3 | “TEM QUE IR LÁ PARA CONHECER O BRASIL” | 36 |
| 2.4 | ESPAÇO DA INCARDINAÇÃO – DIOCESE DE MARINGÁ | 45 |
| 2.4.1 | Paróquia Divino Espírito Santo | 55 |
| 2.5 | RETORNO A MARINGÁ | 69 |
| 2.6 | MONSENHOR E CIDADÃO BENEMÉRITO | 74 |
| 3 | CURADOR E <i>OUTSIDER</i> | 81 |
| 3.1 | “[...] DENTRO DO TRAVESSEIRO VOCÊS VÃO ACHAR UM AMARRIO.” | 81 |
| 3.2 | “QUEM FOI O PADRE BERNARDO PARA VOCÊ?” | 85 |
| 3.3 | A <i>PERFORMANCE</i> DO PADRE E SUA IDENTIFICAÇÃO COMO CURADOR | 98 |
| 3.3.1 | A autoridade de ação do padre Bernardo | 98 |
| 3.3.2 | Relatos de cura | 107 |
| 3.3.3 | A formalidade dos atendimentos | 117 |
| 3.4 | A <i>PERFORMANCE</i> DO PADRE E SUA IDENTIFICAÇÃO COMO <i>OUTSIDER</i> | 122 |
| 3.4.1 | O padre e o modelo de pastor proposto pelo Vaticano II e pelo Plano de Emergência para a Igreja do Brasil 1962 | 129 |
| 3.5 | CONTRA A DOR E O SOFRIMENTO | 141 |

| | | |
|----------|---|------------|
| 4 | SOBREVIVERÁ BERNARDO À ERA BERNARDO?..... | 150 |
| 4.1 | MORTE | 150 |
| 4.1.1 | Cortejo e sepultamento | 156 |
| 4.1.2 | Repercussão | 158 |
| 4.2 | TÚMULO | 163 |
| 4.2.1 | Cemitérios em Maringá | 163 |
| 4.2.2 | O Cemitério Municipal de Maringá e seus santos | 171 |
| 4.2.3 | O túmulo do padre: espaço de transcendência e Topofilia | 176 |
| 4.3 | UMA DEVOÇÃO CONTINGENTE | 185 |
| 5 | “NÃO SEI O QUE TANTO VOCÊS VEEM NO PADRE | |
| | BERNARDO!” | 199 |
| 5.1 | POSSIBILIDADES DE PESQUISA | 199 |
| 5.2 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 201 |
| | REFERÊNCIAS | 204 |
| | APÊNDICE – CRONOLOGIA DE EVENTOS E DADOS | |
| | RELACIONADOS AO MONSENHOR BERNARDO ABEL | |
| | ALFONSE CNUUDE..... | 226 |

1 INTRODUÇÃO

Na terça-feira, dia 21 de novembro do ano 2000, grande parte da comunidade católica da cidade de Maringá, no Paraná, amanheceu enlutada. Na tarde do dia anterior, morrera o Padre Bernardo (1939-2000), pároco da Igreja Divino Espírito Santo, sacerdote a quem são atribuídos poderes capazes de promover curas, milagres, bilocações, intercessão por graças e realizações de exorcismos a um público que extrapolava os limites de sua paróquia e países vizinhos.

Durante as mais de três décadas em que atuou na hoje arquidiocese de Maringá, a prática religiosa e acolhida singular tornaram sua agenda de atendimentos cada vez mais concorrida. Para alguns de seus pares, a atuação irrestrita e exaustiva teria contribuído para sua morte prematura, enquanto para a comunidade leiga, sobretudo a católica, sua ação baseada no atendimento massivo o tornava alguém especial e diferente dos demais colegas.

Na memória da comunidade é recorrente a lembrança do quanto ele gostava de fumar, pescar, cozinhar e de degustar um bom copo de cerveja. Era filho, irmão e tio. Transitava entre a elite local e sabia de sua importância pessoal para alcançar seus objetivos.

Confessor de Dom Jaime, primeiro arcebispo da diocese de Maringá e de grande parte das religiosas da cidade, vivia rodeado por pessoas que muitas vezes eram paroquianos com os quais travou relações profundas de amizade fora do âmbito paroquial. Com eles viajava ou passava horas em suas residências, desfrutando momentos de lazer. Ele é lembrado ainda como possuidor de características que podem ser descritas como imateriais, por não serem de ordem visível, e sim de ordem das emoções como produzir alento, segurança e certezas aos que o procuravam.

No período em que atuou, o padre recebeu o título de monsenhor¹ e tornou-se uma celebridade conhecida para além da paróquia Divino Espírito Santo. Nessa comunidade, ele foi

¹ O termo monsenhor corresponde a um “Título usado em muitos países para designar os Bispos. O seu uso é também concedido pela Santa Sé, adscrito a certas honorificências (Protonotário, Camareiro, Capelão, Prelado Doméstico etc.) a sacerdotes que se destaquem no serviço da Igreja” (FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Glossário de cultura católica:** termos ou conceitos. Portugal: s/e, 2010. Disponível em: < <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernoscienciasreligiosas/article/view/3986/2698> >. Acesso em: 26 jun. 2020, p. 26). No caso do padre Bernardo, a concessão se deu no dia 10 de novembro de 1980 em função da instituição da arquidiocese de Maringá, ocorrida em 20 de janeiro de 1980, quando ele e outros dois sacerdotes se tornaram responsáveis pelos três novos episcopados de Maringá, Jandaia do Sul e Nova Esperança (ROBLES, Orivaldo. **A Igreja que brotou da mata** – os 50 anos da Diocese de Maringá. Maringá: Dental Press, 2007). Nesse caso, a concessão se deu em função não somente de serviços de destaque, mas, também, pela necessidade do arcebispo em contar com colaboradores diante da nova realidade territorial da arquidiocese. Nesse mesmo ano, em 03 de dezembro, o padre Bernardo foi nomeado vigário episcopal exatamente pela responsabilidade que lhe coube em relação ao vicariato de Maringá (Cf. ACMM, 2018). O vigário episcopal é nomeado pelo bispo diocesano com os mesmos poderes ordinários outorgados ao vigário geral. Podem ser nomeados um ou mais vigários episcopais, de acordo com as necessidades da diocese como dimensão ou população. A ele cabe, segundo os Cân. 476 e 477, auxiliar no governo da diocese. Tanto a nomeação para vigário episcopal quanto a dispensa cabem ao bispo (Cf.

o único pároco até o ano 2000, quando faleceu de infarto fulminante. Pessoas do Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai e de outros estados brasileiros costumavam se deslocar até Maringá para serem atendidas pelo padre que acreditavam ser capaz de realizar curas.

Falecido há quase vinte e um anos, seu túmulo recebe manifestações individuais e coletivas especialmente no Dia de Finados e em datas aproximadas ao aniversário de sua morte. Eventos que fortalecem a ideia de que nesse local se desenvolve uma espécie de devoção dedicada ao padre. Atualmente seu túmulo é o segundo mais visitado do cemitério municipal, local escolhido por ele para ser sepultado, visto que desejava estar acessível à população com a qual convivera por mais de três décadas.

O que diz a memória local sobre o padre cujo cortejo fúnebre foi marcado pela honraria do traslado do esquife em carro de bombeiros, algo destinado geralmente a pessoas de expressivo conhecimento público? Para alguns ele foi um santo, para outros, curador e exorcista, outros creditam a ele milagres e mediunidade.

Na presente tese, o padre é explicado como alguém dotado de uma personalidade complexa e um espírito individual único, capaz de dar a sua paróquia um perfil singular no horizonte de uma diocese que adotara as Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs, como proposta pastoral. Ele, na contramão dessa proposta, teria apostado na Renovação Católica Carismática, a RCC, como experiência religiosa paroquial. Somado a isso, no entanto, é certo dizer que ele foi um padre católico cioso e consciente das atribuições decorrentes do ministério que ocupava. Nasce católico e morre sacerdote. Um sacerdote peculiar, mas, acima de tudo, um sacerdote católico.

1.1 POR QUE O PADRE BERNARDO

Em “Padre Bernardo, uma devoção contingente (1969-2000)”, desenvolve-se uma narrativa histórica sobre a religiosidade praticada pelo monsenhor, que lhe valeu manifestações de devoção por um grupo específico após sua morte. Grupo² que é composto por dois perfis de devotos: um formado por ex-paroquianos e simpatizantes³ e outro pelo Grupo Carismático

CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, promulgado por João Paulo II, Papa. 4. ed. Secretariado Nacional do Apostolado da oração. Lisboa, 1983. Disponível em: < http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf >. Acesso em 25 jun. 2020, p. 87).

² O termo “grupo” com a inicial em letra minúscula se refere à somatória das pessoas que realizam qualquer traço de devoção ao padre e com letra maiúscula refere-se, especificamente, ao Grupo Carismático Filhos de Sião.

³ Durante o relatório serão distinguidos dois grupos específicos de pessoas que conheceram o padre: os *ex-paroquianos* que conviveram intimamente com ele, e os *simpatizantes* que são pessoas que o conheceram, mas o

Filhos de São que, por vezes, tem entre seus membros indivíduos do primeiro grupo. Aventa-se nesta tese a hipótese de que na ausência desses dois agentes, a devoção ao padre tenda a vir ao ocaso.

Trabalhos de campo realizados junto ao túmulo do monsenhor revelaram situações que contribuíram para essa problematização. Uma delas se refere à idade já avançada do seletivo grupo que costuma visitar o jazigo composto geralmente por pessoas com idades superiores aos 50 anos. Outro fator foi a não verificação de relatos substanciais sobre intercessões creditadas a ele após sua morte. Um terceiro elemento complicador refere-se a não observação de todos os parâmetros, estipulados por estudos dessa natureza, relativos à constituição e à continuidade das devoções.

São condições que permitiram considerar que a devoção ao padre é algo dependente da existência, da presença e das manifestações dos grupos que atualmente mantêm viva sua memória. Sob essa perspectiva, tornou-se possível refletir sobre a persistência de uma devoção que nunca ultrapassou o grupo originário daqueles que conheceram o monsenhor e que cuja existência parece não ser possível na ausência desses agentes. Diante desses fatores, considerou-se a devoção dedicada ao padre como algo contingente, visto que incerto e dependente de circunstâncias específicas como a existência dos dois agrupamentos formados por pessoas com idades já avançadas e, principalmente, por não existirem relatos substanciais sobre intercessões acontecidas após sua morte.

Neste estudo considera-se que a prática sacerdotal e carisma pessoal do monsenhor somados ao atendimento singular e massivo dispensado à população e ocorridos em vida, sejam os elementos responsáveis pela devoção a ele reservada. Devoção que foi problematizada considerando-se que havia, dentro da própria Igreja Católica, condições que lhe permitiram uma vivência paroquial única.

Por todos esses motivos, seu modo de exercer a religião católica contribuiu para que, neste trabalho, seus atos fossem compreendidos a partir do conceito de desvio proposto por Howard S. Becker⁴ e por Edgar Morin⁵. Em sua teoria, Becker considera como *outsiders* pessoas cujos atos se afastam de seu grupo de pertencimento sem que haja uma ruptura entre as partes. Já Morin vê nos desviantes um espírito individual que, diante das condições de sua

contato não foi tão expressivo como o dos ex-paroquianos. Nesse segundo grupo constam católicos de outras paróquias e pessoas ligadas a outras religiões. Em casos específicos, o nível da relação com o padre será definido imediatamente após as referências.

⁴ BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

⁵ MORIN, Edgar. **O método IV**: as ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização. Portugal: Publicações Europa-América Ltda., 1991(?).

vivência cotidiana e sócio-histórica, tornam-se pessoas com um conhecimento formado a partir de vários centros-sujeitos de referência. Fato que responderia à formação de pensamentos complexos, haja vista ser composto por um tronco comum e indistinto entre conhecimento, cultura e sociedade.

Conceituar a atuação do padre como desviante permitiu ainda situar a pesquisa nas orientações propostas por Michel de Certeau⁶ quanto ao estudo da prática religiosa com base na compreensão da economia sobre a qual aquela se estrutura. O conceito de economia foi adotado como sinônimo de prática considerando o estudo histórico como aquele que busca compreender e explicar uma articulação entre um dizer e um fazer. Para isso, se “esfuerza por recomponer los procesos de una “economía” (religiosa, social), aquella de la que la obra era un sintoma parciales”.⁷

Desde ese punto de vista, la tarea actual del historiador consiste en dejar en claro, en sus combinaciones, dos elementos igualmente necesarios para comprensión de otra “economía”: 1) una *estructura* de acción; 2) un *desvío*, el que representa toda obra particular en un conjunto social. Por un lado, pues, lo *común* de un sistema de producción; per el otro, lo *proprio* de una búsqueda.⁸

A estrutura de ação do padre, plasmada em letras nesta tese, há muito vem sendo descrita por aqueles que o conheceram. O mesmo acontece com sua prática desviante em relação a outros clérigos e paróquias locais. São elementos constitutivos da memória da comunidade sobre o monsenhor e recolhidos principalmente a partir das falas daqueles que o conheceram.

Em nível acadêmico, verificou-se apenas dois artigos com referências específicas ao monsenhor e sua prática. No ano de 2010, as historiadoras das religiões, religiosidades e das práticas religiosas Solange Ramos de Andrade e Vanda Fortuna Serafim⁹ abordaram tangencialmente a devoção ao padre no espectro das devoções presentes no campo santo maringense. Em 2013, o estudo pontual realizado pela professora Vanda Fortuna Serafim¹⁰ priorizou a análise da devoção ao padre bem como a coleta de diversos depoimentos e relatos de milagres a ele atribuídos.

Dada a relevância social do monsenhor para parte da comunidade local, a opção foi interpretar os elementos constitutivos de sua economia – estrutura e desvio –, considerando-a

⁶ CERTEAU, Michel. de. **El lugar del otro**. Historia religiosa y mística. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.

⁷ Ibidem, p. 61.

⁸ Ibidem, p. 63, grifos do autor.

⁹ ANDRADE, Solange Ramos; SERAFIM, Vanda Fortuna. A religiosidade católica e seus santos: o cemitério municipal de Maringá-PR como espaço de devoção. **História Agora**, v. 10, p. 103-136, 2010.

¹⁰ SERAFIM, Vanda Fortuna. “Padre” Bernardo: um estudo de devoção em Maringá-PR (2005 – 2012). Disponível em < http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/207_trabalho.pdf >. Acesso em: 05 set. 2017.

como passível de compreender e explicar, nos moldes de Certeau, o padre como um consumidor. Para ele, os homens e as mulheres são compreendidos como agenciadores daquilo que lhes é imposto, ampliando ou reduzindo – por meio de negociações e ações criativas cotidianas – a margem de submissão ou subvenção a essas imposições.¹¹ Afinal, de forma tática, o padre Bernardo manteve uma prática particular de atuar sem perder vínculos com sua instituição de pertencimento, flexibilizando, sempre que considerava necessário, as imposições a que estava submetido pela batina.

Portanto, no presente estudo, não se trabalha com a ideia de que a prática religiosa do monsenhor o tenha transformado numa *persona non grata* em seu meio, ou seja, junto à instituição católica maringense. Tão pouco que ele tenha apresentado atitudes que possam identificá-lo como um desviante que, ciente de sua discrepância em relação a seus pares, tenha criado uma tendência sacerdotal ou ainda uma dinâmica de confronto às normas. Longe disso.

O caráter desviante com que o padre foi identificado refere-se a duas condições. Uma é a atuação voltada para o atendimento massivo que o tornou reconhecido para além de sua paróquia e país de adoção, e a outra remete aos motivos históricos, pessoais e relativos à sua formação sacerdotal. Juntos, esses fatores colaboraram para que ele fosse visto por alguns como um santo, como alguém capaz de realizar milagres, como um místico, um médium, um pai de santo e também para que seu túmulo se tornasse palco de uma espécie de devoção aqui adjetivada de contingente.

Afinal, “o devoto precisa do santo e vice-versa”¹² e, no caso do monsenhor, a permanência como “santo de cemitério”, como Andrade e Serafim (2010) o caracterizam, depende tanto da presença e divulgação dadas pelos devotos quanto de manifestações que reafirmem sua eficácia como intercessor capaz de sanar dissabores sentidos e reforçar esperanças cultivadas não somente no passado, mas, sobretudo, no presente. Fato que não foi verificado durante a pesquisa.

1.1.1 A pesquisa e a Igreja Católica em Maringá

Em um horizonte menos circunscrito, a pesquisa pretende contribuir para os estudos acerca da história da religião católica no município de Maringá ao ampliar a memória sobre o catolicismo, como comumente costuma ser apresentada, para além do trabalho realizado por

¹¹ CERTEAU, Michel. de. **A Invenção do cotidiano**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. v. 1.

¹² ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Da barraca ao túmulo. Cigana Sebinca e as construções de uma devoção. 2008. 292 f. Doutorado. Universidade Federal do Paraná –UFPR, p. 97.

Dom Jaime Luiz Coelho. Pretensão que objetiva inserir nessa memória outros protagonistas e narrativas que certamente poderão enriquecê-la. Busca ainda conjecturar a respeito do silenciamento da Igreja Católica em relação à devoção ao padre, bem como conhecer os desdobramentos da implementação do movimento da Renovação Católica Carismática na Paróquia Divino Espírito Santo e a influência desse movimento sobre a dinâmica do monsenhor.

Por fim e tangencialmente, aspira-se contribuir para a produção histórica já existente sobre o estabelecimento da diocese de Maringá em consonância com o movimento mais amplo de constituição do próprio catolicismo em suas diversas fases desde a Proclamação da República, em 1889, passando pelos movimentos de expansão diocesana ocorridos até meados do século XX, conjuntamente com os novos desafios trazidos pelo Concílio Vaticano II quanto ao papel dos pastores/sacerdotes.

E como “nem as ideias, nem as inteligências são desencarnadas”¹³, em todos os sentidos e objetivos propostos, este trabalho pretende demonstrar a relevância dos estudos pautados em História das Religiões para a produção historiográfica como um todo e para os estudos históricos das sensibilidades, das oralidades e das religiosidades cemiteriais em especial.

1.2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Michel de Certeau, ao demonstrar a relevância das pesquisas pautadas sobre as práticas cotidianas, amplia o campo de trabalho do historiador que pode pensar os homens, as mulheres e suas trajetórias – objeto maior dos estudos históricos – para além de uma intransponível submissão aos sistemas de dominação estabelecidos.¹⁴

Com isso, o autor concorda com outros estudiosos ao considerar que os seres humanos encontram ou criam brechas para burlar os sistemas normativos aos quais estão submetidos e, por isso, operam no sentido de se manterem ou se tornarem sujeitos de suas próprias histórias.¹⁵

¹³ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, 11 (5), 1991. p. 173-191. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/250983425_O_mundo_como_representacao >. Acesso 17 dez. 2018, p. 180.

¹⁴ CERTEAU, 2014, op. cit.

¹⁵ Estudos dessa natureza podem ser encontrados nos trabalhos de REVEL, Jacques. **Jogos de escalas:** a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998; LEVI, Giovanni. **A herança imaterial:** trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000; VAINFAS, Ronaldo. **Micro-história:** Os protagonistas anônimos da história. Rio de Janeiro: Campus, 2002; THOMPSON, Eduard Palmer. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das letras, 1998 e GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 2006 e LE ROY LADURIE, Emmanuel. **Montaillou, povoado occitânico, 1294-1324.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Partindo do princípio que pároco, paroquianos e simpatizantes criaram na paróquia Divino Espírito Santo uma dinâmica de atendimentos voltada para a promoção de curas e intercessão por graças, a opção foi pensar essa criação a partir da relação de não aceitação da dor, do sofrimento e dos dramas cotidianos por parte daqueles que buscavam o padre.

A obra organizada por Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e George Vigarello¹⁶ orientou essa proposição por traçar, na trilogia *História do Corpo*, o status que envolve homens e mulheres com a dor e o sofrimento desde a Renascença até o século XX, enfatizando a relação de ambos com o próprio conceito de corpo e o papel dos indivíduos e da ciência médica nesse processo, ou seja, um estudo em que as sensibilidades são o foco.

Viventes da modernidade e imbuídos dessa nova forma de contemplar a dor e o sofrimento, tanto padre quanto simpatizantes, leigos, católicos ou pertencentes a outras religiões, buscaram afastar ao máximo as adversidades de suas vidas.

Esse leigo moderno, que não aceita tacitamente o sofrimento físico ou mental, foi analisado a partir do estudo sobre a religiosidade na modernidade elaborado por Danièle Hervieu-Léger¹⁷. A análise mostra que os homens e as mulheres são apresentados como seres autônomos em relação a sua forma de manifestar a religiosidade. Autonomia que pode ser estendida a outras dimensões da vivência humana como as relativas aos dissabores sociais e físicos.

De acordo com a memória local, mais que uma busca por sanar dores diversas, na Paróquia Divino Espírito Santo e sob a orientação do padre Bernardo, buscava-se eliminar o mais plenamente possível o sofrimento vivido, transformando a religiosidade praticada pelo padre em uma religiosidade que não poupava recursos para tornar menos dolorida a vivência do “seu bom e amado povo”, termos usados por ele para se referir à comunidade leiga que vinha ao seu encontro.

¹⁶ CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). **História do corpo**: da Renascença às luzes. 5. ed. Tradução: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012a. v. 1; CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). **História do Corpo 2**: da Revolução à Grande Guerra. 4. ed. Tradução: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012b. v. 2; CORBIN, Alain.; COURTINE, Jean-Jacques.; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. 4. ed. Tradução: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2011. v. 3.

¹⁷ HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

1.3 COMO OUVIR O MONSENHOR

Padre Bernardo deixou pouca escrita de si. As pesquisas realizadas em acervos institucionais resultaram em um número pouco expressivo de documentos pessoais. Cartões postais enviados a alguns paroquianos, ao bispo Jaime e um discurso escrito por ocasião da solenidade de sua posse como vigário episcopal do vicariato de Maringá – quando também foi nomeado monsenhor. Também foram encontrados alguns bilhetes relativos a atividades sacerdotais trocados com Dom Jaime e documentos administrativos paroquianos.

São registros marcados pela linguagem simples e de acordo com as especificidades para as quais foram produzidos. Para ouvir o padre, construir uma possível figura do que teria sido sua prática religiosa – denominada aqui por vezes como “peculiar” – e compreendê-lo na singularidade de sua vida cotidiana foi necessário recorrer à construção de fontes a partir da oralidade. Dado o expressivo número de pessoas que o conheceram e que com ele experienciaram momentos de natureza diversas, abundam relatos nesse sentido.

Ao todo foram realizadas dezoito entrevistas temáticas que privilegiaram uma possível reconstrução do perfil do padre a partir da pergunta-chave que foi saber do entrevistado ou entrevistada: “Quem foi o padre Bernardo para você?”.

De acordo com Rouso¹⁸, a “memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado” e uma “reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado”.¹⁹ Não de qualquer passado, e sim de um “indivíduo inserido num contexto social, familiar, nacional”²⁰, de maneira que, por essas atribuições, a memória colabora para a constituição de identidades, de percepções individuais e de outros.

Diante dos testemunhos armazenados e de conversas informais ocorridas geralmente junto ao túmulo do monsenhor foi possível resenhar as diversas formas como ele é representado nas narrativas plasmadas na sociedade local. A utilização do termo memorialistas, como referência àqueles e àquelas que cederam suas lembranças sobre o padre, é feita a partir do exposto por Rouso sobre as percepções que individualmente os entrevistados fazem do padre. Em conjunto essas percepções formam a memória coletiva acerca do monsenhor quando em suas falas convergem lembranças de caráter recorrente ou repetitivo e que, em certo sentido, sedimentam as recordações sobre ele.²¹

¹⁸ ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 94.

¹⁹ ROUSSO, loc. cit.

²⁰ ROUSSO, loc. cit.

²¹ ROUSSO, op. cit., p. 95.

Nesse caminho, considera-se o exposto por Sebe Bom Meyhi e Holanda²² para quem a dimensão social dos documentos orais “é feita na medida em que são indicados os pontos de interseção das diversas entrevistas”. Os pontos de interseção são, geralmente, os primeiros elementos identificados pelos historiadores orais e sobre os quais se observa o que há de cristalizado na memória em investigação.

Donos de suas lembranças, os memorialistas serão nominados como narradores ou contadores, definições cujos sentidos devem ser apreendidos a partir do mesmo conceito de memorialistas. São memorialistas, portanto, aqueles e aquelas que compartilham suas lembranças sobre um determinado fato ou pessoa de forma espontânea ou ao serem ativados por um pesquisador.

No caso, o fato e pessoa referem-se ao monsenhor e sua prática voltada aos atendimentos e à forma como os realizava. Como um indivíduo-testemunha, o memorialista elabora suas apreensões a partir de seu lugar social, de forma que suas narrativas, lidas como textos-fontes, passam a ser vistas como *acontecimento*, *ação*²³ e seus portadores, como agentes dos fatos e de sua própria narrativa.

Portelli²⁴ prefere usar termos como narrativas, histórias, contadores de histórias e/ou contadores da história para se referir aos relatos e aos memorialistas, em vez de testemunhos e testemunhas. Verena Alberti²⁵ usa os termos sujeitos, entrevistados, produções humanas e testemunhas nessas mesmas situações e ambos utilizam o termo depoimento como sinônimo para a narrativa oral. Para Meyhi e Holanda²⁶, o termo depoimento não deve fazer parte do jargão do historiador oral por apresentar “forte conotação “policialesca”, jurídica, ou, no caso brasileiro, por estar diretamente ligado a termos usados durante a ditadura militar para fundamentar os inquéritos”²⁷ e, dado o caráter democrático da história oral, não seria justo confundir entrevista com depoimento, finalizam os autores.

Na presente tese serão adotados os termos propostos por Portelli e Verena Alberti porque discordo que os documentos orais devam ser criados *apenas* a partir da perspectiva do “oprimido”, como propõem Meyhi e Holanda. Acredito que a documentação construída a partir das memórias pessoais deva ser utilizada sempre que elementos subjetivos puderem colaborar

²² MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed., 5. reimp. São Paulo: Contexto, 2017, p. 131.

²³ ALBERTI, Verena. **Ouvir, contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 36 grifos da autora.

²⁴ PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 18.

²⁵ ALBERTI, op. cit.

²⁶ MEIHY; HOLANDA, op. cit., p. 131.

²⁷ Ibidem, p. 20.

com a produção histórica, quer seja como fonte primordial ou passível de preencher lacunas, por exemplo, sem demérito algum para esse tipo de documento.

Ricos em sensibilidades e emoções, os relatos contribuem para a compreensão do não-tangível que permeou, e permeia, a relação entre o padre e aqueles que vieram e continuam a vir ao seu encontro em busca de alento. Elemento essencial quando se pretende realizar um trabalho no qual pessoas e emoções ocupam espaço de destaque.

Documentos e objetos relativos ao padre, disponibilizados pelos entrevistados, resultaram num corpus documental sobre o qual se intenta criar uma imagem em que seja possível reconhecer suas diferentes, embora não conflitantes, facetas. Fotografias em ocasiões formais e informais assim como um DVD contendo quatro vídeos elaborado após sua morte mostram um padre envolvido em atividades de trabalho e também em momentos de descanso, quando ele buscava relaxar de sua concorrida agenda.

Tornou-se uma tarefa sempre incompleta arrolar fotografias nas quais ele estivesse presente, tal o número de retratos encontrados. Afinal, foram mais de trinta anos celebrando sacramentos (matrimônios, batizados, crismas, primeiras eucaristias) e participando de eventos de lazer e paroquiais. Enfim, um trabalho cuja demanda extrapola os fins da pesquisa e que por si só resultaria num excelente objeto de estudo.

Acima de tudo, o conjunto de fontes escritas, imagéticas e audiovisuais somado às fontes orais revelou situações em que ele é descrito como uma pessoa extremamente caridosa e disposta ao atendimento independentemente da religião de pertencimento daqueles que o procuravam. Revelou ainda que ele foi um padre com diversas atribuições institucionais, atuando como pároco e por diversas vezes como vigário episcopal, além de ter sido primeiro ecônomo do Seminário Diocesano de Maringá em 1986.

Ademais, ele foi nomeado vigário ecônomo da Paróquia Divino Espírito Santo por três vezes. Também há relatos que o descrevem como tendo sido professor universitário²⁸ e reitor do Seminário Arquidiocesano Nossa Senhora da Glória.²⁹ Documentos presentes nos acervos

²⁸ Relatos informais atestam que o padre tenha ministrado aulas no curso de pedagogia da UEM, entretanto, em pesquisa junto ao DPE – Departamento de Pessoal de Universidade Estadual de Maringá, em 19 de fevereiro de 2020, constatou-se que não há registros de que o padre tenha atuado formalmente como professor da instituição. Os documentos presentes na Cúria Metropolitana não informam que o padre tenha sido nomeado, a qualquer tempo, reitor do Seminário Diocesano.

²⁹ Em tese defendida em 2007, o padre Sidney Fabril registra que o padre Bernardo teria sido o primeiro ecônomo do Seminário Arquidiocesano nomeado no ano de 1986. Segundo ele, o “padre permaneceu pouco tempo no cargo”, não sendo possível precisar quanto tempo exatamente ou os motivos que o levaram a se afastar da função. Essa teria sido a primeira menção da nomeação de um ecônomo para o Seminário. (FABRIL, Sidney. O Seminário maior Arquidiocese Nossa Senhora da Glória de Maringá enquanto instituição educativa. 247 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação – Fundamentos da Educação. Maringá: UEM, 2007, p. 127). Já nos documentos da Cúria consta que o padre foi nomeado novamente vigário ecônomo do Seminário Arquidiocesano no ano de 1991, mas não há referências sobre sua nomeação como Reitor do Seminário como já referido (ACMM, 2018).

da Paróquia Divino Espírito Santo apresentam o padre como palestrante, e fontes orais denunciam seus conhecimentos e práticas ligadas a rituais espíritas e umbandistas.

Sobre a ocupação institucional foi possível verificar seu trânsito a partir de levantamentos feitos em paróquias do município com as quais sua história se entrelaça, como as paróquias Divino Espírito Santo e São José Operário; a Cúria Metropolitana e a Catedral Basílica Menor de Maringá e, de forma bastante precária, junto à paróquia de Santa Isabel do Ivaí, hoje pertencente à diocese de Paranavaí.

Muito da existência dessa documentação se deve ao fato de Dom Jaime ter tido, por hábito, produzir documentos duplicados quando ainda não existiam as cópias computadorizadas ou disponíveis nas atuais “nuvens”. O arcebispo costumava datilografar os documentos utilizando papel carbono para as reproduções, que depois eram arquivadas e hoje se encontram em todas as instituições católicas pesquisadas.

1.3.1 As fontes orais e sua construção

Tecnicamente os documentos orais foram construídos a partir do planejamento sugerido por Meihy e Holanda³⁰ quando se adotou a entrevista temática somada à elaboração de um projeto específico para a produção, interpretação das fontes e apresentação dos resultados. Os aspectos legais e éticos do trabalho com a oralidade demandaram a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte dos entrevistados, elaborado a partir da legislação que subjaz pesquisas que envolvem seres humanos.³¹

Esse cuidado com a autorização de uso das informações coletadas em entrevistas é parte das normas existentes acerca da produção de documentos orais. No Brasil, desde o ano de 2012, a Resolução n. 466³² marca um momento de inflexão no que diz respeito ao uso de seres humanos em pesquisas de cunho científico.³³ O disposto na Resolução brasileira remonta à

³⁰ MEIHY; HOLANDA, op. cit., p. 131.

³¹ Após avaliação, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Maringá sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) n. 31583620.0.0000.0104, em 18 de junho de 2020.

³² BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012. Brasília, DF, dez 2012. Disponível em: <http://bvsm.sau.gov.br/bvs/sau/legis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html>. Acesso em: 03 jan. 2018.

³³ Uma discussão completa sobre a legislação e a produção de documentos orais em pesquisas na área de História pode ser encontrada em LUPION, Marcia Regina de Oliveira. O uso do WhatsApp na construção de fontes orais sobre o Padre que curava. In: V SIMPÓSIO NACIONAL DO MOVIMENTO DO CONTESTADO, XIII SEMANA DE HISTÓRIA e VIII SEMINÁRIO DE ESTUDOS ÉTNICO-RACIAIS. Irati-PR, de 26 a 28 de nov. 2018a. **Anais.** Irati-PR, Unicentro, 2018b. p. 01-09. Disponível em: <https://evento.unicentro.br/files/Submissaoarquivos/car_submissao/18_11_2018_car_submissao_1326574783.pdf>. Acesso em jun. 2020.

Resolução n. 196/1996³⁴, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e que por sua vez foi criada considerando diversos organismos internacionais que surgiram no pós-Segunda Guerra Mundial. Um dos marcos referenciais que levaram a essa discussão foi o Código de Nuremberg, criado em 1947. Foi considerado o primeiro documento a enfatizar a necessidade do consentimento do indivíduo para fins de pesquisa científica.

Essa nova forma de agir em relação ao trabalho com seres humanos em pesquisas científicas, notadamente no campo das Ciências Humanas e Sociais, extrapola a simples busca por encontrar e entrevistar pessoas cujas experiências sobre um determinado fato sejam do interesse do pesquisador e revela que o trabalho com fontes orais demanda um caráter ético que deve ser observado assim que a pesquisa se inicia.

Para essa área do saber em especial, a Resolução n. 510, publicada no ano de 2016, trouxe especificidades ainda mais singulares para o trabalho com seres humanos quando considera

(...) que as Ciências Humanas e Sociais têm especificidades nas suas concepções e práticas de pesquisa, na medida em que nelas prevalece uma acepção pluralista de ciência da qual decorre a adoção de múltiplas perspectivas teórico-metodológicas, bem como lidam com atribuições de significado, práticas e representações, sem intervenção direta no corpo humano, com natureza e grau de risco específico.³⁵

Em seu segundo capítulo, a Resolução n. 510/2016 trata dos princípios éticos da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais e enumera dez tópicos com destaque para o assentimento ou consentimento por parte dos participantes; o esclarecimento em relação aos objetivos da pesquisa e por fim, a “garantia de não utilização, por parte do pesquisador, das informações obtidas em pesquisa em prejuízo dos seus participantes”.³⁶

Esses são alguns dos elementos considerados essenciais para a compreensão da necessidade de um certo controle no uso de seres humanos em pesquisas científicas em Ciências Humanas e Sociais, uma vez que o compartilhamento de dados pode levar a constrangimentos desnecessários e, por vezes, irremediáveis à dignidade do memorialista.

³⁴ BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 196, DE 10 DE OUTUBRO DE 1996. Brasília, DF, out 1996. Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html>. Acesso em: 03 jan. 2018.

³⁵ BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 510/2016, DE 07 DE ABRIL DE 2016. Brasília, DF, abr 2016. Disponível em <<http://www.anped.org.br/news/nova-resolucao-5102016-de-etica-na-pesquisa>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

³⁶ Ibidem.

Em um acordo tácito com Michel de Certeau³⁷, foi estabelecido o lugar da fala de cada um dos entrevistados de acordo com seu lugar social. Para isso, ampliou-se o perfil dos entrevistados para além dos praticantes da religião católica, integrando praticantes da religiosidade espírita e, embora tenham sido feitas tentativas diversas, devido à negativa das pessoas contatadas não foi possível entrevistar praticantes da religião Umbanda que tiveram contato com o padre.

Haja vista que os indivíduos tendem a se posicionar como sujeitos ou objetos de suas lembranças e que essas remontam a fatos específicos vividos sós ou em coletividades, a interpretação desses posicionamentos seguiu os pressupostos presentes no trabalho de Verena Alberti³⁸, que apontam para a relevância das subjetividades e das sensibilidades presentes nas narrativas orais como elementos significativos desse tipo de documentação.

Enquanto Meihy e Holanda postulam que a interpretação dos resultados obtidos com a história oral visa sobretudo demarcar o compromisso social dessa forma de produção de conhecimento marcada pelo caráter denunciante dos sofrimentos externos vividos por grupos maltratados³⁹, Verena Alberti vê no ato interpretativo dos testemunhos orais mais do que um caráter político.

Para ela, os documentos orais tratam de experiências pessoais, de narrativas que colorem um passado cujo valor interessa ao pesquisador. Portanto, são as singularidades e as sensibilidades presentes nos relatos o que torna interessante a narrativa, pois ao ouvi-las tem-se a sensação de poder abolir descontinuidades e recheá-las com “ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiosincrasias, relatos pitorescos”.⁴⁰

No sentido proposto, o documento oral assume a capacidade de revelar dimensões múltiplas do tecido social, dentre os quais podem ser enquadrados os relatos comprometidos socialmente com a denúncia de possíveis opressões, como sugerem Meihy e Holanda, mas não somente. Afinal, o produto resultante do trabalho com a oralidade não expressa apenas dados objetivos.

Na verdade, os documentos orais são conhecidos exatamente por revelarem as subjetividades presentes nos fatos abordados, uma vez que por meio da fala, dos gestos e das emoções expressas ou utilizadas pelos entrevistados ao compartilharem suas lembranças, todo um universo de sensibilidades se manifesta. Assim, a atuação do padre passou a ser investigada

³⁷ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

³⁸ ALBERTI, op. cit.

³⁹ MEIHY; HOLANDA, op. cit. p. 79.

⁴⁰ ALBERTI, op. cit. p. 14.

também a partir dos aspectos subjetivos e sensíveis presentes tanto nas narrativas orais quanto na documentação escrita, imagética e audiovisual.

Colaboraram para a reflexão sobre as subjetividades, as análises voltadas para os temas sensíveis dentre as quais se destacam os trabalhos de Pesavento e Langue em *Sensibilidades na História*; ⁴¹ e os três volumes já citados da coleção *História do Corpo* organizada por Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e George Vigarello.⁴²

A postura adotada pelos visitantes do túmulo foi investigada tendo em vista os estudos antropológicos de David Le Breton em *Las pasiones ordinarias*⁴³, obra na qual os gestuais são analisados enquanto símbolos que denotam pertencimento ou diferenciação entre coletividades. Ainda com relação aos gestos, o diálogo se estende com Michel de Certeau na obra *La debilidad de creer*⁴⁴, quando as orações são compreendidas como forma de comunicação a exemplo de Le Breton. Sobre o espaço tumular, tornou-se caro o estudo realizado por Yiu Fu Tuan na obra *Topofilia*⁴⁵, na qual o geógrafo destaca a relevância social e emotiva presente nos locais de vivência humana como espaços de Topofilia, dada a característica afetiva que os acompanha.

1.4 COMO FOI DIVIDIDA A NARRATIVA

Para discorrer sobre a economia dos atendimentos que acabou por gerar uma dinâmica ímpar na Paróquia Divino Espírito Santo, entre os anos de 1969 e 2000, que por sua vez levou a uma espécie de devoção junto ao túmulo do padre, foram estabelecidas três identificações ao descrever o monsenhor: padre, curador e *outsider*.

Sob essas condições, no Tópico 2, intitulado “Padre”, a discussão recai sobre elementos da trajetória sacerdotal do monsenhor, escrita a partir de dados pessoais e institucionais entrelaçados com o contexto histórico em que aquela se deu. Discussão a partir da qual se originam questionamentos sobre as possíveis implicações que a formação missionária comum aos egressos de Saint-Jacques, seminário onde o padre foi ordenado e que tinha como um dos destinos para a atuação sacerdotal o Haiti – país marcado pela religiosidade Vodou –, possa ter tido na formatação de sua prática.

⁴¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frederique. (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

⁴² CORBIN; COURTINE; VIGARELLO. (Orgs.). op. cit., 2012a; 2012b e 2011.

⁴³ LE BRETON, David. **Las pasiones ordinarias**. Antropología de las emociones. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1999.

⁴⁴ CERTEAU, Michel de. **La debilidad de creer**. Buenos Aires: Katz, 2006.

⁴⁵ TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

Fatores como a criação da diocese de Maringá, dentro de um espectro de maior vulto que foi o processo de criação de dioceses a partir de fins do século XIX, e o estabelecimento da cidade como um município autônomo projetado para atender aos diferentes segmentos sociais existentes contribuem para compor a narrativa.

No Tópico 3, intitulado “Curador *e outsider*”, a discussão envolve os relatos de cura e as representações dos entrevistados em relação ao monsenhor. Debate-se ainda a forma como ele operacionalizava sua prática diante da dor e do sofrimento daqueles que o procuravam, resultando numa *performance* única para o momento.

Para fundamentar o conceito de *performance*, o tópico apresenta o conceito de desvio elaborado por Howard Becker⁴⁶ e como o termo se tornou condutor da premissa que identifica o padre como um *outsider*. O conceito mesmo de desvio é analisado ainda a partir da ideia de espíritos desviantes, proposta por Morin⁴⁷, na qual se verifica que o conhecimento adquirido é produto de fatores múltiplos, resultando em um indivíduo moldado sob diversos centros-sujeitos de referência.

Os motivos pelos quais homens e mulheres buscavam o padre foram interpretados a partir da perspectiva das sensibilidades e das religiosidades praticadas pelo indivíduo moderno. Na trilogia sobre a história do corpo a relação entre dor e sofrimento é problematizada com base na perspectiva da existência de um indivíduo moderno que nega essas condições-emoções e busca formas de suprimi-las de seu cotidiano.⁴⁸

Para tornar o diálogo com Corbin mais preciso, o conceito de indivíduo moderno proposto por Danièle Hervieu-Léger⁴⁹ foi essencial, tendo em vista a ideia de autonomia presente nessa concepção de indivíduo trazido pela autora. O tópico introduz ainda elementos voltados para a problematização dos motivos pelos quais se deu a construção da devoção ao padre e a potencialidade de sua continuidade.

No Tópico 4, intitulado “Sobreviverá Bernardo à era Bernardo?” toma corpo a tese no que concerne ao ocaso da devoção ao padre. Narrativa construída a partir de imagens coletadas no túmulo do monsenhor e de conversas informais acontecidas durante os trabalhos de campo e analisadas a partir do conceito de Topofilia.⁵⁰ Colaboraram para a análise e interpretação, os estudos sobre a linguagem gestual realizados por Michel de Certeau⁵¹ e David Le Breton⁵².

⁴⁶ BECKER, op. cit.

⁴⁷ MORIN, op. cit.

⁴⁸ CORBIN; COURTINE; VIGARELLO. (Orgs.). op. cit., 2012a; 2012b e 2011.

⁴⁹ HERVIEU-LÉGER, op. cit.

⁵⁰ TUAN, op. cit.

⁵¹ CERTEAU, op. cit., 2006.

⁵² LE BRETON, op. cit.

Nas considerações finais e sob o título: “Não sei o que tanto vocês veem no padre Bernardo!” são retomadas algumas das proposições analisadas na tese. Retoma-se ainda a identificação do padre como alguém dotado de um “espírito livre” e um “homem peninsular”, haja vista a complexidade de sua personalidade e ousadia em vivenciá-la. Nesse tópico são apresentadas possibilidades de pesquisas decorrentes do trabalho realizado sobre o padre, sua prática, a devoção a ele destinada bem como de pesquisas cemiteriais em geral.

Não há neste estudo provas ou contraprovas que atestem ou contestem os milagres ou as curas atribuídas ao monsenhor. Também não se discute se bilocações são ações possíveis, se elas de fato ocorrem ou se ele era capaz de realizá-las; ou, ainda, se existem entidades capazes de tomar corpos alheios e a eles impor suas vontades, sendo necessárias sessões de exorcismo para atenuar ou eliminar possíveis possessões e se estas, de fato, são eficazes.

Para a pesquisa é relevante perceber a existência de relatos e de uma memória oral local que atribui ao padre a capacidade de realizar ações sobrenaturais, e que essa mesma memória vê, nessa possibilidade, algo de positivo, uma vez que são elas que o tornam tanto especial quanto útil. No conjunto, esses dados contribuem para explicar a complexidade do tecido sobre o qual a memória sobre o padre foi narrada por aqueles e aquelas que o conheceram pessoalmente ou só de “ouvir falar”.

2 PADRE

2.1 A “CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE”

Em toda operação historiográfica, o processo de exumação de um outro individual ou de um outro coletivo, demanda o estudo de teorias e metodologias. São elementos que contribuem, dentro de uma “condição de possibilidade”⁵³, para a interpretação originada a partir dos documentos. E, uma vez interpretados, ocorre a transformação de dados dispersos em um texto escrito semanticamente organizado com capacidade para explicar o outro na sua ausência.

A “condição de possibilidade” que permitiu explicar o padre ausente foi gerada durante o processo de pesquisa a partir da organização de um acervo com aproximadamente 250 documentos escritos, localizados nos arquivos da Arquidiocese de Maringá e das Paróquias São José Operário e Divino Espírito Santo.

A esse material institucional foi somada a produção de dezessete entrevistas semiestruturadas realizadas com gravador ou via aplicativo do WhatsApp⁵⁴ e, ainda, uma entrevista fechada, ou seja, baseada em um questionário pré-estabelecido. Nos dois casos, a pergunta central priorizou a questão: “Quem foi o padre Bernardo para você?”. Além de suas

⁵³ CERTEAU, op. cit., 2007, p. 55.

⁵⁴ O trabalho de coleta de informações sobre o padre via redes sociais não foi uma escolha deliberada e consciente. De fato, aconteceu de forma inesperada quando ao entrar em contato com uma possível depoente, essa respondeu por meio do WhatsApp um áudio longo, complexo e altamente detalhado sobre sua experiência com o padre, o que tornou impossível desprezar aquela informação, tendo em vista o suporte em que se apresentava. Para utilizar as informações enviadas via mensageiro, foi considerado o fato de que tais dados podiam ser objeto de uso acadêmico, desde que fossem aplicados os mesmos elementos legais e critérios de análise comuns a entrevistas via gravador. Admitida essa condição, restava pensar a forma como seria o armazenamento das informações que estavam sob os formatos de escrita e de áudio. O fato de a tecnologia atual permitir que o WhatsApp seja acessado também via notebook ou desktop facilitou ainda mais o uso das informações oriundas da rede social, pois o software permite baixar as conversas, tanto escritas quanto em áudios, para arquivos e pastas pessoais nos próprios computadores, ou salvá-los em pastas virtuais, como o Google Drive, por exemplo, por meio do recurso de compartilhamento. A possibilidade de armazenamento virtual não exclui a transcrição dos áudios enviados pelo aplicativo. E no caso das conversas-mensagens escritas, ao serem copiadas e coladas em documentos do Word, por exemplo, os dados dos participantes como nome, data e horário são automaticamente copiados. Porém, nesse mesmo processo, os áudios não ficam visíveis, de forma que para armazenar a existência dessa mídia em meio às mensagens textuais foi essencial o uso da ferramenta de captura de tela *print screen*, disponível tanto em celulares andróides quanto em computadores. Dessa forma, efetivou-se o armazenamento das entrevistas via WhatsApp, o que permitiu pensar o uso legal e hermenêutico das memórias enviadas via mensageiro sob os mesmos critérios das entrevistas alcançadas via gravador. A versão estendida do uso dessa tecnologia durante a pesquisa pode ser encontrada em LUPION, Marcia Regina de Oliveira. O uso do WhatsApp na construção de fontes orais sobre o padre que curava. In: V SIMPÓSIO NACIONAL DO MOVIMENTO DO CONTESTADO, XIII SEMANA DE HISTÓRIA e VIII SEMINÁRIO DE ESTUDOS ÉTNICO-RACIAIS. Irati-PR, de 26 a 28 de nov. 2018a. **Anais**. Irati-PR, Unicentro, 2018b. p. 01-09. Disponível em: < https://evento.unicentro.br/files/Submissaoarquivos/car_submissao/18_11_2018_car_submissao_1326574783.pdf >. Acesso em jun. 2020.

memórias, entrevistados e instituições cederam objetos e fotografias nas quais o padre aparece exercendo seu ministério e em momentos de lazer.

Diante do expressivo volume de informações gerado, o recorte temporal, o tema escolhido e os objetivos pretendidos contribuíram para orientar uma narrativa na tentativa sempre frágil e recheada de perdas, na qual se realizasse uma síntese do heterogêneo como proposto por Ricoeur.⁵⁵ Processo que visa transformar informações dispersas em uma narrativa coerente a partir do caos trazido pelo grande número de dados presentes em diversas tipologias de fontes.⁵⁶

Diante da condição de possibilidade e da tentativa de escritura de uma narrativa coerente, no presente tópico serão apresentados dados relativos à formação institucional do padre Bernardo e ao espaço físico no qual ele pediu incardinação, ou seja, a diocese de Maringá.

Sobre a sua formação sacerdotal verificou-se que tendo sido ordenado numa instituição francesa que investia em missões, sobretudo no Haiti, o padre se mostrava conhecedor principalmente de religiões de matriz africana, elemento que levou a conjecturas acerca de sua economia.

Quanto à constituição diocesana, a condição de possibilidade suscitou duas discussões. Uma delas é interna à cúria brasileira e diz respeito à inserção do evento num espectro de amplitude nacional que foi a criação de dioceses por todo território brasileiro logo após a Proclamação da República. Outra reside na relevância da Igreja Católica para a constituição da cidade de Maringá mesmo antes da municipalização em 1951.

2.2 PADRE E MONSENHOR

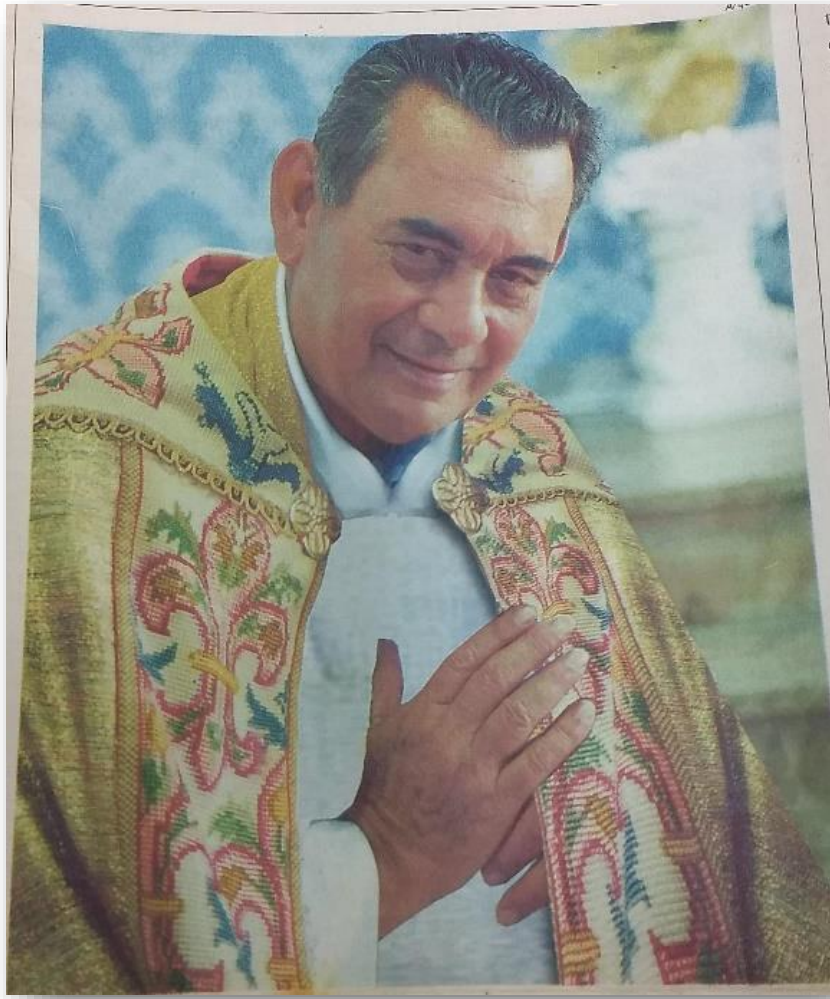
No dia 18 de outubro de 1969, um jovem padre francês pede incardinação, isto é, solicita admissão na diocese de Maringá. Quem assina a carta é Bernardo Abel Alfonso Cnudde.⁵⁷ Ordenado há pouco mais de três anos, o padre tinha então 30 anos de idade quando escolheu viver seu sacerdócio em terras brasileiras, onde chegou, provavelmente, em fins de 1966.

⁵⁵ RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 255.

⁵⁶ RICOUER, loc. cit.

⁵⁷ Utilizo aqui a grafia do monsenhor para seu nome próprio, presente na ficha cadastral preenchida por ele e arquivada na Cúria Metropolitana de Maringá.

FIGURA - 1: Padre Bernardo.



FONTE: Acervo Particular de L. N., 2018.

O processo de incardinação seguiu os trâmites comuns a documentos dessa natureza e teve início ainda no mês de agosto de 1969 quando o jovem padre informou seus superiores no Seminário de Saint Jacques seu interesse em ser incardinado na diocese de Maringá. Composto pela carta de solicitação de excardinação, que é o pedido feito ao bispo da diocese de origem do solicitante, no caso em Saint Jacques na França, o processo teve seguimento com o pedido de incardinação na diocese pretendida, como manda o Cân. 267.⁵⁸ Morando e atuando em

⁵⁸ CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, op. cit.

Maringá por aproximadamente dois anos, o pedido foi prontamente aceito pelo bispo local da época, Dom Jaime Luiz Coelho.⁵⁹

FIGURA 2 - Pedido de incardinação na diocese de Maringá, 1969.

OBJETO: Incardinção

N.º

DATA DA ENTRADA: / /

Despacho

18 de Outubro de 1969

Exmo e Revmto Sr.

O abaixo assinado apresentando o documento auto do Excmo. Sr. Bispo Marquês de Maringá, Superior Geral da Sociedade dos Padres de "Saint-Joseph", pede a sua incardinção na diocese de Maringá.

18 de Outubro de 1969

Padre [illegible]

anud
arin
Cur

FONTE: ACMM, 2018.

⁵⁹ Dom Jaime Luiz Coelho (1916-2013) foi o primeiro bispo e arcebispo da diocese e arquidiocese de Maringá. Como diocese, a instalação se deu no ano de 1957. No ano de 1968 sofreu seu primeiro desmembramento, sendo criada a diocese de Paranavaí. A partir de então, a diocese tornou-se Província Eclesiástica de Maringá e foi elevada à condição de Arquidiocese no ano de 1969. Dom Jaime, no entanto, só tomaria posse como arcebispo no ano de 1980, quando se daria a instalação canônica da arquidiocese (ACMM, 2018). Por esse motivo, será mantido o uso do título de bispo para Dom Jaime em referências anteriores aos anos 1980 e de arcebispo para os posteriores.

Institucionalmente padre Bernardo construiu uma trajetória bastante rica em seus trinta e três anos de diocese, por isso o recorte estipulado para estudo. Ao chegar a Maringá provavelmente no ano de 1967, estabeleceu-se primeiramente na Paróquia Santa Maria Goretti como vigário na pastoral do padre Raimundo Le Goff (?-1981), seu conterrâneo. Nessa paróquia permaneceu por aproximadamente seis meses, estando totalmente à frente das atividades entre os meses de junho e outubro de 1967, em substituição a Le Goff, que estava em férias na França.⁶⁰

Em 1968 foi nomeado pároco da igreja matriz do município de Santa Isabel do Ivaí, então pertencente à diocese de Maringá. No ano seguinte, houve o primeiro desmembramento na diocese maringaense e a paróquia sob sua orientação passou a fazer parte da recém-criada diocese de Paranavaí. Após dezoito meses à frente dos trabalhos nessa paróquia, o padre foi transferido para a recém-instituída Paróquia Divino Espírito Santo em Maringá, em 18 de dezembro de 1969, tornando-se o primeiro e o único pároco dessa igreja até o ano 2000.

A permanência de um sacerdote como pároco está contemplada no Cân. 522, bem como a necessidade de remoção (Cân. 1740 a 1747) e os trâmites para a transferência (Cân. 1748 a 1752).⁶¹ O apêndice V do Código estabelece que as nomeações paroquiais não devem ser inferiores há seis anos e podem ser renovadas ao final desse período, de acordo com as disposições do bispo, que pode ainda realizar nomeações oportunamente ou conforme a necessidade.⁶²

Quanto a possíveis remoções, o processo é aberto pelo bispo “quando por qualquer causa, mesmo sem culpa grave do pároco, o seu ministério se tiver tornado prejudicial ou, pelo menos, ineficaz”, reza o Cânon 1740.⁶³ O bispo é o responsável tanto pelas nomeações quanto pelas remoções e transferências, sendo que estas podem se dar independentemente da recusa do pároco.⁶⁴

Padre Bernardo permaneceu em sua paróquia por mais de três décadas⁶⁵. Um possível motivo para sua longa permanência foi encontrado nos documentos canônicos citados, que

⁶⁰ ACMM, 2018.

⁶¹ CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, op. cit.

⁶² Ibidem.

⁶³ Ibidem.

⁶⁴ Ibidem.

⁶⁵ Outros padres também permaneceram servindo em suas paróquias por longos períodos. Como é o caso do Monsenhor Orivaldo Robles (1941-2019), que esteve à frente da Paróquia Santa Maria Goretti entre 1989 e 2009; do Monsenhor Geraldo Schneider (1936-2017), que atuou na Paróquia Cristo Ressuscitado entre 1969 e 2002 e do hoje bispo Bruno Elizeu Versari (1959-), pároco da Igreja Santa Isabel de Portugal durante os anos de 1990 a 2009, nos quais não estão incluídos os anos em que serviu como diácono na mesma comunidade paroquial. Dados disponíveis nos sites da PARÓQUIA Santa Maria Goretti. Disponível em <<http://www.smariagoretti.com.br/historia>>. Acesso em: 12 ago. 2020; COMUNIDADE PAROQUIAL Cristo Ressuscitado. Disponível em <

explicam que ao bispo é facultada a possibilidade de nomear párocos por tempo indeterminado ou, ainda, de renovar suas nomeações a cada seis anos.

Além disso, ele parece ter realizado suas funções de acordo com o proposto nos Cânons 528, 529 e 530, nos quais estão detalhadas as atribuições de um pároco como o anúncio da palavra de Deus, instrução de fiéis leigos na fé por meio da homilia dominical e festas de preceito. Fazem parte da lista de atribuições pastorais a instrução catequética e o fomento a atividades que promovam o respeito à justiça social. Deve especial atenção a educação católica de crianças e jovens e o trabalho de levar a mensagem evangélica àqueles que se afastaram da prática religiosa ou que não professam a fé verdadeira.⁶⁶

Cabe ao sacerdote, ainda, zelar pela celebração dos fiéis nos sacramentos e na oração em família, além de conhecê-los, por meio de visitas, em suas preocupações, angústias e lutos, bem como admoestá-los – caso incorram em faltas – auxiliar os doentes e os que se encontram à beira da morte. Os pobres, os aflitos, os solitários e os imigrantes também são objeto dos cuidados do pároco, que deve ainda fomentar a formação de associações religiosas para leigos e cooperar com o bispo na promoção da comunhão católica.⁶⁷

O Cânon 530 é bastante explícito acerca das funções específicas para uma boa condução paroquial:

- 1º- a administração do batismo;
- 2º- a administração do sacramento da confirmação àqueles que se encontram em perigo de morte, nos termos do cân. 833, nº 3;
- 3º- a administração do Viático e da unção dos doentes, sem prejuízo do prescrito no cân. 1003, §§ 2 e 3, e bem assim dar a benção apostólica;
- 4º- a assistência aos matrimônios e bem assim dar a benção das núpcias;
- 5º- a realização dos funerais;
- 6º- a benção da fonte baptismal no tempo pascal, a condução das procissões fora da igreja e bem assim as bênçãos das solenes também fora da igreja;
- 7º- a celebração com maior solenidade da Eucaristia nos domingos e festas de preceito.⁶⁸

Quer seja em atenção às orientações do bispo, quer seja por estar de acordo com o que se espera de um clérigo, fato é que padre Bernardo se tornou praticamente pároco de uma só paróquia. Sua atuação na função, mesmo levando ao extremo o atendimento aos fiéis, não foi motivo para que ele fosse retirado de suas atividades na Divino Espírito Santo ou que lhe fossem suprimidos cargos de relevância na diocese.

http://www.cristomaringa.com.br/jo15/index.php?option=com_content&view=article&id=65:pe-geraldo-schneider&catid=39:nosso-clero&Itemid=57 >. Acesso em: 26 abr. 2021 e da PARÓQUIA Santa Isabel do Portugal. Disponível em: < <http://www.pqsantaisabel.com.br/historia> >. Acesso em: 12 ago. 2020.

⁶⁶ CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, op. cit.

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, op. cit.

Naquele mesmo ano de 1969, e por diversas vezes, foi nomeado vigário ecônomo da paróquia e, posteriormente, também do Seminário Arquidiocesano. O cargo de ecônomo costuma ter duração de cinco anos, com possível nomeação por mais um quinquênio, e tem por exigência expressa no Cân. 494 que o escolhido seja perito em economia e “notável pela sua inteira probidade”⁶⁹, não havendo especificações sobre como esses predicados são verificados pelo bispo.

Além das atribuições citadas, em 10 de novembro de 1980, o padre se torna um dos três primeiros monsenhores nomeados pelo bispo Jaime, juntamente com os padres Orivaldo Robles e Berniero Lauria – responsáveis por atender aos recém-criados episcopados de Maringá, Jandaia do Sul e Nova Esperança, respectivamente. Em conjunto, os três novos episcopados formaram a recém-instituída arquidiocese de Maringá.⁷⁰

2.3 “TEM QUE IR LÁ PARA CONHECER O BRASIL”

De acordo com a memória local, o mais forte argumento para o padre ter vindo exercer o sacerdócio no Brasil foi o convite feito por Dom Jaime, quando o bispo participou das reuniões do Concílio Vaticano II, ocorrido entre 1962 e 1965. Não somente os memorialistas entrevistados citam esse argumento como o próprio Dom Jaime faz menção a esse fato em duas ocasiões. Uma delas foi durante a missa de corpo presente do padre e a outra, dias após seu enterro, no programa de televisão semanal⁷¹ comandado pelo arcebispo. Ambos os registros se encontram presentes no DVD cedido pelo casal P. P. B. e N. M. S. B.⁷²

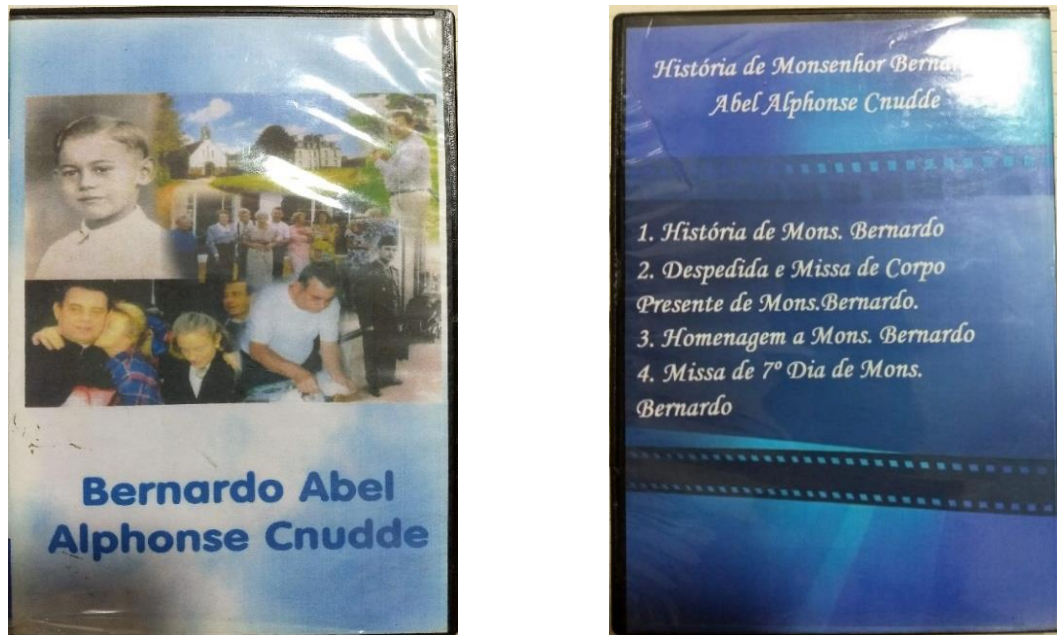
⁶⁹ Ibidem.

⁷⁰ ROBLES, op. cit., p. 268.

⁷¹ Entre 21 de setembro de 1974 e 01 de janeiro de 2007, Dom Jaime manteve um programa com duração de cinco minutos na TV Cultura, canal 8, pertencente atualmente a Rede Paranaense de Telecomunicação (RPC). Foi nesse programa que o bispo fez sua fala sobre o padre em data não identificada, mas, que se presume, tenha sido logo após o falecimento do monsenhor, em 20 de novembro de 2000, dado o teor do relato. Anteriormente Dom Jaime apresentava um programa radiofônico semanal intitulado “Por um mundo melhor” na Rádio Cultura, que foi extinto depois que ele retornou do Concílio. Cf. BIOGRAFIA DE DOM JAIME LUIZ COELHO. Disponível em: < <http://arquidiocesedemaringa.org.br/bispos/2/dom-jaime-luiz-coelho-in-memoriain> >. Acesso em: 01 mar. 2019; BIOGRAFIA DE DOM JAIME LUIZ COELHO (2013). Disponível em: < <https://www.facebook.com/ArquidioceseMaringa/posts/208910532566487/> >. Acesso em: 17 dez. 2020.

⁷² O casal P. P. B. (60 anos) e N. M. S. B. (62 anos) me receberam para a entrevista em sua residência e, além de memórias recheadas de subjetividades, cederam também uma cópia de um DVD produzido após o falecimento do monsenhor, fotos do padre em situações cotidianas, bem como o acesso a diversos objetos pessoais pertencentes a ele. O casal conheceu o monsenhor durante a década de 1990, primeiro como pároco e depois como um amigo pessoal com o qual tiveram a oportunidade de estar em eventos informais, inclusive viajando juntos em férias em diversas ocasiões. Quando o casal foi entrevistado, o senhor N. havia sofrido um AVC, acidente vascular cerebral, e se encontrava acamado. Ao ser convidado para a entrevista, fez questão de que sua esposa estivesse presente, alegando que o acidente o deixara “com a memória meio confusa”. Até então eu havia realizado apenas entrevistas individuais e a que ocorreu com o casal resultou numa experiência enriquecedora e num desafio tanto para o uso

FIGURA 3 - DVD em homenagem ao monsenhor.



FONTE: ACERVO PARTICULAR DE P. P. B. e N. M. S. B., 2018.

Conta Dom Jaime no vídeo que o convite foi feito durante a terceira reunião do Concílio Vaticano II, acontecida em 25 de novembro de 1964. Com seu jeito minucioso e detalhado de se expressar, o bispo informou que durante sua participação na terceira sessão do Concílio recebeu o convite para conhecer o Seminário Saint-Jacques na França, onde o então seminarista Bernardo fazia seus estudos teológicos e filosóficos. Objetivando exatamente recrutar seminaristas e sacerdotes para a diocese de Maringá, o bispo aceitou o convite e se dirigiu para a França.⁷³

da técnica quanto para a análise do relato. Não poucas vezes a narrativa era compartilhada entre ambos, quando pareciam esquecer da presença da pesquisadora, ao tentarem lembrar um detalhe ou uma data ou, ainda, simplesmente degustar da lembrança de alguns momentos vividos com o monsenhor. Dos dois, N. é quem mais esteve em contato com o religioso, pois foi ministro da Eucaristia e também presidente da paróquia durante a administração do padre Bernardo. Conta ele que era muito difícil o padre sair para fazer atendimentos sozinho, por isso era comum estarem sempre juntos. Esses atendimentos poderiam ser tanto benzimentos em empresas quanto sessões de exorcismo. Já P. lembra a presença constante do padre na residência do casal, participando das quermesses, sobretudo na cozinha, ou viajando em férias. Ambos os relatos mostram quão íntima era a amizade entre eles. Inclusive, N. teria sido o responsável por cuidar da organização do velório e do enterro do monsenhor. No dia 18 de fevereiro de 2021, o Sr. N. não resistiu às complicações decorrentes do AVC e veio a óbito.

⁷³ O constante contato de Dom Jaime com outras dioceses e países em busca de padres lhe rendeu a alcunha de “buscador de padres” pelo padre Orivaldo Robles em seu livro *A igreja que brotou da mata* (ROBLES, op. cit.). Essa não seria a única vez que a diocese receberia padres ordenados em Saint-Jacques, pois já havia em Maringá párocos dessa ordem, sendo o padre Raimundo Le Goff, da paróquia Santa Maria Goretti, um exemplo da presença dos sacerdotes egressos de Saint Jacques.

Lá chegando, após a refeição, foi até a cozinha onde o seminarista estaria lavando pratos juntamente com outros estudantes. Ao receber o convite, de pronto, Bernardo teria perguntado como era o Brasil. Dom Jaime então teria respondido: “Tem que ir lá para conhecer o Brasil”⁷⁴. E assim, em 1967, após breve estadia no Rio de Janeiro, o jovem padre desembarca em Maringá, cidade em que construiria praticamente toda sua trajetória como sacerdote e permaneceria até sua morte em 20 de novembro do ano 2000.

Vestígios encontrados noutros documentos levaram ao questionamento se apenas o convite feito por Dom Jaime teria sido motivo suficiente para favorecer a escolha do jovem seminarista. Ao investigar o trabalho desempenhado pela instituição onde o padre se formou – o Seminário Saint-Jacques –, sobre seu caráter missionário e sobre as experiências pessoais vividas desde a infância, outras perspectivas se apresentaram como plausíveis para compreender os motivos que podem ter contribuído para a vinda do monsenhor ao Brasil.

A investigação sobre o seminário revelou que o envolvimento com as missões levava, desde meados do século XIX, a instituição a trabalhar de forma acentuada no Haiti, país ocupado pela França desde fins do século XVII.⁷⁵ Dessa revelação resultou que o trabalho missionário realizado pelos sacerdotes de São Tiago, como são chamados os egressos do Seminário Saint-Jacques, tinha como referência a ação do catolicismo em relação ao Vodou, religião cuja performance muito se assemelha aos rituais do Candomblé e da Umbanda brasileiros, mas que é, acima de tudo, uma religião que se apropria de saberes católicos e saberes africanos.

O Vodou, tal como o nosso candomblé ou a umbanda, é uma invenção produzida a partir de tradições originárias da África, mas é algo totalmente novo, se comparado aos ritos e cultos africanos. Sua relação com o cristianismo opera justamente como uma particular apropriação dos signos católicos: atrás do santo tem um *loa*, um *loa* é um *djab*, Deus é o diabo mais poderoso. Não é mais a religião “africana” e nem é mais o cristianismo, mas algo novo, inventado.⁷⁶

Em breve biografia publicada na Revista Maringá Missão, em dezembro do ano 2000, logo após o falecimento do monsenhor, o padre Orivaldo Robles mencionou que a princípio,

⁷⁴ HISTÓRIA do Monsenhor Bernardo Abel Alfonse Cnudde. Maringá, Pr: Produção Independente, 2001 (?). 1 DVD (121 min.). Port., color.

⁷⁵ SOCIÉTÉ DES PRÊTRES DE SAINT-JACQUES. Disponível em: <<http://www.missionnaires-st-jacques.org/vocations/vocations-bresil/>> Acesso em: 16 out. 2018.

⁷⁶ BAPTISTA, José Renato de Carvalho. *Sè Tou Melanje*: uma etnografia sobre o universo social do Vodou Haitiano. 2012. 326 f. Tese (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional). Rio de Janeiro, 2012. p. 285 grifos do autor.

era desejo do padre dirigir-se ao Haiti⁷⁷, mas que ele teria resolvido se estabelecer no Brasil sem informar os motivos que o levaram à mudança de escolha.

Bem, se o padre estava sendo preparado para o trabalho missionário fora de seu país e inicialmente tinha por objetivo se estabelecer no Haiti, certamente sua formação visava torná-lo apto a trabalhar numa sociedade com expressiva prática do Vodou. Nesse sentido, ele, assim como os demais seminaristas, provavelmente foi orientado sobre conhecimentos acerca dos elementos que constituíam o fazer e a hierarquia presentes naquela religião.

O histórico presente no site do Seminário Saint-Jacques é bastante suscinto, mas, ainda assim, permite verificar o envolvimento da entidade com o compromisso missionário. A instituição atuou de forma intensiva no Haiti desde o final século do XIX, quando lá construiu um seminário atendendo ao pedido de Pio IX e passou a enviar missionários para o país de forma intermitente. Naquele momento, a assinatura da Concordata de 1860, documento que tornou o catolicismo a religião oficial do estado haitiano, fortaleceu ainda mais a presença católica nessa região, bem como a investida para erradicação do Vodou.

A Concordata, assinada no dia 28 de maio de 1860, em Roma, entre a Igreja Católica e o estado haitiano, fez da primeira a religião oficial do estado. De acordo com Pier, com

A Concordata a Igreja reorganizou-se. Os padres foram escolhidos no meio do clero francês, sobretudo na região da Bretanha. Com o apoio do Estado, as congregações religiosas tomaram conta do ensino nas escolas primárias, nos colégios e nas escolas profissionais. A Igreja queria conquistar a sociedade pelo catolicismo e pretendia erradicar o protestantismo e a maçonaria no Haiti. A Igreja Católica também achava ser seu dever lutar contra a “barbárie” africana que representava o vodou.⁷⁸

A partir da segunda metade do século XIX, portanto, o seminário assume definitivamente o caráter missionário como tônica da formação de seus sacerdotes e, amparado pela Concordata, atuou de forma efetiva até os anos 1960. A princípio, o atendimento se dava somente à população haitiana.

Nos anos 1960, ocorre uma inflexão no domínio católico quando, após a ascensão de François Duvalier (1957-1971), instaurou-se um movimento de valorização do Vodou, que resultou na perseguição à igreja católica e a seus membros no país sul-americano. Dada essa condição, na década de 1960, a instituição buscou outros países para atuar, como o Brasil. Por

⁷⁷ ACMM, 2018.

⁷⁸ PIER, Jean Garden Jean. Haiti: uma república do Vodou? Uma análise do lugar do Vodou na sociedade haitiana à luz da Constituição de 1987 e do Decreto de 2003. 2009. 114 f. Dissertação (Ciências da Religião – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, 2009. p. 68 grifos do autor. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/2107/1/Jean%20Gardy%20Jean%20Pier.pdf> >. Acesso em 22 jul. 2020.

aqui, estabeleceu-se primeiro no Rio de Janeiro e depois no Paraná, nos municípios de Umarama e Maringá. Atualmente, Brasil, França e Haiti são os países nos quais a instituição atua com mais intensidade.⁷⁹

Hodiernamente, a missão a que se propõem os egressos de Saint Jacques é dada por quatro pontos essenciais da evangelização, sendo eles a opção pelos pobres; a continuação das Comunidades Eclesiais de Base; a formação e promoção dos leigos e o ardor missionário.⁸⁰ A missão da entidade, porém, altera-se de acordo com o momento histórico vivido e, de perseguidora do Vodou durante o século XIX e até meados do século XX, no presente seu compromisso ou missão é com a evangelização, sem fazer alusão a embates com outras religiões, conforme o site do Seminário de Saint-Jacques informa.

Foi durante o governo de Duvalier que o padre Bernardo foi ordenado, ou seja, período em que houve o fortalecimento do voduísmo e o declínio do poder católico no Haiti. Um momento de inflexão não somente para o jovem sacerdote que se encontrava em vias de escolher um lugar para trabalhar, mas também para a própria instituição, que redesenhava os termos de sua atuação no país em que estava presente há séculos. A decisão do jovem ordenado de vir atuar no Brasil, portanto, envolveu reflexões não só afetivas e oportunas, como o convite feito pelo bispo Jaime, mas também institucionais e políticas.

Explorar essa decisão tornou-se essencial para compreender alguns aspectos da peculiar prática do monsenhor envolvendo a manipulação do sagrado, considerando dados relativos à sua formação sacerdotal em Saint-Jacques, um seminário voltado para as missões em dois países com forte presença da cultura africana em sua religiosidade. Além disso, fatos ocorridos durante a infância e juventude contribuíram para a tentativa de explicar a forma como o padre operacionava sua prática, assim como sua escolha em tornar-se sacerdote.

Antes de se estabelecer em definitivo na diocese maringaense, o recém-ordenado padre teria permanecido alguns meses na sede do seminário no Rio de Janeiro para aprender os rudimentos da língua portuguesa. Durante essa breve estadia, ele teria feito mais do que ser introduzido na língua, posto ter buscado conhecer terreiros de umbanda, quimbanda, de candomblé e também centros espíritas, relembram o sr. F. C. e sua esposa H. C.⁸¹

⁷⁹ SOCIÉTÉ..., op. cit.

⁸⁰ Ibidem.

⁸¹ O casal F. C. e H. C., 79 e 72 anos respectivamente, me recebeu em sua residência para uma entrevista que teve duração de 83 min. Além de suas memórias, o casal disponibilizou fotografias com o padre em férias na praia de Guaratuba, litoral paranaense, lá pelos idos dos anos 1990. Ele apresentou-se como aposentado da empresa Copel e ela atribuiu a si a atividade de “do lar”. Ambos afirmam ter conhecido o padre ainda no início dos anos 1970, até o dia em que receberam a notícia de sua morte. Na ocasião encontravam-se em Curitiba e, ao tomarem ciência do fato, alugaram um carro e prontamente retornaram a Maringá. O senhor F. lembra que foi, durante muitos anos, presidente da paróquia, algo como um coordenador geral atualmente, e que o padre Bernardo sempre demonstrara

Segundo o casal, o padre teria visitado esses locais em um momento de curiosidade, “quando estava meio balançado na fé” e, diante da diversidade religiosa brasileira, teria visitado outras religiões. Após a experiência, no entanto, ele teria sentido que a verdadeira religião era a católica.

Padre Bernardo nasceu em família católica e costumava contar que fora consagrado⁸² à Igreja por seu pai logo após seu nascimento, em 11 de março de 1939. Acontecimento que parece ter sido compreendido por ele como um reforço à sua vocação sacerdotal, haja vista ser um fato constantemente lembrado pelos entrevistados. Sua fé declarada, cujos registros podem ser vistos em passagens presentes nos vídeos em que o padre aparece realizando homilias e também nas entrevistas feitas por jornalistas, fortalece a afirmativa aqui apresentada de que ocorrências em sua infância e juventude tenham contribuído para a escolha de tornar-se sacerdote e para sua prática religiosa.

Por exemplo, no vídeo em homenagem à vida do padre, produzido no ano seguinte ao seu falecimento pelo colégio Marista, ele aparece fazendo a homilia da celebração de seus 25 anos de sacerdócio. Em um dos recortes realizados pelos editores do vídeo, o padre aparece dizendo que fora questionado se, após esses 25 anos, aceitaria novamente o sacerdócio. Ao que ele teria respondido que sim, que mesmo diante das condições da vida atual, “se tivesse sete vidas, sete vezes também eu aceitaria ser investido pela graça de Deus no sacerdócio”.⁸³

Conta ainda o casal citado, que o padre atribuía um significado especial a um evento ocorrido quando ele ainda era um seminarista que em muito fortalecera seu desejo de ser sacerdote. Segundo eles, durante um passeio com outros seminaristas, o padre teria feito com que o carro do colégio, que descia desgovernado numa rua em declive, fosse parado com o toque de suas mãos e um pedido desesperado à Nossa Senhora. Por esse motivo, ele creditava

apreço por tê-lo nessa função. Além de presidente da paróquia, ele também foi instituído ministro extraordinário da eucaristia durante muitos anos na Igreja Divino Espírito Santo. No relato do casal, tomado conjuntamente, o senhor F. é quem mais tem informações sobre o padre, tendo em vista a proximidade de ambos devido às atividades desempenhadas na paróquia. Sua fala é marcada pela propriedade e pela autoridade das informações dada essa proximidade. Questionado sobre a quantidade de histórias que tem sobre o padre, ele se justificou dizendo que era curioso e que quando tinha alguma dúvida, perguntava diretamente para ele, e era prontamente atendido. Durante a entrevista, citou cinco casos envolvendo curas, exorcismos e bilocações, além de um caso particular relativo à sua própria neta, que teria apresentado alterações no “teste do pezinho”, que poderiam levá-la a precisar de medicação por toda a vida. Ao saber do fato, o padre teria dito a família para não se preocupar, que não seria o caso. Segundo os avós, a menina, hoje uma mulher, refez o teste e a segunda análise não ratificou a primeira.

⁸² O ato de consagração ou dedicação de algo ou alguém a Deus determina que a pessoa ou o local, por exemplo, torne-se dedicado ao louvor e trabalho de Deus. CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, op. cit., p. 387. Enquanto N. e P. citam Jesus, F. e H. creditam à Nossa Senhora sua consagração. Tendo em vista essa divergência, optei por frisar apenas que houve uma consagração à Igreja Católica logo após o nascimento, feita pelo pai do monsenhor e que era um fato relevante para ele, uma vez que a informação aparece nos relatos dos dois casais, cuja convivência com o padre foi bastante expressiva.

⁸³ HISTÓRIA do Monsenhor..., op. cit.

sua fé e seus “dons sobrenaturais” sobretudo a esses dois fatos citados, ou seja, à consagração feita pelo pai logo após seu nascimento e ao pedido atendido por Nossa Senhora na hora do desespero ao ver o que podia ter acontecido com o veículo.

Nas situações citadas, é possível verificar que a “curiosidade” do padre pelos terreiros de umbanda, quimbanda, candomblé e centros espíritas podia estar vinculada a um momento de dúvidas sobre sua fé, como cita o senhor F. C., mas aponta também para situações pessoais e institucionais que merecem ser analisadas.

Suspeita-se de que fatos considerados por ele de ordem do inexplicável racionalmente devem ter acontecido em seus 28 anos de vida, ou seja, antes de sua vinda para o Brasil. Esses acontecimentos levaram-no a adotar uma prática sacerdotal marcada pela diversidade religiosa em seus atendimentos, fatores que o impulsionaram a uma religiosidade na qual orações e bênçãos individuais e coletivas contribuía para torná-lo um padre que investia no poder desses ritos como veículos de promoção de alento aos que procuravam.

Um outro fator questionador da “curiosidade” do padre, e que parece tão relevante quanto a fatos ocorridos em sua infância e juventude, é o trabalho missionário desenvolvido pelo Seminário Saint-Jacques no Haiti, sobretudo a partir de 1860, quando o controle católico sobre o sistema educacional daquele país era autorizado.

A relação estabelecida entre a França e o Haiti data de fins do século XVII, quando “pelo Tratado de Ryswick que dividiu a Ilha e deu aos franceses direito à parte ocidental, que passou ser chamada de São Domingos”.⁸⁴ A partir de então, a presença da Igreja Católica foi constante e contribuiu para a formação cultural do país cujo perfil populacional se modificou desde a chegada dos espanhóis em 1492, quando houve o extermínio dos povos indígenas e a inserção da mão-de-obra escrava, sobretudo a negra.⁸⁵

Do encontro entre católicos e africanos teria surgido o Vodou haitiano. Religião de definição arriscada sobre a qual os especialistas sugerem ser mais sensata a realização de estudos por aproximações de ordem geral sobre sua natureza, significado e vocação, “em razão da grande diversidade de ritos e de grande tendência em adaptar-se às diversas realidades”.⁸⁶ Desde 2003, no entanto, o Vodou foi reconhecido como uma religião por Jean Berthrand

⁸⁴ JOSEPH, Jean Anel. *Missão e igreja local: um estudo do vodou haitiano no contexto do pluralismo religioso*. 2014. 127 f. Dissertação (Pontifícia Universidade Católica – Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção). São Paulo, 2014, p. 11.

⁸⁵ JOSEPH, loc. cit.

⁸⁶ JOINT, Gasner. *Liberation du vaudu dans la dynamique d’aculturation en Haiti*. Roma: Pontifícia Universidade Gregoriana, 1999 apud JOSEPH, Jean Anel. *Missão e igreja local: um estudo do Vodou haitiano no contexto do pluralismo religioso*. 2014. 127 f. Dissertação (Pontifícia Universidade Católica – Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção). São Paulo, 2014, p. 15.

Aristide, um ex-padre que se tornou presidente do Haiti durante o quadriênio 2001 e 2004. Antes desse reconhecimento, a prática do voduísmo era vista como fator de atraso para a população haitiana e por esse motivo devia ser combatida, sendo o sistema educacional apenas um dos expedientes utilizados para esse fim.⁸⁷

Definir o Vodou haitiano pode ser algo arriscado, porém estudar sua origem parece não ser. Para os estudiosos, o nascimento dessa religião teria se dado tanto de forma histórica quanto sobrenatural. Historicamente surge em um contexto de busca de liberdade por parte dos escravos de São Domingos, que viram nessa prática um fator unificador, capaz de levá-los a batalhar pela libertação. Isso teria acontecido na noite de 14 e 15 de agosto de 1791 e resultado na independência do Haiti, em janeiro de 1804. O Vodou é, para os haitianos, mais do que uma religião. Ele representa o movimento de resistência à ocupação francesa e o resultado positivo dessa resistência.⁸⁸

Sobrenaturalmente, o conhecimento do Vodou teria sido transferido para os adeptos da religião, mas Joseph⁸⁹ não especifica nem a forma e nem quais conhecimentos foram passados. Já a relação entre o voduísmo e o catolicismo é estabelecida por meio do mito recolhido pelo antropólogo Alfred Metraux, em Porto Príncipe, em fins dos anos 1950 e reforça o fato de que a religião é a soma de ritos africanos e práticas cristãs:

Depois de criar a terra, os animais, o bom Deus enviou os doze apóstolos sobre a terra. Eram fortes e furiosos, mas infelizmente foram desobedientes. Em seu orgulho, eles foram rebeldes a Deus. Como punição, Deus os enviou para a Guiné, onde se multiplicaram. São eles e seus descendentes que se tornaram espíritos (*os loas*) e ajudam os seus servidores quando eles estão no momento de desgraça. Um desses apóstolos recusou-se a ir para a Guiné, livrou-se de praticar a bruxaria e tomou o nome de Lúcifer. Mais tarde, Deus enviou doze novos apóstolos que, diferentemente dos outros, se comportaram como filhos obedientes para pregar o Evangelho. São eles e seus descendentes que chamamos de santos na Igreja Católica.⁹⁰

A presença do catolicismo como aliado do governo local no Haiti perdurou até os anos 1960 quando

[...] sob o regime de F. Duvalier, muitos missionários haitianos foram expulsos. Os padres de Saint-Jacques serão alvos privilegiados. O futuro do grupo e seminaristas de São Tiago torna inevitável a busca de novos campos de apostolado, de preferência na América Latina. A escolha será no Brasil. Em 30 de novembro de 1961, os padres Y. Guéguen, J. Daniel, E. Callec e Y. Pouliquen se encontraram no Rio de Janeiro. O

⁸⁷ JOSEPH, op. cit., p. 74.

⁸⁸ BAPTISTA, op. cit., p. 47.

⁸⁹ JOSEPH, op. cit., p. 16.

⁹⁰ METRAUX, Alfred. *Le Voudou haitien*. Paris: Gallimard, 1958 apud JOSEPH, Jean Anel. *Missão e igreja local: um estudo do Vodou haitiano no contexto do pluralismo religioso*. 2014. 127 f. Dissertação (Pontifícia Universidade Católica – Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção). São Paulo, 2014. p. 16 grifos do autor.

grupo fundador se estabelecerá no estado do Paraná em plena expansão e desprovido de padres.⁹¹

Tendo em conta que muitos missionários de Saint-Jacques foram vítimas de perseguição pelo governo haitiano e que a abertura de uma missão no Brasil nos anos 1960 se deve sobretudo a esse fato, é possível deduzir que a vinda do padre para Maringá em 1967 teve como prováveis influências se preservar dos conflitos vividos por sua instituição no Haiti, somado ao convite de Dom Jaime.

É possível deduzir ainda que elementos relativos à sua prática sacerdotal, quando ele atribuía a certos objetos o poder de trazer dissabores para algumas pessoas em particular ou para seus familiares, por exemplo, vieram de uma formação que reconhecia a existência de práticas ritualísticas no interior de outras religiões voltadas para o encantamento de objetos. Encantamentos e objetos que podiam ser utilizadas tanto para fazer o bem quanto para amaldiçoar outrem, como as realizadas pelos *bokò* ou pelos agentes não institucionalizados do Vodou.

Portanto, conhecer centros espíritas, casas de umbanda, quimbanda ou terreiros de candomblé pode ter sido a forma encontrada para entrar em contato e avaliar o alcance dos rituais e da hierarquia presentes nessas doutrinas, mais do que verificar suas potencialidades enquanto religiões, como apostam o senhor F. e dona H.

O argumento preferido é que ele o fez para se atualizar acerca de conhecimentos sobre essas religiões, haja vista a possibilidade de se defrontar com seus praticantes enquanto estivesse no Brasil. Dessa forma, a atualização perante outras religiões somada à formação sacerdotal voltada para o combate ao Vodou contribuiu para personalizar sua economia desde o início de sua atuação.

No presente subtópico, o objetivo foi o de conhecer os motivos que parecem ter contribuído para a vinda do padre Bernardo para a diocese de Maringá, além do exposto por Dom Jaime e cristalizado na memória local. Mais do que uma simples escolha, o padre precisou articular o momento histórico da instituição a qual pertencia no Haiti com o convite feito por Dom Jaime. Nesse momento de decisão, optou por se inteirar da cultura brasileira em relação às religiões de matriz africana. Afinal, um espírito individual constrói seu conhecimento não só a partir da realidade que o cerca, mas também da regeneração dessa cultura, pois são as

⁹¹ SOCIETÈ..., op. cit.

múltiplas condições socioculturais que podem provocar a reprodução, bem como a superação de uma cultura.⁹²

Nesse sentido, o padre Bernardo demonstra ser um espírito individual, uma vez que acabou por constituir uma economia religiosa híbrida de conhecimentos diversos, na qual se verificam influências múltiplas dadas por sua formação sacerdotal, pelas relações do catolicismo no Haiti, pela escolha de vir para o Brasil – país multicultural – e também por viver o sacerdócio quando a Igreja Católica passava por mudanças substanciais em sua doutrina, iniciadas em fins dos anos 1950. Afinal,

Todo fenómeno humano debe ser considerado en su unidad fundamental (en este caso el hombre) y en su diversidad no menos fundamental (los hombres de diferentes caracteres, diferentes medios, diferentes sociedades, diferentes civilizaciones, diferentes épocas, etcétera).⁹³

Conhecidos os elementos acerca da formação sacerdotal do padre, que podem ter influenciado na sua escolha em atuar no Brasil e em sua prática religiosa, a abordagem a seguir terá como propósito conhecer o espaço da incardinação escolhido pelo padre, isto é, a diocese de Maringá.

2.4 ESPAÇO DA INCARDINAÇÃO – A DIOCESE DE MARINGÁ

Não há registro específico acerca da data em que o padre chegou a Maringá. Infere-se que isso tenha acontecido provavelmente em algum momento no início do ano de 1967, já que entre essa data e o mês de outubro do mesmo ano ele já estava responsável pela paróquia Santa Maria Goretti, por ocasião da ausência de seu pároco Raimundo Le Goff em viagem de férias pela França.⁹⁴

Corroborar essa inferência, o discurso feito por ele durante a posse como vigário episcopal, em dezembro de 1980, no qual ele registra que teria chegado ao Brasil em 1966, mais especificamente ao Rio de Janeiro. Nota-se que sua vinda parece ter se dado no mesmo ano de sua ordenação, em 29 de junho de 1966, e a Maringá no ano seguinte. Uma vez na cidade, o padre assumiu, ainda que provisoriamente, uma das maiores paróquias daquele momento, antes

⁹² MORIN, op. cit., p. 19.

⁹³ MORIN, Edgar. **El hombre y la muerte**. 4. ed. Barcelona: Editora Kairós, 2003.

⁹⁴ ACMM, 2018.

de ser convocado para atuar como pároco em Santa Isabel do Ivaí, onde permaneceria até o final de 1969.

Criada no dia 3 de setembro de 1964, a paróquia Santa Maria Goretti atendia, juntamente com a paróquia Santo Antônio de Pádua, inaugurada em 28 de outubro de 1960, a zona norte do município, ou seja, praticamente toda a região correspondente às zonas 6 e 7 até a divisa com a atual cidade de Sarandi.⁹⁵

Não há dados que estabeleçam o número de moradores dos bairros existentes na região atendida pela Igreja Santa Maria Goretti, mas, para todo o município, os dados censitários do IBGE registram, na década de 1960, aproximadamente 100 mil habitantes. Dez anos depois, o censo levantou a cifra de aproximadamente 120 mil habitantes.⁹⁶

Esse aumento populacional, entretanto, por si só, não explica a necessidade da construção de novas paróquias. Para isso, os dados que informam sobre o aumento na taxa de população urbana são mais precisos uma vez que para o ano de 1970 o IBGE identificou um aumento de 45,47% em relação ao ano de 1960, quando essa taxa passou de 45,70% para 82,47%.⁹⁷ Certamente um reflexo do êxodo rural interno ao município e da convergência de movimentação populacional ocorrida entre municípios no período.

Sobre o aumento na população urbana em Maringá na década de 1970 a pesquisa realizada pela Prefeitura Municipal em 2010 concluiu que,

Dessa maneira, boa parte do crescimento populacional na área urbana, observado a partir dos anos 70, considerada a significativa redução da taxa de fecundidade, deve ser atribuída a fluxos migratórios do campo para a cidade, de outras cidades da região e de outras regiões para Maringá, atraídos pelas atividades econômicas urbanas que respondem pela quase totalidade da geração da riqueza (98,8% segundo dados de 1998).⁹⁸

Para atender à demanda dos praticantes católicos, a diocese contava, entre 1956 e 1970, com 27 paróquias distribuídas em seu território eclesiástico, sendo que seis delas estavam

⁹⁵ Atualmente a Igreja de Santa Maria Goretti faz parte da Região Pastoral Nossa Senhora Aparecida que conta com mais sete paróquias para o atendimento católico na região em que foi uma das pioneiras. Cf. PARÓQUIAS DA ARQUIDIOCESE DE Maringá. Disponível em: < <http://arquidiocesedemaringa.org.br/paroquias> > Acesso em: 15 out. 2018.

⁹⁶ IBGE. Paraná. Censo demográfico. 1960. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t14_pr.pdf >. Acesso em: 28 de set. 2018; IBGE. Paraná. Censo demográfico Paraná. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t19_pr.pdf >. 1970. Acesso em: 28 de set. 2018.

⁹⁷ PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ. Plano Local de Habitação de Interesse Social. Caderno do Diagnóstico Habitacional. 2010, p. 19. Disponível em: < <http://www2.maringa.pr.gov.br/sistema/arquivos/9d672a333a21.pdf> >. Acesso em: 24 jun. 2021.

⁹⁸ Ibidem.

localizadas no município – Paróquias Santíssima Trindade/Nossa Senhora da Glória⁹⁹, 1950; São José Operário, 1954; Santo Antônio de Pádua, 1960; Santa Maria Goretti, 1964; Cristo Ressuscitado e Divino Espírito Santo, ambas instituídas em 1969¹⁰⁰ –, não havendo dados precisos sobre a quantidade de capelas cujas fundações datam de fins dos anos 1930.¹⁰¹

A própria Paróquia Divino Espírito Santo teve sua construção motivada em 1969, segundo testemunho do atual pároco, o Monsenhor Júlio Antônio da Silva¹⁰², pelo significativo aumento no número de habitantes, principalmente nos atuais bairros da Morangueira e da Vila Santo Antônio.

Venho para Maringá a pedido de Dom Jaime, porque Maringá crescia que era coisa assustadora. E Dom Jaime, tendo necessidade de padres aqui, visto que ele apontou que eu teria vocação para tal, me ordenou padre, e em 1977 eu fui diácono, aos 24 anos, e depois, 1978, eu fiquei padre. Trabalhei aqui na paróquia Santo Antônio inicialmente e já formando uma outra paróquia aqui do lado, a paróquia Sagrado Coração de Jesus na Morangueira, que era a periferia da periferia da cidade de Maringá. Então, eram duas paróquias que abrangiam todo o Norte da nossa cidade, que era considerada mesmo, o resto mesmo da cidade. Então, aí nós começamos com um trabalho de formação de pequenos núcleos de vida de fé que afinamos com o todo o pensar da Igreja Latino Americana desde Medellín e começamos as Comunidades

⁹⁹ Em 05 de agosto de 1952, o orago Santíssima Trindade foi substituído por Nossa Senhora da Glória por Dom Sigaud, que justificou a mudança informando que “[...] em 1950, foi proclamado o dogma da assunção de Maria, mãe de Jesus Cristo, de corpo e alma aos céus” (PEREIRA, Márcia Maria. A igreja católica em Maringá e a gestão de Dom Jaime Luiz Coelho (1947-1980). 2007. 87 f. Dissertação – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Impressa e Digital).

¹⁰⁰ PARÓQUIAS DA ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ, op. cit.

¹⁰¹ Segundo dados da Cúria Metropolitana de Maringá, o número, a localização, a desativação das capelas na arquidiocese, assim como sua documentação são muito imprecisas. Em todo caso, os cronistas do município são enfáticos em afirmar a existência de três capelas em Maringá, sendo a Capela São Bonifácio, construída entre 1939 e 1940; a Capela Santa Cruz, construída entre 1945 e 1946 e a Capela Nossa Senhora Aparecida, construída entre 1950 e 1953. Todos esses equipamentos operam normalmente ainda hoje e foram objeto de um City Tour promovido pelo Patrimônio Histórico de Maringá no ano de 2018. Cf. CAPELAS em Maringá: City Tour histórico valoriza patrimônios históricos. Disponível em <<http://arquiocesedemaringa.org.br/noticiadiocese/1091/capelas-em-maringa-city-tour-historico-valoriza-patrimonios-historicos>>. Acesso em: 27 nov. 2018; PREFEITURA DE MARINGÁ. Capela São Bonifácio. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=349>>. Acesso em: 04 dez. 2019a.

¹⁰² O Monsenhor Júlio Antônio da Silva, 66 anos no ano de 2020, após pré-entrevista informativa acerca dos pressupostos da pesquisa, me recebeu nas dependências da secretaria paroquial da Igreja Divino Espírito Santo para uma entrevista que durou apenas 37 minutos devido às suas diversas responsabilidades. Nesses breves minutos, ele discorreu sobre o monsenhor Bernardo de forma tranquila e bem-humorada. Disse tê-lo conhecido assim que chegou a Maringá e que o ajudou a aprender um pouco da língua portuguesa. Discorreu ainda sobre a satisfação em participar dos jantares em que o padre cozinhava e falou sobre como a paróquia, sob a tutela do padre, desenvolveu uma religiosidade católica ímpar marcada pelo acolhimento e presença da Renovação Carismática. Considerou ainda o quanto o padre Bernardo estava estafado já em seus últimos dias de vida devido à dinâmica intensa de atendimentos provocada por ele mesmo e por pessoas que gostavam de “sugá-lo”. Padre Júlio falou com desenvoltura acerca da prática do padre Bernardo no atendimento à população e creditou aos seus conhecimentos em parapsicologia seu envolvimento em questões ligadas a exorcismo e curas. Além da entrevista, o padre permitiu o acesso aos arquivos paroquiais, especificamente do período em que o padre Bernardo foi pároco. Entretanto, não permitiu a pesquisa nos Livros Tombo, alegando estarem repletos de lacunas, sobretudo durante o período em que o padre Bernardo esteve à frente da paróquia. Padre Júlio, ou como é mais conhecido, Padre Julinho, é figura pública e de referência entre os sacerdotes que atuam em Maringá. Seu nome é mencionado em diversos documentos que serviram como fonte para a pesquisa e por isso não foram usadas abreviações nas citações que se referem à entrevista cedida por ele.

Eclesiais de Base nessa periferia de Maringá, que crescia de uma maneira assustadora! O processo da vinda do homem da roça para a cidade foi uma coisa assustadora na metade dos anos 1970 e nos anos 1980! A nossa cidade inchou assim de uma maneira muito rápida, muito brusca, muito violenta até! E deu nessa periferia que nós temos hoje.

O jovem padre Bernardo inicia suas atividades sacerdotais numa cidade em franco processo de expansão, estabelecimento e em uma diocese que acabara de completar pouco mais de dez anos de fundação. Além disso, não só a cidade se fortalecia enquanto município, como a igreja Católica sofria uma das mais expressivas mudanças em seus protocolos litúrgicos e pastorais oriundos das orientações do Concílio Vaticano II realizado entre os anos de 1962 e 1965.

Criada em 1956 e instituída em 1957, a diocese de Maringá é parte de um processo de maior vulto dentro da Igreja Católica brasileira e de expansão de municípios em direção ao Norte do Estado do Paraná, a partir de fins dos anos 1930. Empreendimento levado a cabo por diversos sujeitos históricos como famílias migrantes e imigrantes, indivíduos que aceitavam todo tipo de trabalho, profissionais liberais, comerciantes, instituições religiosas e empresas das mais diversas áreas, dentre outros.¹⁰³

¹⁰³ O sujeito-referência comumente lembrado de forma épica como responsável por Maringá ter se tornado uma cidade promissora é a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), empresa responsável por demarcar e comercializar mais de 500 mil alqueires de terra na região num processo de exploração territorial e comercial, em conformidade com modelos arquitetônicos e urbanísticos em uso na Inglaterra dos anos 1930 (COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ, **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1977). Entretanto, a partir dos anos 1980, produções acadêmicas notadamente nos campos da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Londrina interpelam a memória sobre o protagonismo unívoco e positivo da CMNP e denunciam a exclusão de outros agentes sociais pela narrativa épica criada pela Companhia. São trabalhos que evidenciam o nível de exploração humano e natural que acompanhou a construção do norte paranaense sob os moldes capitalistas a partir de 1930 e demonstram a relevância da participação de famílias e indivíduos, muitos deles migrantes e imigrantes, que se estabeleceram na região como lavradores e trabalhadores dos mais diversos ofícios e por inúmeras instituições religiosas e governamentais pela mudança da paisagem norte paranaense. Em dissertação de mestrado defendida em 2004, a ocupação do norte paranaense foi investigada a partir da história do município de Lobato (1948), um dos muitos criados pela CMNP. Nesse estudo considera-se o protagonismo de grupos sociais diversos, como empresas ou indivíduos que lá se estabeleceram como os agentes que tornaram possível o desenvolvimento do norte paranaense rumo à sociedade capitalista. Nesse sentido, foi afastada a memória que coloca a CMNP, o governo Estadual e a cafeicultura como os únicos agentes responsáveis pelas mudanças estabelecidas na região. Na pesquisa realizada em Lobato foi demonstrado que a construção do norte paranaense contou com o trabalho e a disposição de pessoas comuns, cuja promoção da vida cotidiana e de espaços sociais coletivos contribuiu para manter a empreita da ocupação regional. Cf. LUPION, Marcia Regina de Oliveira. *Nas Águas de Lobato: a construção de um espaço social na zona rural de Lobato, Norte do Paraná (1948-4973)*. 2003. 186 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2003; TOMAZI, Nelson D. **“Norte do Paraná” histórias e fantasmagorias**. 1997. 338 f. Tese (Doutorado) - Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997; TOMAZI, Nelson D. **Certeza de lucro e direito de propriedade: o mito da Companhia de Terras Norte do Paraná**. 254 f. Dissertação (Mestrado), Departamento de História do Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis, UNESP – Campus de Assis. 1989; DIAS, Reginaldo Benedito; ROLLO GONÇALVES, José Henrique. **Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: EDUEM, 1999; ROLLO GONÇALVES, José Henrique. **História regional e ideologias: em torno de algumas coreografias políticas do norte paranaense – 1930/1980**. 1995. 255 f. Dissertação. (Mestrado), Departamento de História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Universidade Federal do

O processo de criação da diocese de Maringá, em 1956, foi assim registrado por Dom Pedro Fedalto:

A 1º de fevereiro de 1956, foi criada a Diocese de Maringá pela Bula *Latissimas Partire Ecclesias*. A estatística na criação da Diocese com território de 13.445 km²; a população era de aproximadamente 400.000 habitantes, ou até 450.000, pois crescia muito na era do café; os municípios eram vinte quatro, embora na Bula constassem apenas oito, as paróquias eram dezesseis, sendo dez confinadas aos religiosos, cinco aos padres diocesanos e uma estava vaga; os presbíteros eram vinte e nove, vinte e dois religiosos e sete diocesanos; os seminaristas maiores eram dois, no seminário do Rio de Janeiro, e vinte e quatro menores; havia seis congregações religiosas femininas.¹⁰⁴

À série de dados estatísticos – listados pelo arcebispo como critérios que contribuíram para a criação da diocese em Maringá – soma-se o fato de que a diocese de Jacarezinho, da qual Maringá foi desmembrada, tinha sob sua responsabilidade um território cuja abrangência estava tornando difícil a administração de Dom Geraldo Sigaud. Além disso, os anos de 1940 registraram um efervescente crescimento populacional na região norte paranaense devido à venda de parte da região pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, empresa que loteou e comercializou a área dividindo-a em zonas rurais e urbanas.

Essa situação leva, no ano de 1953, Dom Manuel da Silveira D’Elboux, arcebispo de Curitiba na ocasião, a convocar uma reunião na capital e apresentar, dentre os assuntos em pauta, “a necessidade que se fazia sentir de novas dioceses para o Norte do Paraná”.¹⁰⁵ Diante desse quadro, em 1956 a diocese de Jacarezinho foi desmembrada dando lugar a três novas circunscrições: a própria diocese de Jacarezinho e as novíssimas dioceses de Londrina e Maringá, ambas com amplos territórios e população emergente.

A criação da diocese maringaense, estudada na longa duração, permite compreender sua constituição segundo o movimento de expansão católica ocorrido no Brasil a partir de 1889,

Paraná, Curitiba, 1995; LUZ, France. **O fenômeno urbano numa zona pioneira**: Maringá. 1980. 435 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980; STEINKE, Rosana. **Ruas curvas, ruas retas**: a trajetória do urbanista Jorge de Macedo Vieira. Maringá: EDUEM, 2007; DOESWIJK, Andreas Leonardus; LUPION, Marcia Regina de Oliveira; RODRIGUES, Marcia Garcia. **Nas Águas de Lobato**: uma micro-história construída a partir das falas de seus moradores. Maringá: EDUEM, 2008; LUPION, Marcia Regina de Oliveira.; DOESWIJK, Andreas Leonardus. História do Paraná sem exclusões: o caso da pesquisa realizada no município de Lobato. In: GUILHERME, Cássio Augusto; ROMPATO, Maurílio (Orgs.). **Histórias e memória da ocupação das regiões paranaenses no século XX**. Maringá: Massoni, 2015, p. 194-214; DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, para citar apenas alguns.

¹⁰⁴ FEDALTO, Pedro Antônio Marchetti. (Dom). **História da Igreja no Paraná**: contribuição de Dom Pedro Antônio Marchetti Fedalto para a celebração do Jubileu de Ouro do Regional Sul 2 da CNBB. Curitiba: Serzegráf Indústria e Editora Gráfica Ltda, 2014, p. 342

¹⁰⁵ ROBLES, op. cit., p. 136.

quando o Estado laico se institui e o governo da Igreja Católica fica sob a responsabilidade da própria instituição.

Uma das primeiras providências da cúria brasileira foi a criação de novas dioceses nos recém-instituídos estados brasileiros como forma de demarcar seu espaço territorial e simbólico, processo que foi batizado por Maurício de Aquino como sendo um fenômeno de *diocesanização*, isto é,

[...] um fenômeno de criação de dioceses que rearticulou lugares físicos, políticos e discursivos em dimensões sociopolíticas e religiosas, em sintonia com as determinações da Cúria Romana, ainda que o movimento de criação de dioceses não tenha sido homogêneo.¹⁰⁶

Com a intenção sistemática de laicizar governo e sociedade, em fins do século XIX e início do XX, há uma ruptura sutil na relação entre governo e igreja, em um Brasil que se propõe republicano. Com isso, a Igreja Católica passa a ter maior autonomia frente a seus próprios negócios e estatutos. Ciente do fato de que as dioceses existentes não são capazes de atender de forma adequada à população, iniciam-se discussões, avaliações e conferências a fim de escolher a melhor estratégia para ampliar a cobertura territorial, material e espiritual da Igreja Católica dentro do imenso país recém-laicizado.¹⁰⁷

¹⁰⁶ AQUINO, Maurício de. *Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: a construção do bispado de Botucatu no sertão paulista (1980-1923)*. 2012. 301 f. Tese. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, SP: 2012, p. 82, nota 163.

¹⁰⁷ Institucionalmente podemos estabelecer como a reação mais expressiva e imediata da nova relação entre Igreja Católica e Estado a publicação da Pastoral Coletiva de abril de 1890, na qual o episcopado se posiciona frente ao Decreto 119-A, de 07 de janeiro do mesmo ano, que proibiu a intervenção do governo Federal e Estadual na vida religiosa e consagrou a plena liberdade de cultos no país e a extinção do Padroado. Além disso, o decreto reconheceu todas as igrejas e confissões religiosas como entidades jurídicas e, portanto, senhoras da administração de seus bens e edifícios (BRASIL. DECRETO 119-A, DE 07 DE JANEIRO DE 1890. Rio de Janeiro, RJ, jan. 1890. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D119-A.htm >. Acesso em: 29 jan. de 2019). Dom Odilão de Moura descreve as mudanças provocadas pelo decreto acima, e por outros que o sucederam, da seguinte forma: “Inegavelmente, o decreto revolucionário favoreceu a Igreja ao libertá-la do “cárcere de ouro”. Mas esse decreto, os outros que foram publicados e os dispositivos constitucionais de 1891 relativos à liberdade religiosa não respeitaram integralmente as exigências do Direito Natural a respeito desta liberdade. A obrigatoriedade do casamento civil antes do religioso, a laicização plena dos cemitérios, a inelegibilidade dos clérigos, a negação do direito de votos aos religiosos, a proibição do ensino religioso nas escolas públicas, a conservação da legislação sobre os bens de “mão morta” evidencia que as disposições legais sobre a liberdade religiosa não se adequavam bem à justiça natural, que vinham carregadas de preconceitos contra a Igreja” (MOURA, Odilão (Dom). *Ideias católicas no Brasil: direções do pensamento católico do Brasil no século XX*. São Paulo: Convívio, 1978, p. 34). A Pastoral Coletiva de 1890 é um dos documentos que mostram como a Igreja passou a concentrar todas as atenções na defesa e manutenção da sobrevivência do catolicismo. Era destinada ao clero, aos fiéis e ao Marechal Deodoro da Fonseca, Chefe do governo provisório e teve por objetivo colocar esses grupos, principalmente os dois primeiros, a par da situação em que a Igreja se encontrava perante o governo estabelecido. Cf. GOMES, Edgar da S. *A separação Estado-Igreja no Brasil (1890): uma análise da pastoral coletiva do episcopado brasileiro ao Marechal Deodoro da Fonseca*. 2006. 242 f. Dissertação (Mestrado em Teologia Dogmática). Centro Universitário Assunção – Pontifícia Universidade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. São Paulo, 2006. Disponível em < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp023647.pdf> >. Acesso em: 29 jan. 2019, p. 185. Em linhas gerais, a Pastoral combatia o divórcio entre Igreja e Estado e a liberdade de culto, pois via nessas duas prerrogativas do Decreto 119-A uma afronta à doutrina católica. Cf. PASTORAL COLETIVA DO

Atrelado ao fenômeno da diocesanização está o conceito de *territorialidade* criado por Zeny Rosendahl. Se por diocesanização compreende-se a expansão, domínio e manutenção do capital simbólico cristão-católico, territorialidade “significa o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar dado território”.¹⁰⁸ Ou seja, ambos os conceitos são complementares, pois buscam compreender e explicar a estratégia encontrada pela Igreja Católica no Brasil, em fins do século XIX até meados do XX, frente ao projeto republicano de um Estado laico.

Ao estudar a constituição do espaço religioso no Brasil desde 1500 até o estabelecimento do Império, a autora argumenta que a ocupação se deu em saltos cujos espaços percorridos são de maior ou menor alcance temporal. Considerando essa prerrogativa, observa-se que durante os anos de 1801 e 1900 houve poucos investimentos na fundação de dioceses. São citadas por ela, noutro estudo, a existência de dez dioceses para atender a toda população durante o Império.¹⁰⁹

Como visto, o significativo aumento de circunscrições eclesiásticas no pós-proclamação é um dos sintomas da autogestão católica e, segundo Miceli¹¹⁰, a “estadualização” levada a cabo pelo Estado laico acabou por promover praticamente todas as capitais do país à condição de sedes episcopais.

A criação da diocese de Curitiba, vista sob essa perspectiva, extrapola os motivos comumente citados para a criação de dioceses – como o aumento no número de habitantes oriundo da expansão territorial e a consequente dificuldade de atendimento aos fiéis exatamente pela abrangência física e humana de uma diocese – e insere o evento como resultante direto das mudanças e da reorganização do clero brasileiro, durante o primeiro movimento promovido logo após a separação entre Estado e Igreja em 1889.

EPISCOPADO BRASILEIRO CONTRA A LIBERDADE RELIGIOSA (1890). Disponível em: <https://permanencia.org.br/drupal/node/1327>. Acesso em: 31 mar. de 2019.). Mas a reação que mais interessa à narrativa, e que se seguiu à escrita da Pastoral, foi o intenso processo de criação de dioceses pelo território nacional, ato que antes era de prerrogativa exclusiva do imperador, mas que com o fim do Padroado e a laicização do Estado passou a ser responsabilidade da hierarquia católica.

¹⁰⁸ ROSENDAHL, Zeny. **Primeiro a obrigação, depois a devoção**: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 22.

¹⁰⁹ ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. p. 12928-12942. Disponível em <<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/38.pdf>>. Acesso em: 01 de fev. 2019, p. 12938.

¹¹⁰ MICELI, Sérgio P. de B. A elite eclesiástica brasileira (1890-1930). 1985. 233 f. Tese – Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas na Universidade Estadual de Campinas, 1985, p. 45.

Estando a criação da diocese de Curitiba em 1892 diretamente ligada ao movimento promovido pela Igreja Católica no pós-Padroado, a elevação a arquidiocese no ano de 1926 foi considerada como o momento em que Curitiba se tornou a Primaz do Estado. A criação das dioceses de Jacarezinho e Ponta Grossa em 1926 constam como um primeiro movimento promovido pela diocese Primaz, e a elevação das paróquias de Londrina e Maringá a dioceses no ano de 1956, como um desdobramento desse movimento inicial.

Compreendida a partir da dinâmica de diocesanização ocorrida no país após o ano de 1889, quando a laicidade do Estado se torna letra da lei, a criação da diocese de Maringá encontra-se no tempo de difusão cinco (T_5) de dioceses pelo país, expressa pela figura 4, e no tempo de difusão dois (T_2) em relação à expansão de territórios eclesiais pelo Estado do Paraná, ilustrado pela figura 5.

A partir dessas informações é que a criação da diocese de Maringá passa a ser vista como parte do projeto estratégico de ampliação e expansão dos domínios espirituais e do capital simbólico e institucional do catolicismo romano na região do Norte Novo paranaense. Movimento decorrente do processo de diocesanização iniciado no pós-Padroado.

Afirmativa que amplia a narrativa da História da Igreja Católica em Maringá pois soma dados ainda não explorados sobre o catolicismo maringaense pela historiografia atual. A exemplo, a dissertação do historiador Selson Garutti,¹¹¹ para quem o estabelecimento sistemático da Igreja Católica nesse município foi um empreendimento submetido aos interesses da Companhia sobretudo a partir da chegada de Dom Jaime.

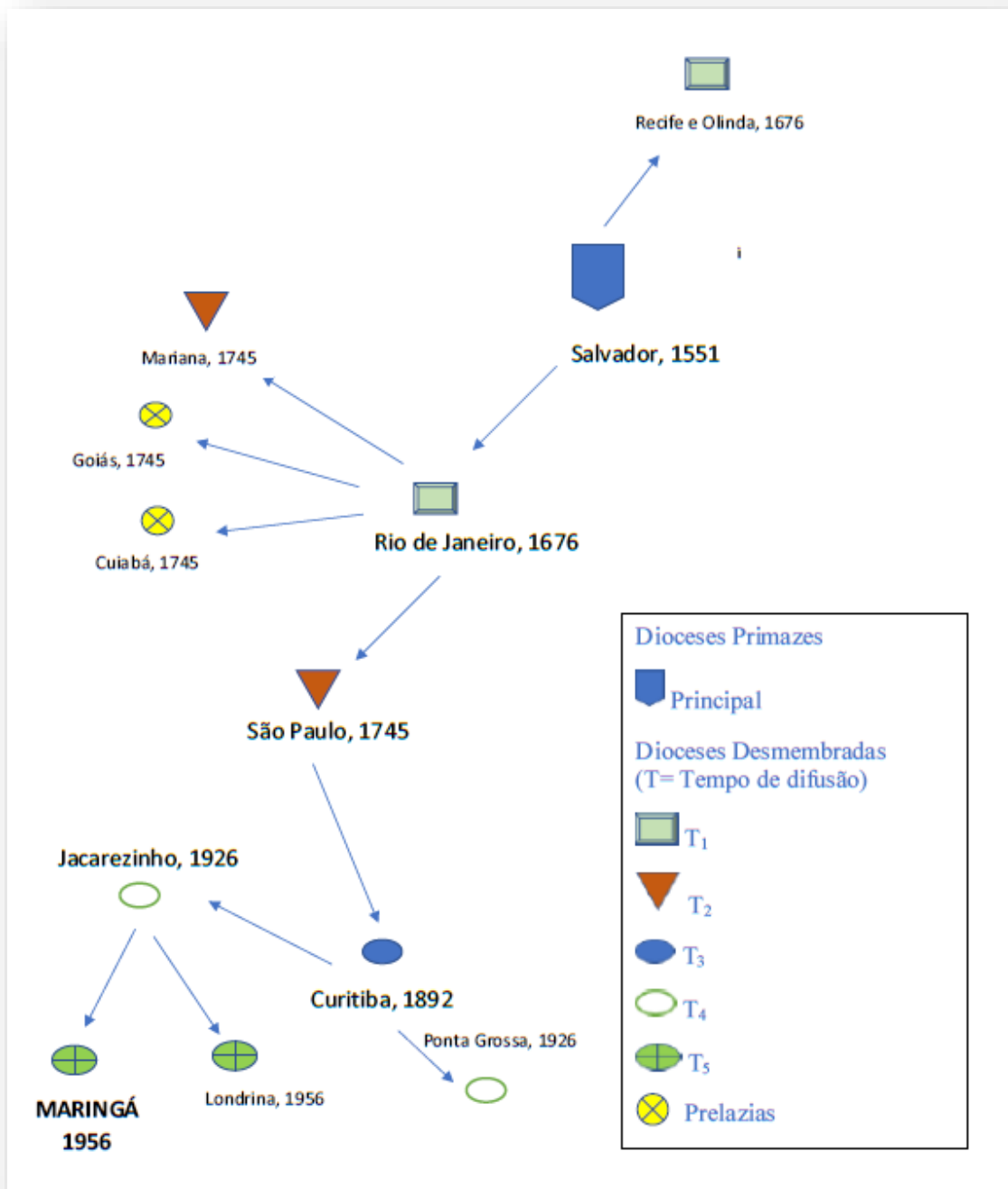
Esse fato é também citado pelo monsenhor Orivaldo Robles, memorialista católico local,¹¹² mas, contestado por Márcia Maria Pereira¹¹³ em sua dissertação sobre a “Igreja Católica em Maringá e a gestão de Dom Jaime Luiz Coelho (1957-1980)”. Nesse trabalho, a historiadora afirma que os laços entre a CMNP e a Igreja Católica em Maringá eram bastante estreitos anteriormente à chegada de Dom Jaime em 1957.

¹¹¹ GARUTTI, Selson. O poder do Anel na diocese de Maringá. 2006. 111 f. Dissertação - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

¹¹² ROBLES, op. cit.

¹¹³ PEREIRA, op. cit.

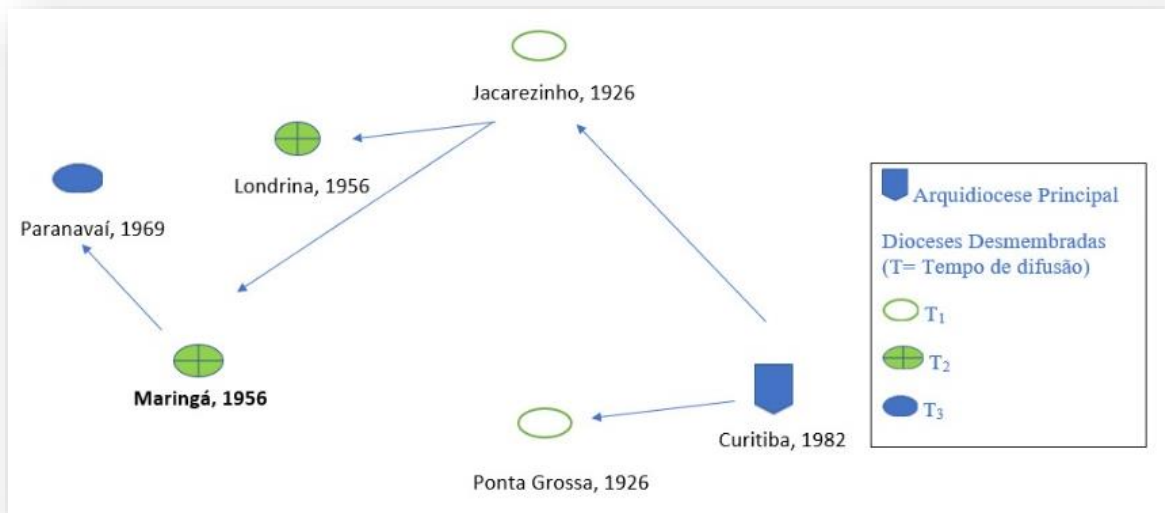
FIGURA 4 - Difusão de dioceses pelo Brasil a partir de 1551 até 1969.



FONTE: Elaborado a partir de ROSENDAHL, ROBLES, e FEDALTO¹¹⁴.

¹¹⁴ ROSENDAHL, op. cit., 2012; ROBLES, op. cit.; FEDALTO, op. cit.

FIGURA 5 - Difusão de dioceses pelo Paraná entre 1892 e 1969.



FONTE: Elaborada a partir de ROSENDAHL; ROBLES e FEDALTO.¹¹⁵

Com a criação da diocese de Paranavaí (T₃), desmembrada de Maringá exatamente no ano de 1969, a paróquia de Santa Isabel do Ivaí torna-se parte daquela circunscrição e o padre é convocado a retornar a Maringá, já como pároco da Igreja Divino Espírito Santo. Foi nesse momento que o então jovem padre pediu sua incardinação na diocese, e foi atendido por Dom Jaime.

2.4.1 Paróquia Divino Espírito Santo

A paróquia recebida por ele era modesta. Atualmente encontra-se numa área central, mas, em 1969 os moradores dos bairros atendidos pela Divino Espírito Santo não faziam parte dos espaços destinados à elite local, fato que mudaria ao longo do tempo, quando a região se tornaria uma das mais centrais do município.

A criação da Paróquia Divino Espírito Santo, em 18 de novembro daquele ano, na atual arquidiocese de Maringá, representa um momento específico de uma história que se iniciou anos antes, quando a igreja ainda era uma das capelas da paróquia São José Operário. Uma história cuja trama, ao menos em seus primórdios, foi parcial e especialmente iluminada por

¹¹⁵ ROSENDAHL, op. cit., 2012; ROBLES, op. cit. e FEDALTO, op. cit.

diversas fontes como o Livro do Tombo da Paróquia São José Operário (1958-1974)¹¹⁶ e alguns documentos presentes na própria igreja Divino Espírito Santo, bem como no site mantido pela instituição.

As duas versões de registro imagético da Igreja São José Operário foram inseridas nessa trama para ilustrar como a paróquia se destacava na paisagem de uma Avenida Brasil empoeirada dos anos 1950. Para além da igreja e das construções existentes, na figura 6 vislumbra-se uma área de mata em direção à avenida conhecida atualmente como Avenida Colombo.¹¹⁷

A capela Divino Espírito Santo em madeira, descrita pela memorialista C. S. N.¹¹⁸ como um barracão, – umas das instituídas no pós-diocese – foi construída à esquerda dessa mata distante, cerca de dez quadras da Igreja São José e uma quadra antes de chegar à Avenida Colombo.

Na imagem cedida pelo engenheiro e artista plástico Edgar Osterroht¹¹⁹, figura 7, destacam-se duas situações: a presença de transeuntes nos arredores da igreja, incluindo dois párocos, e a sua própria estrutura. Ao registrar os dois padres, o sr. Edgar Osterroht remete a uma questão sempre lembrada quando se estuda sobre a história da Igreja São José, que foi a presença de padres jesuítas desde o início das atividades naquela paróquia. A esse respeito, o monsenhor Orivaldo Robles assim se pronunciou:

¹¹⁶ As informações sobre o período em que a Paróquia Divino Espírito Santo foi capelinha da Paróquia São José foram alcançadas sobretudo em duas fontes. Uma delas é o site do bairro Vila Operária e a outra foi possível devido à generosidade do padre Renato Quezini, pároco da igreja em 2018, que permitiu acesso ao primeiro Livro do Tombo da Paróquia, documento que cobre o período de 14 de agosto de 1954 a 11 de agosto de 1974.

¹¹⁷ A Avenida Colombo é, na atualidade, uma das mais importantes vias de acesso municipal e intermunicipal. Entretanto, a Avenida Brasil é anterior à Avenida Colombo por ser uma via construída pela CMNP para ter acesso às áreas adquiridas pela empresa na região. Sobre a Avenida Colombo, a Revista do Legislativo Maringaense registra que “A Avenida Colombo, em Maringá, é a denominação de um trecho da antiga Estrada Oficial, aberta pelo Governo do Estado do Paraná para ter acesso, em ações fiscalizatórias, ao empreendimento da Companhia de Terras do Norte do Paraná. Sua denominação perde-se no tempo e é uma homenagem do povo maringaense ao espírito desbravador do navegador Cristóvão Colombo, descobridor das Américas”. (MARINGÁ. CÂMARA MUNICIPAL. Revista do Legislativo Maringaense – personagens e história: as ruas da região central do município. v. 1, n. 1. Maringá, 2013. (Revista eletrônica). Disponível em: < <http://www.cmm.pr.gov.br/escolalegislativa/revistaEletronicaEd01.pdf> >. Acesso em 09 jul. 2020).

¹¹⁸ Dados relativos à memorialista C. S. N. serão apresentados no tópico 3, juntamente com informações sobre seu marido, o sr. B. N.

¹¹⁹ O senhor Edgar Werner Osterroht e sua esposa Márcia Osterroht me receberam em sua residência quando fui solicitar permissão para utilizar algumas imagens do livro escrito e ilustrado pelo Sr. Edgar na presente pesquisa, no que fui prontamente atendida. Além de autorizar o uso das fotos, o casal me encantou com inúmeras histórias sobre uma Maringá emergente e, generosamente, presentearam-me com um exemplar do livro publicado pelo senhor Edgar em 2007 intitulado “Maringá passado e futuro”. O livro é, na verdade, uma versão mais elaborada, segundo ele, de outro publicado em 1997 por ocasião do cinquentenário de Maringá e intitulado “Homenagem ao cinquentenário de Maringá – década de 1950-60” utilizado por mim na pesquisa. O convite para ilustrar e publicar um livro sobre o cinquentenário do município se deve ao fato de que, além de artista plástico, o senhor Edgar foi engenheiro na CMNP entre 1951 e 1960, quando lá trabalhou como urbanista e topógrafo. O senhor Edgar faleceu durante a pesquisa, aos 85 anos de idade, no dia 24 de outubro de 2020.

Foi também no tempo de Janssen que se criou a primeira paróquia desmembrada da de Nossa Senhora da Glória. À fl. 36 do Livro de Registro das Criações de Paróquias da Cúria Diocesana de Jacarezinho se localiza o assento de ereção da paróquia São José, na Vila Operária. O decreto traz a data de 14 de abril de 1954. Sobre os padres a quem foi confiada, revendo conhecimento histórico, além de homenagear os evangelizadores das reduções jesuíticas do século XVII, dom Geraldo Sigaud anotou: “Voltam os jesuítas ao Norte do Paraná após 327 anos de ausência: Pe. Benno Wagner e Oswaldo Rambo, destinados à paróquia S. José, no bairro operário de Maringá”.¹²⁰

Homenagens à parte, fato é que a Igreja São José passou a ser administrada por membros da Companhia de Jesus cuja presença foi registrada pelo monsenhor Orivaldo Robles na tela de Edgar Osterroht.

Atualmente a construção, na qual se mesclam a fachada em alvenaria e o corpo do edifício em madeira, não existe mais. Ao longo dos anos, a Igreja São José sofreu várias intervenções em sua estrutura até chegar ao prédio atual e continua a se destacar na paisagem de confluência entre as Avenidas Brasil e Riachuelo.

FIGURA 6 - Igreja São José Operário, década de 1950.



FONTE: ROBLES, 2007, p. 129.

¹²⁰ ROBLES, op. cit., p. 127.

FIGURA 7 - Igreja São José pelo artista Edgar Werner Osterroht, 1958.



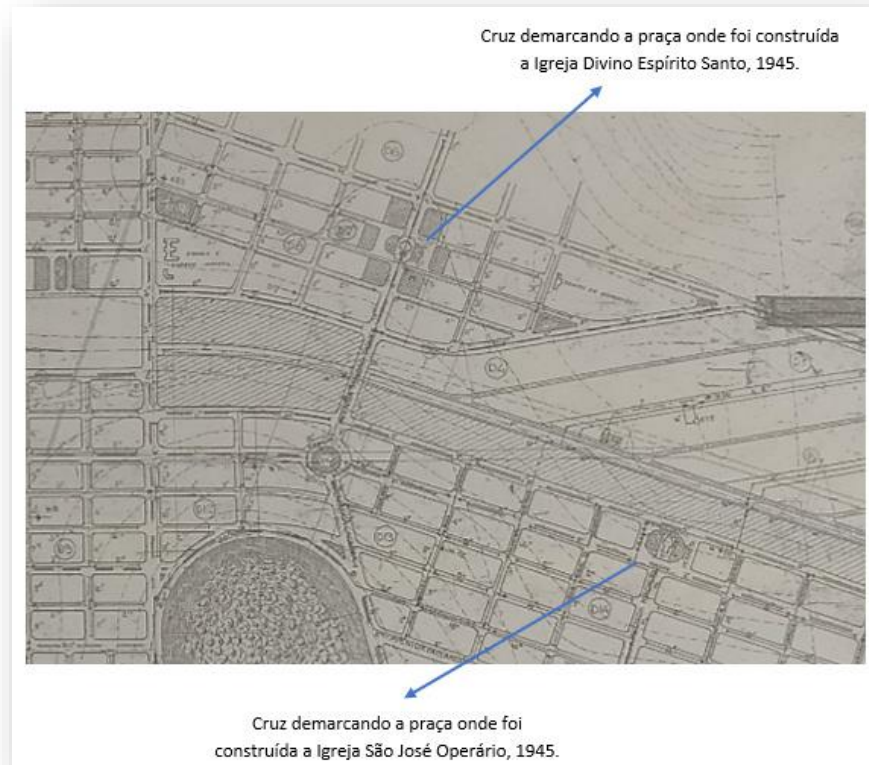
FONTE: OSTERROHT, 1997, p. 60.

FIGURA 8 - Anteprojeto da cidade Maringá, 1945.



FONTE: ACERVO do Patrimônio Histórico de Maringá, 2019.

FIGURA 9 - Cruzes demarcando onde foram construídas as Igrejas São José Operário e Divino Espírito Santo – Anteprojeto/Detalhe.



FONTE: ACERVO do Patrimônio Histórico de Maringá, 2019. (Detalhe).

A dinâmica que deu origem à Paróquia Divino Espírito Santo está intrinsicamente ligada à criação da Paróquia São José Operário em 1954. Talvez até antes disso, caso seja considerado que o estabelecimento de uma igreja no local já estava previsto no plano urbanístico de Maringá em 1945, como ilustrado nas figuras 8 e 9.

No anteprojeto urbanístico de Jorge de Macedo Vieira, datado de 1945 e primeiramente desenhado por Gastão de Mesquita Filho e Cássio Vidigal¹²¹, são visíveis quatro cruzes

¹²¹ Pesquisas realizadas pelo Patrimônio Histórico de Maringá, sob a orientação do historiador João Laércio Lopes Leal, têm questionado o alcance da participação do engenheiro Jorge de Macedo Vieira na elaboração/execução do Anteprojeto de 1945. Segundo ele, ao recuperar a historicidade do plano por meio de fontes diversas, como livros e discursos orais, verificou-se a “participação decisiva e fundamental dos engenheiros e diretores da Companhia de Terras Norte do Paraná, Gastão de Mesquita Filho e Cássio Vidigal na confecção do desenho”. Os dois engenheiros teriam feito os levantamentos em terreno “maringaense” e enviado um anteprojeto a Macedo Vieira. De posse desses dados, Macedo Vieira teria, em 1945, elaborado e assinado o anteprojeto sem referências aos dois engenheiros locais. Contribui para a afirmativa feita por Lopes Leal o desenho do anteprojeto estar organizado sobre pelo menos dez elementos geográficos pré-1945, como se o projeto necessitasse ser adequado a uma configuração pré-existente, composta pelo já existente Maringá Velho e por diversas estradas também pré-existentes. Como Macedo Vieira jamais esteve em solo “maringaense”, esses elementos não tinham como ser de seu conhecimento, tendo sido, portanto, enviados a ele pelos dois engenheiros da CTNP/CMNP. Leal faz questão de frisar que “para o bem da história, faz total sentido sublinhar o papel crucial desses dois engenheiros, pois raramente figuram como co-autores do plano na literatura acerca do assunto.” Lembramos que autoria do projeto,

demarcando a já existente Capela Santa Cruz e os terrenos destinados à construção das igrejas Santíssima Trindade, São José Operário e Divino Espírito Santo numa clara referência ao fato de que no plano urbanístico da CMNP constavam espaços para efetivar seu interesse pelo estabelecimento do catolicismo no município.

No bairro Vila Operária¹²² havia, nos idos dos anos 1940, uma cruz de madeira marcando o local onde seria construída a capela que daria origem à Igreja São José Operário e da qual a Igreja do Divino Espírito Santo seria parte integrante até 1969.

A Igreja São José, construída como capela em 1950 e promovida à paróquia em 1954, é um exemplo de centro catalisador de vontades humanas preocupadas com algo mais do que a matéria do corpo e do trabalho. A igreja estava já prevista no plano urbanístico de 1947 e, mesmo antes de se edificar o pequeno templo, uma cruz de madeira marcava o ponto da obra a ser executada. [...] A história da Igreja São José pode ser dividida em três fases: a primeira vai da destinação do terreno para fins religiosos, pela Companhia (1947-1953), restringindo-se a uma capelinha de madeira; a segunda, quando a Igreja é promovida à condição de paróquia (1954), passa a ser administrada pelos padres jesuítas, e um projeto de reformas a converte em alvenaria, aumentando sua capacidade para acomodar os fiéis; a terceira fase é registrada no final da década de 1960, com outra reforma estrutural que lhe dá as formas atuais.¹²³

Selson Garutti defende em dissertação o discurso e a prática católica em Maringá entre 1947 e 1987 que:

O processo de fundação da cidade de Maringá se destaca pelo fato de esta ter sido planejada primeiramente em uma prancheta, na qual se previa a organização de todos os espaços, quebrando uma antiga tradição brasileira na forma de fundação das cidades, quando primeiramente se erguia uma cruz, símbolo da religião dominante, para em torno dela surgir o núcleo urbano.¹²⁴

Não é novidade que a constituição municipal maringaense pouco deixou para o acaso. Desde que a CMNP abandonou os planos de transformar toda a área adquirida junto ao governo do estado em zona agrícola que cada espaço passou a ser planejado por um grupo de profissionais ligados à engenharia de construção de cidades, nas quais se destacam os locais predestinados ao sagrado católico, denunciando o tipo de cultura que acompanhava o planejamento previsto pela Companhia, no qual empresa e instituição católica se entrelaçavam.

Verifica-se com isso que a criação da diocese e, conseqüentemente, a expansão do catolicismo institucionalizado são fatores de relevância para compreender o processo pelo qual

oficialmente, pertence a Jorge de Macedo Vieira”. MARINGÁ. PREFEITURA DO MUNICÍPIO. SECRETARIA DA CULTURA. Gerência do Patrimônio Histórico. **História artística e cultural de Maringá: 1936-1990**. Maringá: Imprima Conosco, 2016. (Texto de João Laércio Lopes Leal). p. 13.

¹²² VILAOPERÁRIA.COM. Disponível em: < <https://vilaoperaria.com/> >. Acesso em 28 set. de 2018.

¹²³ O TRANSCENDENTAL. Disponível em < <http://www.vilaoperaria.com/historia/vilaoperaria/o-transcendental.html> >. Acesso em: 28 set. 2018.

¹²⁴ GARUTTI, op. cit., p. 10.

a ocupação do norte paranaense pela sociedade ocidental moderna se fez acontecer. Juntamente com os interesses econômicos oriundos da CMNP e de grande parte da população que adquiriu lotes rurais e urbanos da Companhia e do governo Estadual, a corrida pela ocupação da região esteve amparada também pelos interesses religiosos católicos de expansão de seus domínios territoriais e simbólicos.¹²⁵

No caso de Maringá, esses interesses foram ao encontro dos desejos da Companhia, como o de disciplinar o grande contingente humano que se estabelecia no perímetro sob sua responsabilidade. Havia “um cuidado dos ingleses com a paz e a vida ordeira dos futuros moradores”¹²⁶ cita Robles como forma de justificar o privilégio dado pela CMNP ao cristianismo católico durante o processo de estabelecimento do município. E, ao incentivar a vinda da Igreja Católica para a região, inclusive doando terrenos à instituição, foi uma forma de sedimentar esses interesses e privilégios, que também atendiam às estratégias de expansão territorial e simbólica do catolicismo pelo país como visto anteriormente.

Ao analisarmos a doação de terrenos para a construção de igrejas católicas em detrimento de outras denominações, levantamos um pretexto para discutir a diversidade religiosa presente nos primeiros anos de Maringá.

De acordo com Loide Caetano, os terrenos nos quais os templos presbiterianos foram construídos, em especial da Igreja Presbiteriana Independente (IPI), foram adquiridos com o financiamento dos seus membros. A trajetória da Igreja Presbiteriana Independente no município denuncia aquele privilégio empresarial por uma religião específica, uma vez que a comunidade presbiteriana independente esteve presente na história de Maringá desde a década de 1940 e, como as demais denominações e religiões, não contou com esse favorecimento.¹²⁷

Conta ela, que em princípio, um grupo de famílias protestantes iniciou suas atividades religiosas na zona rural municipal, mais especificamente na Água do Moscado no mesmo período em que o padre Emílio Scherer construiu a Capela São Bonifácio em sua propriedade na Gleba Pinguim, a primeira construção católica do município.¹²⁸

Posteriormente esse grupo inicial de protestantes independentes passou a se reunir na zona urbana, na residência do Sr. Antônio Correia Goulart, numa sala anexa no hoje conhecido

¹²⁵ O interesse na expansão dos domínios territoriais e simbólicos na região Norte paranaense durante a fase de instalação do município de Maringá ocorre também noutras denominações. Loide Caetano cita que “O protestante está presente no Norte do Paraná como pioneiro buscando suprir as suas necessidades naturais de sobrevivência. Ele não se desloca de uma região para outra com a missão específica de fundar igrejas. Essas vão surgindo naturalmente, devido ao ajuntamento das pessoas que professam a mesma fé e os mesmos ideais.” CAETANO, Loide. **Semeando café e disseminando a fé**. Maringá: Caiuás, 2014, p. 95.

¹²⁶ ROBLES, op. cit. p. 113.

¹²⁷ CAETANO, op. cit., p. 105.

¹²⁸ Ibidem, p. 97.

como Maringá Velho. Num terceiro movimento, adquiriram, com recursos próprios, um terreno no então denominado Maringá Novo como forma de atender ao crescente número de “pioneiros crentes que estavam seguindo a trilha do café”.¹²⁹ O terreno estava localizado na Rua Santos Dumont e fazia parte do Bairro Vila Operária. No ano de 1947, esse primeiro terreno já contava com um “salão coberto de tabuinhas”¹³⁰ para o atendimento da comunidade.

Na mesma época, outras denominações se instalam na jovem Maringá como Igreja Adventista do Sétimo Dia, no ano de 1944; Congregação Cristã no Brasil, em 1945; a Igreja Metodista, em 1947; Assembleia de Deus e Igreja Batista, ambas no ano de 1948. Igreja Presbiteriana Independente do Brasil em 1949 e Igreja Luterana de Maringá em 1950. A partir da década de 1960, hospedam-se no município as denominações evangélicas ligadas ao movimento pentecostal, como a Igreja Quadrangular Pentecostal “O Brasil para Cristo”, a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Missionária. Em seu histórico, Loide Caetano registra que, em sua maioria, as denominações ligadas ao protestantismo iniciaram suas atividades geralmente nas residências de membros das comunidades, para, num segundo momento, adquirirem, com recursos próprios, os terrenos onde construíram seus templos.¹³¹

Sobre a diversidade religiosa, Selson Garutti afirma que,

mais de 85% dos habitantes de Maringá pertenciam ao credo católico, ou ao menos pertenciam ao credo oficial. Cerca de 10% da população tinha como religião o credo evangélico (chamado protestante), havendo cerca de 50 templos de diversas denominações, os quais estavam abertos ao culto público, assim como um instituto bíblico. Já em número mais reduzido, o espiritismo mantinha uma intensa atividade religiosa e assistencial. A colônia nipônica, em grande parte, adotava o budismo como religião oficial”.¹³²

E, no caso das religiões afro-brasileiras os dados são ainda mais precisos. Pesquisas recentes rastrearam¹³³, entre os anos de 1950 e 2016, a existência de 37 locais de prática religiosa afro-brasileira no município de Maringá. São locais onde “por vezes existe o espaço de um terreiro, por vezes trata-se da residência onde um médium recebe entidades, joga cartas ou realiza benzimentos” afirma Giovane Marrafon Gonzaga.¹³⁴

¹²⁹ *Ibidem*, p. 100.

¹³⁰ *Ibidem*, p. 99.

¹³¹ CAETANO, Loide. História do Protestantismo em Maringá entre 1938-1960. Em elaboração.

¹³² GARUTTI, op. cit., p. 34.

¹³³ SILVA, Eronildo José da. Maringá de Todos os Santos: a presença das religiões afro-brasileiras. 2014. 307 f. Tese – Doutorado em Ciências Sociais – (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, 2014; GONZAGA, Giovane Marrafon. Memórias, notícias e espaços: a presença das religiões afro-brasileiras em Maringá-PR (2000-2014). 2018. 158 f. Dissertação – Mestrado em História - (Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR, 2018.

¹³⁴ GONZAGA, op. cit., p. 111.

Mais especificamente, Eronildo José da Silva registra um total de 19 terreiros cuja existência se deu entre os anos de 1960 e 2000. Para a década de 1970, ou seja, no ano seguinte ao padre tornar-se pároco da Divino Espírito Santo, Silva¹³⁵ registra nada menos que seis terreiros distribuídos por bairros maringaenses para um total de 121.374 habitantes municipais sendo 100.100 habitantes da zona urbana.¹³⁶

Retomando a questão da demografia municipal, na figura 10, cujo registro data de fins da década de 1950, o número de presentes na plataforma da estação ferroviária mostra a intensidade da circulação de pessoas pelo município.

FIGURA 10 - Multidão na plataforma da Estação Ferroviária de Maringá, 195(?)¹³⁷



FONTE: ACERVO MARINGÁ HISTÓRICA, 2019.

¹³⁵ SILVA, op. cit., p. 83 passim.

¹³⁶ PREFEITURA..., 2010, p. 19.

¹³⁷ O registro fotográfico da plataforma de embarque e desembarque da Estação Ferroviária de Maringá foi feito, provavelmente, na segunda metade da década de 1950, uma vez que a estação foi inaugurada em 31 de janeiro de 1954. Cf. ACERVO MARINGÁ HISTÓRICA, 2019.

Ou seja, o perfil religioso do maringaense na década de 1970 é bastante eclético de forma que o padre se insere numa dinâmica pré-existente de práticas religiosas múltiplas e singulares que, certamente, não passaram despercebidas ao clérigo que nutria certa empatia por práticas religiosas fora do âmbito de sua formação.

A Igreja Divino Espírito Santo, recebida por ele em seu retorno a Maringá, foi a primeira paróquia desmembrada da Igreja São José Operário e a primeira pós-diocese do município, juntamente com a paróquia Cristo Ressuscitado, ambas criadas no dia 18 de dezembro de 1969.¹³⁸ Ou seja, duas paróquias cujas fundações remontam ao processo de fortalecimento da religião católica em Maringá, na busca por atender ao crescente movimento demográfico urbano no período.

Anotações presentes no Livro do Tombo da Paróquia São José correspondentes às atividades ocorridas na paróquia e na diocese como um todo, corroboram o expressivo aumento populacional no município em fins da década de 1950. São registros feitos pelo padre Oswaldo Rambo, pároco daquela igreja na ocasião e, curiosamente, fazem menção ao aumento demográfico municipal de forma bastante inusitada – considerando o número de hóstias distribuídas entre os anos de 1957 e 1959:

28 de fevereiro de 1959

Iniciamos o ano com novo horário de missas dominicais – às 7 horas; às 8:30 das crianças, às 10 horas e vespertina às 7:30 da noite. O constante crescimento do movimento religioso exigia o aumento do número de santas missas aos domingos. O número de comunhões, de 37.000, do ano de 1957, passou em 1958 a 64.000.¹³⁹

30 de dezembro de 1959

O povo realmente procura Deus. Prova-o esse fim de ano com seu grandioso crescimento da vida religiosa paroquial. O número das comunhões, de 64.000 do ano de 1958 passou, no ano de 1959, a ser superior a 80.000.¹⁴⁰

Existem atualmente diversas imagens que dão respaldo aos dados do IBGE e ao Livro do Tombo, no entanto, aprofundar os estudos nessa direção extrapola os interesses da pesquisa em relação a essa informação. Fica o registro de que o número de habitantes, sobretudo na zona urbana, era expressivo por ocasião da criação da capela e depois Paróquia Divino Espírito Santo e que a Igreja Católica era sensível a esses dados.

Inclusive, ao elaborar seu plano urbanístico baseado em projetos arquitetônicos, cujas referências eram as cidades-jardim já presentes na Europa, a CMNP o fez pensando não somente em lotear e comercializar terrenos em áreas urbanas e rurais. Havia também o interesse

¹³⁸ PARÓQUIAS..., op. cit.

¹³⁹ LIVRO DO TOMBO da Paróquia São José 1954-1974. Paróquia São José Operário. Maringá-PR, 2019, fl. 49.

¹⁴⁰ LIVRO DO TOMBO da Paróquia São José..., op. cit., fl. 52.

em organizar o espaço de forma a introduzir um tipo de cultura urbanística considerada racional, quando observada sua finalidade, que era a de atender à dinâmica da sociedade capitalista.

Mesmo sem jamais ter estado em solo maringense, Jorge Vieira de Macedo projetou a cidade considerando áreas voltadas para as elites locais e áreas destinadas às populações menos favorecidas, como a criação do bairro Vila Operária, cuja denominação enseja seus fins. Esse modelo está de acordo com a introdução de uma cultura urbanística racional baseada em experiências com cidades-jardim criadas na Inglaterra desde o século XIX.

O anteprojeto de 1945 a cidade foi planejada em zonas e núcleos sendo “três zonas residenciais (principal, popular e operária), zona comercial (dependências e armazéns da estrada de ferro) e os núcleos comerciais, todos sempre com um limite preciso, neste caso, uma avenida ou bosque”.¹⁴¹ Dessa forma, todas as zonas ou bairros teriam um centro secundário, constituído de espaço livre público cercado por edifícios comerciais.

Na organização espacial proposta no anteprojeto, portanto, o desenho arquitetônico da cidade foi demarcado por estrutura polinuclear e hierarquizada e se tornou motivo de marginalização social, segundo Aníbal Bianchini da Rocha:

Desde o início (que), o projeto de Vieira previu a segregação habitacional ao longo de Maringá. Criaram-se regiões residenciais mais próximas ao centro (Zonas 1 e 2) e áreas populares à margem da zona industrial (Zona 3, Vila Operária). Com o passar dos anos, essa divisão se acentuou e abriu lacunas para a instalação de problemas sociais. Como as favelas, por exemplo.¹⁴²

Rosana Steinke¹⁴³ também destaca o caráter segregador da constituição espacial municipal ao especificar zonas residenciais nobres e zonas populares. O zelo para com a “qualidade ambiental e a harmonia estética associadas a uma infraestrutura para servir aos seus habitantes e a presença da localização de vários equipamentos urbanos (praças, parques, escolas) pulverizados pela malha urbana”¹⁴⁴ tinham por objetivo facilitar o acesso dos moradores a esses espaços, que também eram compostos por hospitais, configurando-se, dessa forma, em subúrbios autossuficientes que dispensavam, muitas vezes, incursões à zona central por parte do morador operário. A historiadora não menciona os espaços destinados a igrejas no

¹⁴¹ BOVO, Marcos Clair. Áreas verdes urbanas, imagem e uso: um estudo geográfico sobre a cidade de Maringá-PR. 324 f. 2009. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciência e Tecnologia de Presidente Prudente – UNESP. Presidente Prudente-SP, 2009, p. 85.

¹⁴² ROCHA, Aníbal Bianchini da. Raízes de nossa história: o conceito de cidade-jardim implantado em Maringá. **Revista do Instituto da Árvore**. Maringá, 2011. (Revista pedagógica), p. 21.

¹⁴³ STEINKE, Rosana. **Ruas curvas, ruas retas: a trajetória do urbanista Jorge de Macedo Vieira**. Maringá: EDUEM, 2007.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 148.

anteprojeto, mas, como visto acima, o documento contemplava locais predestinados a essas instituições demarcadas pelas já citadas cruces.

Com base nesses dados, infere-se que o traçado da malha urbana municipal maringaense estabelecia previamente para que tipo de sociedade o projeto estava sendo realizado. Ou seja, uma sociedade na qual cada grupo possuía seu nicho espacial e cultural e que demarcava os setores centrais para a população de mais posses, reservando a periferia para os menos abastados.

Os espaços destinados às construções católicas, especialmente às igrejas fora da zona central urbana no período, ao atenderem à demanda populacional em expansão, colaboraram com a dinâmica social e cultural proposta pela CMNP. Esta, ao mesmo tempo em que oportunizava o acesso facilitado da população ao consumo das instituições como escolas, hospitais e parques, promovia o distanciamento entre a elite e a população menos favorecida.

Pelo traçado proposto, o Anteprojeto visava manter sob controle a forma de disciplinarização social por meio da organização do espaço e dos dogmas católicos desde que optou por não mais produzir algodão em longa escala para investir na epopeia capitalista. Essa ação transformou a região norte paranaense, outrora coberta por densa mata atlântica e parcamente habitada por posseiros e indígenas, em uma extensa malha formada por municípios, distritos e patrimônios com estruturas comuns a esses aglomerados humanos.

É nessa dinâmica de concretização do proposto no Anteprojeto e em atendimento à demanda populacional – oriunda de uma zona periférica naquele período – que é realizada, em cinco de julho de 1964, uma missa em solenidade ao início da construção da Igreja do Divino Espírito Santo, celebrada por Dom Jaime Luiz Coelho.

Registradas em ata, as palavras do bispo foram no sentido de exortar os fiéis a “colaborarem corajosamente na construção desta Igreja que será um monumento desta praça, Gomes Carneiro, na cidade de Maringá”.¹⁴⁵ Embora o terreno tenha sido doado pela CMNP, a construção da capela e posteriormente da Igreja necessitou do apoio dos paroquianos.

No site da Paróquia Divino Espírito Santo uma fotografia registra, simultaneamente, o salão em madeira, onde eram realizadas as liturgias até 1974, e o prédio em alvenaria em forma de heptágono existente até hoje no local. Construção que se iniciou exatamente naquele ano, segundo o histórico presente no site.¹⁴⁶

¹⁴⁵ ACERVO DA PARÓQUIA DIVINO ESPÍRITO SANTO (APDES), 2018.

¹⁴⁶ HISTÓRICO DA PARÓQUIA Divino Espírito Santo. Disponível em < <http://paroquiadivino.com.br/historia>>. Acesso em: 17 set. 2018.

FIGURA 11 - Ata de Solenidade: Benção das obras iniciais da Igreja Divino Espírito Santo, 05 julho de 1964.

Aos cinco dias do mês de julho de um mil novecentos e sessenta e quatro, nesta praça Gomes Carneiro, na avenida Pedro Taques - nesta cidade de Maringá, no Estado do Paraná, deu-se início às obras da Igreja do Divino Espírito Santo. Nesta ocasião ocupa o Romano Pontificado da Igreja Católica Sua Santidade o Papa Paulo VI, sendo Bispo da diocese de Maringá Sua Excia. Revma. Dom Jaime Luis Coelho que oficiou a Santa Missa e procedeu a benção das obras da sobredita Igreja, sendo Cura da Catedral Nossa Senhora da Glória o Reverendo Senhor Cônego Benedito Vieira Telles, sendo pároco da Igreja de São José, à cujo território pertence a nova Igreja, e padre Francisco Boesing S.J. tendo como vigários cooperadores os padres Bruno Metzger S.J., Ervino Schmitt S.J., Osvaldo Rambo S.J. e Helmuth Kaiser S.J..

Dirige os destinos do Brasil como presidente, o Exmo. Senhor Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e vice presidente o Exmo. Senhor José Maria Alkmin, sendo governador do Estado do Paraná o Exmo. Senhor Ney Amintas de Barros Braga e vice governador o Exmo. Senhor Afonso de Camargo.

Dirige o Município de Maringá como prefeito o Exmo. Senhor Dr. João Paulino Vieira Filho, sendo vice prefeito o Exmo. Senhor Dr. Mário Clapier Urbinatti, sendo presidente da Câmara de Vereadores o Exmo. Senhor Dr. Jorge Satto e sendo Delegado de Polícia o Exmo. Senhor Coronel Haroldo Cordeiro.

A comissão construtora nomeada pelo Exmo. Senhor Bispo, consta dos seguintes Senhores:- Osvaldo Pauli - presidente, Angelo Forlin vice presidente, Otele Calestini - tesoureiro, Mário Medeiros de Carvalho - secretário, André Zúia, Leon Zeuber, Alceu Brugnoli, Henrique Perina, Geraldo Bach, Luis Agostinho, Natal Benatto e Mario Bianchi.

As Nove horas Sua Excia. Revma. Dom Jaime Luis Coelho celebrou a Santa Missa e dirigiu a palavra aos presentes exortando-os a colaborar corajosamente na construção desta Igreja que será um Monumento de fé e ao mesmo tempo será um belo ornamento desta praça Gomes Carneiro na Cidade de Maringá.

Encerradas as solenidades constantes do programa Sua Excia. Revma. o Bispo Diocesano assinou a ata lavrada por mim Leedy Castelaní da Silva secretário ad - hoc.

Maringá, 5 de julho de 1964.

+ Jaime Luis Coelho, Bispo Diocesano de Maringá
 Sebastião Churruarín - Superintendente Regional de Ensino
 Wladimir Klein, Secretário -
 Leedy Castelaní

O formato em heptágono é uma referência aos sete dons do Espírito Santo, patrono da paróquia. Não há registros sobre quem foi o responsável por sugerir esse formato, informa o diácono A. J. F.¹⁴⁷, acrescentando que quem quer que tenha sido,

Ele foi muito feliz em escolher o heptágono. Porque o Espírito Santo ele tem os sete dons então, se você prestar atenção, todo o mobiliário litúrgico: o Altar, ambão, sede... tudo parte a partir do heptágono. Então foi muito feliz e propiciou para que a gente também pudesse trabalhar a parte artística nisso. Mas, eu não sei te dizer que foi o arquiteto que fez a igreja.

Quanto à criação da capela que antecede o prédio em heptágono, as datas são imprecisas. Em visita pastoral à Igreja São José, Dom Jaime anota no Livro do Tombo que no dia 24 de julho de 1965 foram realizadas 925 crismas, sendo três delas de pessoas que pertenciam à capela do Divino Espírito Santo.¹⁴⁸ Mas, como registrado no mesmo documento pelo bispo, em “julho de 1967, no dia nove deste mês, às nove horas foi inaugurada a nova igreja da Vila Sete, capela pertencente à Paróquia São José, dedicada ao Divino Espírito Santo”.¹⁴⁹

Dado o conflito entre as anotações de Dom Jaime, resta considerar que em algum momento entre a concessão do Alvará de Licença de 1964 e a data de instituição da paróquia, em 18 de dezembro de 1969, foi erigido, na praça Gomes Carneiro, um salão de madeira que atendia como capela e que estava sob a tutela da Paróquia São José Operário.

A criação da capela, e depois da paróquia, cumpriu seu papel em atender às necessidades espirituais de moradores que já viviam na vasta área atendida pela igreja São José e os novos munícipes que chegavam cada dia mais à zona urbana, sobretudo a partir dos anos 1970. Ocasão em que o êxodo rural assumiu proporções inesperadas para a época.

¹⁴⁷ No ano de 2018, a Igreja Divino Espírito Santo estava passando por uma segunda reforma significativa levada a cabo a partir do projeto criado e executado pelo hoje artista plástico e também diácono A. J. F. (42 anos), em parceria com o já citado Monsenhor Júlio Antônio da Silva Foram feitas mudanças nos projetos elétricos, arquitetônicos e artísticos. Ao se referir ao formato do altar, ambão e sede em heptágono A. informa que, originalmente, o padrão desse mobiliário era retangular, sendo que as mudanças aconteceram, sobretudo em relação ao altar, porque este era oco, o que seria inadequado para esse móvel, uma vez que “como o altar representa o Cristo, ele não pode ser frágil, necessita ser maciço como o é o atual em forma de heptágono. Foi lapidado a partir de uma única peça de granito”. O senhor Júlio Antônio da Silva me recebeu na secretaria da Paróquia Divino Espírito Santo e sua entrevista teve duração de 64 minutos. Além de diácono, A. foi o artista plástico responsável pelo design e simbologia da arte que hoje recobre as paredes da igreja, um trabalho cuja produção intelectual, simbólica e física certamente demanda uma pesquisa à parte dentro dos estudos que versam sobre a arte sacra na diocese.

¹⁴⁸ LIVRO DO TOMBO da Paróquia São José..., op. cit., fl. 86.

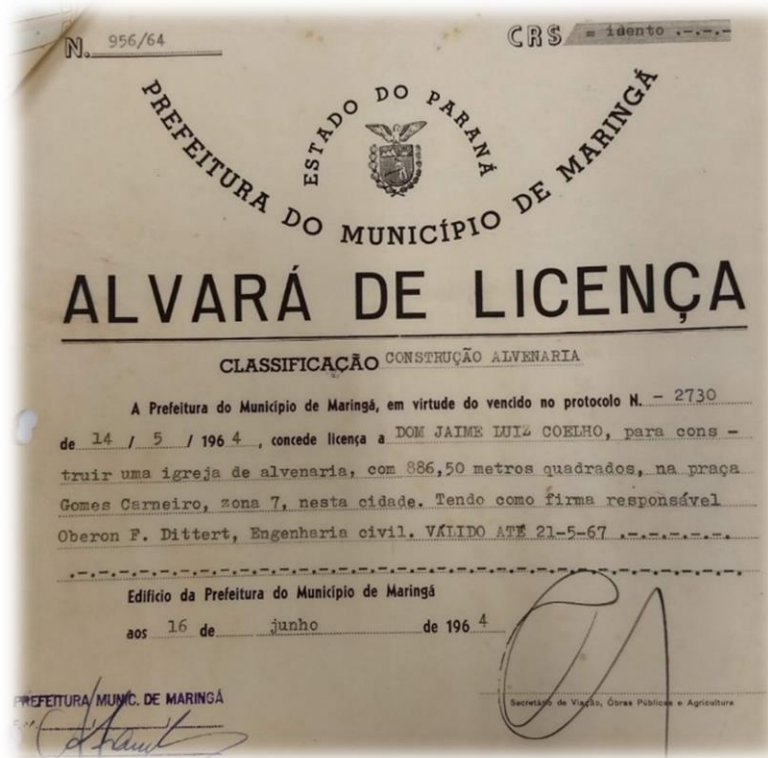
¹⁴⁹ Ibidem, 68.

FIGURA 12 - Presença simultânea do capela-igreja em madeira e da igreja em forma de heptágono, 1974(?).



FONTE: HISTÓRICO DA PARÓQUIA DIVINO ESPÍRITO SANTO, 2018.

FIGURA 13 - Alvará de Licença para a construção da primeira Igreja na Praça Gomes Carneiro, 1964.



FONTE: PARÓQUIA DIVINO ESPÍRITO SANTO, 2018.

Argumento corroborado pelo relato do atual pároco da Igreja Divino Espírito Santo o Monsenhor Júlio:

(...) basicamente a paróquia Divino Espírito Santo nasce, ou se fortalece, ela é de 1969. [...] era levada a partir das necessidades econômicas e sociais do povo e uma concepção de igreja muito ligada à concepção da fé e vida, ou a fé e as necessidades existenciais do povo, sobretudo desse povo pobre que chegava da zona rural e que não tinha onde cair morto! Então esse é um elemento importante para dizer também sobre a paróquia Divino Espírito Santo.

Na ata que registra a missa e a bênção, Dom Jaime registra também o desmembramento ocorrido em dezembro de 1969. Ato que parece ter sido delineado quatro anos antes, quando foi criada a Igreja Divino Espírito Santo – uma comunidade sob a supervisão da Paróquia São José Operário. Esta que, por sua vez, teria sido criada em 14 de agosto de 1954 por D. Geraldo de Proença Sigaud, Bispo de Jacarezinho, desmembrando-a da Paróquia Nossa Senhora da Glória de Maringá.¹⁵⁰

2.5 RETORNO A MARINGÁ

Entre 1968 e 1969, o padre Bernardo esteve à frente da Paróquia de Santa Isabel do Ivaí, quando esta fazia parte da diocese de Maringá. Não foram encontrados documentos escritos que versem sobre os dezoito meses vividos por ele naquela paróquia. No entanto, parte dessa lacuna pode ser preenchida pela narrativa da Ir. S. C.¹⁵¹, religiosa hoje com 85 anos de idade e que conviveu com o padre naquele período.

Conta que conviveu com o padre quando ambos eram muito jovens: ela com 32 anos e ele com 28 anos. Segundo seu relato, o padre era muito bonito e assediado e por isso preferia não receber visitas femininas em sua casa. Para ela, esse fato o tornava uma pessoa prudente,

¹⁵⁰ VILAOPERÁRIA.COM.... op. cit.

¹⁵¹ Irmã S. C. são as iniciais do “nome religioso” da religiosa que em verdade se chama H. C. S. Segundo ela, seu nome civil não foi mais usado após ter feito os votos. No dia da entrevista, a irmã S. não revelou seu nome civil. Quem o fez foi sua superiora na Comunidade em que ela se encontra alojada atualmente. Segundo a Madre Superiora, em documentos devem ser usados o nome civil e, por esse motivo, ela me informou o nome da “Irmã S.”. Natural de Recife, Pernambuco irmã S. trabalhou com o padre Bernardo assim que ele foi designado para a Paróquia de Santa Isabel do Ivaí. Falante e desenvolta, a irmã me recebeu na varanda da casa que dividia com outras religiosas do Colégio São Francisco em Mandaguaçu-PR. Sua entrevista teve duração de 65 minutos e versou tanto sobre seu trabalho quanto sobre o tempo em que foi sacristã a serviço do padre. Esse período teria durado aproximadamente um ano, entre 1967 e 1968. Na data da entrevista, a irmã S. já não lecionava e era responsável pelo cuidado de duas outras religiosas cuja idade e saúde demandavam cuidado especial. Atualmente, aos 85 anos, ela mora em Fortaleza na Comunidade Santa Cecília e está sob os cuidados de religiosas do local.

tendo inclusive colocado na porta de sua casa uma placa com os dizeres: “Atendimento só da porta para fora”.

Ele era muito bonito, um galã. Sabe como essas mulheres sem juízo são. Ele era prudente. Se resguardava, eu achava isso bonito nele. Ele era prudente. Eu acho engraçado, o padre daqui é todo “alvoroadinho”. Ele não, ele era todo sério, mas, também, acabando de chegar da Europa! Na Europa as coisas são diferentes daqui.

Simpática e bastante desenvolta, a irmã lembra que o padre tinha bastantes dificuldades com a língua portuguesa e que por diversas vezes precisou corrigi-lo para evitar que cometesse gafes, o que, conta ela em meio a risos, acontecia com frequência!

Ele rezava engraçado. Eu dizia para ele: Padre, não é assim, não. E repetia para ele as palavras. E ele falava mais alto (risos). Eu me diverti muito com ele. (...) Tinha um portuguesinho fraco! Muitas palavras, ele não sabia dizer, eu me diverti muito com o padre Bernardo. Ele me dizia: Irmã, por favor me diga! Eu dizia: prepare seu sermão direito para não dizer bobagens! Ele ria para se acabar. Falava devagar, arrastado, justamente para não sair da linha o discurso.

A língua parece não ter sido o único empecilho vivenciado por ambos e por outras religiosas que atuavam na paróquia de Santa Isabel do Ivaí. A casa paroquial, por exemplo, era pequena e não comportava uma secretaria, por isso o atendimento na residência do pároco. Além disso, a igreja necessitava da ajuda da comunidade, caso resolvesse realizar alguma decoração no local para celebrar um casamento por exemplo. Ocasões estas em que o padre aparecia:

Quando dava cinco e pouco lá vinha ele, todo banhado, perfumado, assoviando. Ser pároco assim é muito bom, né? Chegar e ter tudo pronto! Dava risada, ia arrumar um pouco alguma coisa que não estava do gosto dele, uma vez ele mudou os castiçais. Ele era muito cuidadoso, muito zeloso principalmente para homens. Ele era muito cuidadoso, muito zeloso. Gostava das coisas muito arrumadas. Eu trabalhei um ano para ele, batizados, catequese nas capelas. Tinha várias capelas. No domingo à tarde, a gente ia lá nas capelas dar catequese, fazer reunião com as Filhas de Maria, os marianos, apostolado da oração, tudo isso no domingo à tarde, criatura! Nós saíamos antes das duas e chegávamos oito da noite!

Em meio a risos e causos, a dinâmica dos primeiros anos de trabalho do sacerdote vai sendo narrada pela Irmã S. e revela que havia muito trabalho a ser feito tanto por ele quanto pelas religiosas que o auxiliavam. Enquanto ela e o padre atendiam a uma capela, outras religiosas atendiam a outras, sempre nos finais de semana. Noutros momentos, enquanto o padre Bernardo atendia confissões, cabia a ela realizar os trabalhos de “catequese para as crianças, reunião para as Filhas de Maria, reunião para os marianos. Era muito serviço”, finaliza.

Tudo isso, no entanto, se encerra para ela em poucos meses, quando foi transferida para Recife, enquanto para o padre, o trabalho em Santa Isabel do Ivaí terminaria em fins de 1969.

Paranavaí tornou-se sede episcopal e o município ficou sob sua jurisdição, levando-o a retornar para Maringá e assumir a direção da Paróquia Divino Espírito Santo.

Sobre os primeiros anos da Paróquia Divino Espírito Santo, afortunadamente, foram encontradas nos Livros do Tombo da Paróquia São José Operário referências acerca da data da criação da Divino, inclusive, de forma bastante inusitada. Mesmo tendo sido a primeira das capelas a ser desmembrada da Paróquia São José em 18 de dezembro de 1969, tal fato só foi inserido no Livro do Tombo da São José nove anos depois da instalação. O registro se deu por ocasião da visita pastoral de Dom Jaime em 1978, quando o prelado anotou a criação da Divino em seu relatório intitulado “Repassando uma lacuna”¹⁵². Era uma referência à ausência daquela informação.

O bispo então organizou a cronologia do Livro do Tombo da São José por meio de uma anotação na lateral da página, ao lado do relatório feito pelo padre Oswaldo Rambo em dezembro de 1969. Em suas anotações, o padre Oswaldo Rambo lançou que na noite de Natal, a Paróquia Santo Antônio, assim como seu vigário, padre Avelino, foram duramente provados pelo Senhor, visto que na ocasião um incêndio “queimou a igreja totalmente”.¹⁵³

Precede essa anotação o fato de ter havido uma missa na nova matriz recém coberta, que foi celebrada por Dom Jaime. Estiveram presentes o prefeito¹⁵⁴ e outras autoridades. Após a meia-noite, seguiu-se uma confraternização na residência do bispo.

Nada, portanto, que lembre a criação da Paróquia Divino Espírito Santo acontecida dias antes daquele mesmo mês. Posteriormente, ainda em suas anotações nos Livros do Tombo da Paróquia São José por ocasião de visitas pastorais, Dom Jaime fez duras críticas aos padres que deixavam para fazer os registros no Livro do Tombo de forma apressada e, com isso, não registravam fielmente os acontecimentos e dados considerados por ele essenciais.

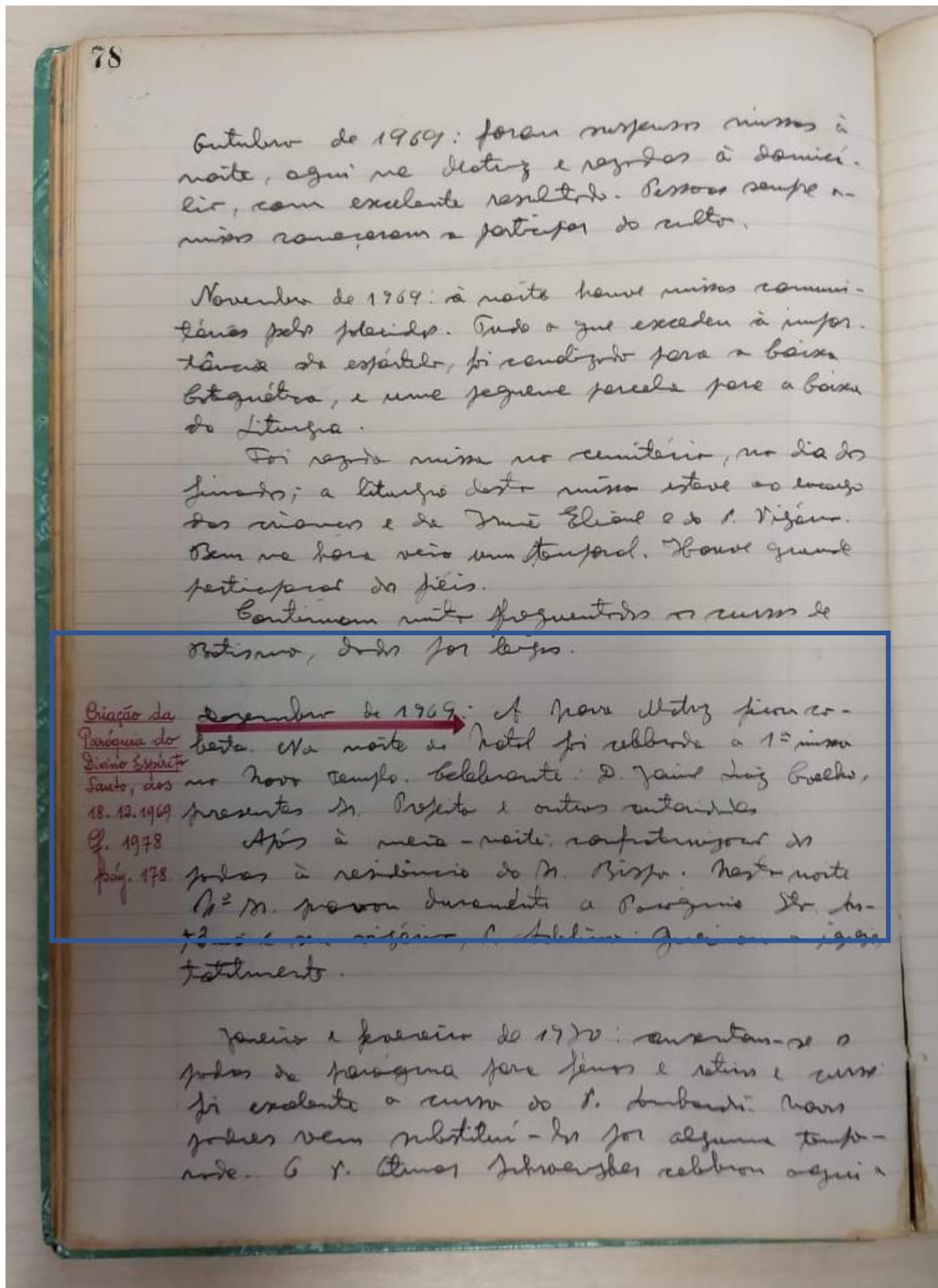
Assim como Ir. S., também F. e H. lembram fatos de ordem pessoal ocorridos com o padre em seus primeiros anos de sacerdócio, época em que havia precariedade nas instalações paroquiais. Segundo o testemunho do casal, o padre passou a receber doação de alimentos de pessoas da elite local, que o procuravam em busca de benzimentos, orações e curas para familiares e empresas, tamanha era a carência da paróquia.

¹⁵² LIVRO DO TOMBO da Paróquia São José... op. cit., fl. 178.

¹⁵³ Ibidem, fl. 77.

¹⁵⁴ O prefeito de Maringá na ocasião era Adriano José Valente, cujo mandato aconteceu entre 1º de fevereiro de 1969 e 31 de janeiro de 1973.

FIGURA 14 – “Suprindo uma lacuna”: Criação da Paróquia Divino Espírito Santo, 1969.



FONTE: LIVRO DO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO JOSÉ OPERÁRIO 1954-1974, fl. 78.

Nesse período, o padre teria morado na “sacristia” da capela-igreja e depois numa espécie de cômodos construídos no piso superior desse mesmo salão. Sobre essa situação o padre Júlio relembra que o colega Bernardo era um “espírito muito pobre, porque ele morou aqui na sacristia desta igreja porque não tinha nada, nada! Se não fosse os parentes ajudá-lo, ele ia morrer aí, às mínguas”.

Reforçam essas palavras os detalhes relatados por C. S. N. e B. N.¹⁵⁵, casal que conheceu o padre assim que este se estabeleceu na paróquia. Contam que o padre Bernardo era muito novinho e magrinho quando chegou. Disseram ainda que ele atendia em um barracão porque ainda não havia igreja no local, provavelmente o barracão ilustrado na figura 12.

Posteriormente o padre teria alugado uma casa nas imediações da igreja e finalmente construído sua própria casa lá pelos idos dos anos 1990 com auxílios oriundos dos dízimos, mas, sobretudo por meio de doações de paroquianos empresários e de recursos próprios do monsenhor recordam F. e H.

É comum a lembrança de grande parte dos entrevistados o fato do padre ter conhecido uma família órfã de pai, em Santa Isabel do Ivaí, que teria o acompanhado quando retornou a Maringá e com a qual conviveu até o momento de sua morte.¹⁵⁶

Diante dessas informações, estabeleceu-se como dado o fato de que padre Bernardo chegou e deu início à sua administração numa paróquia recém-inaugurada na data de 18 de dezembro de 1969. Ou seja, com uma estrutura física existente, mas com uma logística por ser construída e implantada.

Posteriormente, quando a coleta do dízimo foi se tornando mais expressiva, as condições financeiras, tanto da igreja quanto do padre, foram se fortalecendo, chegando a ponto de o padre adquirir alguns imóveis no município. Conta F. C. que não só o dízimo incrementava a paróquia como também doações expressivas de autoridades e da elite local, numa clara referência, segundo ele, à gratidão que esses grupos destinavam ao padre.

É sob orientação do padre Bernardo, portanto, que em julho de 1974¹⁵⁷ é iniciada a construção da atual igreja em forma de heptágono (Figura 12), ou seja, a coleta do dízimo

¹⁵⁵ O casal C. S. N. e B. N. (ambos com 81 anos de idade) cedeu suas memórias em sua própria residência no bairro Vila Sete, em Maringá. Contam eles que conheceram o padre desde a chegada deste na paróquia Divino Espírito Santo, mas o contato com ele foi mais do que a relação paroquianos/pároco. Juntos protagonizaram diversas situações tidas por eles como milagres obtidos por meio das orações e das bênçãos realizadas pelo padre Bernardo a membros da família. O casal conhece ainda diversas situações envolvendo o padre e sua prática de cura e exorcismos que, em maior ou menor medida, serão inseridos na presente narrativa.

¹⁵⁶ As tentativas de entrevistar membros da família adotada pelo padre resultaram infrutíferas, por isso me restrinjo em apenas citar o fato de que ele acolhera em sua casa e em sua vida uma família para quem ele estava cozinhando no exato momento de sua morte.

¹⁵⁷ PARÓQUIA DIVINO ESPÍRITO SANTO. Disponível em: <<http://paroquiadivino.com.br/noticias/paroquia/15-anos-sem-o-mons-bernardo-cnudde>> Acesso em: 05 set. 2017.

somada a ajuda da Cúria e doações diversas permitiram que a Paróquia Divino Espírito Santo erigisse um templo cinco anos após sua elevação, o que denota, dentre outros elementos, um aumento expressivo dos recursos financeiros paroquiais.

2.6 MONSENHOR E CIDADÃO BENEMÉRITO

No mesmo dia em que assume a administração da paróquia Divino Espírito Santo, em 18 de dezembro de 1969, o padre assume também o cargo de vigário ecônomo e, onze anos depois, em 1980, é nomeado monsenhor. Sua nomeação está condicionada não somente ao já citado fato de Maringá tornar-se arquidiocese ou aos seus predicados pessoais lembrados por ele em ocasião do discurso de posse. Mas, também, segundo ele próprio, à generosidade do bispo por ratificar a indicação do seu nome; aos pares que o elegeram e “ao bom povo desta cidade de Maringá, que tanto tem me apoiado, permitindo que eu chegasse até aqui”, ainda que outros estivessem mais qualificados para o cargo, finaliza ele.¹⁵⁸

Como monsenhor e vigário episcopal, o padre por vezes assume atribuições de bispo, como celebrar o sacramento do crisma ou assumir a administração da Cúria, sempre em parceria com outros cônegos quando aquele necessita se ausentar. Ainda no citado discurso, ele faz uma declaração acerca das atribuições do vigário episcopal, considerando que ele existe para multiplicar o bispo, e não para supri-lo.

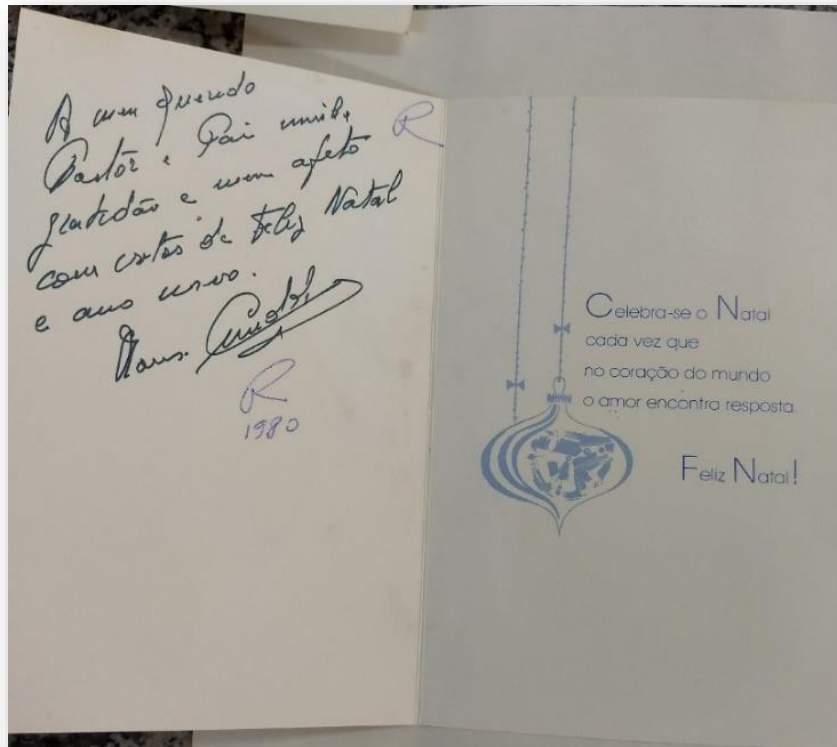
Por esse motivo, continua ele, sua responsabilidade não é descarregar ou aliviar as tarefas de seu superior, e, sim, beneficiar o povo de Deus com a presença de um vigário com o qual se pode contar mais frequência e intimidade do que aconteceria com o bispo, em uma alusão ao fato de o bispo não ser apenas para sua diocese, mas, sim, para toda a Igreja Universal. Padre Bernardo finaliza o discurso dizendo que se sente feliz em poder ajudar “o nosso querido Arcebispo (Dom Jaime), a quem todos nós, e eu em particular, tanto devemos”.¹⁵⁹

Essa é uma dentre as muitas vezes que padre Bernardo agradece ao bispo pela atenção recebida. Outras ocasiões são mensagens em cartões natalinos e postais enviados pelo monsenhor ao seu superior quando em viagens à casa de seus pais na França. Nesses documentos, é comum o padre agradecer a Dom Jaime como um filho agradece a um pai, sempre prestando contas do ocorrido na viagem e informando seu retorno às atividades.

¹⁵⁸ ACMM, 2018.

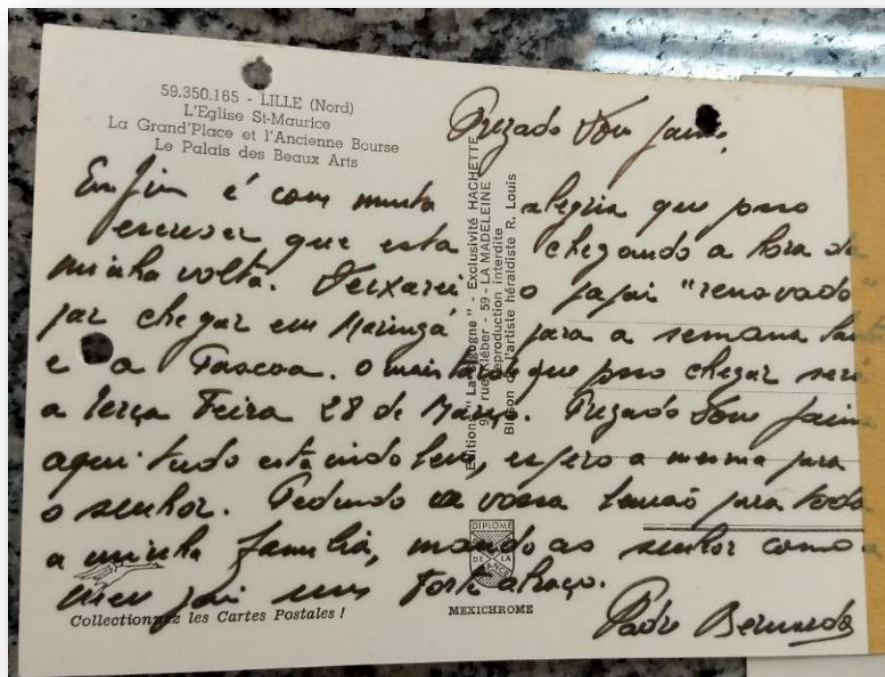
¹⁵⁹ Ibidem.

FIGURA 15 - Cartão Natalino do padre Bernardo a Dom Jaime, 1980.



FONTE: ACMM, 2018.

FIGURA 16 - Cartão Postal de Bernardo a Dom Jaime, sem data definida.



FONTE: ACMM, 2018.

O afeto filial demonstrado nos cartões revela uma intimidade entre os clérigos e também o quanto Dom Jaime assumia os requisitos considerados essenciais para um bispo. Segundo o Plano de Emergência para a Igreja Católica do Brasil de 1962:

Como pai e pastor de sua diocese, o Bispo é, antes de tudo, pastor e pai de seus colaboradores mais imediatos, daqueles que participam da própria plenitude de seu sacerdócio. Confirmar na fé e na comunhão da Igreja seus sacerdotes é, talvez sua tarefa mais importante e decisiva.¹⁶⁰

Pai e pastor, portanto, são características que se apresentam como básicas para um bispo. Posteriormente veremos que o mesmo acontece com os sacerdotes. A “representação do sacerdote como um bom pastor (ou pastor das almas) além de ser muito antiga, comportando até mesmo matrizes bíblicas do Antigo Testamento, assumiu diferentes facetas ao longo da história do catolicismo”.¹⁶¹

Entretanto, a partir do século XIX e início do XX, a Igreja Católica europeia viu na espiritualidade do bom pastor, e na representação do sacerdote como pastor de almas, um elemento eficaz para fortalecer identidades religiosas do clero e dos fiéis e, ao mesmo tempo, dar sentido à própria instituição perante a conjuntura cultural e política dos oitocentos e da primeira metade do século XX.

A espiritualidade do bom pastor emergiu de maneira mais nítida a partir da década de 1840, difundindo-se rapidamente pelas dioceses francesas. Trata-se de uma piedade sacerdotal que se desenvolveu no contexto do pós Revolução Francesa afim de reavivar o clero e os institutos religiosos envelhecidos e divididos por causa da Revolução e da restauração de 1815.¹⁶²

Dessa espiritualidade teria resultado uma representação sacerdotal mais confiante na misericórdia divina como uma transposição de uma versão mais rigorosa do prelado para uma menos temerosa. A reelaboração dessas representações objetivava, em princípio, responder às demandas postas pela Revolução Francesa e, posteriormente, “ao longo do XIX e primeira metade do XX, tais constituições simbólicas serviram como eixo para a execução dos variados processos de reforma elaborados pela Igreja Católica, inspirados nas diretrizes do pensamento teológico ultramontano”.¹⁶³

¹⁶⁰ CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. Plano de emergência para a igreja do Brasil 1963. **Cadernos da CNBB**, n. 1, 2. ed. 1963. São Paulo: Paulinas, 2004. 149 p. Disponível em: < http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183649.pdf >. Acesso em: 16 dez. 2019, p. 61.

¹⁶¹ PIRES, Tiago. *O pastor das almas: José Silvério Horta e a construção cultural de um sacerdote exemplar (1859-1933)*. 2014. 169 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2014, p. 61.

¹⁶² *Ibidem*, p. 64.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 63.

No Brasil a matriz ultramontana ganhou assento em fins do XIX e início do XX, quando a “espiritualidade do bom pastor começou a se transformar em sua versão mais flexível, mais afeita ao amor e à misericórdia divina, sem descartar, contudo, seus traços rigoristas”.¹⁶⁴

Somada à ausência de sacerdotes e a essa flexibilidade, o modelo do bom pastor tornou-se múltiplo e nem sempre assumiu sua dimensão afetuosa em terras brasileiras. Como cabia aos bispos preservar a moral e as virtudes do prelado sob sua responsabilidade, promover a obediência dos fiéis ao clero e ao papa, afastar o rebanho de outras crenças e, após 1889, fomentar a criação e manutenção de novas dioceses, os bispos brasileiros adotaram formas rigorosas de exercer sua atuação. Reconhecem-se como pastores, mas agem com rigor no intuito de dar conta dos compromissos de seu cargo, de forma que no Brasil, estabeleceu-se um modelo do bom pastor flexível que transitava entre o rígido e o ameno.¹⁶⁵

Dom Jaime pode ser compreendido como um exemplo dessa flexibilidade. Inclusive, ele costumava referir-se a si mesmo como alguém que era durão e bom ao mesmo tempo¹⁶⁶, mas o fazia considerando haver herdado de seus pais essas características.

Contudo, conhecer um pouco mais do período em que ele se formou como sacerdote e recebeu o título de bispo permite pensar que esses traços de sua personalidade podem ter sido forjados para além do círculo familiar e estarem inscritos no modelo de prelados desejado pela Cúria brasileira. Ordenado sacerdote no dia 7 de dezembro de 1941, no Seminário Central Maria Imaculada, em São Paulo; e bispo, em 1957¹⁶⁷, Dom Jaime desenvolve toda sua trajetória como clérigo dentro do contexto em que o modelo de pastor era o desejado pela Igreja Católica brasileira.

Os cartões postais, cuja correspondência foi verificada apenas de parte do padre Bernardo, mostram que em relação aos clérigos sob sua responsabilidade, o cura Jaime possuía um agir flexível, oscilando entre a rigidez e a amabilidade. E, ao utilizar esse expediente para informar suas datas de retorno das férias, padre Bernardo mostra estar ciente das responsabilidades que lhe cabem perante à Cúria local, e, portanto, junto ao seu bispo.

No ano de 1998, quando seu trabalho já era reconhecido internacionalmente, padre Bernardo recebeu a honraria de ser agraciado com o título de cidadão benemérito de Maringá. Diversos documentos registram o fato, sobretudo jornais locais que fizeram reportagens tanto

¹⁶⁴ PIRES, loc. cit.

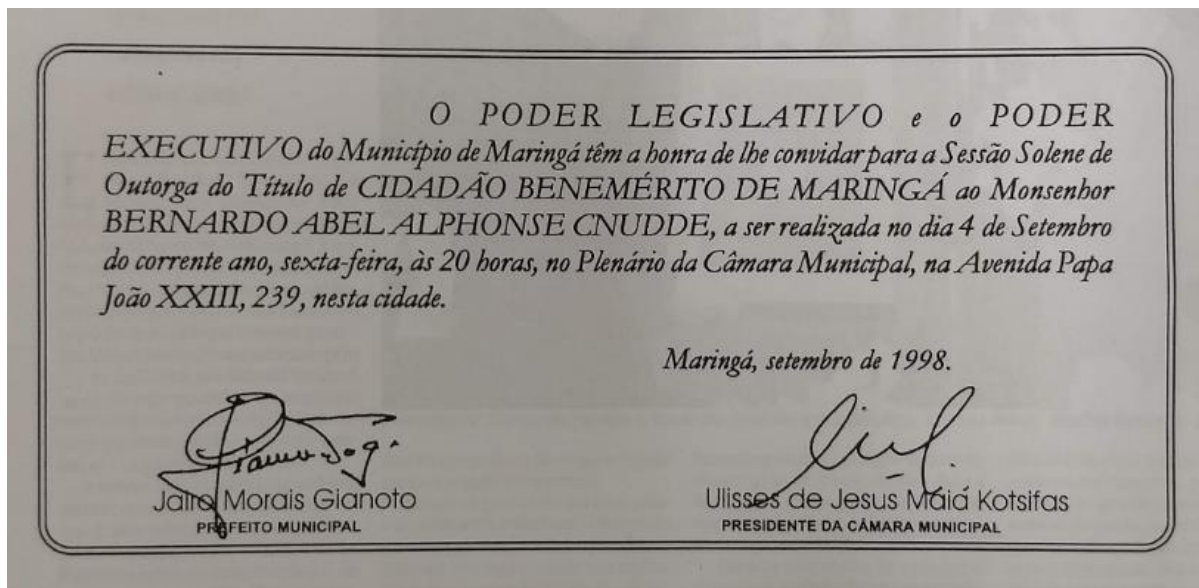
¹⁶⁵ PIRES, op. cit. p. 75.

¹⁶⁶ BARBOSA, Everton; PEÑA, Luciana. **Jaime**: uma história de fé e empreendedorismo, biografia de Dom Jaime Luiz Coelho. Maringá, PR: DNP Editora, 2011, p. 10.

¹⁶⁷ BIOGRAFIA DE DOM JAIME..., op. cit., 2013.

no dia da homenagem quanto em data posterior. São recortes jornalísticos que enfatizam instituições e pessoas que fizeram questão de homenagear o padre por ocasião do recebimento do título de Cidadão Benemérito Maringense, bem como trazem informações acerca do local, horário e motivos que levaram à escolha do padre para a recepção da honraria.

FIGURA 17 - Convite para a Sessão Solene de Outorga do Título de Cidadão Benemérito de Maringá ao Monsenhor Bernardo Abel Alphonse Cnudde, 1998.



FONTE: APDES, 2018.

FIGURA 18 - Cidadão Benemérito, 1998.



FONTE: ACMM, 2018.

FIGURA 19 - Recortes de jornais que veicularam a notícia da concessão do título de Cidadão Benemérito ao padre Bernardo Cnudde.



FONTE: ACMM, 2018.

Naquela noite do dia 9 de setembro de 1998¹⁶⁸, o monsenhor é reconhecido como Cidadão Benemérito de Maringá cuja honra teria sido concedida, segundo o responsável pelo projeto, o então vereador Valdir Pignata, para “alguém que dedicou grande parte de sua vida a Maringá, à nossa gente, ao trabalho que constrói a força, o destino e a grandeza de nossa cidade”.¹⁶⁹

Assim como qualquer ser humano, o padre possui mais de uma versão, mais de uma identidade e, se acaso salta aos olhos uma em especial, de forma alguma ela é única. Sobretudo pelo fato de sua personalidade ter sido narrada por um terceiro que o conheceu ou analisada pela pesquisadora a partir das fontes arroladas e da proposta teórica adotada. Fato é, no entanto, que o padre esteve presente num período da história da Igreja Católica maringaense marcado pelo estabelecimento da instituição e que sua economia colaborou na visibilidade da instituição.

Neste tópico, as fontes citadas e a narrativa construída sobre o espaço de incardinação e desenvolvimento institucional do clérigo permitiram reconhecer mais o padre institucional que o curador, sendo estas apenas duas das facetas com as quais ele foi adjetivado nesta tese. A outra é relativa a seu caráter de *outsider* e será abordada a seguir.

¹⁶⁸ Com base na documentação pesquisada foi possível elaborar uma cronologia com eventos envolvendo o padre Bernardo. Cf. Anexo 1.

¹⁶⁹ ACMM, 2018; APDES, 2018.

3 CURADOR E *OUTSIDER*

3.1 “[...] DENTRO DO TRAVESSEIRO VOCÊS VÃO ACHAR UM AMARRIO”

Em uma manhã de domingo, a senhora C. S. N. cuidava de seus afazeres domésticos quando uma vizinha se aproximou do portão e a encontrou em prantos. Sua filha mais nova, então com oito anos de idade, estava mais uma vez extremamente debilitada. Há tempos vinha sofrendo com intensas dores abdominais e vômitos, e nem as constantes idas aos médicos e os diversos exames realizados haviam logrado sucesso em diagnosticá-la. Nem mesmo as medicações indicadas surtiam efeito, de forma que a menina seguia em meio a dores intensas e seus pais em permanente aflição.

Esse fato aconteceu pelos idos de 1973 em uma Maringá já bastante desenvolvida, mas ainda com laços estreitos com a cidade de Mandaguari, sobretudo em relação à assistência médica. Tanto que a senhora C. e seu esposo, o senhor B. N., foram até essa cidade para mais uma tentativa de cura para a filha. Inclusive aguardavam a semana seguinte para submeter a menina a mais exames na cidade vizinha, quando houve o encontro com a conhecida que acabaria por reverter totalmente a situação. Vendo o estado em que se encontravam mãe e filha, dona E., a vizinha, pede autorização para trazer o padre da paróquia, a que ambas pertenciam, para que viesse visitar a criança, pois ouvira dizer que ele benzia e curava com sucesso.

Esperançosa, a mãe aceita prontamente e a vizinha se desloca até a igreja, que fica ainda hoje a poucas quadras da casa do casal, e volta com o sacerdote. Os relatos informam que após se inteirar do caso, ele se dirigiu ao quarto onde estava a criança e, de joelhos ao lado da cama, passou a fazer orações em língua nem sempre compreensível enquanto impunha as mãos sobre a menina. Findo o ritual, o padre se voltou para dona C. e perguntou se a menina estava tomando alguma medicação. Após o assentimento, sentenciou:

Pega todos esses remédios e joga fora, eu quero essa menina sem. O que ela tem não é nada de remédio. Vai só judiar dela. Quem fez, fez para a família, mas ela é a mais fraca, pegou nela. Pegou nela. Vocês têm travesseiro de pena em casa? Põe um pano no chão e abre tudo que dentro do travesseiro vocês vão achar um amarrio. Um pacote de linha com muitas cores amarradas. Se vocês acharem, não joga fora! Entrega para mim que eu vou mandar de volta para quem fez, só que não comenta isso com ninguém. Com ninguém!

O padre em questão era Bernardo Abel Alfonso Cnudde. Então com 34 anos de idade, ele protagoniza o fato que ficou registrado na memória da família da menina como um milagre

de cura ocorrido por meio das orações, bênçãos e determinações ao pedir que lancem fora o “amarrio” e junto com ele a maldição da qual o objeto era detentor.

O pai de L. N., a menina adoentada, relembra o alívio que sentiu quando, ao chegar em casa no final do dia de trabalho como motorista de ônibus, encontrou a filha às voltas com um suculento prato de macarronada. A partir dessa data, a criança não apresentou quaisquer vestígios da doença que há tempos a acometia.

O caso citado é apenas um dos muitos relatos de cura atribuídos ao padre cuja riqueza de dados mostra detalhes da prática que o tornou conhecido internacionalmente. São narrativas de fenômenos da ordem do sobrenatural extremamente contagiantes e sedutores protagonizados pelo monsenhor. Afinal, como questiona Verena Alberti “o que faz um pesquisador procurar um indivíduo que tenha sido ator ou testemunha de determinado acontecimento ou conjuntura para fazer dele um entrevistado?”¹⁷⁰ e, ato contínuo, ela mesma responde: “Com certeza a busca de alguma informação e de algum conhecimento que aquele indivíduo detém, e que o próprio pesquisador – mesmo muito bem informado e preparado – não detém,”¹⁷¹ o que não isenta o pesquisador de processar a fonte, finaliza a autora.

Entre o universo potencial de informações presentes nas memórias daqueles que conheceram efetivamente o padre e as intensões da pesquisa formou-se o que Alessandro Portelli denominou como um discurso dialógico no qual se entrelaçam o entrevistador, o entrevistado e o produto de ambos.¹⁷² Assim, o documento oral extrapola o simples relato de experiências e torna-se o resultado de um produto mediado pelo encontro entre o entrevistador, que ouve e o entrevistado, que conta.

Ainda que dialógico, fato é que aquele que conta tem por condicionamento ter sido escolhido como representante de determinada memória. Diante dessa escolha e dos interesses do pesquisador, o discurso do narrador sofre inferências no sentido de atender a essas duas demandas, isto é, dar respaldo ao seu protagonismo diante do fato em questão e ser útil ao pesquisador.

Por isso a memória oriunda dos documentos orais, longe de ser um armazém de dados, “é um trabalho constante de busca de sentido, que filtra os vestígios da experiência, entregando ao esquecimento aquilo que já não tem significado na atualidade – mas também aquilo que tem

¹⁷⁰ ALBERTI, op. cit. p. 23.

¹⁷¹ ALBERTI, loc. cit.

¹⁷² PORTELLI, Alessandro. **História oral como gênero**. Projeto História, São Paulo, n. 22. jan. 2001a. p. 10.

significado demais”.¹⁷³ E nesse jogo de lembranças, esquecimentos e produções de sentido, a narrativa sobre a prática do monsenhor foi sendo construída paralelamente ao processo de elaboração de memórias que buscavam dar conta do tema central das entrevistas acerca das representações que os contadores fazem do padre Bernardo.

A partir da riqueza dos documentos orais e do fato de o padre ser um personagem sempre lembrado na comunidade, este tópico discute a forma como ele construiu sua prática, articulando elementos de sua vida pessoal, de sua formação religiosa e do período em que exerceu seu sacerdócio no Brasil. Momento esse em que as recomendações do Vaticano II acerca do papel e das atribuições consideradas essenciais para a formação de sacerdotes-pastores pautavam-se sobre a habilidade para lidar com a sociedade moderna e com os indivíduos que buscavam cada vez mais viver uma religiosidade particularizada e distante das instituições.

Nessa perspectiva, o tópico apresenta ainda o conceito de indivíduo autônomo como identificador do perfil daqueles que procuravam o monsenhor para que ele intercedesse por graças e supressões de aflições físicas, emocionais e sociais. Ao tomar para si parte da carga desses dissabores, o monsenhor tornou-se um porto seguro à medida que assumiu uma postura de autoridade capaz de contribuir para amenizar situações dessa natureza.

Conceituá-lo como curador e *outsider*, portanto, pressupõe pensar sua prática, ou sua economia, como desviante haja vista a direção rumo a uma dinâmica de atendimento massivo e a rituais nem sempre inscritos no cânon católico. Por esse motivo, priorizou-se a articulação entre estudos que privilegiam os processos de formação e estabelecimentos de pessoas denominadas curadoras e pesquisas que buscam compreender indivíduos com comportamentos desviantes ou *outsiders*.

Dessa análise resultou que o padre se encontrava em um momento de inflexão, vivido por sua instituição de pertencimento, o qual lhe permitiu dar vida ao seu modelo particular de atuação. Essa particularidade reside no destaque dado à dinâmica de atendimentos, a fim de torná-los mais eficazes, marcada por seu carisma pessoal e pela utilização de conhecimentos religiosos nem sempre presentes no campo do catolicismo.

Dada a possibilidade – não muito ampla – de personalizar sua pastoral, aventa-se a hipótese de que o padre taticamente utilizou esse expediente para estabelecer um tipo específico de prática sem perder de vista sua formação primeira no seminário Saint-Jacques, bem como as

¹⁷³ PORTELLI, op. cit., 2001a, p. 47.

orientações do Concílio Vaticano II introduzidas pela cúria local, principalmente a partir do Plano de Emergência de 1962, documento que disciplinou normas para formação sacerdotal e viabilizou outras providências.

A economia personalizada e a eficácia atribuída aos atendimentos por testemunhos permitiram identificar a conduta do monsenhor a partir do referencial dado por Csordas. De acordo com o autor, denomina-se *performance* a configuração de uma prática de cura religiosa ou processo terapêutico eficaz e altamente persuasivo.¹⁷⁴ Tal identificação se baseia no fato de que as ações ritualísticas de cura necessitam ser compreendidas a partir de uma subdivisão em três elementos que envolvem desde o destinatário da recepção das benesses, as técnicas utilizadas e, por fim, a eficácia do rito.¹⁷⁵

A prática religiosa, enquanto processo terapêutico, desdobra-se a partir de três domínios que são: o procedimento (quem fez o que a quem), o processo (natureza da experiência com o sagrado) e a conclusão (satisfação por parte dos participantes em relação à cura).¹⁷⁶ A *performance* se configuraria a partir da somatória desses três elementos.

A economia do monsenhor também foi analisada a partir do conceito de *tática* na acepção desenvolvida por Michel de Certeau. Utilizado como referência para a forma com que o padre administrou seus atendimentos, o conceito de *tática*, por um lado, acusa a existência de uma rede de vigilância que objetiva disciplinar os grupos sociais por meio de estratégias e, por outro, afirma que há os consumidores a quem as estratégias disciplinares se destinam.

Por vezes, os consumidores mostram-se capazes de uma criatividade antidisciplinar que age no sentido de não adequação às estratégias impostas. Essa não adequação foi denominada por Certeau como *táticas* e descrita como procedimentos minúsculos, cotidianos e constantemente atualizados em busca de possibilidades de ganho por parte desses mesmos consumidores.¹⁷⁷

A pastoral do monsenhor foi pensada ainda tendo em vista a busca por minimizar situações em que a dor e o sofrimento impediam aqueles que o procuravam de viver na plenitude do corpo são. Nesse sentido, foram analisados como indivíduos providos de autonomia no que se refere ao desejo de reduzir as aflições do dia a dia.

A pretensão ao descrever as narrativas dos entrevistados acerca das capacidades do padre é uma tentativa de explicitar os motivos pelos quais ele foi denominado curador e

¹⁷⁴ CSORDAS, Thomas J. **Corpo, Significado, Cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 17.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 31.

¹⁷⁶ CSORDAS, loc. cit., p. 31.

¹⁷⁷ CERTEAU, op. cit., 2014, p. 40.

outsider. Iniciemos a trajetória dos relatos pelas diversas representações que as testemunhas fazem dele.

3.2 “QUEM FOI O PADRE BERNARDO PARA VOCÊ?”

Retecer trajetórias de personagens ordinários ou extraordinários e seus atos é um trabalho caprichoso, que traduz atuações passadas para que possam ser compreendidas no presente.¹⁷⁸ É de reconhecimento que ao iniciar a pesquisa sobre o padre em 2016, houve a inserção em uma espécie de devoção que vinha se desenvolvendo desde sua morte no ano 2000. A aproximação com aqueles e aquelas que o conheceram tensionava buscar em seus relatos as sensibilidades que, como operações imaginárias e “representações do mundo, conseguem tornar presente uma ausência e produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecido”.¹⁷⁹

É sabido que não é possível reconstruir a realidade em todas as suas tonalidades, e que o trabalho com a memória sempre opera por exclusões demarcadas, quer seja pelo projeto elaborado, quer seja pelo período estipulado ou pelo fato de que o narrador também escolhe e seleciona quais de suas lembranças serão compartilhadas.

Consideradas essas condições, optou-se por construir um corpus documental oral para além dos muros da Igreja Católica, que fosse ao encontro de pessoas com perfis diferenciados, com a finalidade de conhecer o padre, visto que ele era alguém que transitava em vários espaços. Essa opção parte da tentativa de reconstruir, ainda que parcialmente, a trajetória institucional e religiosa do padre, dada a sua relevância para a comunidade local. Isso porque, acredita-se ser melhor que a história do monsenhor Bernardo nos chegue por meio de terceiros e aos pedaços do que se perder ao final de uma geração¹⁸⁰. Adotar como balizas cronológicas os anos compreendidos entre 1969 e 2000 foi, nesse sentido, eleger abordar o período de maior incidência e visibilidade de seu exercício.

O corpus documental foi então constituído numa somatória de entrevistas com ex-paroquianos católico, ex-paroquianos católicos carismáticos, dois clérigos, uma religiosa, dois

¹⁷⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Na contramão da vida: razões e sensibilidades dos filhos malditos de Deus (Antonio Rasgado, Benjamim o degolador, João Frágoso). In: ERTZOGUE, M. H.; PARENTE, T. G. **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 162.

¹⁷⁹ PESAVENTO; LANGUE, op. cit., p. 14.

¹⁸⁰ ALBERTI, op. cit., p. 69.

praticantes da religião espírita e católicos de paróquias distintas. A maioria dos testemunhos está ligada ao universo católico, como se pode constatar, porém isso não foi uma escolha.

Pessoas de outras denominações religiosas foram convidadas para narrar suas experiências com o padre e preferiram se resguardar por motivos não explicitados ou apenas informando que familiares preferiam que não falassem sobre “esses assuntos”. Essa última escusa foi feita por uma ex-paroquiana da igreja Divino Espírito Santo, no dia 2 de novembro de 2017, durante trabalho de campo realizado no cemitério municipal.

Aparentando aproximadamente 65 anos de idade, ela contou que muitas vezes ajudara o padre durante as missas e que fora praticante da religião Umbanda antes de se dedicar à Igreja Católica. Baixando o tom de voz, confidenciou que durante os atendimentos, sobretudo nos identificados como possessão, havia um certo tipo de entendimento entre ambos que permitia o reconhecimento sobre o que estava acontecendo naqueles casos. Nessas ocasiões o padre dizia: “Você é mãe de santo!”, ao que ela respondia: “E o senhor é pai de santo!”. Ao ouvir a réplica, ele ria, finaliza ela. Ou seja, não assentia, mas também não negava ser identificado como um sacerdote das religiões afro-brasileiras.

O fato de existir pessoas com potencial para serem entrevistadas ligadas a outras religiões revela que ele manteve esse contato quando já era pároco da Igreja Divino Espírito Santo, e não somente em seus primeiros meses no país, a título de curiosidade ou por “estar balançado na fé”, como mencionam alguns memorialistas.

Já os que se dispuseram a colaborar com a pesquisa são pessoas que o conheceram íntima ou superficialmente. São testemunhos que partem de seus lugares sociais e demarcam, dessa forma, sua própria identidade e a identidade que remetem ao monsenhor.

Ao analisar as respostas à questão central, feita geralmente no final da entrevista quando as apreensões iniciais já haviam se dissipado, observou-se que o padre era representado nessas narrativas de diversas formas: em sua própria condição institucional – como padre e que a esta se seguia rapidamente a informação de que ele era também monsenhor –, como um pai, um cuidador, um santo, um excelente cozinheiro, um amante da pesca e do cigarro, conhecedor do vinho e da cerveja, um trabalhador de Deus, um médium, uma pessoa muito liberal, padre admirável, autêntico sacerdote, um amigo, pessoa humana extraordinária, um espírito humilde, operador de milagres, exemplo de cristão, pessoa na qual se espelhar, um padre com poucas intensões em organizar pastorais, místico, etc.

Cada uma dessas identificações está submetida ao nível de envolvimento que o entrevistado manteve com o monsenhor. Todas foram essenciais para a elaboração das representações aqui analisadas e contribuíram para compor as concepções de curador e *outsider*

atribuídas a ele pela pesquisa. Uma apropriação de sentidos e significados pessoais que se dá por meio da semelhança, de forma que é possível que “lo verossímil [...] és un *segundo grado* de la relación simbólica de semejanza. Dado que el auténtico querer-decir [...] es el querer-decir-lá-verdad, la *verdad* sería un discurso que se asemeja a lo real”.¹⁸¹

Para isso, a ativação do conceito de representações foi essencial para dar sentido ao verossímil por meio de uma imagem presente que “deixa ver um objeto ausente, uma valendo pela outra porque lhe é homóloga”.¹⁸² Assim, o padre ausente se tornou presente por meio das narrativas – e de diversas outras fontes aqui utilizadas – que permitiram a elaboração de uma representação própria, decifrando-o a partir da polissemia de representações trazidas pelos narradores.

Quando ele é definido como um santo ou bom cozinheiro é porque no registro da memória do narrador ou narradora constam situações dessa natureza ocorridas com familiares, pessoas conhecidas ou consigo próprio. O olhar perdido, o sorriso generoso, a voz embargada falam quando as palavras faltam e a emoção toma conta. Nessa hora, a pesquisadora se cala, aguarda e observa. Não sem sentido Portelli diz que a história oral é “primordialmente uma *arte da escuta*”¹⁸³, mas também a do observar se pode acrescentar. Afinal, os gestos, assim como o corpo, comunicam sentidos¹⁸⁴ que foram afetados e provocaram sensações, “ou seja, eles expressam uma atividade reativa, anterior à capacidade reflexiva e que marca uma modificação no equilíbrio entre este ser e o mundo”.¹⁸⁵ Aguardar diante do silêncio do narrador, portanto, é aguardar diante desse ajuste entre recordação e emoção, entre lembrança e o discurso, entre o que é sentido e sua expressão oral.

Ao terem a memória ativada,¹⁸⁶ uma gama de lembranças e emoções toma conta do narrador – orgulho, saudade, alegria, gratidão, confiança. Por vezes, os relatos revelam que conviver com o padre significava aventurar-se em pescarias ou em sessões de exorcismos. Embora não classificado como uma emoção, o “mistério” que paira sobre a vida do monsenhor pode ser compreendido como uma sensação que existiu e ainda existe quando ele é o assunto.

¹⁸¹ KRISTEVA, Julia. La productividad llamada texto. In: BARTHES, R. y otros. **Los verosímil**. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporaneo, 1970. p. 65 grifos da autora.

¹⁸² CHARTIER, op. cit., p. 184.

¹⁸³ PORTELLI, op. cit., 2016. p. 10 grifos do autor.

¹⁸⁴ LE BRETON, op. cit., p. 38.

¹⁸⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, S. J.; LANGUE, F. (Orgs.). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 15.

¹⁸⁶ PIETRAFESA DE GODOI, Emília. **O trabalho da memória**: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999, p. 12.

Ciente de que a “memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significados”¹⁸⁷ e que as fontes orais são fascinantes, porque “elas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam significados por meio do trabalho de memória e do filtro da linguagem”¹⁸⁸ passou-se a considerar o fato de que as narrativas sobre o padre e as representações delas resultantes se dão a partir do lugar ocupado pelo entrevistado junto a ele. Desse lugar, o narrador remete um sentido de legitimação ao relato, que se dá a partir de processos de autorização inscritos na relação entre o entrevistado e o objeto de estudo, sendo imprescindível ao historiador oral estar atento ao lugar da fala narrada.

Assim, quando D. T. L., 38 anos, médica veterinária e empresária, refere-se ao padre como pessoa capaz de operar milagres, ela não pede autorização à Igreja Católica, da qual é participante ativa, para defini-lo. A experiência de cura de sua irmã pelas mãos do monsenhor é que sustenta essa definição. O padre faz falta, completa R. S. T. L., 58 anos, empresária e mãe de D. Além de atribuir ao padre a cura da filha que sofria de problemas na garganta, R. soma aos poderes do “padre milagroso”, como ela o definiu, o fato dele ter sido incisivo ao informar que seu cunhado não iria se curar do câncer que o acometia, tendo o mesmo falecido em seguida.¹⁸⁹

Considerando a si mesma como receptora de dois milagres, ela é a menina que introduz este tópico. L. N., hoje com 55 anos,¹⁹⁰ emociona-se ao falar do monsenhor. Olhos marejados, voz embargada, empolgação, gargalhadas e um imenso orgulho se mesclam em seu relato. “Ele foi um santo”, afirma ela, utilizando termos comuns ao vocabulário da Renovação Católica Carismática como “libertação” e em “nome de Jesus”, denunciando sua escolha religiosa para se referir ao monsenhor.

Embora a maioria dos entrevistados conheça casos em que se atribuem milagres ao padre, nem sempre o termo “santo” é utilizado para se referir às situações de cura protagonizadas por ele. Mas alguns fazem questão de frisar essa condição de santidade do monsenhor, como é o caso de L. N. para quem o

¹⁸⁷ PORTELLI, op. cit., 2016, p. 18.

¹⁸⁸ PORTELLI, loc. cit.

¹⁸⁹ D. T. L., 38 anos e R. T. L., 58 anos, foram reconhecidas pela pesquisadora quando assistia ao vídeo sobre o enterro do monsenhor. Após contatos via WhatsApp, ambas confirmaram a presença no evento com mensagens escritas e áudios via aplicativo WhatsApp cuja riqueza de detalhes levou a incorporação desses testemunhos à pesquisa. Mãe e filha são católicas.

¹⁹⁰ Meu primeiro contato com L. N., 55 anos, foi por intermédio da senhora P. P. B. De sua experiência com o padre, L. N. soma em sua biografia duas situações consideradas por ela como milagrosas, uma ainda na infância e outra já adulta. Ambos os casos serão abordados em detalhes durante a narrativa que trata do padre como um curador.

Padre Bernardo foi um enviado de Deus para estar entre os seus filhos, amando, curando, libertando as pessoas em nome de Jesus! Era um verdadeiro pastor que sabia acolher, tinha um carisma que era dele e um sorriso que jamais vou esquecer. No final de cada missa, com seu olhar profundo, ele dava a bênção final olhando de um lado até o outro da igreja. Eu me sinto privilegiada pelos milagres que Deus realizou em mim através das suas orações e intercessão no céu. Palavra que o resume: "um Santo!".

Seu relato é o mais eloquente entre todas as entrevistas com relação à capacidade do padre em realizar milagres ainda em vida. Seu afeto transparece em sua postura e sorrisos e na série de “lembrancinhas” que tem guardadas em sua residência e cujas amostras abaixo são apenas uma parte do acervo.

FIGURA 20 - Santinho de luto. Padre Bernardo, 2000.

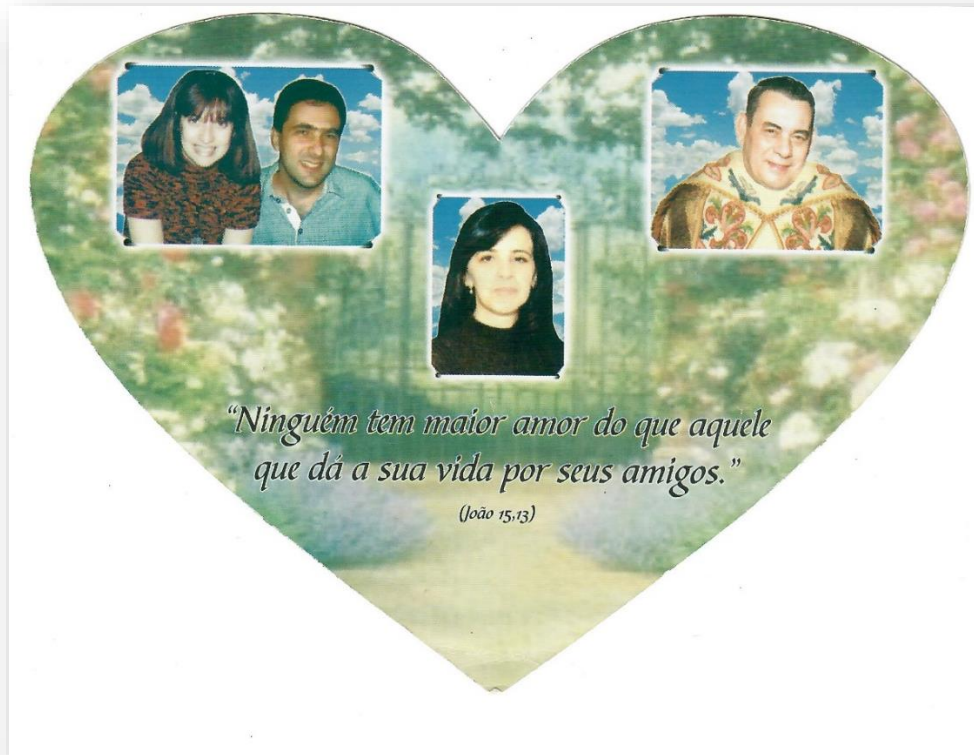


FONTE: ACERVO DE L. N., 2018.

Além dos santinhos de luto, ela guarda em seu acervo pessoal o jornal que noticiou o funeral do padre e outras lembrancinhas produzidas por ocasião de sua morte, que coincide com a morte do padre Chiquinho¹⁹¹ e de alguns membros fundadores do Grupo Carismático Filhos de Sião acolhido pelo sacerdote nos anos 1990.

¹⁹¹ O padre Chiquinho, ou Francisco Robl, faleceu no dia 04 de novembro de 2009 e foi sepultado no Cemitério Rainha da Paz e, embora seja homenageado em todas as celebrações do Grupo Filhos de Sião no cemitério municipal, seu túmulo não recebe visitas especiais nessas ocasiões.

FIGURA 21 - Lembrança de aniversário dos 25 anos do Grupo Filhos de São, 2005.



FONTE: ACERVO Particular de L. N., 2018.

Católica praticante e participante do citado grupo, em sua narrativa é possível vislumbrar como ela constrói sua memória sobre o padre, enfatizando a santidade de seus atos, e a forma carinhosa e incansável de lidar com aqueles que o procuravam. Permite ainda que seja observada a relevância que as curas a ele conferidas tem para os integrantes dos grupos carismáticos.

De acordo com Csordas, os carismáticos católicos desenvolveram um sistema holístico de curas projetado a partir de uma visão tripartite de corpo, mente e espírito no que diz respeito a integrar todos os aspectos do indivíduo. A cura, portanto, se daria em três níveis inter-relacionados, sendo descritos como *cura física*, *cura interior* e *libertação*. Ao primeiro nível caberia as curas de dores corporais; perturbações e doenças emocionais fazem parte do segundo nível; enquanto que cabe à libertação eliminar os efeitos adversos oriundos de demônios e espíritos malignos.¹⁹²

Ao utilizar termos ligados a essa visão holística, L. N. elabora sua representação do padre organizada a partir de um modelo católico carismático, sendo que as palavras: “pastor, milagres realizados em nome de Deus, libertações em nome de Jesus” mostram a submissão de seu vocabulário à liturgia católica carismática e demarcam seu lugar social não só como receptora de dois milagres, mas como integrante daquele movimento.

Já os entrevistados praticantes da religião Espírita negam qualquer santidade ao padre, classificando-o como um trabalhador que cumpriu sua missão de médium e que soube administrar a capacidade de “ver” o que acontecia com aqueles a quem atendia. Característica esta que o tornava apto a agir nessas situações, tendo por diversas vezes atuado em parceria com o centro espírita em alguns procedimentos que visavam a esclarecer a mediunidade daqueles que o procuravam.

Tendo conhecido o padre de maneira bastante insólita, quando seu filho foi levado pelas religiosas do Colégio Regina Mundi para ser benzido, C. M. L. F.¹⁹³ diz que a mediunidade é

¹⁹² CSORDAS, op. cit., p. 33 grifo do autor.

¹⁹³ A senhora C. M. L. F., 60 anos, é praticante da religião Espírita e conheceu o padre primeiro tangencialmente, “de ouvir falar” que ele realizava curas. Num segundo momento, pessoalmente, quando seu filho foi levado pelas freiras/professoras do Colégio Regina Mundi para ser “benzido” pelo padre, pois a criança apresentava comportamento considerado extremamente inadequado para os padrões do colégio. Conta C. M. L. F., que insistentemente as religiosas lhe pediam que o levasse até o padre e, na ausência de uma ação de sua parte, elas acabaram por tomar a iniciativa. Ao chegar na secretaria da Paróquia Divino Espírito Santo, foi encaminhada até a sala onde a criança estava já havia um tempo. O filho se encontrava sentado sob a mesa, recusando-se a receber a benção, porque o padre tinha um cheiro muito forte de cigarro. O menino então teria dito a ele: “Olha, você vai morrer fumando desse jeito!”. O pároco comentou sobre a criança ser muito especial e que naquele momento as religiosas não estavam preparadas para alguém com aquela natureza. Pediu então ajuda à mãe para abençoar o menino, o que foi feito. Isso aconteceu meses antes do padre falecer. Posteriormente, o filho de dona C. foi diagnosticado com TDA/H – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e faz acompanhamento médico e psicológico desde então.

inerente à pessoa, que não é fácil conviver com essa sensibilidade e que por fazer o que ele fazia, é certo que desenvolveu “alguma vidência, alguma mediunidade”.

O padre nunca se intitulava como médium ou vidente, “ele era muito cuidadoso”, informa o senhor C. E. M.¹⁹⁴, 63 anos e participante do Centro Espírita Caminheiros. Nas raras vezes em que o padre Bernardo esteve no centro, ele teria confidenciado que desde criança convivia com a capacidade de ver no outro o que era ou não saudável.

Uma vez aceita essa capacidade, continua o sr. C. E., manter a prática de benzimentos era algo bom que ele fazia, “porque é uma energização”. Ainda segundo ele, o melhor tratamento era realizado quando o padre encaminhava a pessoa até o centro, local capacitado para realizar esse tipo de atendimento. Em sua condição de pároco, ele sabia não caber atendimentos diagnosticados como casos de mediunidade, por exemplo.

Uma outra maneira de o trabalhador do centro explicar o padre foi caracterizando-o como um liberal devido à forma com que respeitava todas as religiões. Inclusive, para ele, o padre era um cristão antes de ser católico e tinha muito receio em ser considerado um santo quando então dizia: “Eu sei quem eu sou. Eu tenho muito medo que as pessoas me achem o que eu não sou. E Deus sabe – ele falava isso – Deus sabe quem eu sou”.

Uma das grandes preocupações do padre, continua C. E., era não conseguir abandonar o fumo. Fato que o deixava bastante descontente consigo próprio e demonstrava o quão imerecido eram os adjetivos positivos que lhe eram imputados devido a seus atendimentos. Em momentos como esse, o padre sempre invocava a lembrança de São João Maria Vianney, o santo cura D’Ars, padroeiro dos sacerdotes, e se dizia indigno perante a toda dor, sofrimento e privações vividas pelo cura.

A entrevista concedida pelo senhor C. E., acontecida nas dependências do Centro Espírita Caminheiros, é bastante singular no universo das demais realizadas, pois apresenta um padre humanizado cujos carismas se devem ao fato de ter se aberto à mediunidade e trabalhado no sentido de desenvolvê-la e de educá-la e não somente pelo fato de ser um sacerdote.

Ele finaliza sua narrativa informando que o padre foi um dos maiores trabalhadores que Maringá já teve e que sua forma de atendimento massivo demonstra o nível de entrega a que ele se submeteu quando aceitou realizar a missão para a qual foi destinado. Sua morte prematura, ainda que agravada por questões de saúde, se deve ao fato de que ele já teria cumprido sua missão.

¹⁹⁴ C. E. M., se apresentou como um trabalhador do Centro Espírita Caminheiros, instituição que fica a menos de duas quadras da igreja Divino Espírito Santo, e narrou sua experiência com o padre em 37 minutos de entrevista.

Lida como um texto, a entrevista evidencia o lugar de fala do sr. C. E. em relação a sua religião e instituição de pertencimento, tanto quanto a representação que faz do padre a partir desse local. Nada de santo, nada de extraordinário, somente um homem que se permitiu desenvolver certas capacidades comuns a todos os seres humanos.

De acordo com Gaarder et al, “os santos são pessoas que dedicaram a vida a honrar a Deus de maneira excepcional, morrendo como mártires ou fazendo milagres”.¹⁹⁵ Monsenhor Bernardo não viveu nem morreu como mártir, mas, certamente, construiu uma memória na qual é constantemente identificado como alguém com capacidade para praticar milagres, algo que não escapou a seus pares.

Monsenhor Júlio, por exemplo, descreveu seu colega como alguém humilde que gostava de cozinhar e que o fazia com excelência.

Olha, o Bernardo (risos), primeiro eu o ensinei a falar um pouco o português! Fomos grandes amigos. Ele como pessoa humana era extraordinário. Um espírito muito pobre, ele morou aqui na sacristia desta igreja porque não tinha nada, nada! Se não fosse os parentes dele ajudá-lo, ele ia morrer aí, às mínguas. Então, eu o admirava nesse sentido. O Bernardo era também uma pessoa muito ligada à natureza, pescador, caçador. E a natureza era um pouco o respiro dele diante de tantos problemas.

No entanto, o monsenhor Júlio é reservado quanto ao fato de o colega Bernardo ser conhecido como alguém capaz de realizar curas. Recostando-se mais confortavelmente na cadeira e distanciado o olhar, junta as mãos e pronuncia que

Para os paroquianos daqui o povo endeusou demais o padre Bernardo! Muito, muito, muito! Achavam ele um santo, tanto é que há um grupo dentro da RCC que já pensou em encaminhar um pedido de beatificação dele, [...] que eles veem no Bernardo realmente um homem com potencial para tal. Temos que estudar! (risos) temos que estudar! Então, ele era um homem aberto a tudo e a todos. Ele não sabia dizer não! Que acho que o defeito dele está aí: não ter coragem de dizer não! Queria agradar a Deus e a todo mundo! E isso para mim é um dos grandes defeitos de uma pessoa, porque (risos) há certas coisas na vida que nós temos que saber dizer não!

Dom Murilo demonstra a mesma reserva que o padre Júlio ao tocar no assunto “curas”, sinalizando nessa situação que “o padre, em vida, foi conhecido por curar crianças” e que muitas mães atestariam esse fato caso fossem convocadas. Em sua entrevista, no entanto, o arcebispo diz não acreditar que ele fosse exorcista ou que tivesse autorização para tal, mas não nega que suas orações eram bastante fortes e por isso a grande procura por parte da população.¹⁹⁶

¹⁹⁵ GAARDER, Josten.; HELLERN, Victor.; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 203.

¹⁹⁶ Dom Murilo Ramos Krieger, 77 anos, atualmente é arcebispo emérito metropolitano de Salvador, na Bahia, e Primaz do Brasil. Todo o contato com Dom Murilo aconteceu via e-mail e sua entrevista é a única realizada a partir de um questionário fechado. Além de ceder a entrevista, o arcebispo disponibilizou a cópia do artigo publicado por ele no jornal “O Diário de Maringá” dias após o falecimento do Pe. Bernardo. Assim como o Mons.

A reticência dos padres em abordar o tema das curas em que o padre Bernardo aparece como protagonista é algo compreensível, tendo em vista as implicações necessárias para instituir uma santidade dentro da Igreja Católica. Não que seja necessária a autorização da Igreja para definir alguém como santo, como já mencionado. Devoções marginais, ou seja, aquelas que não necessitam da estrutura eclesial para sua existência¹⁹⁷, são uma realidade presente na religiosidade brasileira desde a chegada dos portugueses e a devoção dedicada ao padre é um exemplo dessa natureza de fenômeno.

Na memória coletiva sobre o padre, as lembranças sobre ele concordam em diversos aspectos de sua personalidade. Para Halbwachs, para que uma memória possa ser coletiva “é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias [dos outros] e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum”.¹⁹⁸ Não bastando reconstruir, pedaço a pedaço, a imagem de um passado e sim, que essa

reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.¹⁹⁹

Na base comum formada pelos memorialistas, o padre é lembrado com frequência por sua paixão pela pesca e pela culinária. P. e N. lembram como ele era rigoroso com o corte dos legumes, chamado por ele de seleta, durante os almoços ou jantares realizados na paróquia. Conta ela, em meio a risos, que ele supervisionava pessoalmente os cortes e a preparação dos alimentos, pedindo, inclusive, que o trabalho fosse feito caso não correspondesse às suas expectativas.

As lembranças do casal remontam aos cinco últimos anos de vida do padre, quando senhor N. era presidente da igreja e estava constantemente com o monsenhor. De suas

Júlio, Dom Murilo é uma figura pública citada em diversos documentos utilizados na pesquisa. Por esse motivo no relatório final seu nome foi grafado sem abreviações.

¹⁹⁷ Pereira cita ainda um terceiro modelo de devoção no qual se mesclam aspectos da devoção ‘marginal’ e das inscritas na oficialidade, ou seja, aquelas que são autorizadas pela Igreja. Esse modelo é denominado ‘devoção emergente’ e existe, por vezes, confundindo as fronteiras entre o espaço sagrado e o profano. Das devoções marginais, o modelo mantém como característica não fazer parte do calendário católico. Por outro lado, ao ser reconhecida pela Igreja Católica, a devoção emergente assume traços comuns às devoções da oficialidade. Exemplo de devoção emergente é o culto a Santo Expedito cuja devoção não tem local fixo, sendo seus santos considerados nômades e as devoções prestadas marcadas pelo aspecto itinerante. A prática de confeccionar “santinhos” e deixá-los em lugares estratégicos marca esse tipo de devoção com a característica do anonimato sem que se perca o alcance de sua propagação. PEREIRA, José Carlos. **Devoções marginais: interfaces do imaginário religioso**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2005, passim.

¹⁹⁸ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003, p. 39.

¹⁹⁹ Ibidem.

memórias, ele recorda que era comum o padre ligar em seu trabalho e pedir para que o acompanhasse em visitas no próprio município, ou fora dele, quando era chamado para realizar sessões de exorcismos.

Além desses momentos de trabalho paroquial, os casais P. e N. e F. e H. saíram de férias com o padre em diversas ocasiões, geralmente para a praia. Segundo eles, o monsenhor não os deixava arcar com nenhuma despesa, pois “teria ganho de paroquianos e pessoas conhecidas tudo o que era necessário para seu descanso”. Nessas viagens, era sempre ele quem cozinhava.

Noutros momentos, o padre é recordado como um benfeitor que saía à noite para levar comida, geralmente pães e broas feitas por ele mesmo, para pessoas em situação de rua, que recebiam ainda cobertores em dias muito frios. Eloquentes em sua entrevista, o casal tem um vasto repertório de lembranças que lhes permitiria passar horas contando situações diversas vivenciadas com o pároco e amigo. O nível de intimidade entre o padre e o casal pode ser medido não somente pela interação familiar e paroquial, mas também pelo termo de tratamento usado por eles para se referirem ao padre.

Segundo P. e M, o padre pediu que o chamassem de *parrain*, ou padrinho, em francês, quando estivessem em particular. Questionados sobre essa forma de tratamento, os ex-paroquianos explicaram que as pessoas que usavam esse termo

[...] era a senhora que trabalhava lá com ele, a sra. R., um rapaz que ele acolheu também na casa dele, o A., o chamava de “paiã”²⁰⁰; o F. e a H. que também iam para a praia junto com a gente, assim que eu sei, também chamava ele de “paiã”. Ele fazia questão que a gente o chamasse de “paiã” mesmo. Porque era assim.

Sobre sua generosidade, as palavras do casal se alinham com o perfil traçado por F. e H. quando estes relembram que após sua morte, era comum chegar à secretaria da paróquia muitos pedidos de aviamento de receitas médicas. Como presidente da Divino na ocasião, o senhor F. não sabia como o padre poderia ter feito a compra de tantos medicamentos, pois os valores eram até duas vezes maiores do que seu salário. Foi então que souberam que ele buscava apoio em diversas famílias da elite maringaense para realizar os atendimentos aos carentes, numa espécie de rede de solidariedade que o permitia manter parte de sua dinâmica de atendimentos e assistencialismo.

Uma rede de mão dupla, pois assim como os membros da elite respondiam aos seus pedidos, também ele, padre Bernardo, agia de forma recíproca ao participar de eventos como casamentos, batizados, bençãos a empresas, etc. Mas nada disso estava registrado ou

²⁰⁰ Mantive aqui a maneira como o casal N. B. e P. P. B. pronuncia o termo *parrain* como uma forma de manter fidelidade à pronúncia mais do que ao termo em si.

documentado. O senhor F. obteve essa informação conversando com o pessoal da secretaria paroquial. Ele finaliza dizendo que após a morte do monsenhor essa prática deixou de existir, pois não havia como financiar esse tipo de atendimento. Tomados em conjunto, o relato dos casais traz a representação de um padre generoso e caridoso tanto para com os íntimos quanto para os desconhecidos.

O padre é definido ainda como um místico pelo diácono A. J., que na infância e juventude foi paroquiano durante o ministério do padre Bernardo. Devido a sua convivência, não íntima, mas na mesma paróquia, o senhor A. J. conhece muito da dinâmica lá estabelecida e acredita que “ele era especial. O mínimo para falar sobre ele é que ele era especial. Ele tinha uma coisa sobrenatural, de místico. Era só encontrar com ele”.

Tendo trabalhado como coordenadora de diversos grupos em sua paróquia, a São Miguel Arcanjo, a ex-professora M. A. P. S.²⁰¹, 76 anos, conheceu o padre quando participava de eventos que envolviam a diocese. Em sua narrativa predominam relatos do quão frequentemente ouvia falar sobre sua capacidade de fazer “certas coisas” e que sua cunhada teria alcançado uma graça para seu filho por meio do padre.

De forma geral, a professora o descreve como sendo um homem bom, carinhoso, carismático, atencioso e cumpridor de sua missão. Como pároco, no entanto, teria apoiado mais a RCC do que as CEBs, a ponto de sua paróquia tornar-se o “ponto de encontro” dos integrantes do movimento. Envolvida com as Comunidades Eclesiais enquanto esteve à frente de diversas coordenações de pastorais e certamente entusiasmada com os motivos apresentados pela pesquisadora para tê-la escolhido como entrevistada, a professora direcionou sua narrativa a partir da relação RCC e CEBs na diocese – ainda que fizesse inferências ao caráter curador do monsenhor, como no caso do ocorrido com seus familiares.

Ao “querer dizer” sobre o monsenhor, há que se considerar que a aproximação é sempre uma imagem simulada a partir das realidades trazidas por aqueles que efetivamente o conheceram, ou que dão a conhecê-lo por meio de suas representações, sentidos e afetos manifestados a partir das lembranças que compartilharam. Ao ativar a memória e pôr em relevância suas vivências com o padre, o entrevistado se convence a respeito da utilidade de falar e transmitir seu passado²⁰² e, assim, entrevistado e pesquisador “trabalham

²⁰¹ M. A. P. S., 76 anos, foi a segunda pessoa entrevistada para a pesquisa. Ela me recebeu em sua residência numa tarde nublada e me confidenciou que cuidava há tempos da mãe idosa (falecida em 2020) e que tem gozado da aposentadoria como funcionária pública já há alguns anos. Conta ela que entre 1974 e 2004, aproximadamente, esteve totalmente envolvida com a igreja católica local e com a instalação das CEBs na diocese. Delicada com as palavras, antes de iniciar a entrevista quis saber dos motivos que me levaram a realizar a pesquisa sobre o padre, só então liberando a gravação.

²⁰² ALBERTI, op. cit., p. 37.

conscientemente na elaboração de projetos de significação do passado”²⁰³, num movimento no qual o historiador se torna o cocriador de sua documentação.²⁰⁴

Como a história oral é “um terreno propício para o estudo da subjetividade e das representações do passado *tomadas como dados objetivos* capazes de incidir, de agir, portanto, sobre a realidade e sobre o nosso entendimento do passado”²⁰⁵, compreender as formas como os entrevistados representavam o padre sempre foi um elemento significativo na pesquisa, incluindo as representações feitas após sua morte.

São essas representações as responsáveis pelas traduções recheadas de afeto que levaram seu túmulo a se tornar um local de devoção o que permitiu a Andrade e Serafim²⁰⁶ classificá-lo como um “santo de cemitério”. Contudo, “a permanência no panteão dos milagreiros está diretamente ligada à divulgação de suas habilidades pelos devotos”²⁰⁷, dentre outros fatores, o que nem sempre foi registrado na devoção ao padre.

Durante o trabalho no jazigo do monsenhor foram depositados, além de velas e vasos, no ano de 2018 uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, e no ano de 2020 uma foto do padre. Logo no início da pesquisa, foram encontrados alguns rosários pendurados e uma moeda de 25 centavos entre o túmulo e a lápide. No entanto, no início de 2018, houve um incêndio nas imediações do Cruzeiro que alcançou alguns túmulos ao redor, incluindo o do padre. Com o acidente, esses objetos se perderam e somente em abril de 2019 foi verificada a deposição de novos rosários no local, para serem retirados logo em seguida.

Seriam tais objetos ex-votos deixados por pessoas que receberam/pediram alguma graça intermediada pelo monsenhor ou apenas presentes trazidos em honra a sua memória? Ouso dizer que a segunda possibilidade é a mais assertiva, pois foram mais de duas dezenas de trabalhos realizados no local. Além disso, em um incontável número de conversas informais com pessoas que o conheceram pessoalmente, ou que ouviram falar dele, em apenas uma ocasião, uma jovem senhora alegou ter encontrado trabalho após ter “pedido” a intercessão do monsenhor já falecido, mas sem a deposição de ex-votos. E, salvo datas específicas, o jazigo do monsenhor encontra-se ornado por vasos de flores artificiais ou totalmente despido de objetos que podem ser considerados votivos.

²⁰³ Ibidem, p. 22.

²⁰⁴ PORTELLI, op. cit., 2016, p. 10.

²⁰⁵ ALBERTI, op. cit., p. 42 grifos da autora.

²⁰⁶ ANDRADE; SERAFIM, op. cit.; SERAFIM, op. cit.

²⁰⁷ ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Milagreiros de cemitério (2020). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=woo7TL2C7e4> >. Acesso: 24 set. 2020. Duração: 3’14”.

O túmulo de Clodimar Lô, o mais visitado do cemitério municipal e a quem são creditados milagres diversos, demonstra que os visitantes do cemitério têm por hábito depositar placas votivas como agradecimento por graças recebidas. Geralmente quem visita o túmulo do jovem Lô também é visitante do túmulo do monsenhor, então por que a ausência de placas votivas para o segundo?

A única placa existente proíbe que sejam queimadas velas sobre o túmulo, mas não faz referência ao depósito de outros tipos de objetos. Nesse sentido, a presença de rosários, a imagem da Virgem e outros objetos deixados sobre e ao redor do túmulo podem representar tanto simples demonstrações de afeto e/ou agradecimentos póstumos diante de benesses recebidas quando o padre ainda era vivo, quanto a paga por uma promessa, pedido e graça alcançada no pós-morte.

Tanto as histórias quanto os afetos gerados a partir dos relacionamentos com o padre foram essenciais para dar sentido, imagem e colorido ao acontecido e para explicar a devoção direcionada ao monsenhor no presente. Histórias de fatos ocorridos num passado não muito distante e que apesar de serem reescritas a cada vez que a memória sobre o monsenhor é ativada, o que é acrescido ao relato não são novas ocorrências envolvendo o padre, e sim ressignificações de eventos nos quais ele foi protagonista enquanto ainda era vivo.

3.3 A *PERFORMANCE* DO PADRE E SUA IDENTIFICAÇÃO COMO CURADOR

3.3.1 A autoridade de ação do padre Bernardo

Partindo ainda do ocorrido com L. quando criança e sua família, chama a atenção a autoridade com que o padre, na casa dos trinta anos, executou rituais com a intenção de libertar a menina e os seus de algo que os estaria prejudicando e do qual a doença era apenas um sintoma.

Como o ofício do historiador não se resume apenas a trabalhar com o ordinário, mas com o desviante, ou com o que há de particular como elemento representativo de um conjunto social, a forma como o padre reagiu à situação da menina doente foi compreendida como um desvio na conduta comum à maioria dos sacerdotes. Não pela disposição em visitar um doente, mas por dar seu próprio “diagnóstico” e “receituário” para a resolução do problema. Momento em que o padre executa uma ação com base na autoridade de sua batina, mas pautado em métodos que extrapolam esse lugar social.

O elemento desviante é representado sobretudo pela segunda fase da ação executada quando é atribuído ao “amarrio” encontrado dentro do travesseiro o poder de conjurar malefícios a toda a família. A atribuição de sentidos a certos objetos que subjetivamente possam estar ligados a poderes sobrenaturais não é uma novidade no catolicismo, mas a ação do padre em relação ao amarrio é passível de questionamentos.

Teria ele se apoiado em sua experiência com a religiosidade umbandista e também com a Quimbanda que, como se soube por meio do relato de F. C., foram alvo da atenção do padre assim que pisou em terras brasileiras? Seriam suas próprias experiências sobrenaturais as motivadoras de tais ações? Ou seu conhecimento remonta a sua formação sacerdotal cujo efeito missionário visava sobretudo o trabalho realizado no Haiti e, conseqüentemente, junto à religião Vodou? Teria ele, após decidido vir para o Brasil, travado estudos acerca das religiões de matriz africana? Sob essas condições não é possível descartar nenhuma das possibilidades e com isso atinar para suas pertinências.

É perfeitamente possível que os egressos de Saint-Jacques fossem educados para conhecer a cultura dos países para onde convergiam desde fins do século XIX. Diante dessas possibilidades de explicação, perscrutar parece ser o caminho mais acertado para compreender as possíveis influências que levaram o padre a operacionalizar o atendimento à criança e mesmo sua economia. Possibilidades essas inscritas no espaço das conjecturas e não das certezas.

O ocorrido com a menina é um fato singular, pois, foi o relato mais detalhado de uma cura atribuída ao monsenhor. As minúcias demonstram que o sacerdote identificou o motivo para a doença, atribuindo a um determinado objeto – o amarrio – um valor negativo, como algo que teria sido “feito”, no sentido de encomendado, para toda a família e não somente para a menina. Bernardo, especialista investido de conhecimentos específicos para realizar contrafeitiços e no domínio de ritos sagrados, parece ter se sentido capaz de lidar de forma eficaz com a situação. Seguindo à risca as orientações do jovem padre, a família retornou ao cotidiano sem o sofrimento da criança e livre de “malefícios encomendados”.

Eficácia é também uma prerrogativa necessária aos objetos investidos de sentido e magia²⁰⁸ e sobre os quais recai a capacidade de “fazer” algo a outrem. O caráter mágico com o qual o padre tratou o ocorrido demonstra como ele aliava ritos mágicos a gestuais católicos, que também podem ser lidos como investidos de certa mágica, quando se ajoelha junto à cama, cruza as mãos, põem-se a rezar e posteriormente solicita a verificação do travesseiro em busca de possíveis objetos nocivos.

²⁰⁸ MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. In: _____, **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 59.

Ao comentar sobre algo ter sido “feito” à família, o padre alude à condição ontológica da magia, que é sua capacidade de criar algo que seja eficaz. Geralmente, informa Mauss²⁰⁹, a magia está orientada para ações positivas, mas reconhece que feitiços negativos são conjurados a objetos de forma que possam tornar-se prejudiciais a determinadas pessoas.

Na Umbanda, os praticantes da Quimbanda são sinalizados com a capacidade de realizar rituais aos quais são atribuídos valores negativos, enquanto na primeira manifestariam as capacidades positivas daquela religião. O universo umbandista é composto por dois compartimentos determinados pela lateralidade corporal o que, por vezes, é visto a partir de considerações culturais e moralistas que as compreendem ou explicam como negativas ou positivas.

Para Hertz²¹⁰, valorizar a bilateralidade humana (dois olhos, dois braços, dois pulmões, etc.) e social (homem/mulher, alto/baixo, positivo/negativo, etc.) é algo inscrito muito mais pela institucionalização social dessa diferenciação do que pela efetiva existência de uma diferença que se origine das capacidades nervosas cerebrais.

A Umbanda, em sua versão Quimbanda, carrega o estigma negativo que marcou a macumba de quem ambas são herdeiras. No século XIX, o vocábulo macumba era análogo à superstição de negro e magia negra, mas, em 1941, quando aconteceu o 1º Congresso Nacional de Umbanda, realizado no Rio de Janeiro, o nome Umbanda passou a designar oficialmente aquela religião e suas práticas.²¹¹

É no coração da Quimbanda que se efetivam as práticas que dispensam a mão direita, enquanto na Umbanda os ritos e gestuais a valorizam, continua Negrão.²¹² Direita ou esquerda, no entanto, enquanto fenômenos ligados à lateralidade corporal e cósmica e às instituições socioculturais configuram categorias carregadas de valor cujo objetivo é alcançar a complementaridade mais do que expor ou sobrepor as individualidades.

A religião Vodú, que se acredita tenha sido do conhecimento do padre, também opera a partir da lateralidade corporal, inclusive para caracterizar seus especialistas. Estudos sobre o Vodú informam que sua estrutura se configura a partir da somatória das religiosidades católica e a africana em solo haitiano na qual

²⁰⁹ Ibidem, p. 104.

²¹⁰ HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. In: RELIGIÃO E SOCIEDADE, n. 6. CER-Iser, Rio de Janeiro. Tempo e presença, 1980. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25977/27708> >. Acesso em 10 jul. 2020.

²¹¹ NEGRÃO, Lísias. Magia e religião na Umbanda. REVISTA USP, n. 31. Set/nov. 1996. p. 79. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25977/27708> >. Acesso mar. 2020.

²¹² NEGRÃO, loc. cit.

[...] há uma tipologia que distingue as práticas dos sacerdotes em três vertentes diferentes, os que “trabalham” com “a mão direita” (*main dwat*), que atuam normalmente no terreno da cura dos males físicos e espirituais e na contrafeitiçaria, os que trabalham com a “mão esquerda” (*main gauche*), cuja atuação se restringe aos trabalhos de feitiçaria e ainda uma terceira categoria, que seriam aqueles que operariam “com as duas mãos”, (*ak de main* ou *ak main dwat e main gauche*).²¹³

Em sua análise, Joseph destaca ainda a não relação entre a religião Vodou e a bruxaria e magia negra numa referência aos estereótipos construídos a partir de práticas e crenças vodus. A ressalva, abordada de forma breve pelo autor, remete à existência de práticas atribuídas aos adeptos do Vodou em manipular pequenos bonecos com formato humano de forma a infligir dores e sofrimentos a outrem, ou, ainda, rituais nos quais pessoas falecidas são trazidas à vida e tornam-se zumbis ou mesmo lobisomens.²¹⁴

Cotidianamente, no entanto, a prática de manipular o sagrado extrapola a hierarquia da religiosidade Vodou. Embora caiba aos *bokò* a realização dos serviços religiosos²¹⁵, alguns praticantes se tornam agentes não institucionalizados com domínio das técnicas de feitiçaria e contrafeitiçaria e as utilizam por vezes para promover malefícios a outrem.²¹⁶ O que, de fato, leva a um paradoxo acerca da inexistência de um elemento maligno presente na prática do Vodou, como citado acima, por Joseph. Ou seja, a lateralidade corporal com predominância do aspecto negativo para a mão esquerda se repete na percepção acerca do Vodou como o é para a Quimbanda.

Quando o padre menciona a possível presença de um amarrio (objeto investido de poderes nocivos) no travesseiro da criança e solicita, caso exista, que lhe seja entregue, ele informa que reconhece a existência de práticas mágicas, bem como sua capacidade em lidar com a situação. Assim, por meio de suas orações e ordens – como mandar, e não pedir à senhora C. entregar o possível objeto dotado de má fortuna para si, como que assumindo a responsabilidade sobre o desfecho do ocorrido – e de sua autoridade como sacerdote católico, o padre denuncia uma confiança ímpar na sua capacidade pessoal para resolver situações dessa natureza. Fato que remete ao efeito “eficácia” das ações mágico-religiosas comum a pessoas cujo carisma tende para a cura e promoção do bem-estar.

Nesse sentido, considera-se que a estrutura de ação, ou *performance*, do monsenhor está submetida minimamente a três direções simbólico-religiosas: a católica, a prática da Umbanda/Quimbanda e o Vodou. Somam-se a dimensões suas próprias experiências vividas

²¹³ BAPTISTA, op. cit., p. 58 grifos do autor.

²¹⁴ JOSEPH, op. cit., p. 37.

²¹⁵ BAPTISTA, op. cit., p. 237.

²¹⁶ Ibidem, p. 91.

ainda na infância e juventude, o que caracteriza a complexidade de sua personalidade mais do que a singularidade de uma identificação única, como por exemplo, a submissão à batina.

Elementos que compõem sua prática permitiram compreendê-lo como representativo do modelo de padre citado por Roger Caillois, quando o antropólogo traça como perfil básico do sacerdote a eficácia de seus rituais. Tido como mediador entre o puro e o impuro, o padre é aquele que conhece os ritos que preservam os homens de sofrer os efeitos nocivos da impureza. Afinal, “ele possui o poder e conhece os meios de virar para o bem a energia maligna da infecção, de transformar uma ameaça de morte em garantia de vida”²¹⁷. Como um egresso de Saint-Jacques, o padre certamente tinha conhecimentos ligados à contrafeitiçaria, pois, caso se estabelecesse no Haiti, teria que lidar com o domínio dos *bokò*.

Ou seja, investido da autoridade sacerdotal que lhe garantiam ser persuasivo para com seus paroquianos; tendo o domínio do processo terapêutico por meio dos ritos empregados e das técnicas de manipulação desses mesmos ritos o padre mostrou-se ser altamente eficaz quanto à remissão do quadro apresentado pela menina. Elementos que passaram a ser atribuídos a ele até sua morte e que atribuem forma ao conceito de *performance*.

No imaginário do devoto, “seja ele rico ou pobre, é a eficácia simbólica do objeto devotado”²¹⁸ que faz com que ele se torne e permaneça como um santo milagreiro. Pensado a partir das perspectivas de Csorda, Caillos e de Pereira, o padre Bernardo teria sido extremamente eficaz, uma vez que a memória local credita a ele diversos milagres de cura e a materialização de pedidos, no caso, de graças.

Poderia o ocorrido com a menina L. ser considerado o primeiro milagre realizado pelo padre? Solange Ramos de Andrade, ao analisar o processo de formação da santidade relativa ao Menino da Tábua, santo não oficializado pela Igreja Católica, considera que a partir do momento em que o fenômeno ultrapassou as fronteiras de sua cidade, foi necessária a criação de um marco nessa trajetória sendo um gesto milagroso exatamente esse marco fundador.²¹⁹

Reformulo então a pergunta: poderia o ocorrido com L. ser considerado o “milagre fundador” com o qual a devoção ao padre pôde ter seu início estabelecido, ao menos para os fins desta pesquisa? Acredito firmemente que não. Quando a vizinha de C. pede autorização para ir em busca de um padre com competência para orar e curar, tem-se a impressão de que

²¹⁷ CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 44.

²¹⁸ PEREIRA, op. cit., 2005, p. 31.

²¹⁹ ANDRADE, Solange Ramos de. **Santo de cemitério: a devoção ao Menino da Tábua (1978-1994)**. Maringá: Eduem, 2015, p. 127.

eventos similares podem ter acontecido anteriormente, o que contribuiu para uma visibilidade anterior ao ocorrido com L.

Um fato com sabor de boato ocorrido em data imprecisa, algo entre os anos 1968 e 1969, quando o padre atendia no município de Santa Isabel do Ivaí, reforça essa afirmação. Conta-se que o padre teria ficado extremamente incomodado com a elite local por causa do investimento feito na construção de um prostíbulo no município, enquanto a paróquia encontrava-se em situação bastante precária.

O boato existente ainda hoje é que diante desse acontecimento, o padre teria rogado uma praga sobre as lavouras daqueles que estavam custeando a construção da casa de prostituição e que, ao retornar a Maringá, por diversas vezes os fazendeiros de Santa Isabel vieram em carreta até a cidade pedir ao padre que retirasse o feitiço sobre a agricultura, pois não estavam mais produzindo como antes.

Como o boato remonta ao período em que a Irmã S. trabalhava com o padre em Santa Isabel do Ivaí, o tema também foi explorado durante a entrevista. Segundo ela, de fato houve a intenção de que fosse construído o prostíbulo na cidade e que o padre teria ficado bastante “invocadinho” com a situação, dizendo inclusive que “ele era contra” e que “de jeito nenhum quero isso na minha paróquia, na minha cidade!”. Mas ela desconhece que ele tenha, a qualquer tempo, rogado praga sobre os empresários Santa-Isabelenses e sobre suas lavouras, finaliza ela em meio a risos que a levaram às lágrimas!

O episódio acima remete a uma condição sempre presente durante a audição de relatos envolvendo o padre, que é a de reconhecer nas narrativas fatos recobertos por uma somatória de histórias nas quais se entrelaçam dados reais com interferências dos narradores e que, por vezes, passaram a fazer parte da memória sedimentada existente com relação ao padre.

Trabalhar com a oralidade, portanto, é estar ciente de que o fio condutor das narrativas se encontra ao nível da verossimilhança, da aproximação com o fato ocorrido, mas, também, com fatos aumentados, complementados, expandidos pelos testemunhos ou, nos dizeres de Alberti, repleto de informações baseadas na emoção e nas sensibilidades que acabam por recheiar as lacunas presentes nas narrativas.²²⁰

Afinal, o fascinante no trabalho com a história oral é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a compreender as expressões das vivências dos entrevistados e interpretá-las²²¹, assim como demonstrar a relevância que as subjetividades ocupam na constituição das experiências humanas.

²²⁰ ALBERTI, op. cit., p. 42.

²²¹ Ibidem, p. 19.

Concordo com Alberti quando ela considera que os documentos orais se tratam de experiências pessoais, de narrativas que colorem um passado cujo valor interessa ao pesquisador.²²² Mesmo porque, são as singularidades e as sensibilidades presentes nos relatos que tornam interessante a narrativa. Ao ouvi-las, temos a sensação de poder abolir descontinuidades e recheá-las com “ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos”.²²³ Do alto de sua riqueza, os documentos orais permitem caminhar lado a lado com o padre, ouvir seus segredos e conselhos e rascunhar passagens do que teria sido seu cotidiano.

A criação de uma narrativa presente no depoimento da Irmã S. busca dar um “final” ao ocorrido no qual o padre aparece como o algoz, detentor da moral e dos bons costumes e como o misericordioso cuja benção é solicitada como forma de devolver a produtividade das lavouras. Demonstra, dessa forma, a capacidade que certos acontecimentos envolvendo a pessoa do padre tiveram junto à população que faz questão de manter vivos esses causos, bem como de introduzir novos elementos na narrativa de forma a torná-la crível, ainda que mantendo-a envolta na aura de mistério que costuma acompanhar os relatos sobre ele.

Tenho usado até aqui o termo “milagres” como referência aos poderes sobrenaturais com os quais o monsenhor costuma ser identificado. Por vezes, os testemunhos vão utilizar o termo “graça” para representar as benesses recebidas. Embora o devoto não distinga entre um e outro²²⁴, convém explicitar esses termos e seus usos. Um milagre, para ser reconhecido, “deve ocorrer de forma independente de a ciência afirmar sua impossibilidade”²²⁵, ou seja, deve desafiar o racional ou as leis da natureza, bem como manifestar-se mais com a promoção da vida em vista da morte.

Segundo Julita Scarano,

o milagre constitui assim uma qualidade intrínseca da santidade, pois, aos olhos dos humanos e da própria Igreja, os que possuem esse dom são canonizados e passam a fazer parte do panteão dos santos. O aspecto ‘milagre’ tem enorme importância nos processos de canonização, é a maneira concreta de dar a conhecer ao mundo que uma pessoa viveu muito virtuosamente na terra e goza, na outra vida, dos favores do Alto, ocupando lugar privilegiado, o que o torna capaz de socorrer os viventes, e também lhes servir de modelo.²²⁶

²²² Ibidem, p. 14.

²²³ ALBERTI, loc. cit.

²²⁴ ANDRADE JÚNIOR, op. cit., 2008, p. 109.

²²⁵ Ibidem, p. 108.

²²⁶ SCARANO, Julita. **Fé e Milagre: Ex-votos pintados em madeira – séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Edusp, 2004 apud ANDRADE JÚNIOR, Lourival. *Da barraca ao túmulo. Cigana Sebinca e as construções de uma devoção*. 2008. 292 f. Doutorado. Universidade Federal do Paraná –UFPR, p. 108.

Se um milagre tem relevância para os processos de canonização, o mesmo não se dá em relação aos devotos. Ter o reconhecimento oficial da Igreja Católica para uma santidade não é critério para eleição como alma capaz de promover milagres ou conceder graças. Como dito, uma santidade pode ocorrer à margem da oficialidade, sem demérito algum para o devotado.

Já a graça relaciona-se com o cotidiano, com pedidos ligados ao mundo terreno e “resoluções mais imediatas”.²²⁷ Almas que já tenham sido próximas aos devotos, como o padre Bernardo por exemplo, fortalecem-se devido a essa aproximação e, em alguns casos, o santo de devoção é visto como um integrante da família cuja comunicação torna-se ainda mais facilitada por esse laço.

Monsenhor Bernardo é representativo desse modelo de devoção, uma vez que as pessoas o mencionam com a autoridade e a intimidade de quem caminhou com ele pelas quermesses ocorridas na praça da igreja, compartilhou pescarias, degustou seus jantares, assistiu suas celebrações. Ele não era estranho aos muitos que hoje o homenageiam em seu túmulo; ao contrário, era presente física e afetivamente para além do altar-mor.

E, se no presente texto, o acontecido com L. em sua infância e também em sua vida adulta surge como o ponto inicial da narrativa, isso se deve ao fato de que foi o primeiro caso relatado pelos testemunhos cuja cronologia foi possível estabelecer, e não porque o padre seja identificado. Mesmo porque, o fato é circunscrito ao grupo familiar de L. N. e compartilhado apenas pelos membros do Grupo Carismático Filhos de Sião, do qual ela faz parte atualmente.

Na verdade, não há uma hierarquia entre as ações milagrosas protagonizadas por ele, mas sim uma miríade de relatos atestando sua capacidade tanto para realizar milagres quanto para conceder graças diversas. Nesse ponto, é pertinente mencionar a impossibilidade de classificá-lo como um “santo de cemitério” dotado de uma especialidade pois, na verdade, os relatos trazem um universo heterogêneo de curas e graças.

Ainda considerando os três elementos da *performance*, no que concerne natureza da experiência com o sagrado, observa-se que o casal C. e B. N. não questiona os motivos apresentados pelo padre para “diagnosticar” a doença da criança como algo que “teria sido feito” para a família. Deduz-se que ambos – pais e padre – compartilhavam de uma linguagem comum acerca da existência e efetividade dos “trabalhos encomendados” e que estes podiam, por meio de mãos competentes, ser “quebrados”, ou seja, ter seus possíveis males repelidos ou mesmo totalmente eliminados.

²²⁷ ANDRADE JÚNIOR, op. cit., 2008, p. 108.

Chama a atenção ainda o fato de que em nenhum momento a família informe que o padre tenha citado Deus, o Espírito Santo, qualquer divindade ou santo canonizado como referência para sua *performance*. Foi retido pela memória do casal apenas a forma como o padre rezou ajoelhado, em silêncio e em língua estranha²²⁸, emitindo por fim um diagnóstico e recomendações bastante peculiares, sobretudo com relação ao pedido para verificar o travesseiro em busca de algo que representasse o malefício infligido à família.

O padre, portanto, demonstra interagir com o universo do sobrenatural, agindo ou reagindo a ele na forma de gestos e orações. Rituais estes que podiam se manifestar na autoridade de suas ações e na dependência dos motivos que o levavam a buscar essa dimensão imaterial.

Pedir segredo à família teria sido uma tentativa de manter atividades extrassacristia menos visíveis; afinal, o ocorrido com a menina se deu em 1973, quando parece existir um certo conhecimento acerca dos modos de fazer atendimento de sua parte, mas nada que chegasse ao nível do que ocorreria durante os anos 1980 e 1990. Independentemente de suas tentativas, portanto, em virtude da frequência com que ele realizava tais rituais, tornou-se impossível a manutenção da discrição.

A *performance* do padre, portanto, se dá na confluência dos vários saberes utilizados por ele ao realizar os atendimentos, o que o torna um personagem do catolicismo maringense ímpar, pois colocava em sua prática conhecimentos múltiplos a serviço do bem-estar dos que o procuravam. Somada à eficácia de seus atos, a *performance* garantiu que a economia estabelecida na Divino Espírito Santo permitisse que a comunidade o identificasse como um padre capaz de realizar curas, ou como um curador como foi identificado nessa tese.

3.3.2 Relatos de cura

Do conjunto das dezoito entrevistas realizadas, dezesseis testemunhos se referem a casos conhecidos ou, ainda, a eles próprios como objetos de curas atribuídas ao padre. De seus pares destacam-se as falas de Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger e do monsenhor Júlio

²²⁸ Como o padre era francês, o ato de falar em “língua estranha”, citado por dona C. talvez não tenha um significado maior. Contudo, por ser um conhecedor de outras religiões, não se descarta a possibilidade de o padre estar em um tipo de transe, como acontece em rituais de origem africana que, como sabemos, eram de domínio do monsenhor. É descartado, porém, o transe seguido de glossolalia, ou o dom de falar em línguas estranhas, comum nos rituais da RCC, uma vez que estamos falando do ano de 1973, ou seja, quase duas décadas antes do padre conhecer em profundidade a Renovação. Sobre a prática da glossolalia, ver: PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1998.

Antônio da Silva, quando mencionam que muitas mães poderiam atestar a eficácia das orações do padre para com seus bebês. Já o monsenhor Júlio relembra em entrevista como padre Bernardo costumava se envolver nas dores e nos sofrimentos alheios, considerando que para isso o padre tivesse, além de carisma, conhecimentos na área de parapsicologia:

Atendia direto! Direto, direto, direto a todo e qualquer tipo de pessoa. Ele entendia um pouco de parapsicologia e isso o ajudou muito a enfrentar esses problemas de possessão demoníaca, transtornos bipolares, etc. Ele sabia um pouco desses mecanismos da mente humana e tinha o conhecimento, então procurava ajudar as pessoas. Ajudava muito. (...) muita gente dizia que ele fazia exorcismo. Eu não posso dizer, porque eu nunca presenciei. O fato é que muita gente, carente de muitas coisas, vinha a ele, e ele socorria. Muitos doentes, muita coisa. Ele tinha um certo carisma pelos doentes, então atendia muita gente doente. Muita, muita gente!

O relato mais frequente sobre milagres atribuídos ao monsenhor e divulgado na internet cristalizou-se a partir do ocorrido com o senhor Pedro Malan, personagem conhecido na cidade por ter abandonado o vício em bebidas alcoólicas após ter sido objeto das orações do monsenhor. Acontecimento descrito pelo jornalista Angelo Rigon, em 19 de março de 2017:

Quando alcoólatra, morando nas ruas, chegava na Igreja São José ou na Igreja Divino Espírito Santo e procurava um canto para dormir; quando elas estavam fechadas, dormia do lado de fora. Em 5 de maio de 1995, o padre Bernard Abel Alphonse Cnudde, o monsenhor Bernardo (11/3/1939-20/11/2000), chamou-o e fez uma oração para que ele jamais voltasse a ingerir bebida alcoólica. Dito e feito. Todo o dia 5 de maio, Malan comemora seu aniversário levando dois bolos para o salão de festa da Igreja Divino Espírito Santo, um pra ele e outro para o padre.²²⁹

As reportagens sobre essa homenagem registram que no dia 5 de maio de 2013, o senhor Malan comemorou tanto seu aniversário como seu renascimento pós-bênção com a celebração uma missa às 18 horas na Igreja Divino Espírito Santo a qual se seguiu a degustação dos dois bolos.²³⁰ A partir do ano de 2017, quando o fato comemoraria 21 anos, o senhor Malan passou a realizar a festa nas dependências da paróquia São José Operário devido a normas de restrição estabelecidas pelo atual pároco da Igreja Divino Espírito Santo, o padre Júlio Antônio da Silva.

Lembrando que o padre Júlio teria definido o afeto e a devoção como um processo de “endeusamento” que algumas pessoas remetem ao padre Bernardo, é possível compreender seu posicionamento. Afinal, ao inibir ações que fortalecessem essa percepção, ele estaria limitando o alcance desse processo, bem como coibindo outros movimentos dessa natureza e descaracterizando manifestações semelhantes.

²²⁹ MALAN NA ENQUETE DO DIA. Portal do Rigon, 17 mar. 2017. Disponível em: < <https://angelorigon.com.br/2017/03/19/malan-na-enquete-do-dia/> >. Acesso em: 01 set. 2020.

²³⁰ CARVALHO, Luiz. Renascimento de Malan é comemorado em igreja. (05 mai. 2013) Disponível em: < <http://blogs.odiario.com/luizdecarvalho/> >. Acesso em 05 mai. 2019.

Nesse mesmo ano de 2017, monsenhor Júlio entraria em conflito com o Grupo Filhos de São ao solicitar que o movimento procurasse um novo local para realizar suas reuniões e encontros. Tendo assumido a responsabilidade pela paróquia no dia 23 de fevereiro de 2014, o padre parece ter avaliado a dinâmica existente na Divino Espírito Santo e, aos poucos, estabelecido sua própria pastoral. A nova dinâmica não passou despercebida e muitos, inclusive a maioria dos entrevistados, deixaram de frequentar a paróquia, preferindo seguir o caminho do Grupo Filhos de São que fora se estabelecer na Igreja São Francisco de Assis no bairro Jardim Alvorada.

A posição tomada pelo padre Júlio poderia ser compreendida como uma amostra do não reconhecimento da instituição acerca da devoção ao padre Bernardo, presente em alguns ambientes da sociedade maringense. Mas o fato da comemoração realizada por Malan ter sido acolhida pelo padre Renato Quezini da paróquia São José Operário e a recepção ao Grupo Filhos de São feita pela paróquia São Francisco de Assis atestam ainda, menos uma postura institucional que a postura do padre Júlio.

Dessa dupla recepção institucional a dois eventos envolvendo o padre Bernardo infere-se que parece não existir uma postura institucional pré-estabelecida que deva ser tomada em relação ao sacerdote, sua prática e à devoção dela derivada. Não obstante, tais eventos demonstram a existência de uma luta de representações envolvendo o padre na qual se encontram de um lado um grupo interessado na manutenção de uma memória que privilegia os aspectos sobrenaturais de sua prática e, de outro, a instituição católica que não incentiva a promoção de eventos que remetam ao padre optando pela manutenção de uma representação do monsenhor comum a todos os sacerdotes.

Casos de curas e milagres atribuídos ao monsenhor foram citados pelas estudiosas da temática como Andrade e Serafim²³¹ e Serafim²³² em artigos que versam sobre o cemitério de Maringá e seus santos. Informam as pesquisadoras que “não podemos negar a popularidade que o ‘Padre Bernardo’ teve em vida”²³³ e lembram que a morte do monsenhor foi santificada, sobretudo por ele ter mantido contatos com o mundo terreno após sua morte, como afirmam pessoas por elas entrevistadas ou como atestam fontes jornalísticas. Andrade e Serafim explicam que o padre

Era popular entre os fiéis que o procuravam quando os problemas e as dificuldades apareciam. Atribuía a ele a capacidade de conceder graças dos mais diversos tipos. Uma senhora entrevistada no cemitério nos disse: “mesmo assim, quando íamos atrás

²³¹ ANDRADE e SERAFIM, op. cit.

²³² SERAFIM, op. cit.

²³³ ANDRADE e SERAFIM, op. cit., p. 15 grifo das autoras.

dele, tinha que ser meio em segredo, porque os outros padres não gostavam que disséssemos que ele fazia isso e nem o bispo”.²³⁴

Dentre os relatos citados nos artigos consta o caso do massoterapeuta que atesta ter se comunicado com o padre em nove ocasiões entre o dia 23 de outubro de 2002 e o dia 29 de janeiro de 2004. Nessas comunicações, conta ele, o padre teria solicitado sua ajuda para construir uma casa de orações ecumênica e que esta deveria se chamar “Casa de Jesus”. O massoterapeuta teria perguntado ao monsenhor por que ele não pedia ajuda aos núcleos católicos para levar avante a criação da casa de oração, e que o padre teria respondido que “seu intuito era impraticável dentro dos moldes católicos, e que deus não olhava rótulos religiosos”.²³⁵

Em reportagem veiculada em 20 de abril de 2004 pelo mesmo jornal O Diário, o sucessor do Padre Bernardo considerou as comunicações incoerentes, ridículas e ofensivas à memória do monsenhor e levantou as seguintes questões:

Por que o padre Bernardo estabeleceria relações com uma pessoa que nem conheceu em vida? Por que alguém de fora do clero? Além disso, as mensagens colocadas na boca do falecido teriam grande teor espírita, o que não confere com a vida do padre. Recomenda que a comunidade não releve tais episódios que só podem ter duas explicações: má fé ou desequilíbrio mental.²³⁶

Vanda Serafim cita dois outros casos em que o padre aparece como curador, milagreiro e também como aquele capaz de guiar espíritos nocivos para a luz. Os casos teriam se dado com uma senhora que sofria de hanseníase e “perturbações do espírito” e com uma criança que se tornara, segundo os familiares, bastante agressiva e violenta após usar um vestido de procedência desconhecida.²³⁷

No primeiro relato, o padre Bernardo aparece como aquele que teria revelado à senhora com hanseníase que ela estaria sendo perturbada por um espírito que morrera definhando ao sol e à míngua, em uma estrada por onde ela passara. De acordo com a entrevistada, a cura para sua doença teria vindo por meio das orações feitas pelo padre, que acabaram por conduzir o espírito que a afligia para a luz. Além das orações particulares, o artigo permite compreender

²³⁴ Ibidem, p. 121.

²³⁵ Ibidem, p. 122.

²³⁶ UTSUNOMIYA, Elaine. Igreja acha ridículas mensagens de padre. **O Diário do Norte do Paraná**, Maringá-PR, 20 de abril de 2004 apud ANDRADE, Solange Ramos de.; SERAFIM, V. F. A religiosidade católica e seus santos: o Cemitério Municipal de Maringá – PR como espaço de devoção. HISTÓRIA AGORA. v. 10, p. 103-136, 2010. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/198782078/ha10-dossie2> >. Acesso em: 16 nov. 2020, p. 123.

²³⁷ SERAFIM, op. cit.

que a senhora também frequentava as correntes de orações coordenadas pelo monsenhor na paróquia durante os anos 1980.²³⁸

O outro caso refere-se a uma menina que teria se tornado agressiva e violenta após ter usado um vestido que a família não reconheceu como sendo parte do vestuário da criança. Conta a mãe que estava rezando na Catedral Nossa Senhora da Glória quando uma das funcionárias do local perguntou por que ela vinha com tanta frequência à igreja. Ao explicar que as constantes orações eram feitas na intenção de alcançar melhoras para a filha, a funcionária a teria orientado a buscar a ajuda do padre Bernardo. A contragosto da menina, a família a teria levado para ser benzida pelo padre, tendo ela se curado em seguida. Para a família essa cura é vista como um milagre protagonizado pelo sacerdote e, por esse motivo, todos os anos eles costumam visitar seu túmulo.²³⁹

Consta ainda desse relato que, ao chegar à igreja, a família foi interpelada por “uma moça morena de feições muito feias” que os incomodava, pedindo para que se retirassem dali. Ao comentar esse último detalhe com o padre, a mãe da menina recebeu a informação de que era comum ouvir sobre a existência de pessoas que tentavam impedir outros de adentrarem a igreja, mas que depois elas desapareciam.²⁴⁰

Relatos informais ampliam o citado por Serafim e informam que era comum pessoas sentirem mal-estar tanto no momento da entrada na Igreja quanto na saída das orações e missas. Algumas inclusive chegando a desmaiar devido aos assédios. Nesses momentos, o padre as acolhia e utilizava essas situações para enviar os “espíritos” possuidores para a “luz”.

Os casos citados acima mostram uma vez mais a atribuição de sentidos e poderes dados pelo padre não somente a objetos, mas a lugares e fatos ocorridos para explicar situações adversas, capazes de transformar física e emocionalmente uma pessoa. Novamente tem-se a atribuição de sentido a elementos externos, como o espírito que morrera em situação extremamente sofrida em estrada e o vestido desconhecido como responsáveis pelas agruras vividas pela senhora portadora de hanseníase e pela menina e sua família. Em ambos os casos, portanto, a responsabilidade pelo sofrimento tem como protagonista algo externo ao indivíduo sofredor e plenamente passível de ser superado mediante orações e bênçãos, isto é, de rituais de domínio do monsenhor.

Mais uma vez, o procedimento utilizado encontra eco na pessoa que o procura, pois o faziam porque ele, ao menos em relação ao catolicismo, não era ortodoxo em sua terapia de

²³⁸ Ibidem, s/p.

²³⁹ Ibidem, s/p.

²⁴⁰ Ibidem, s/p.

cura. Em sua *performance* se entrelaçavam crenças diversas, portanto, ações e conhecimentos que se desviavam das formas de agir comuns aos padres católicos.

O diagnóstico dado a família de L. está ligado ao universo dos espíritas, bem como às religiões de matriz africana como a Umbanda, o Candomblé e o Vodun, que sabemos, o padre parece ter tido um certo conhecimento. É importante lembrar que o senhor C. E., do Centro Espírita Caminheiros, relatou que o padre costumava estudar na biblioteca do centro ou emprestar livros do local a fim de se inteirar não só da religião, mas também dos procedimentos utilizados para diagnosticar, curar ou orientar pessoas que necessitassem de determinados tipos de tratamento.

Não é comum um padre dizer que o comportamento apresentado por uma pessoa seja causado por um espírito que o possuiu, tirando até mesmo sua capacidade de se controlar física e emocionalmente, ou, ainda, submetendo o corpo possuído a doenças diversas. Diferentemente do ocorrido com a menina L. e o amarrão, nem o vestido nem o local/morte à míngua parecem ter sido investidos de poderes maléficos intencionalmente.

Teria o padre se tornado alguém com uma capacidade múltipla para reconhecer as diferentes formas pelas quais os males físicos, emocionais e sociais podem chegar até uma pessoa? Ou ainda, com o passar dos anos, ao aprofundar os estudos sobre questões dessa natureza, teria encontrado respostas diferentes para os dramas que lhe eram trazidos?

É provável que tenha havido um enfraquecimento das certezas trazidas pelo jovem padre quanto aos motivos promotores de angústias e dissabores daqueles que o procuravam. Entre o padre de 1973, e mesmo antes, e o monsenhor dos anos 1990 houve múltiplas experiências ligadas à sobrenaturalidade que fizeram dele alguém com conhecimento respeitável sobre o assunto.

Se num primeiro momento de sua trajetória, os objetos investidos de malefícios eram oriundos de pessoas com o desejo consciente de promover o mal a outrem, com o passar do tempo e com inúmeros casos atendidos, ele parece realizar um desvio naquela forma de pensar.

Por isso nem o vestido repelido pela criança, nem o local onde a senhora teria sido infectada foram vistos como intencionalmente responsáveis pelas atribulações. É uma situação nova que se origina daquela primeira, mas acrescida de novos parâmetros com base nas experiências vividas por ele.

A essa mudança baseada na reflexão diante da realidade, Morin denomina de “espíritos livres”, posto serem realizadas por indivíduos que deixam “de ser submissos perante as ordens,

mitos e crenças que emanam do Grande Computador e se tornam sujeitos do conhecimento”.²⁴¹ Ou seja, o padre amadurecera com suas experiências.

Acontecimentos tendo Bernardo como protagonista foram registrados em periódicos locais, como o artigo assinado pelo jornalista local Paulo Pupim, no qual se destaca a imagem do padre e o título do artigo. Na primeira, ele aparece em meio a uma multidão segurando em suas mãos um pequeno vaso provavelmente contendo óleo bento segundos antes de benzer uma senhora idosa. Já o título faz referência às graças atribuídas a ele pelos frequentadores das celebrações. O ano é 1998, quando a paróquia Divino Espírito Santo se encontrava no auge da dinâmica de atendimentos orquestrada pelo padre.

FIGURA 22 - Fiéis dizem alcançar graças em missa celebrada pelo padre Bernardo Cnudde, 1998.



FONTE: ACMM, 2018.

²⁴¹ MORIN, op. cit., p. 34.

Pupim introduz sua narrativa informando que as missas de intercessão por graças aconteciam regularmente às quartas-feiras²⁴² à tarde na igreja Divino Espírito Santo e que eram ministradas tanto pelo padre Bernardo quanto por seu vigário, o padre Francisco Robl, conhecido como padre Chiquinho.²⁴³ Segundo o jornalista, participavam da missa naquele nove de julho aproximadamente 400 pessoas de Maringá e da região, sendo o número expressivo de fiéis resultante da divulgação do fato de que graças eram recebidas quando o monsenhor era o responsável pelas bênçãos.

Desse total o jornalista considera que um terço dos participantes fosse de outras cidades da região e, inclusive, das cinco pessoas por ele entrevistadas, quatro mulheres e um homem, três são de cidades vizinhas e todos admitem ter sido objeto ou da cura de doenças físicas e emocionais ou de graças recebidas em relação a questões financeiras.

Bênçãos que recaíam sobre as pessoas em forma de unção com o óleo do crisma e “água benta” aspergida sobre objetos diversos como crucifixos, medalhas, carteiras de trabalho, imagens de santos, fotografia e frascos com água. Bilhetes com pedidos de cura para doenças ou para encontrar um emprego juntamente com pedidos para livrar filhos de vícios em drogas ou de companhias indesejáveis compunham o rol de objetos levados para serem ungidos pelo monsenhor.

Questionados pelo jornalista sobre as curas alcançadas nas celebrações eucarísticas, os dois clérigos deram respostas diferentes. Padre Chiquinho atribuiu as curas à água benta e seus poderes purificadores, já o padre Bernardo foi mais cauteloso em sua resposta. Afinal, a maioria dos frequentadores de suas missas e daqueles que o procuravam na secretaria atribuíam a sua pessoa a capacidade de interceder graças que muitas vezes eram consideradas milagres.

Isentando-se desse protagonismo, o padre responde que se houve milagres, esses devem ser atribuídos a Deus, uma vez que “a oração é a força do homem e a fraqueza de Deus”²⁴⁴, em uma paráfrase retirada de Santo Agostinho, informa o jornalista. O padre credita ainda o crescimento no número de frequentadores das missas na paróquia como um “sinal do aumento da fé popular”.²⁴⁵

²⁴² Em princípio, as missas aconteciam às terças-feiras, até que o arcebispo Jaime estabeleceu esse dia como a “folga” dos padres. A partir de então, as missas na igreja Divino Espírito Santo e em outras paróquias passaram a acontecer às quartas-feiras. Ressalta-se que celebrações eucarísticas envolvendo a unção de objetos não era privilégio da Paróquia Divino Espírito Santo. Conhecida por vezes como “missa dos doentes” é uma celebração recorrente em todas as paróquias da arquidiocese ainda na atualidade.

²⁴³ Em 2010, a trajetória de vida do Padre Chiquinho foi narrada pela professora Pedrina P. Souza Cruz no livro “Padre Francisco Robl, scj: o “padre Sorriso”. Para mais detalhes sobre essa biografia Cf. CRUZ, Pedrina P. Souza. **Padre Francisco Robl, scj: o “padre Sorriso”**. Blumenau: Odorizzi, 2010. 223 p.

²⁴⁴ PUPIM, Paulo. Fiéis dizem alcançar graças em missa. **O Diário do Norte do Paraná**, Maringá, 09 jul. 1998, p. 03.

²⁴⁵ PUPIM, loc. cit.

Considerado por Pupim como comunicativo e com jeito peculiar de falar, devido provavelmente ao sotaque francês que nunca o abandonou, nas palavras do jornalista, o padre “é cauteloso ao comentar o fato de que muitos fiéis depositam nele a responsabilidade pelas graças atingidas, ou, como definidos por alguns, milagres mesmo”.²⁴⁶

Infere-se, portanto, que o padre não ignorava a forma como as pessoas o viam e a fé nele depositadas, mas que procurava se resguardar com afirmativas que remetessem a sua frase que era seu lema: “Sei em quem acreditei”, retirada do livro do apóstolo Timóteo²⁴⁷, relegando a Deus o crédito por sua eficácia como registrado por Pupim.

Casos citando milagres e graças recebidas por suas mãos e orações foram descritos por diversos memorialistas. L. N. conta ainda outra passagem em que o padre teria realizado um segundo milagre de cura em relação a sua própria pessoa. O episódio teria ocorrido quando, já adulta, decidiu pôr fim à própria vida e ingeriu uma quantidade, segundo ela, letal de medicamentos. No entanto, ao invés de lhe tirar a vida, a ingestão dos medicamentos a teria levado a um sono profundo no qual o padre teria aparecido e dito que não só ela não morreria, como sairia do episódio sem nenhum tipo de dor ou sofrimento físico. Viva e saudável, ela costuma referir-se a si mesma com um milagre e ao padre, como um santo.

O diácono A. J. conta que quando seu irmão sofreu queimaduras em ambas as pernas, o padre chegou até ele em sua cadeira de rodas e ajoelhando-se disse que as queimaduras não deixariam qualquer sequela. Essa afirmativa contrariava o que os médicos haviam informado e, de fato, houve restabelecimento total dos tecidos que cobriam as pernas do irmão do diácono, confirmando as afirmações do monsenhor.

Mas, havia casos em que o padre compartilhava dos diagnósticos médicos, como quando os pais de S. T.²⁴⁸ levaram sua irmã, então com doze anos, diagnosticada com câncer para ser curada pelo monsenhor e este, após um longo momento com a menina junto ao Santíssimo, teria corroborado o que os médicos disseram com a seguinte frase: “Às vezes, Deus vem na Terra para buscar uma linda flor e enfeitar o seu altar”. Os pais da menina ficaram muito descontentes com a resposta, mas, atualmente, o senhor S. T. vê o acontecido como um fato extraordinário, uma experiência mística na qual o que se sobressai é a autoridade com que o padre Bernardo agiu diante da situação delicada.

²⁴⁶ PUPIM, loc. cit.

²⁴⁷ PARÓQUIA DIVINO ESPÍRITO SANTO... op. cit.

²⁴⁸ S. J. T. Fº, 59 anos, me recebeu em seu gabinete na Câmara Municipal de Maringá onde é vereador. Sua experiência com o padre se iniciou ainda na infância com o citado fato acerca do passamento iminente de sua irmã e se ampliou quando, na juventude, ele ingressou no Grupo de Renovação Carismática Filhos de Sião, o mesmo responsável pelas manifestações coletivas acontecidas junto ao túmulo do padre, principalmente na data de falecimento deste.

F. e H. relembram casos em que o monsenhor anunciava o passamento iminente de pessoas que o procuravam em busca de orações e cura como quando ele foi atender ao filho de um paroquiano que estava internado em Curitiba. Conta o sr. F., que os pais do jovem financiaram a ida do monsenhor até a capital para que ele orasse pelo filho. Ao retornar, no entanto, o padre teria informado aos familiares que o caso do jovem era irreversível. Fato semelhante foi citado anteriormente a partir da experiência vivida por R. L. T. em relação ao cunhado que fora até o padre para receber orações e cura, mas que a família foi informada de que nesse caso nada podia ser feito, tendo o parente falecido dias após a consulta com o monsenhor

Noutra ocasião, o padre pescava com amigos quando sem nenhum aviso, pois não havia sequer telefone no local, teria dito que deveriam abandonar o passeio, porque o pai da zeladora de sua casa, dona R., havia falecido, fato confirmado assim que chegaram à residência do padre. Com base nessa lembrança, dona P. definiu os milagres realizados por ele da seguinte forma:

Eram umas coisas assim, sabe! Não eram os milagres que todo mundo quer ver, um cego enxergar, um paraplégico andar, a gente não presenciou isso! Mas o que a gente presenciou eram as coisas do dia a dia, da vivência, sabe!? Que para nós era milagre!!! Era algo extraordinário que ele fazia! Não era normal! Então era assim, no meio de certas conversas, ele falava alguma coisa que a gente depois ia ver e era mesmo! Entendeu? Isso foi várias vezes, que a gente não lembra muito, mas isso foi várias vezes.

P. leva à reflexão sobre uma possível hierarquia entre os milagres. Como se houvesse milagres da ordem do mais extraordinário – fazer um cego enxergar, um paraplégico andar – para o menos extraordinário, inscrito no cotidiano, o que remete aos conceitos já apresentados e definidores do que seria uma graça e um milagre, porém significados diferentes pouco importam para o devoto.

Um exemplo desses “milagres menores” foi citado noutra parte da entrevista, quando ela relata que durante vários anos sua família acompanhou o padre à missa do Dia de Finados, no cemitério municipal, e que nessas ocasiões o estacionamento estava sempre muito lotado e que o padre insistia em dirigir até perto do portão central, pois sua vaga estaria reservada e ele sempre encontrava uma vaga para sua “nervosinha”, que era como ele apelidou seu carro, uma Brasília.

Nesse caso em especial, o “milagre” atribuído ao padre parece sustentar-se mais pela aura de mistério que o cercava e pela rede de divulgação na qual seus atos passaram a ser compreendidos, em sua maioria, como pertencentes à esfera do sobrenatural, do que por sua impossibilidade de explicação científica.

Somam-se a esses relatos, fatos, conversas informais acontecidas sobretudo junto ao túmulo do monsenhor por parte de pessoas que tiveram familiares curados de depressão; bebês recém nascidos que só conseguiram dormir após sua intercessão; pessoas desempregadas que, após solicitarem sua intercessão, conseguiram emprego. São relatos nos quais se repete o tônus de identidade, ou seja, retomam o fato do quanto ele era acessível e sensível às dores daqueles e daquelas que o procuravam em busca de respostas para os dramas e também de cura ou orações intercessoras.

Nessas ocasiões, é visível o reconhecimento do quão ocupado ele era e da dificuldade para conseguir estar à sós com ele por alguns minutos. Nesse sentido, a dinâmica de agendamentos organizada por sua assistente, chamada Irmã Isabel, parecia ser a melhor forma encontrada para dar conta do expressivo número de pessoas que o procuravam.

Em geral, os relatos de recepção de graças ou milagres atribuídos ao padre referem-se ao período em que ele era vivo, à exceção de dois casos. Um deles foi uma declaração informal acontecida junto ao túmulo, em agosto de 2017, quando uma senhora afirmou ter recebido a graça de encontrar um trabalho depois de pedir a intercessão do monsenhor. Outro refere-se ao ocorrido com a tentativa de suicídio cometido pela sra. L.

À exceção desses dois casos, não foram registrados, nas mais de uma dezena de trabalhos no local, relatos que atestem a recepção de graças ou milagres após o falecimento do monsenhor. Em sua maioria, os relatos estão condicionados a fatos passados, rememorados constantemente, acrescidos ou suprimidos em uma ou outra informação, mas nunca renovados por casos inéditos acontecidos sobretudo depois de sua morte.

Nesse sentido, se a eficácia do milagreiro reside na sua capacidade de realizar curas e milagres ou de conceder graças diversas, e se a consolidação de um santo de cemitério é dada também pela condição de ser capaz de realizar milagres e de ser um intercessor por graças, no caso do padre Bernardo não houve continuidade dessa eficácia no post mortem.²⁴⁹ Ainda segundo Andrade Jr., a divulgação de parte dos devotos é o elemento que agrega novos devotos²⁵⁰ ao milagreiro, outro fato que também não foi constatado em relação à devoção destinada ao padre Bernardo.

Abundam relatos de ações sobrenaturais para o período em que o padre era vivo, mas à exceção das comunicações citadas acima por Serafim, do ocorrido com L. durante a tentativa de suicídio e da senhora que credita ao pedido feito junto ao túmulo do padre o fato de ter

²⁴⁹ ANDRADE JÚNIOR, 2008, op. cit. p. 09.

²⁵⁰ ANDRADE JÚNIOR, loc. cit.

encontrado trabalho, o que se viu durante a pesquisa foi um constante rememorar de ações passadas nas quais o monsenhor era o protagonista. Salvo essas ações, não foram agregados novos casos envolvendo o padre e seus poderes naturais ou transcendentais, bem como não se verificou uma divulgação por parte dos devotos sobre eventos protagonizados pelo monsenhor após seu falecimento.

Nem mesmo os eventos nos quais ele é rememorado juntamente com outros padres e integrantes do Grupo Filhos de Sião servem para divulgar sua eficácia como milagreiro depois de sua morte. Nessas ocasiões, os casos passados são constantemente lembrados numa tentativa de recriá-los e mantê-los vivos, não para um novo público com capacidades potenciais como devotos, e sim para aqueles e aquelas que compartilham dessa memória. A devoção ao padre Bernardo carece de novos adeptos, as narrativas acerca de sua *performance* não se multiplicam. Ao contrário, se restringem à medida que seus devotos deixam de existir de forma que a devoção se torna algo contingente.

3.3.3 A formalidade dos atendimentos

Embora o padre frisasse que os milagres a ele atribuídos eram de fato fruto da fé do povo, e não de sua pessoa, para os que o conheceram, era ele, que dotado de dons especiais e portador de uma fé profunda, o responsável pelas curas recebidas e pelos pequenos milagres cotidianos. Sua fama como curador levou a paróquia Divino Espírito Santo a adotar um sistema de atendimento individual e coletivo para dar conta do número de pessoas que buscavam suas bênçãos. Além disso, ele construiu em sua residência um espaço exclusivo para atendimentos.

Há uma lógica nas práticas realizadas pelos consumidores, explica Certeau²⁵¹, que pode ser utilizada como referência para as formas como o padre e sua equipe se apropriaram do seu espaço de trabalho e organizaram os atendimentos. É certo que o atendimento ao público, quer seja na sacristia ou na secretaria da igreja, não é uma novidade, assim como não é a celebração de missas específicas para unção de pessoas doentes ou gestantes, e até mesmo atendimentos em hospitais, residências e empresas que desejam receber bênçãos de sacerdotes católicos ou de pastores e pessoas religiosas.

O que há de novo é a forma utilitária com que o padre passou a operar seus atendimentos dentro da estrutura já existente e autorizada pela instituição, investindo em uma *performance* eclética no que tange às técnicas e métodos de atendimento. Com o constante aumento na busca

²⁵¹ CERTEAU, op. cit., 2014, p. 41.

por atendimentos, o padre e a Irmã Isabel adotaram uma agenda para organizar datas e horários com antecedência.

N. – Vinha muita gente de Cuiabá para falar com ele ...

P. – Marcava horário né...

N. – Ligava para irmã Isabel. A irmã Isabel era mais ruinzinha assim! (risos)

P. – Era braba!

N. – Para os outros assim. Era braba! Mas, daí ia marcar, falava com ele, ele falava: pode vir! Ele não tinha esse negócio de não tem horário! Pode vir que eu atendo!²⁵²

Muitos gostam de contar como foram preferidos pelo padre quando este os atendeu sem hora marcada. Situações em que ele dizia que era para procurá-lo a qualquer tempo, que esperassem do lado de fora de sua sala que ele os atenderia mesmo sem horário agendado. Para o padre Júlio, situações dessa natureza demonstram o quanto a população o exauria a ponto de debilitá-lo em sua saúde e levá-lo à morte prematura.

Irmã Isabel fazia parte das religiosas responsáveis pelo Colégio Regina Mundi e agia por vezes como sua guardiã, limitando e disciplinando os atendimentos. Conhecida pela firmeza com que agia nessas situações, após a morte do monsenhor, ela teria queimado seus pertences, deixando muitos paroquianos descontentes, informam P. e N. pois, segundo eles, não houve uma ordem superior autorizando tal feito.

Um documento em especial demonstra como o relacionamento entre o monsenhor e as religiosas locais era baseado no afeto e na confiança. Foi um pedido feito ao Bispo Jaime em 23 de junho de 1988, manifestado do desejo de que o padre Bernardo se tornasse o assistente espiritual das religiosas da comunidade local.²⁵³ No entanto, os atendimentos em geral variavam de pessoas que desejavam um encontro particularizado com o padre, fosse na secretaria, em suas residências, visitas hospitalares ou em empresas, até missas especialmente dedicadas às bênçãos coletivas, como se viu na reportagem de Pupim.

Nessas ocasiões, o padre ungia, “ouvia mais do que falava” segundo F.C.; rezava ajoelhado ou em pé, benzina com óleo, com ou sem água e impunha as mãos sobre os presentes. Dependendo do atendimento, utilizava o livro de rituais romanos quando a visita se destinava à realização de exorcismos, explica o sr. N.

A forma como o padre atendia pouco difere de outros atendimentos realizados por seus pares. O que o diferenciava era o investimento feito em equipe e espaços destinados para esse propósito. A dinâmica criada e mantida pelo padre na Divino Espírito Santo não se destinava

²⁵² P. P. B. e N. M. S. B.

²⁵³ ACMM, 2018.

apenas ao desenvolvimento paroquial voltado para a comunidade local. O cuidado com a paróquia e a pastoral coexistiam em paralelo à dinâmica de atendimentos ao público. Forma escolhida por ele para exercer o ministério, porém não sem desgaste pessoal, como relembram dona P. e o seu marido:

N. – Depois que ele fazia as bênçãos, como ele ficava. Ele falava: meu Santinho, põe a mão aqui. Eu punha e estava pegando fogo. Ele, de sábado, almoçava e já ia atender. Tinha dia, à tarde, que nós íamos na missa eu estava escalado para ministro²⁵⁴ ele falava: “Estou tão cansado, tão cansado”.

P. – [Depois dos atendimentos] ia para casa. Fazer comida. Dormir.

N. – Ia para casa. Às vezes para a casa de algum amigo comer uma pizza. A nata de Maringá, tratava ele assim.²⁵⁵

Convites para o benzimento de estabelecimentos comerciais e instituições eram frequentes, assim como uma longa lista de noivos e de pais que pediam o batismo para seus filhos e que desejavam que a cerimônia fosse realizada exclusivamente por ele. Das memórias coletadas fica evidente o orgulho daqueles que tiveram seus sacramentos ministrados pelo padre, como se o fato os tornasse mais íntimos e mais abençoados.

O envolvimento do padre com o atendimento era tão grande que nos idos dos anos 1990, quando construiu uma casa para si, há poucas quadras da igreja, constava desde o projeto uma sala exclusiva para a realização de atendimentos em sua própria residência.

De dimensões singelas, algo entre 9m² para o porte da residência – um sobrado com aproximadamente 600m² – a sala é parte dos cômodos térreos em conjunto com a biblioteca e uma sala de recepção. Somam-se a esse conjunto uma área íntima, constituída por uma lavanderia, uma garagem e uma área externa voltada para o interior do terreno, equipada com churrasqueira e pia, e capacidade para receber aproximadamente 50 pessoas sentadas.²⁵⁶

As demais dependências da residência encontram-se no andar superior, como a cozinha, os quatro quartos, – todos suítes – a sala de jantar com capacidade para uma mesa de dez convidados e que existia no local até o ano de 2018, uma sala íntima de televisão e uma segunda área gourmet, composta por uma mesa em ardósia com capacidade para seis pessoas e uma churrasqueira elétrica. A cozinha, que fica ao lado da área gourmet superior, foi equipada com aparelhos domésticos como forno elétrico e pia de granito, ainda existentes no local.

²⁵⁴ N. refere-se ao trabalho dos Ministros de Eucaristia. Membros da Igreja Católica investidos de autoridade para celebrar a liturgia sem consagrar a hóstia; auxiliar os celebrantes; visitar e levar a eucaristia aos doentes.

²⁵⁵ P. P. B. e N. M. S. B.

²⁵⁶ Essas informações foram alcançadas em trabalho de campo realizado na ex-residência do padre. O atual proprietário, o senhor R. N., 61 anos, foi quem permitiu o acesso ao sobrado, assim como também concedeu a única entrevista na qual foi utilizado o equipamento de vídeo do celular para registrar o local e sua fala.

Geralmente, as residências dos sacerdotes pertencem às paróquias, mas, no caso do padre Bernardo, embora o senhor F. C. confirme que a casa foi construída também com fundos paroquiais, a maior parte da construção é fruto de financiamentos do próprio monsenhor e de empresários locais como forma de agradecimento. Materiais de construção, móveis e outros equipamentos bem como alimentos faziam parte das doações recebidas pelo padre, sem falar nas já citadas casas de praia que eram disponibilizadas pelos paroquianos para o monsenhor, esclarecem os ex-ministros F. e N.

Ao construir uma residência com tais características, o padre demonstra uma certa autonomia. Uma casa com evidentes características de recepção ao público taticamente demarca seu espaço de atuação à margem da Igreja Católica local. Sendo sua residência um espaço pessoal, sem conexão direta com a Igreja, ele poderia dispor de seu uso da forma que melhor lhe agradasse, inclusive investindo em locais especialmente reservados para o atendimento ao público.

Já foi mencionado que ele teria adotado uma família composta por mãe e filhos que passaram a viver em sua casa tempos depois que ele voltou de Santa Isabel do Ivaí. Prática que não encontra respaldo noutras atuações locais e demarca mais um elemento do uso particularizado que ele fazia de sua residência.

Além disso, era comum o padre promover festas e encontros menores, utilizando ambos os espaços gourmets presentes no edifício. Amante da gastronomia, ele era considerado um chef de cozinha principalmente quando supervisionava a preparação do menu de forma detalhada e autoritária. “O padre era assim, detalhista na cozinha”, confia a sra. P. P. B. e explica que:

(...) para fazer uma salada para ele, de legumes, ele chamava de seleta de legumes, tinha que cortar todas do mesmo tamanho. Tipo a cenoura, tudo do mesmo tamaninho. Nada de uma maior uma menor! Senão ele botava fora. “Faz de novo”. Detalhista assim as coisas. Tudo certinho!

O monsenhor Júlio recorda o apreço que o padre tinha pela gastronomia como algo que o relaxava de sua agenda lotada:

A terapia dele era a cozinha e a pescaria. Aliás, cada comida simples, mas, deliciosa. De vez em quando nós tínhamos os encontros dos padres e ele que se encarregava da cozinha. Era um cozinheiro de mão cheia, porque antes de ser padre ele trabalhou como confeitiro. Ele trabalhava na França e fazia esse serviço por lá.

Era comum o padre ser o responsável pela cozinha em quermesses, almoços beneficentes na paróquia ou noutras quando era convidado. Ocasões nas quais era comum

chegar com seu apreciado estojo de talheres trazidos especialmente da França, onde teria realizado diversos cursos de gastronomia. N. e P. lembram inclusive que ele teria sido cozinheiro no tempo em que esteve na guerra, segundo eles, durante a 2ª Guerra Mundial.²⁵⁷

Fato que é lembrado em meio a gargalhadas pelo casal:

N. – Ele contava para nós que na Segunda Guerra Mundial era cozinheiro. Ele falava: “eu era cozinheiro”. Eu falei “e daí, o senhor foi pra batalha?” ele falou: “fui, mas se eu matei alguém eu não sei!” (risos) “que eu atirava lá assim”.

P. – Porque ele era jovem né, nem era padre ainda.

FIGURA 23 - Padre Bernardo em momento de lazer, década de 1990.



FONTE: A.CERVO Particular de P. P. B. e N. M. S. B. e P. P. B., 2018.

Conhecidos os detalhes acerca da formalidade das práticas utilizadas pelo padre em relação aos atendimentos, passemos ao estudo de sua identificação enquanto *outsider*.

²⁵⁷ Os documentários sobre a vida do padre presentes no DVD disponibilizado pelo casal informam que, de fato, o padre foi capelão da Guerra da Argélia, um movimento de libertação promovido por esse país frente ao domínio francês, que tomou curso entre 1954 e 1962. Ou seja, o padre não atuou durante a Segunda Grande Guerra como afirmam os memorialistas.

3.4 A PERFORMANCE E A IDENTIFICAÇÃO COMO *OUTSIDER*

O padre foi identificado anteriormente, de acordo com uma das muitas representações que se tem dele. Diante de sua abertura para outras religiões, verifica-se como, mesmo tomando bastante cuidado, buscava formas diversas para realizar os atendimentos àqueles e àquelas que o procuravam. Todo esse cuidado revela que ele sabia como era visado e para evitar enfrentamentos diversos mantinha, por exemplo, as visitas ao centro o mais discretas possíveis.

Segundo o sr. C. E., “quando ele percebia mediunidade nas pessoas, encaminhava para o Centro Espírita Caminheiros” embora evitasse se aprofundar nesse sentido, pois

Ele vinha [ao Centro], às vezes, com bastante cuidado. Ele sabia... Ele era muito visado e muito procurado também! E ele tomava esse cuidado e estava certo: evitar enfrentamentos. Mas ele vinha, sim. Hoje eu analiso aquela relação e percebo o quanto ele foi sábio em se manter dentro de um critério, mantido pela religião dele, mas atendendo a todos. Eu considero o padre Bernardo como alguém que antes de ser católico, foi cristão. E ele não era sistemático quanto à religião. Ele não era dogmático, ele era uma pessoa muito liberal. Muito liberal. Hoje se fala tanto do padre Bernardo e eu o considero uma pessoa comum, talvez passando um olhar sobre trabalhadores atuais na questão religiosa, eu penso que ele foi um dos grandes trabalhadores de Maringá. E que fazia tudo para quem procurava ele, não importava de qual religião fosse. Ele não perguntava qual a religião da pessoa! Ele nunca perguntou. Ele somente fazia o que podia.²⁵⁸

São momentos em que se observa como o padre ultrapassava os limites dados pelos dogmas católicos para manter sua economia, ainda que, por vezes, isso tenha lhe custado algumas advertências por parte do bispo Jaime. Comenta o sr. N. que o “carisma dele [Bernardo] era muito grande. Muito grande. Inclusive eu fiquei sabendo, foi ele que me falou, que o Dom Jaime falou para ele não fazer cura assim, que vinha gente de todo lugar. Para ele parar um pouquinho de fazer cura”. Mas o padre não costumava atender plenamente aos pedidos feitos pelo arcebispo e, segundo o sr. F., era comum ele diminuir os atendimentos para logo em seguida retomá-los novamente.

Dom Jaime, no entanto, tinha suas próprias formas de manter um certo controle sobre seu confessor, como mostra a carta enviada ao monsenhor no dia 22 de maio de 1986. No documento, o arcebispo solicita a padre Bernardo que permaneça em atendimento no seminário diocesano de segunda a quinta-feira, e que suas responsabilidades paroquiais devem ser repassadas para a irmã secretária – seria irmã Isabel? Dom Jaime não especifica –, e que o padre poderia atender aos seus fiéis entre sexta-feira e domingo.

²⁵⁸ C. E. M.

Peço levar essa resolução ao conhecimento dos seus fiéis paroquianos, pedindo a eles – para o bem da Igreja, numa maior assistência aos nossos queridos Seminaristas, futuros padres – a melhor compreensão. Tudo isso é diante da grande falta de padres para atender todos os setores da nossa Arquidiocese.²⁵⁹

Ou seja, o monsenhor teria três dias para se dedicar ao atendimento paroquial, inclusive sem poder celebrar a famosa missa das quartas-feiras. Tempo que aparentemente parece não dar conta da dinâmica organizada por ele. Se considerarmos que em agosto daquele mesmo ano, ele foi nomeado vigário ecônomo do Seminário e que permaneceu por pouco tempo no cargo, como registrou o padre Sidney Fabril²⁶⁰, é possível conjecturar que ele não tenha se dedicado ao Seminário tanto quanto o arcebispo desejava.

Howard Becker conceitua como *outsider* todo aquele que se desvia das regras do grupo²⁶¹ sem que com isso haja uma ruptura entre as partes. Nesse sentido estrito, padre Bernardo seria, por sua economia, um tipo de desviante, uma vez que se manteve alinhado às normas de seu grupo de pertencimento – o catolicismo e seu sacerdócio –, mas buscou noutras denominações e práticas formas para melhor desempenhar seu papel dentro daquele mesmo grupo. Vejamos como Becker tornou possível a utilização do termo.

Segundo ele, todos os grupos criam regras e utilizam mecanismos para impô-las. Com isso, estabelecem o que é “certo” e o que é “errado” para um grupo. Torna-se um *outsider* aquele que infringe essas regras. O termo, no entanto, não é tão objetivo como parece em princípio pois, aquele que foi rotulado como desviante pode considerar como desviante exatamente o seu algoz, por não reconhecer a autoridade ou a competência deste.²⁶²

Diante dessas acepções, o termo se torna ambíguo, pois remete “à situação de transgressão da regra e de imposição da regra e os processos pelos quais algumas pessoas vêm a infringir regras e outros a impô-las”.²⁶³ Como o termo *outsider* se relaciona com a questão das regras, o autor faz uma lista dos tipos de regras existentes na sociedade. Cita, em primeiro lugar, as promulgadas na forma de lei e que permitem ao Estado impô-las e, em seguida, as regras informais sedimentadas pela tradição e submetidas a um corpo de especialistas com o poder de impingi-las, como por exemplo, o comitê de ética de uma associação.

Becker cita ainda um terceiro tipo que são aquelas que embora constem dos códigos legais já não são mais impostas. Um exemplo seria a lei que proibia (nos EUA dos anos 1960,

²⁵⁹ ACMM, 2018.

²⁶⁰ FABRIL, op. cit., p. 127.

²⁶¹ BECKER, op. cit., p. 17.

²⁶² BECKER, op. cit., p. 15.

²⁶³ BECKER, loc. cit.

quando a obra foi escrita) certas atividades aos domingos. Esse último modelo não é objeto de estudo de Becker, que está mais interessado “sobretudo no que podemos chamar de regras operativas efetivas de grupos, aquelas mantidas vivas por meio de tentativas de imposição”.²⁶⁴

Uma outra forma de explicitar a ambiguidade do termo é definir o conceito de desvio que melhor se adequa à posição de *outsider* enquanto indivíduo que se desvia das regras do grupo. Após analisar como a estatística, a medicina e a sociologia definem o desvio, o autor considerou como ideal a proposta sociológica, pois essa “identifica o desvio como uma falha em obedecer às regras do grupo”²⁶⁵ e seria a que mais se aproxima da aceção proposta por ele próprio, pois ela limita as ambiguidades (impor ou infringir regras), uma vez que desloca a condição do indivíduo enquanto o desviante para os grupos sociais que criam o desvio.

Tal pressuposto parece-me ignorar o fato central acerca do desvio: ele é criado pela sociedade. Não digo isso no sentido em que é comumente compreendido, de que as causas do desvio estão localizadas na situação social do desviante ou em “fatores sociais” que incitam sua ação. Quero dizer, isto sim, que *grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio*, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders. Desse ponto de vista, o desvio *não* é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um “infrator”. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal.²⁶⁶

Compreendido a partir dos pressupostos de Becker, padre Bernardo é identificado como *outsider*, porque ao atuar em meio à população e criar e sustentar uma prática massiva de atendimentos que ia além das confissões, preparação de noivos para casamentos, aconselhamentos diversos, enfim, dos serviços comuns a um pároco, ele estabeleceu na Divino Espírito Santo uma aura de mistério disseminada na comunidade local e fora dela, por sua dinâmica de atendimentos. O personagem principal era sua própria pessoa, que ousava se desviar do esperado por sua instituição e ofertar outras perspectivas para a vivência sacerdotal, pautada em possíveis resoluções para os problemas e dramas cotidianos dos paroquianos e, no caso dele, também dos simpatizantes.

Atendendo indiscriminadamente, o padre investia em conhecimentos que melhorassem sua *performance*. Além de contar com a formação sacerdotal missionária, fez o curso de parapsicologia citado pelo padre Júlio, bem como pesquisas realizadas na biblioteca do Centro Espírita Caminheiros junto aos trabalhadores do local, como verificado anteriormente.

²⁶⁴ Ibidem, p. 17.

²⁶⁵ Ibidem, p. 20.

²⁶⁶ Ibidem, p. 22 grifo do autor.

Situações que envolvem essa ampliação dos serviços comuns aos sacerdotes foram descritas à exaustão tanto em relatos registrados para a entrevista quanto em conversas informais. É difícil tocar no assunto “padre Bernardo” em Maringá e não ficar sabendo de um fato protagonizado por ele em vida, quer seja da ordem de curas ou de atendimentos a pessoas em situação de carência afetiva ou econômica.

Não é novidade, no entanto, que padres católicos realizem exorcismos e, segundo o mons. Júlio, todos os padres têm autoridade para realizar essa ação, mas, continua ele, o padre Bernardo não era o exorcista autorizado da diocese, embora ele confirme ter ouvido que o monsenhor desse esse tipo de assistência. O que concorre para que tal dado seja incorporado à biografia do monsenhor é a tentativa de manter a narrativa o mais fiel possível ao verossímil presente nos relatos e também porque não há relatos de que outros padres que atuaram na cidade tenham realizado tais atividades no mesmo período, o que não exclui o fato de terem ocorrido e não terem sido divulgados. Não houve na diocese maringaense, antes ou depois de Bernardo e até o presente, um padre cuja experiência seja marcada pela crença em sua capacidade de curar que tenha ultrapassado os limites de sua paróquia, e mesmo do município e do país, como foi o seu caso.

Talvez o padre Chiquinho tenha tido uma repercussão municipal devido a seu caráter carismático, mas jamais teve sua figura ligada a cura ou milagres. Outro pároco local citado pela professora aposentada, a sra. M. A., como possuidor de uma forte oração foi o padre Jezú Flor²⁶⁷, mas nada comparado ao atribuído ao padre Bernardo. Atualmente cogita-se pelos corredores da Cúria Metropolitana sobre a possibilidade de se entrar com um processo de beatificação para o padre Geraldo Schneider, falecido em 2017.

Monsenhor Schneider, que também tem seu nome ligado a um trabalho exaustivo de atendimento à população carente, era conhecido por promover um amplo trabalho de assistência social que incluiu a construção de casas para acolhimento de pessoas em situação de rua, dependentes químicos, crianças em situação de vulnerabilidade social, além de ter sido o idealizador da TV Terceiro Milênio. Considerando dados coletados informalmente, consta que

²⁶⁷ O padre José Jesu Flor (1921-1987) foi o primeiro vigário da Paróquia Santo Cura D’Ars instalada em Paiçandu, no dia 08 de agosto de 1962. Naquela época, e ainda hoje, a paróquia pertencia à diocese de Maringá. Natural do Ceará, ele pediu incardinação na diocese em 1962, onde passou a atuar de forma intensiva. Afilhado do padre Cícero, teve o “padim” como referência para a escolha do sacerdócio. Considerado por Dom Jaime como “o sacerdote mais culto que já se conheceu”, já idoso, o padre, que sofria com diversas doenças, passou a celebrar os sacramentos sentado após anuência de Dom Jaime. Sua biografia, na qual não consta nenhuma referência sobre uma prática marcada por elementos considerados sobrenaturais, encontra-se disponível na obra “Intrépidos missionários da igreja no Paraná”, organizada pelo padre Jurandir Coronado Aguilar e publicada no ano de 2010. O livro é resultado do trabalho de pesquisa realizado pelos alunos de graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, campus de Londrina. AGUILLAR, Jurandir Coronado. (Coord.). **Intrépidos missionários da igreja no Paraná**: biografias de presbíteros. Curitiba: Champagnat, 2010. 348 p.

o monsenhor Schneider foi muitas vezes financiador desse e de outros empreendimentos locais, dispondo sempre de sua fortuna pessoal para esses fins.²⁶⁸

Fato é que nos anos 2000, ao contrário da postura de 1973, o padre Bernardo já não fazia mais segredo de suas atividades, assim como também não controlava a propaganda originada de sua *performance*. Sobre os exorcismos, o fato narrado e descrito em detalhes minuciosos pelo casal P. e N. permite conhecer a forma como o padre conduzia esses atendimentos.

N. – Lá na Vila Esperança. Ligaram, ele foi, chamou eu, eu fui e, a pessoa²⁶⁹, a entidade lá rasgou a camisa dele. Ele, com autoridade, falou “Em nome de Jesus e tal...” e a pessoa queria agredir ele e ele pegou e deu uma “chulapada” [ou um tapa muito forte] na cara dela. Aí ela foi embora, a entidade. Foi essa a única vez que eu vi. Eu acho que ninguém mais viu, não.

P. – Mas tinhas coisas também, que as pessoas também, que falavam que estavam possuídas. Mas, ele sabia, ele sabia discernir sabe! Uma vez fui lá na comunidade Nossa Senhora de Sião, ele foi celebrar uma missa lá e chegou uma pessoa e falou: “minha mulher está possuída” lá na capelinha, o senhor podia ir lá? Ele falou “não é, não! Isso é chilique!” Ele chegou e falou assim para ela: “você não está possuída! Isso é coisa da tua cabeça!”. Sarou! Então, ele sabia discernir, sabe? Não adiantava a pessoa falar que estava possuída, que ele ia lá! Então ele sabia discernir.

Já os casos de bilocação foram relatados mais uma vez por P. P. B. e também F. C.:

P. P. B. – Tem muita coisa assim! Oh! Outra coisa que eu vou te falar que eu fiquei impressionada. O N. tinha uma loja de carros. E o N. sempre pedia oração para ele, né. E um dia, o N. foi pra Campo Grande, no Mato Grosso, numa feira lá para comprar carro. Aí, depois que o N. chegou, sei que o N. comprou tudo, ele falou assim: Meu santo, mas você me cansou, heim? Era pra lá, eu estava atrás, era pra cá, eu estava atrás. Você andava naquela feira toda e eu atrás de você. É verdade! O N. diz que rodou aquela feira inteira! É uma coisa assim, você não sabe como: como o senhor estava lá? Mas eu, eu te segui em todo lugar que você foi. Eu estava ... Tipo assim, “eu estava te protegendo” [...].

F. C. - Um dia ele estava realizando um casamento na Catedral [...] e um homem chegou para ele e disse:

– Padre, o senhor não está me reconhecendo?

– Eu não estou lembrado, não!

– O senhor esteve na minha fazenda, lá em São Carlos, Estado de São Paulo.

– Não...

– É, o senhor foi lá, do jeito que o senhor entrou, o senhor benzeu o sítio e saiu. Olha! Nunca mais aconteceu nada! Meu sítio ficou limpo!

E agradeceu muito a ele [Bernardo]. O padre Bernardo me falou: – Olha F., eu não me lembro de ter ido lá.

O diácono A. J. F. também faz referência a casos dessa natureza, mas diz desconhecer os casos específicos bilocação.

²⁶⁸ ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ. Disponível em < <http://arquidiocesedemaringa.org.br> > Acesso em: 05 set. 2017.

²⁶⁹ Posteriormente o Senhor N. informou que “a pessoa” era uma mulher cujo nome não soube precisar.

Então eu fico com um pouco de medo de espalhar algum boato. Não é nada oficial. Mas a gente ouvia muito isso com muita frequência. Pessoas que eram curadas na sala dele, essas orações que ele fazia para as lavouras, essa coisa da bilocação a gente também ouvia muito: alguém o viu em tal lugar, mas ele estava aqui celebrando a missa! A gente ouvia isso com muita frequência.

Dado o nível de interação entre os casais P. e N. e F. e H. e o padre, infere-se o porquê de ambos conhecerem tantos relatos acerca da prática do monsenhor. Na imagem abaixo, os casais e o padre, que aparece retirando objetos do carro, estão se preparando para uma pescaria, em meados dos anos 1990. Os filhos e filhas dos dois casais e dona P. também estavam presentes, ainda que não tenham sido capturados na fotografia.

FIGURA 24 - Padre Bernardo e amigos, meados dos anos 1990.



FONTE: ACERVO PARTICULAR DE N. M. S. B. e P. P. B.

Sendo os ritos os meios que asseguram as diversas manifestações da vida religiosa na prática²⁷⁰, o que se observou é que o padre mantinha ao seu redor uma aura de mistério na qual se destacava o fato de que havia entre ele e os santos e santas, e mesmo entre ele e Deus, um canal aberto de comunicação. Muitos relatos afirmam que o padre costumava inclusive entrar

²⁷⁰ CAILLOIS, op. cit., p. 20.

em conflitos com as divindades quando fazia seus pedidos. Mas, seu canal de comunicação não se resumia apenas ao corpo sagrado do panteão católico. Os relatos de exorcismos mostram que ele “falava” também com os demônios e que quando não os expulsava, acabava por assimilá-los, por vezes precisando se retirar para poder realizar a libertação total das entidades que trazia consigo após as sessões de exorcismos.

Conta o sr. F. que após realizar uma dessas sessões, o padre foi visto pela sra. R., integrante da família que teria sido adotada por ele, com alguém dentro do carro. Ao ser questionado, o padre teria dito: “Me deixe, eu preciso ficar sozinho”, retirando-se em seguida. Posteriormente o padre explicou que não era uma pessoa que estava com ele no carro, e sim o ser que ele fora expulsar em uma sessão de exorcismo. Essa não teria sido a única vez que a sra. R. teria citado situações dessa natureza.

O relacionamento do padre com a família de adoção é algo pouco conhecido dos entrevistados. Além do citado por F., outros momentos em que foram feitas menções à família estão ligados a um testamento. Após a sua morte, verificou-se a existência de um testamento no qual a beneficiária era a filha de um casal vizinho do padre que ele tinha muita estima. Esse fato teria levado a litígios entre a família adotada e a família da beneficiária sendo essa última, de fato, aquela que usufruiu dos bens deixados pelo monsenhor.

De parte da Cúria, assim que houve a confirmação de que o testamento especificava determinado beneficiário, Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger, arcebispo na ocasião, deu por encerradas quaisquer intervenções nessa contenda. Pelas inúmeras tentativas em entrevistar os membros da família adotiva, foi possível apurar que residem em Maringá, em um apartamento na Avenida Brasil, na altura da Zona Sete e que este teria sido doado pelo padre diretamente à família, o que não pode ser confirmado. Quanto ao paradeiro dos integrantes da família beneficiada, não foram encontradas quaisquer informações.

Como o casal de filhos de dona R. preferiu não ceder entrevistas, as questões relativas ao testamento do padre e sobre a relação que se estabelecia entre ele e a família são duas situações vistas encobertas por uma penumbra. Por exemplo, não foi possível estabelecer o período e os motivos que levaram o padre a adotá-los, quem são, de onde vieram, suas idades ou o número de membros.

Além do citado pelo sr. F. acerca da matriarca da família, foram feitas alusões ao incentivo dado pelo padre a um dos filhos no que tange à culinária. Segundo diversos relatos, o jovem teria transformado o conhecimento adquirido em um trabalho em tempo integral quando tornou-se cozinheiro em festas na cidade e região, montando seu próprio buffet. Na atualidade, a empresa estaria em declínio e seu proprietário se encontraria em tratamento para depressão,

sendo este o primeiro dos motivos alegados para não cederem entrevistas. Posteriormente, a irmã do jovem recusou novos convites com base em motivos não explicitados.

O ocorrido com a negativa da família em gravar entrevistas foi compreendido, considerando que os narradores escolhem as memórias que desejam compartilhar. Mas suscitou o questionamento acerca dos motivos que levaram a essa negativa, afinal a maioria das pessoas contatadas aceitou falar sobre o padre, e muitas, inclusive, ofereceram seus testemunhos.

A decisão por não falar acabou por gerar alguns questionamentos tais como: Teria o padre pedido que a família fosse reservada em relação à intimidade vivenciada entre eles? Seria sua vida tão explícita e pública que não há mais o que acrescentar? Ou, ainda, a dor pela perda do padre permanece tão intensa a ponto de optarem por não a relembrar? Não há, no momento, respostas que satisfaçam a essas questões. Na verdade, a lacuna deixada pela negativa suscita ainda mais questionamentos que os aqui expressos.

Do exposto até aqui fica a pergunta: o que torna, portanto, o comportamento do monsenhor desviante? São múltiplos os fatores que concorrem para essa caracterização, mas todos relativos à sua prática religiosa, aos seus modos de fazer o sacerdócio e que ficaram registrados sob vários suportes. Atuação que levou a conceituá-lo como um *outsider* dentro do clero maringense devido a forma como operacionalizava a dinâmica de sua atuação.

Dinâmica na qual se entrelaçavam práticas religiosas católicas institucionalizadas, conhecimentos sobre parapsicologia, práticas oriundas de outras religiões como o Espiritismo, a Umbanda, a Quimbanda e o Vodun. Às quais se somam a situação liminar vivenciada por ele no que diz respeito ao papel do sacerdote proposto pelo Vaticano II e pelo Plano de Emergência para a Igreja do Brasil de 1962, como será visto a seguir.

3.4.1 O padre e o modelo de pastor proposto pelo Vaticano II e pelo Plano de Emergência de 1962

O modelo de sacerdote e pastor proposto pelo Plano de Emergência da Igreja do Brasil de 1962²⁷¹ pode ter contribuído para a prática religiosa do padre Bernardo na medida em que

²⁷¹ O documento emitido pela CNBB em 2004 traz a data de 1963 como sendo o ano da publicação do Plano de Emergência para a Igreja do Brasil. No entanto, o Plano foi elaborado em abril de 1962, ou seja, cinco meses antes do início do Vaticano II, ocorrido em 11 de setembro de 1962. Para caracterizar o Plano como algo anterior ao Concílio será utilizada a data de 1962, ano em que o episcopado brasileiro, sob a sigla da CNBB, reuniu-se e concebeu o Plano cuja produção é fruto da proposta feita pelo Papa João XXIII (1881-1963), no ano de 1959. Na carta, o papa pediu a colaboração para a elaboração de um plano de ação realista que ajudasse na renovação

autoriza os padres a trabalharem com um certo nível de autonomia dado a partir da realidade do entorno em que a paróquia está inserida. Essa postura condicionada ao entorno foi adotada a partir dos anos 1960, quando a Igreja Católica refletiu acerca de sua participação na sociedade e também da participação dos leigos na instituição.

Na sua essência, o Plano estava fortemente marcado pelo tema da Pastoral, em especial a pastoral de conjunto. A Igreja sentia a necessidade de um projeto que refletisse as orientações coletivas do episcopado, isto é, que estabelecesse uma prática que compreendesse, ajudasse e orientasse na busca da união de todos. Nela, a paróquia era o ponto de inserção dos homens na Igreja e constituía a base de toda a ação pastoral. Para isso estabeleciam alguns princípios básicos da renovação Paroquial: em primeiro lugar, a diocese era definida como a unidade fundamental da ação pastoral e a paróquia era, antes de tudo, uma comunidade de fé, culto e caridade. O pároco era o chefe da comunidade e os sacerdotes colaborariam com ele como educadores dos militantes leigos, engajados na construção do temporal. Os leigos assumiriam a iniciativa e a plena responsabilidade das tarefas temporais e teriam no pároco e nos sacerdotes os educadores com a função de orientar, santificar e dirigir suas consciências na realização das tarefas que lhes eram próprias. A renovação paroquial dependeria do pároco, do seu conhecimento da realidade e de sua capacidade de explorar a potencialidade da paróquia. Alguns instrumentos foram apontados: valorização da pregação, catequese, movimento bíblico, movimento litúrgico, ação católica especializada, associações de todos os tipos e movimentos como o familiar cristão e das vocações sacerdotais.²⁷²

Data de 1959 o primeiro pedido do papa João XXIII (1881-1963) ao CELAM para que fossem elaborados pelos episcopados Planos de Pastoral (PP), que objetivavam atender às especificidades da Igreja Católica no continente e sistematizar um projeto de pastoral de conjunto a ser aplicado nas paróquias. No Brasil, especificamente, o pedido do papa foi feito por meio de uma carta enviada ao Episcopado Latino-americano, em dezembro de 1961. Durante a 5ª Assembleia Geral ordinária de 2 de abril de 1962, promovida pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), foi produzido o documento denominado Plano de Emergência para a Igreja do Brasil.

O Plano de Emergência “foi o primeiro documento de planejamento pastoral para todo o Brasil elaborado pela CNBB”²⁷³, informa na introdução Dom Odilo Pedro Scherer, Secretário-Geral da CNBB em 2004, quando o Plano teve nova publicação. Naquele ano, o Brasil contava com 166 circunscrições eclesiais, 4.500 paróquias e 12 mil padres. O cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro, era o presidente da CNBB e Dom Helder Câmara, secretário-geral.

espiritual na América Latina. Cf. MARCHI, Euclides. A igreja do Brasil e o plano de emergência – 1952/1962. **Revista de Ciências Humanas**, n. 30, out. 2001. Florianópolis: EDUFSC, p. 95.

²⁷² MARCHI, op. cit., p. 102.

²⁷³ CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, op. cit., p. 05.

Em nota introdutória à reedição do Plano, Dom Odilo informa que coube aos bispos o trabalho de avaliar a realidade da situação social e eclesial brasileira no início da década de 1960, mas não especificou como se deu essa avaliação, sendo prerrogativa do Plano a renovação das paróquias no sentido de torná-las “verdadeiras comunidades de fé, culto e caridade”.²⁷⁴

Outro ponto abordado foram as orientações para renovação do ministério sacerdotal, bem como o papel fundamental desses agentes na animação da vida eclesial. Também as escolas católicas, ou educandários católicos, foram contempladas no documento. Segundo as propostas, as escolas deveriam fortalecer o espírito de família e também o espírito missionário dos educandos.²⁷⁵

Ainda de acordo com Dom Odilo, a necessidade de reformas inadiáveis nos setores agrários, administrativos, tributários, financeiros e trabalhistas contribuiu para que o Plano se constituísse como um documento com implicações sociais, uma vez pautado sobre o “sofrimento crescente das multidões”.²⁷⁶ Embora ele não cite o viés social presente no Plano, tem por inferência a Encíclica *Mater et Magistra*, escrita por João XXIII e publicada em 1961, na qual são levantadas questões sociais decorrentes do processo de exclusão e empobrecimento populacional gerados pelo modelo capitalista de sociedade.

A postura do papa João XXIII, cujo pontificado se iniciou em 1958, encontra seus próprios referenciais num processo de autoavaliação ocorrido no interior da Igreja Católica quando,

A partir dos anos cinquenta, um novo discurso era construído. De forma clara e explícita, a instituição manifestava-se sobre as condições de vida das populações de muitos países resultantes da estrutura social fundada no modelo de desenvolvimento capitalista. E, se desde a *Rerum Novarum* de Leão XIII em 1891, a suprema autoridade eclesiástica criticava as sequelas provocadas pelo capitalismo liberal, foi na década de 1950 que o egotismo passou a sofrer críticas contundentes, apontando claramente a mudança de posição da igreja em relação a ele.²⁷⁷

Em nível nacional, a Igreja Católica foi relativamente impermeável a mudanças causadas por conflitos de classes durante boa parte do século XX, explica Mainwaring.²⁷⁸ Mas adota a partir de meados daquele século mudanças que permitem aos estudiosos desse tema e período caracterizarem como reformista a nova postura da instituição, ainda que ela não atingisse todo o clero brasileiro.

²⁷⁴ *Ibidem*, p. 06.

²⁷⁵ *Ibidem*, loc. cit.

²⁷⁶ *Ibidem*, loc. cit.

²⁷⁷ MARCHI, op. cit., p. 84.

²⁷⁸ MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 25.

As modificações iniciadas sobretudo nos anos 1960 são responsáveis por tornar a Igreja Católica brasileira, durante os anos 1970, a Igreja mais progressista do mundo.²⁷⁹ Essas mudanças acontecem quando a instituição repensa sua missão diante das reflexões trazidas pela Segunda Guerra Mundial, quando acontece um aumento do protestantismo e do espiritismo, bem como o declínio das participações nas missas; a resistência ao secularismo; a crise nas vocações; o crescimento da esquerda e a perda significativa da influência entre as classes dominantes e entre as classes operárias urbanas.

A nova postura opunha-se ao modelo baseado na visão em que a Igreja Católica se constituía como uma instituição acima do mundo secular e concebia que a partir do momento em que se abrisse para a realidade social do entorno, esta se tornaria cada vez mais politizada, dado que a própria sociedade se encontrava também nesse processo. Nesse sentido, o modelo reformista se afastava do modelo no qual a fé era “um processo interno para manter um contato íntimo com Jesus Cristo dentro de um sentido devocional”²⁸⁰ e direcionava para um posicionamento no qual os leigos passaram a ser concebidos como agentes sociais e não somente como devotos.

Grupos que partilhavam a visão de que a fé deve se constituir como elemento de lutas sociais, e que se preocupavam com os pobres e com a justiça social, que os fazia “abandonar interesses tradicionais em nome dessa concepção”²⁸¹, formaram o que veio a ser chamado de igreja popular. Modelo no qual a participação leiga é intensa em contraste com a participação na Igreja tradicional, na qual o praticante não via a si mesmo como um agente capaz de interferir nas questões do mundo, isto é, não havia o incentivo quanto ao caráter político do cristão católico.

Padre Bernardo inicia suas atividades como sacerdote em meio a expressivas mudanças ocorridas no catolicismo século XX. Sua formação se dá num momento em que os leigos são convidados a participar ativamente na promoção da evangelização. Muitos se reconheceram nesse novo modelo, contudo diversos católicos leigos ou da hierarquia eclesial foram reservados quanto a essas e outras mudanças substanciais ocorridas a partir de 1960. Considerando que o Brasil tenha se tornado a Igreja mais progressista do momento, como citou Mainwaring, grupos conservadores católicos sempre estiveram presentes, quer seja entre a hierarquia, quer seja entre os próprios leigos.

²⁷⁹ Ibidem, p. 202.

²⁸⁰ Ibidem, p. 44.

²⁸¹ Ibidem, p. 33.

O estabelecimento da diocese maringaense ocorre durante esse momento de inflexão da instituição e concomitantemente à constituição municipal. “Na nova diocese de Maringá, em março de 1957, estava tudo praticamente por ser construído”, recorda Robles.²⁸² Todo equipamento material, como o estabelecimento de seminário, escolas, ambulatórios, capelas, paróquias e suas igrejas, centros de espiritualidade e reuniões, noviciados, bem como a vinda de religiosos para gerir esses locais foram administrados pelo bispo Jaime de forma simultânea, num movimento de construção, autopreservação e expansão comum à religião católica. Além disso, o bispo ainda participou de reuniões ocorridas durante o Vaticano II e trouxe para a diocese discussões e estudos sobre a implementação das orientações pastorais do Concílio.

Algumas dessas discussões foram registradas no Livro Tombo da Paróquia São José Operário, como mostra a anotação de 15 de setembro de 1970, quando pela primeira vez o bispo Jaime recebe o Livro Tombo daquela Paróquia para verificação do registro de atividades. Nessa data constam 14 recomendações pastorais feitas por ele, sendo que em duas delas as normas propostas pelo Vaticano II são citadas explicitamente. A primeira referência ao Concílio é dada na primeira recomendação quando o bispo orienta que

1ª. Seja a nova matriz disposta, internamente, de acordo com as instruções litúrgicas dadas após o Concílio Ecumênico Vaticano II, realizado nos anos de 1962 a 1965, em Roma, convocado pelo Papa João XXIII e (ilegível) pelo Papa Paulo VI, eleito ao pontificado a 21 de junho de 1963.²⁸³

Na sétima recomendação, o direcionamento é para que a unificação entre as Associações Religiosas e Movimentos Paroquiais ocorra de acordo com os Documentos do Vaticano II.²⁸⁴ Anteriormente a esse registro, foram feitas menções ao Concílio pelos párocos da Igreja São José Operário quanto à introdução da liturgia em *versus populo*²⁸⁵, assim como a constituição na Páscoa de 1967, do primeiro “esboço da primeira equipe litúrgica na paróquia” quando foram escolhidos o presidente e dois auxiliares²⁸⁶ numa referência aos passos dados na direção de uma maior participação leiga nas decisões administrativas das igrejas.

Outras adequações conciliares feitas pela Igreja Católica maringaense foram o curso sobre a Encíclica *Lumen Gentium* em 19 de julho de 1967, acontecido nas dependências da Paróquia São José Operário; atualizações em relação à liturgia e ainda um curso de liturgia

²⁸² ROBLES, op. cit., p. 235.

²⁸³ LIVRO DO TOMBO da Paróquia São José... op. cit., fl. 83.

²⁸⁴ Ibidem, fl. 84.

²⁸⁵ Ibidem, fl. 52.

²⁸⁶ Ibidem, fl. 66.

ocorridos no mesmo ano de 1967 e registrados no Livro do Tombo da Paróquia entre os anos de 1954 a 1974.

Todas as inovações, contudo, estavam sob o escrutínio do bispo que registra de forma clara na segunda recomendação que “sejam observadas as normas pastorais da Diocese, evitando-se qualquer inovação na Paróquia que não fosse ditada ou aprovada pela Autoridade Diocesana”.²⁸⁷

Tais recomendações reforçam o expresso por Marchi²⁸⁸ quando este conclui que, apesar da abertura para a participação leiga, a Igreja apenas reforçou a hierarquização das funções, visto que não abriu mão da clericalização das atividades de direção e execução do Plano, estando os leigos submetidos aos párocos e ao bispo.

O Plano de Emergência, embora tenha sido discutido anteriormente ao Concílio, acaba por expressar as intenções deste, tendo em vista a ideia de valorização dos leigos, a mudança no modelo sacerdotal proposto bem como a promoção de um trabalho conjunto, fugindo ao isolamento paroquial praticado até então.

O modelo de sacerdote proposto pelo Vaticano foi explicitado em detalhes no documento e lista cinco componentes considerados essenciais para uma formação sacerdotal, capazes de desenvolver e atualizar “todas as potencialidades de seu sacerdócio no serviço de Cristo e da Igreja”²⁸⁹, sendo eles: a) padres adultos humana e sobrenaturalmente; b) padres profetas; c) padres pastores; d) padres sacerdotes e, por fim, o item e) padres ministros de Cristo e da Igreja.

Do explicitado no Plano, por padres adultos compreende-se que sejam padres dotados de “espírito de observação, capacidade de reflexão e dedicação pessoal e livre”²⁹⁰, de forma que sejam desenvolvidas suas capacidades humanas ao mesmo tempo que ciente de que não é um indivíduo isolado, mas membro de um corpo orgânico, coloca seus dons a serviço da instituição.²⁹¹

O significado de padres adultos humana e sobrenaturalmente representa a tentativa de convivência da dualidade entre instituição e personalização, entre autoridade e liberdade²⁹², isto é, aos sacerdotes é permitida uma atuação personalizada para a utilidade comum e desempenho de sua comunidade, desde que se mantenham dentro da universalidade da doutrina.

²⁸⁷ Ibidem, fl. 83.

²⁸⁸ MARCHI, op. cit., p. 106.

²⁸⁹ CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. op. cit., p. 63.

²⁹⁰ CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, loc. cit.

²⁹¹ Ibidem.

²⁹² Ibidem.

A segunda habilidade da qual deve ser provido o sacerdote é a capacidade como profeta. Ou seja, pessoa que cuja autoridade alcançada por meio do estudo constante dos cânones e da vivência profunda da fé, da esperança e da caridade conduza os homens ao Criador. Já o quesito padres pastores propõe um entrelaçamento com os padres profetas, pois não basta conhecer a verdade, mas também ter capacidade para transmiti-la, dispondo “o rebanho para recebê-la, aderir a ela e desenvolver as forças vivas que esta desperta”.²⁹³

Para que essa habilidade se efetive, o padre-pastor deve conhecer a realidade íntima de cada pessoa, compreendê-la dentro de sua história particular e de seus condicionamentos sociais, econômicos e psicológicos. O Plano propõe então, que a formação do sacerdote enquanto pastor seja amparada pelo conhecimento em outras especialidades como a psicologia, a pedagogia, a economia e desenvolva técnicas de comunidade, de liderança, de trabalho em grupo, meios de comunicação com a massa e opinião pública pois, é uma pessoa que tem o papel insubstituível e único a realizar no Plano de Deus.²⁹⁴ Enfim o padre pastor é, sobretudo, “o padre educador dos leigos, capaz de formar cristãos espiritualmente adultos. É o ministério mais exigente, mas, talvez, o mais importante e decisivo para a Igreja de hoje”.²⁹⁵

Ao requisito padre-sacerdote caberia a criação e o fomento das novas comunidades da Igreja, consagrando-as ao louvor e ao serviço divino. Enquanto no item padres-ministros de Cristo e da Igreja, o que deve se sobressair é sua crença profunda nas energias sobrenaturais de seu sacerdote e com isso, ser o homem da dimensão vertical, ou seja, ser aquele que conduz os homens a Deus.²⁹⁶

Padre Bernardo certamente estudou esses documentos, de forma que criou seu método próprio de conduzir “os homens a Deus”, não se furtando ao fato de que um sacerdote com predicados voltados para o sobrenatural, domínio dos cânones, autoridade profética e amigo dos paroquianos podiam ser – e de fato foram – ingredientes mágicos para o desenvolvimento e manutenção de sua paróquia.

A *performance* do padre parece ter se desenvolvido por meio de operações quase microbianas,²⁹⁷ não porque os feitos a ele atribuídos fossem vistos como algo de poucas proporções. E sim porque ao mantê-la, ele o fazia ainda que isso lhe custasse advertências por parte do arcebispo, o que revela uma certa indisciplina de sua parte com relação a sua instituição

²⁹³ Ibidem, p. 66.

²⁹⁴ CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, loc. cit.

²⁹⁵ Ibidem.

²⁹⁶ Ibidem, p. 67.

²⁹⁷ CERTEAU, op. cit., 2014, p. 41.

de pertencimento, ao mesmo tempo em que mantém a forma sacerdotal considerada por ele a ideal.

A situação limite vivida entre sua formação missionária na França pré-Vaticano II e sua atuação pós-Concílio no Brasil, teriam levado o padre a desenvolver uma prática na qual o sacerdócio era visto por ele com base no modelo de pastor em que ao mesmo tempo que incentiva a participação leiga em todas as esferas litúrgicas e trabalhos paroquiais – como propõe o Vaticano II – procurava formas de manter e ampliar o número de paroquianos por meio da acolhida via atendimentos como quando acolhe o grupo carismático Filhos de Sião no início dos anos 1990.

Afinal, os párocos naquele momento lidavam com uma situação inusitada que envolvia uma série de mudanças a serem implantadas para as quais nem sempre eles próprios ou suas comunidades estavam preparados. “Acreditam mais na “cinza” da quarta-feira de cinzas, do que na presença do SSmo. Sacramento na hóstia”, escreve padre Osvaldo Rambo, vigário da igreja São José Operário, em fevereiro de 1968²⁹⁸ numa menção à religiosidade praticada então.

A Cúria local buscava formas didáticas para que a implantação das proposições do Vaticano II chegasse à população, como a oferta do curso acontecido no dia 19 de setembro de 1971, quando a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* foi estudada na Paróquia São José.²⁹⁹ E, sobre a primeira missa rezada em vernáculo, temos o registro feito novamente pelo padre Osvaldo Rambo:

No dia um de janeiro [de 1960], o Sr. Bispo veio novamente celebrar a Santa Missa, mas dessa vez, não como sempre, mas versus populo. As irmandades e o povo instruídos com ensaios anteriores responderam admiravelmente as partes da missa dialogada.³⁰⁰

Antes de continuar as considerações acerca das influências sofridas pelo padre que, de certo, contribuiriam para moldar sua conduta, é preciso problematizar a data informada pelo padre Osvaldo Rambo sobre o ano de 1960 como sendo a data da primeira missa rezada em língua vernácula na paróquia. Foi com o Vaticano II que as celebrações litúrgicas foram autorizadas via Constituição Conciliar³⁰¹ de 1963 a utilizarem o vernáculo ou a língua nacional de forma a incentivar a participação da assembleia nas missas.³⁰² O Concílio ocorreu entre 1962

²⁹⁸ LIVRO DO TOMBO da Paróquia São José... op. cit., fl. 71.

²⁹⁹ Ibidem, fl. 86.

³⁰⁰ Ibidem, fl. 52.

³⁰¹ CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *Sacrosanctum Concilium*: sobre a sagrada liturgia. Disponível em < http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html . Acesso em: 21 nov. 2019.

³⁰² LIRA, Bruno Cardoso. **Princípios litúrgicos do Concílio Vaticano II**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. [Edição digital].

e 1965, como já mencionado, e a Constituição Conciliar, ou *Sacrosanctum Concilium*, documento redigido na ocasião, data do ano de 1963, ou seja, três anos após o registro de Rambo.

Anteriormente foi mencionado que o padre Rambo não havia registrado a criação da Paróquia Divino Espírito Santo no Livro do Tombo e que coube a Dom Jaime suprir essa “lacuna”. Bem, parece que data de antes da observação feita por Dom Jaime a prática de Osvaldo Rambo de registrar com atraso e com lacunas a dinâmica da paróquia, pois em visita pastoral registrada em 15 de setembro de 1970, Dom Jaime faz a seguinte anotação:

Contudo, devo anotar que a razão, ao que parece excluindo o Vigário por ocasião da 1º Visita Pastoral, padre Osvaldo Rambo, S.J., conforme se pode notar pela letra deste mesmo livro, as anotações estavam todas atrasadas e, se não me engano, foram as mesmas registradas de afogadilho a toque de caixa, ao se anunciar a mudança do Vigário.³⁰³

É provável que o padre Rambo, num desses momentos de “afogadilho”, tenha feito o registro sobre a primeira missa rezada em português na Igreja São José Operário e, incapaz de precisar a data do evento, optara por privilegiar a anotação com referência à década da ocorrência. Com isso, Rambo certamente pensava se furtar às admoestações que viriam da parte do Bispo, que era bastante rigoroso com os registros nos Livros do Tombo paroquiais, conforme constatado no relatório de oito páginas escrito por ele no próprio Livro por ocasião da visita pastoral de 15 setembro de 1970.

Ou seja, os ventos do Vaticano II chegaram até a crescente Maringá, mas a implantação das reformas propostas pelo Concílio não foram nem imediatas, nem fáceis de serem processadas, quer seja pelos párocos, quer seja pela comunidade. Para que o novo modelo baseado nas pastorais se efetivasse foi necessário contar com padres que foram inserindo as mudanças em suas comunidades seguindo o proposto pela Cúria e, ao mesmo tempo, adequando à sua realidade paroquial.

Dos citados “ventos” do Vaticano sopram, além de mudanças litúrgicas, também modelos sacerdotais considerados ideias para o atendimento ao indivíduo moderno. Dentre as prerrogativas doutrinárias e pastorais presentes nos documentos emitidos pelo Concílio em 1965, constam constituições, decretos e declarações.

As constituições se definem por serem documentos “reservados para textos que dizem respeito à exposição de verdades doutrinárias”, enquanto os decretos designam “textos que

³⁰³ LIVRO DO TOMBO, op. cit., fl. 81.

expõem direções disciplinares”, cabendo às declarações emitirem “juízo sobre determinado estado de coisas ou sobre problema concreto”.³⁰⁴

Da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, destaca-se a ideia de sacerdócio comum dos fiéis e de sacerdócio ministerial os laços com cristãos não católicos e com não cristãos numa referência à índole missionária da Igreja, tema central da Constituição do Povo da Luz.³⁰⁵ O Concílio, por meio do Decreto “*Optatam Totius*” ou sobre a formação sacerdotal, dispõe sobre as ações disciplinares que visam orientar o sacerdote em sua caminhada pastoral. Ciente de que o mundo moderno possui características próprias, assim como as sociedades, o Decreto “*Optatam Totius*” orienta que

1. Uma vez que não podem dar-se senão leis gerais para tão grande variedade de povos e regiões, estabeleça-se em cada nação ou rito um peculiar Plano de formação sacerdotal que há-de ser promulgado pela Conferência episcopal (...), revisto periodicamente e aprovado pela Santa Sé. Por ele se acomodem as leis universais às condições particulares dos tempos e dos lugares, de maneira que a formação corresponda sempre às necessidades daquelas regiões em que há-de exercer-se o ministério sacerdotal.³⁰⁶

Ou seja, a doutrina é universal, mas o método é algo particular e cabe ao sacerdote, orientado pela primeira condição, elaborar sua ação cuja eficácia resultaria no cumprimento do plano de Deus em disseminar plenamente a fé por todo o mundo. E, para desempenhar essa missão, “a Igreja, a todo momento, tem o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada, a cada geração”.³⁰⁷

O “mundo” onde a fé deve ser disseminada pelo sacerdote, ou seja, aquele que deve “apascentar e aumentar sempre o Povo de Deus”³⁰⁸ a que se refere o Concílio, foi assim definido na *Gaudium et Spes*:

A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocadas pela inteligência e actividade criadora do homem, elas re incidem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e colectivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar

³⁰⁴ VIER, Frederico. (Frei, O.F.M/Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, decretos, declarações. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968, p. 22.

³⁰⁵ VIER, loc. cit.

³⁰⁶ DECRETO *OPTATAM TOTIUS* SOBRE A FORMAÇÃO SACERDOTAL, 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_optatam-totius_po.html>. Acesso em: 17 jun. 2020.

³⁰⁷ VIER, op. cit., p. 58.

³⁰⁸ VIER, op. cit., p. 59.

duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflecte também na vida religiosa.³⁰⁹

O indivíduo moderno, assim como todos os indivíduos ao longo da história humana, se transforma constantemente. A transformação social e cultural a que se refere a *Gaudium et Spes* levou a Igreja Católica a repensar não sua doutrina, e sim sua forma de apresentação haja vista que o Vaticano II intencionava que este evento deveria ser um Concílio Pastoral no qual “a doutrina católica não deve ser somente verdade a ser explorada pela razão sob a luz da fé, mas, sim, palavra geradora de fé e de ação” explica o frei Boaventura Kloppenburg na introdução à obra de Francisco Vier.³¹⁰

Do pouco que se pode explorar acerca das ações do padre a partir das orientações decorrentes do Concílio quanto à liberdade de ação do pároco, bem como da sua responsabilidade por manter e fomentar a presença e participação leiga, destaca-se a acolhida ao Grupo Carismático Filhos de Sião. De acordo com o sr. S. T., o padre Bernardo foi aos poucos se aproximando do grupo porque ele “buscava respostas para muitas coisas que aconteciam na vida dele e que já se manifestavam muito antes do surgimento do movimento”, de forma que ele acabou por se identificar com a proposta e por coordenar o grupo.

Naquele momento, o grupo já se encontrava submetido aos estatutos nacionais do movimento, como é comum aos grupos carismáticos que não respondem diretamente à autoridade paroquial local, e sim coordenação geral nacional.

O padre, continua ele, não era uma pessoa com capacidade para excluir ninguém. Por esse motivo, teria acolhido o grupo com o qual, posteriormente, viria a se identificar, sobretudo pelo fato de trabalharem com as ideias de libertação e de cura de membros e pessoas interessadas. No entanto, frisa que o padre já era dotado de capacidades curativas muito antes do contato com a RCC em sua paróquia.

Ainda como elemento novo na paisagem católica, a RCC sofreu resistências diversas dentro da diocese, pois não tinha um padre para defendê-la. Só depois esses grupos se fortaleceram, tornando-se motivo de temor por parte dos integrantes da Igreja Católica envolvidos com as CEBs, informa o mesmo sr. S. T.

O temor se devia ao vigor que o movimento vinha apresentando em todo o país, e porque era visto por muitos como uma versão do pentecostalismo evangélico e, por esses motivos,

³⁰⁹ CONSTITUIÇÃO PASTORAL *Gaudium et Spes*: sobre a igreja no mundo actual, 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 17 jun. 2020.

³¹⁰ VIER, op. cit., p. 8.

deveria ser combatido. O movimento se fortalecia exatamente quando a sociedade, marcada por dificuldades sociais, “via o fortalecimento da Teologia da Libertação” e por esse motivo a RCC pareceria, para esses movimentos ligados às CEBs, uma possibilidade de enfraquecê-los continua S. T.

Tendo atuado intensamente no estabelecimento das CEBs no mesmo período em que a RCC dava seus primeiros passos na diocese, a partir de sua experiência nesse processo, a professora aposentada M. assim relata:

O pessoal que participava da RCC, hoje você tem de classe média, média baixa...você tinha uma elite participando desse grupo da RCC. Você tinha principalmente esse grupo participando lá da Divino e que eu ouvi muitas vezes que era um grupo que não se misturava com outros. Eles se sentiam privilegiados por ser da RCC. Enquanto isso, a pastoral da juventude, o pessoal das CEBs, vinha discutindo essa questão, dos movimentos. De onde vinham os movimentos, qual era a finalidade dos movimentos em determinado momento da história? [...] E que vão nascendo e que vão se espalhando pelo mundo afora. Mas, esses movimentos eles são desvinculados de uma paróquia. [...] Então, eles vêm, entram, mas eles não querem seguir uma orientação pastoral, uma orientação paroquial. É como se eles fossem uma coisa de igreja, mas que não tem a coordenação daquele padre, é um outro padre que coordena, mas que não aquele padre, daquela paróquia. Então eles vão prestar contas, vão receber orientações, vão prestar contas lá fora, para uma outra grande coordenação. E com o tempo, as paróquias tentaram onde a RCC vai chegando e não é uma coisa que você vai banir. É um movimento, é de igreja, é uma forma, é um movimento que os padres vão acompanhar. E vão tentar trazer para fazer parte daquele conjunto. E aí que a coisa fica difícil e fica complicada. Hoje eu já não saberia te dizer como que é. Mas, eu sei que bem lá atrás era muito difícil essa questão.

O conflito entre as duas memórias sobre o estabelecimento da RCC em Maringá remete ao conceito de memória dividida de Portelli³¹¹, pois, embora o fato seja o mesmo, ou seja, a presença da RCC na Divino, os narradores estão em campos teológicos opostos, o que gera memórias também opostas. Resta considerar que a presença da RCC na diocese foi um processo percebido de acordo com os integrantes de cada um desses campos e que, no caso da acolhida do padre Bernardo ao grupo da Renovação, o fato contribuiu para ampliar ainda mais o leque de qualidades que seus paroquianos e simpatizantes costumam se referir a ele.

Além disso, a implantação das CEBs na Divino aconteceu concomitantemente à implantação da RCC, mas não com o mesmo vigor daquela, o que para os fins aqui pretendidos é mais um dos motivos para somar esse fato a outros já citados e inseri-lo na lista de acontecimentos que contribuem para conceituação do monsenhor como *outsider*. Esse fator colaborou ainda para a manutenção daquele tipo de religiosidade e também como autorização

³¹¹ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana? 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Coords.). **Usos e abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001b, p.105.

para que outras paróquias, fiéis católicos ou não, se sentissem confortáveis em participar de movimentos de cunho carismático.

Diante desses fatores, depreende-se que o padre adotou um método próprio de atuar que caracterizou sua *performance* como curador e *outsider*. Ordenado sacerdote em 1966, ou seja, em meio a um processo de mudança profunda da Igreja Católica e também em sua instituição, o padre encontra-se no tempo limite da renovação ocorrida na Igreja Católica e de reorganização da ação evangelizadora de sua instituição de formação.

Essas condições remetem à sua prática religiosa características que podem ser compreendidas como tentativas de adequações em quatro direções – formação sacerdotal voltada para as missões em dois países de expressiva religiosidade de matriz africana; a abertura para o Brasil como um novo espaço evangelizador; a renovação do catolicismo trazida pelo Vaticano II e a acolhida a um grupo da RCC quando o movimento sofria forte resistência na diocese. Em conjunto, esses elementos resultaram na experiência vivida na Igreja Divino Espírito Santo sob a orientação de seu pároco.

Resta pensar sobre quem eram os paroquianos e os simpatizantes que o buscavam, para os quais o monsenhor desenvolveu sua *performance*.

3.5 CONTRA A DOR E O SOFRIMENTO

Ao analisar as narrativas presentes nos documentos orais, observou-se que aqueles que buscavam o padre haviam procurado formas alternativas de lidar com os dramas cotidianos. Essa procura por superar as adversidades numa negação às circunstâncias geradoras de sofrimento é uma das características com as quais o indivíduo moderno é identificado.

Os estudos sobre a dor e o sofrimento presentes na *História do corpo*, e o conceito de “indivíduo autônomo” como elaborado por Danièle Hervieu-Léger permitem explicitar com objetividade e, ao mesmo tempo, com sensibilidade o perfil das pessoas que viam no padre uma possibilidade para sanar suas aflições, uma vez que é função do milagre “mudar a realidade em curto espaço de tempo”³¹², algo que era, e ainda é considerado de domínio do monsenhor.

Como visto anteriormente, ele era solicitado para atender a diversos expedientes e em nenhuma ocasião teria se furtado em responder a eles. O padre vivenciava seu sacerdócio confiante dos poderes oriundos de sua batina, mas não apenas isso, uma vez que buscava cercar-

³¹² ANDRADE, op. cit., p. 131.

se de conhecimentos plurais para melhor realizar seu trabalho de atendimentos, o que resultava numa maior efetividade de sua *performance*.

Mas, e quanto as pessoas que o procuravam? Não é segredo que o buscavam com vistas à obtenção de benesses. No entanto, estamos falando de pessoas viventes dos últimos decênios do século XX, quando o avanço da medicina alcançou níveis extraordinários e quando o Estado, por meio de diversas políticas de atendimento à saúde da população, encontrava-se bastante estruturado pelo investimento realizado, a exemplo da criação do Sistema Único de Saúde o SUS³¹³ amparado pela Constituição de 1988.

A constatação do expressivo avanço da medicina e de políticas sociais exclusivas para o atendimento à saúde, no entanto, contribui para questionar o real alcance da competência desses dois fatores para atender às necessidades da população e também para demonstrar que, não obstante esses avanços, o indivíduo está sempre em busca de formas alternativas de lidar com situações adversas, como relatou o sr. B. N. sobre a trajetória de atendimentos realizada antes de sua filha L. N. ser atendida pelo monsenhor:

Que na época eu trabalhava na viação Garcia, então ela nasceu e conforme ela foi crescendo, ela foi desenvolvendo, ela começou a sentir uma dor no estômago e a gente pelejava muito, muito, muito... levava em médico, levava em bastante lugar e nada dava certo. Inclusive eu cheguei a levar ela lá no Imbaú, não sei se você conhece, indo pra Curitiba, daqui até lá dá 200km. A gente levou lá porque lá disse que tinha um senhor que benzia e tudo, né, e lá também não resolveu. Aí foi aqui em Maringá então, a gente foi trocando de médico.

Além disso, não estamos tratando apenas da economia do padre somente para os anos posteriores à promulgação da Carta Magna. Sua prática peculiar é anterior a esse documento, quando o sistema de saúde no país e no município não contavam com a estrutura que foi sendo construída após 1988. Por esse motivo, refletir acerca do perfil daqueles e daquelas que o buscavam em casos de desventuras levou à problematização da relação que os indivíduos mantêm com seus corpos e também a forma como se auto representam enquanto indivíduos que buscam dar significado e direção às suas vivências, características caras ao indivíduo da Modernidade.

O perscrutar da relação dos indivíduos pertencentes à Paróquia Divino Espírito Santo com seu próprio corpo foi realizado considerando que a cura milagrosa “diz respeito, no mais

³¹³Em 1988, a Constituição Federal trouxe em sua letra os Artigos 196 a 200 que dispõem sobre o Sistema único de Saúde e suas atribuições. Desses, o destaque fica para o Artigo 196 devido à forma sintetizada com que trata das atribuições do Sistema de Saúde: “Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao Acesso em: universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação” (BRASIL, 2019a).

alto grau, à história do corpo”.³¹⁴ Corpo que teria se definido como objeto histórico já no final do século XIX, quando se inicia também um processo ligado ao desenvolvimento e expansão da alma sensível e das sensações, cabendo ao século XX, teoricamente, a invenção do corpo quando a dor passa a ser vista como uma perturbação do sistema sensitivo e como uma construção social, psicocultural e uma experiência subjetiva.

Observada e sentida, a dor que no século XVIII ocidental era vista como momento de expiação e resgate, numa apologia ao sofrimento visto como salvífico, redentor, motivo de força e santidade ligada ao ascetismo e ao martírio e, portanto, caminho ideal para a salvação, passa, em meados do século XIX, a ser vista como algo negativo e cujo combate deve ser realizado sempre que possível.

Lógicas contrárias, na verdade, induzem a uma transformação do *status* da dor e um abaixamento dos níveis de tolerância. Desde o fim do século XVIII, a elaboração de uma tradição filantrópica e o surgimento da alma sensível, como vimos, tornam, aos poucos, intoleráveis o massacre e o antigo suplício.³¹⁵

Em seu novo status, a dor é vista como uma inimiga interior, opressora e devastadora e que, portanto, deve ser eliminada. Para que a nova versão ou interpretação sobre a dor se efetivasse, contribuiu o fato de que ela deixa de ser compreendida como uma simples sensação e passa a ser “vista como um *estado emocional* que se traduz, sobretudo, por um aumento da secreção de adrenalina e por uma série de outras reações do sistema simpático”³¹⁶, ou seja, algo para além da relação com o sobrenatural ou processos salvíficos, como se acreditava até o século XVIII. Assim compreendida, a dor não constitui mais uma força vital, pois extingue as funções da alma e dos sentidos, não sendo, portanto, útil à cura como se pregava até então.

Se até o final do século XIX, sob a égide do cartesianismo, ao corpo era atribuído um papel secundário, no século seguinte este se estabelece como animado, em que se apaga a tênue fronteira que divide ‘corpo’ do ‘espírito’ e remete à vida humana para a complexidade de uma dimensão que pretende aliar o espiritual e o corpóreo sempre apoiada sobre o corpo.³¹⁷

³¹⁴ CORBIN, Alain. A influência da religião. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo 2**: da Revolução à Grande Guerra. 4. ed. Tradução: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012b (a). v. 2, p. 97.

³¹⁵ CORBIN, Alain. Dores, sofrimentos e misérias do corpo. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). **História do Corpo 2**: da Revolução à Grande Guerra. 4. ed. Tradução: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012b (b). v. 2. p. 337, grifo do autor.

³¹⁶ Ibidem, p. 333, grifo do autor.

³¹⁷ COURTINE, Jean-Jacques. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Org.). **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. 4. ed. Tradução: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2011. v. 3, p. 07.

Ao deixar de ser exclusivamente matéria, o corpo torna-se objeto de estudo de diversas áreas do saber. A recém instituída psicanálise postulou que o inconsciente fala por meio do corpo em um eu-pele que manifesta, a partir de somatizações físico-patológicas, o nível dos sofrimentos vividos ou pensados. Já Edmund Husserl via o corpo humano como o “berço original” de toda significação e teria influenciado pensadores como Merlau-Ponty a levar, do âmbito da fenomenologia para o âmbito do existencialismo, uma visão do corpo como a “encarnação da consciência” no tempo e no espaço.³¹⁸

Uma terceira área a promover estudos sobre o corpo no período foi a antropologia. Marcel Mauss teceu a noção de técnica corporal após assistir, durante a Primeira Guerra Mundial, a um desfile da infantaria britânica no qual percebeu divergências entre as passadas e as formas de cavar buracos de britânicos e franceses. As singularidades encontradas são, para ele, resultado das tradições existentes nas sociedades e, por esse motivo, apresentam formas diferenciadas de servirem-se de seus corpos. Diante das mudanças propostas pelos pensadores citados, “o corpo foi ligado ao inconsciente, amarrado ao sujeito e inserido nas formas sociais da cultura”.³¹⁹

Sob essa nova acepção para a ideia de corpo, pensar as formas de se contrapor à dor passa a ser objeto de estudo sistemático no sentido de eliminar, o mais rapidamente possível, sua existência orgânica e mental. A medicina contribuirá para esse processo ao desenvolver medicamentos e técnicas como a analgesia e a anestesia no sentido de diminuir as dores ligadas a doenças e também durante os processos cirúrgicos.

O recuo do vitalismo facilita a difusão da convicção que afirma que a dor não é útil à cura e não constitui, verdadeiramente, uma força vital. Soma-se a isto o incômodo que ela ocasiona durante as operações. Compreende-se melhor, dessa forma, o novo vigor dessa luta, o progresso da analgesia, da antalgia e, sobretudo, a “revolução anestésica”.³²⁰

No caso das dores e sofrimentos oriundos da mente, a psicologia e a psicanálise serão as responsáveis pela criação de métodos e técnicas de atendimento para tentar, se não reverter totalmente, ao menos amenizar essas emoções somatizadas. Em suma, Corbin nos apresenta em sua história do corpo que

O século XIX, portanto, corresponde, ao mesmo tempo, ao abaixamento dos níveis de tolerância, a uma transformação profunda do estatuto da dor, considerada agora como uma complexa elaboração emocional, e a uma luta eficaz travada contra ela pela analgesia, a antalgia e a anestesia. A isto acrescenta-se uma nova atenção voltada para

³¹⁸ Ibidem, p. 08.

³¹⁹ COURTINE, 2011, p. 8.

³²⁰ CORBIN, 2012b (b), p. 338 grifos do autor.

a fadiga. Ao mesmo tempo, como vimos, o prazer e a volúpia deixam de ser considerados apenas na perspectiva da procriação e o hedonismo, assim, recebe uma nova legitimidade.³²¹

O que se tem, então, é que a partir de meados do século XIX, a dor e o sofrimento, agora revestidos do status de “estado emocional”, passam a ser considerados “inimigos interiores, opressores e devastadores”³²² e, portanto, não mais tolerados.

Viventes do mundo moderno e imbuídos dessa nova forma de contemplar a dor e o sofrimento, ou seja, considerando ser necessário um agir antálgico, isto é, reagir para atenuar e/ou evitar a dor, tanto o padre quanto os simpatizantes, leigos católicos ou não, buscaram afastar ao máximo os dramas de suas vidas. E o monsenhor foi, de acordo com a memória coletiva sedimentada sob e a partir de relatos comuns, um especialista nesse quesito, o que lhe teria rendido o afeto e a fidelidade dos que o conheceram em vida e que na atualidade o brindam com rituais nas dependências do cemitério como forma de agradecimento.

Esse indivíduo que reage às intempéries cotidianas pode ser compreendido como um desdobramento da análise presente na *História do corpo* na qual a “história do corpo no século XX é a de uma expropriação e de uma reapropriação que, talvez, chegue um dia a fazer de cada um médico de si mesmo, tomando a iniciativa e as decisões com pleno conhecimento de causa”.³²³

Não é possível afirmar que aqueles e aquelas que buscavam o padre se tornaram “médicos de si próprios”, mas sim que demonstraram uma capacidade ímpar no quesito procurar meios para se furtar às adversidades. Essa característica de buscadores de formas de suprimir os dramas cotidianos pode ser compreendida a partir do exposto por Danièle Hervieu-Léger como uma capacidade presente no indivíduo moderno, dada sua individualidade e autonomia frente às interpretações e dotações de sentido que faz sobre sua própria vivência, plasmando com essa postura um indivíduo-sujeito.³²⁴

A afirmação se baseia na análise feita por ela em discussão no livro *O peregrino e o convertido*, publicado originalmente na França em 1999 e no Brasil, em 2015. Nessa obra, a socióloga procura compreender o processo de recomposição do imaginário religioso ocorrido no final do século XX, notadamente marcado por uma crise das instituições religiosas tradicionais sobre a gestão de sua própria memória. A discussão considera que para

³²¹ Ibidem, p. 343.

³²² Ibidem, p. 337.

³²³ MOULIN, Anne. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Org.). **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. 4. ed. Tradução: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2011. v. 3, p. 15.

³²⁴ HERVIEU-LÉGER, op. cit., p. 32.

compreender essa recomposição é necessário antes entender quem é o crente presente no campo religioso do final do milênio e, para isso, traça o perfil desse personagem, considerando sua interação com a sociedade moderna e laica francesa daquele período.

Hervieu-Léger enumera três motivos para explicar o enfraquecimento social e cultural da religião desde o início da modernidade sendo a primeira dessas características colocar à frente, em todos os domínios da ação, a racionalidade, ou seja, o imperativo da adaptação coerente dos meios aos fins que se perseguem”.³²⁵

Na dimensão social, a citada racionalidade postula que os indivíduos devem manter seu *status* social com base apenas em suas competências, enquanto que “no âmbito das explicações acerca do mundo e dos fenômenos naturais, sociais ou psíquicos, a racionalidade moderna exige que todas as afirmações explicativas respondam a critérios precisos do pensamento científico”.³²⁶

Estando a religião no âmbito da irracionalidade e a ciência no campo da racionalidade, cabendo a esta explicar aquela, o que ocorre é que a ciência acaba por gerar novas interrogações que, por sua vez, acabam por alimentar crenças e comportamentos considerados irracionais.

Um exemplo dessa condição paradoxal é o fato de que a ciência e a técnica sempre foram os emblemas de um racionalismo que postulava que a aplicabilidade dessas duas grandezas geraria o desenvolvimento humano em esfera global. E, embora esse racionalismo científico e positivista esteja longe de se impor, é preciso ter em mente que esses pressupostos pertencem ao universo do pensamento racional moderno.³²⁷

A segunda característica da Modernidade deriva dessa ideia de mundo inteiramente racionalizado pela ação humana que gera, em seus membros, um tipo particular de se relacionar com esse próprio mundo. Dessa relação resulta um tipo específico de indivíduo denominado como “indivíduo-sujeito”, um ser autônomo e “capaz de fazer” o mundo no qual ele vive e construir ele mesmo as significações que dão sentido a sua própria existência.³²⁸

A criação desse “indivíduo-sujeito”, marcado pela autonomia de seus atos e representante das sociedades modernas contrasta com os indivíduos viventes das sociedades tradicionais suscetíveis ao império das crenças irracionais. Dessa oposição, surge o que Hervieu-Léger considera ser

³²⁵ HERVIEU-LÉGER, op. cit., p. 31.

³²⁶ HERVIEU-LÉGER, loc. cit.

³²⁷ HERVIEU-LÉGER, op. cit., p. 32.

³²⁸ HERVIEU-LÉGER, loc. cit.

[...] o traço mais fundamental da Modernidade, que é aquele que marca a cisão com o mundo da tradição: a afirmação segundo a qual o homem é legislador de sua própria vida, capaz igualmente, em cooperação com outros no centro corpo-cidadão que com eles forma, de determinar as orientações que pretende dar ao mundo que o rodeia.³²⁹

A última das três características consideradas representativas da Modernidade refere-se às diferenciações entre as instituições. Essa diferenciação leva a um tipo particular de instituições que dão respaldo à racionalização que tem por foco a especialização das diferentes esferas da atividade social.

Com essa última característica formam-se algo como nichos de conhecimento cujas lógicas não se confundem numa regra clara em que a esfera do político por exemplo, não interfere na esfera da economia ou de outras ciências. Nessa cadência de domínios e especializações, “o domínio da moral não é regido pelas mesmas regras do da arte”³³⁰, ainda que todos esses domínios interajam entre si.

A religião, nesse processo, “não constitui mais um código de sentido que se impõe a todos”³³¹, no qual os homens e as mulheres permanecem, trocam, abandonam e/ou retomam uma ou outra instituição religiosa, ainda que essas mantenham na atualidade “a pretensão de que a religião tem de reger a sociedade inteira e governar toda a vida de cada indivíduo”³³², o que, segundo a autora, é algo ilegítimo visto que nas sociedades modernas

a crença e a participação religiosa são “assuntos de opção pessoal: são assuntos particulares, que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política pode impor a quem quer que seja. Inversamente, a pertença religiosa de um indivíduo e suas crenças não podem constituir um motivo válido para excluí-lo da vida social, profissional ou política, na medida em que elas não põem em questão as regras de direito que regem o exercício dessas diferentes atividades.”³³³

Com essa distinção, configuram-se os domínios público e privado, pedra angular da concepção moderna de política, finaliza a autora.³³⁴ Resta perguntar, porém: se a religião no mundo moderno constitui um domínio da sociedade e está passando por modificações, sobretudo em relação à gestão de sua memória, é lícito dizer que religião e Modernidade se excluem?

³²⁹ HERVIEU-LÉGER, op. cit., p. 33.

³³⁰ HERVIEU-LÉGER, loc. cit.

³³¹ HERVIEU-LÉGER, op. cit. p. 34.

³³² HERVIEU-LÉGER, loc. cit.

³³³ Ibidem.

³³⁴ HERVIEU-LÉGER, op. cit. p. 35.

Para Hervieu-Léger, essa questão é mais complicada do que parece, pois em sua maioria, as sociedades ocidentais extraem suas representações do mundo e seus princípios de ação dos escombros da religião.³³⁵ Diante da complexidade dessa relação, a conclusão apresentada pela autora mostra que

A “secularização” das sociedades modernas não se resume, portanto, apenas ao processo de evicção social e cultural da religião com o qual ela é confundida, muitas vezes. Ela combina, de maneira complexa, a perda da influência dos grandes sistemas religiosos sobre uma sociedade que reivindica sua plena capacidade de orientar ela mesma seu destino, e a recomposição, sob uma forma nova, das representações religiosas que permitiram a esta sociedade pensar a si mesmo como autônoma.³³⁶

Dentro dessa perspectiva, é possível estabelecer que os paroquianos e simpatizantes que buscavam o atendimento na Divino são modelos de indivíduos modernos que, ao se oporem à dor e ao sofrimento, buscavam formas de amenizar essas sensações físicas e seus desdobramentos emocionais tendo visto na *performance* do padre a possibilidade de se libertar ou, ao menos, abrandar o impacto das emoções oriundas dessas situações.

Uma vez que a dor, inimiga interior, não é útil à salvação não faz mais sentido manter uma postura ascética ou martirizada. O corpo é um aliado do espírito. Estando o primeiro em sofrimento, o segundo tende a seguir o mesmo caminho. O martírio, para o vivente do século XX não constitui, portanto, uma libertação, e sim uma prisão.

Quando os testemunhos relatam casos de cura realizadas pelo monsenhor ou de graças recebidas (obtenção de emprego, fim de vícios em drogadição, dentre outras), as expressões demonstram o alívio físico e mental sentido a partir do momento em que as situações de dor e sofrimento foram sanadas. Muitos utilizam o termo “libertação” como referência a essas situações. Ou seja, aqueles e aquelas que buscavam o padre o faziam na esperança, e mesmo na certeza, de que seriam aliviados de corpo e alma daquilo que os afligia no presente.

Da temática proposta neste tópico, constata-se que os conhecidos do padre desenvolveram uma forma de ser e estar no mundo na qual se destaca a afetividade positiva descrita tanto por palavras quanto por emoções que se deixam ver quando das entrevistas. Quer seja no momento do desvio, quer seja em sua prática ordinária, monsenhor Bernardo deixou lembranças que permitiram explicar e compreender não só a si mesmo, mas também a sua prática, principalmente por meio das narrativas orais.

³³⁵ Ibidem, passim.

³³⁶ Ibidem, p. 37.

Dessas memórias plurais marcadas tanto pela singularidade das relações quanto pela sua coletividade destaca-se o padre que acolhia, que curava, que ouvia, que exorcizava e que se abria para o não institucionalizado. Destaca-se o padre Bernardo como aquele que é, para muitos, um santo por ter realizado milagres em vida e, segundo testemunhos informais, mesmo depois de sua morte.

4 SOBREVIVERÁ BERNARDO À ERA BERNARDO?

Os cemitérios não são simples sepultadores ou reservatórios de corpos.
Philippe Ariès. *O homem perante a morte.*

4.1 MORTE

A morte do padre pegou a todos de surpresa. Naquele fim de tarde de segunda-feira, dia 20 de novembro do ano 2000, ele preparava o jantar em casa com a família, quando foi acometido por um ataque cardíaco fulminante aos 61 anos de idade. O senhor R. N., um dos primeiros a chegar à casa do monsenhor, recorda que o “padre já estava sem vida” em sua cama no quarto para o qual foi levado.

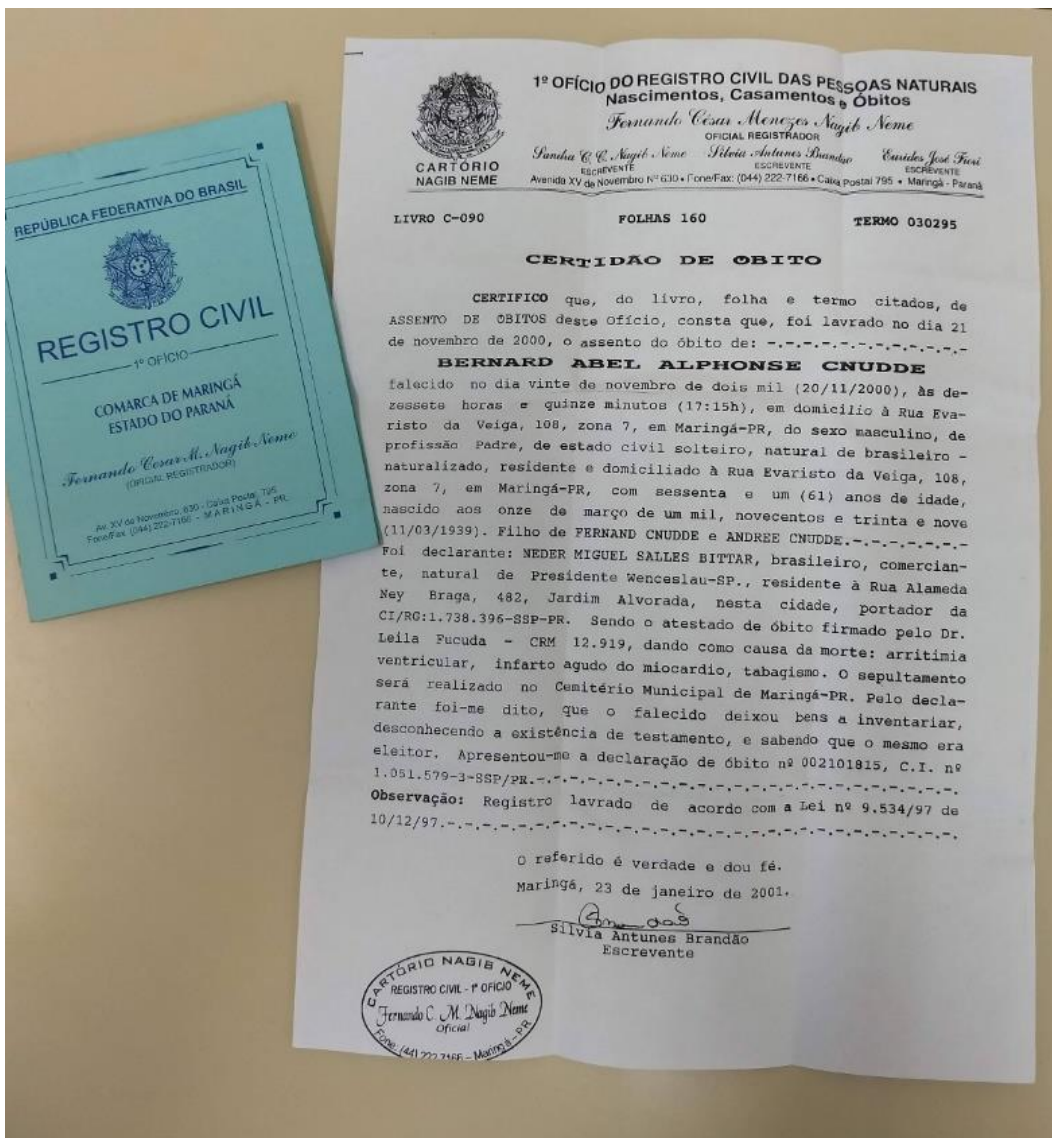
FIGURA 25 - Notícia sobre a morte do padre - primeira página d'O Diário de Maringá.



FONTE: APDES, 2018.

A notícia da morte do padre Bernardo não tardou a se espalhar. Diversos entrevistados atestam que estiveram no local assim que ele foi acometido pelo mal súbito que causou sua morte às dezessete horas e quinze minutos daquele dia. Os motivos de sua morte, descritos pela Dra. Leila Facum, médica responsável por firmar o atestado de óbito na data de 23 de janeiro de 2001, foram arritmia ventricular, infarto do miocárdio e tabagismo.³³⁷

FIGURA 26 - Atestado de óbito do Monsenhor Bernardo.



FONTE: APDES, 2018.

³³⁷ APDES, 2018.

A morte do padre provocou um sentimento generalizado de comoção e levou centenas de pessoas ao seu velório e sepultamento. Além disso, foi matéria de capa do jornal de maior circulação na cidade, o jornal O Diário de Maringá, por dois dias seguidos, além de diversas reportagens televisivas e radiofônicas. Sexagenário e não apresentando, de acordo com alguns relatos, problemas expressivos de saúde, o padre não era um candidato ao risco de morte — no entanto, foi isso o que aconteceu. Após atendimento inicial, sua morte foi verificada e anunciada pelos socorristas do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, o SAMU.

Entre o instante do ataque e a chegada do SAMU, familiares do padre entraram em contato com paroquianos, bem como com o vigário da Igreja Divino Espírito Santo, o padre Chiquinho, que realizou as exéquias enquanto a notícia circulava pela cidade. Sujeito de suas memórias, N. M. S. B. conta que:

Eu estava na minha loja em frente à igreja, aí a funcionária dele ligou para mim e disse que o Padre Bernardo estava passando mal. E a médica dele, a Doutora Leila, eu liguei na hora para ela; eu falei “Dra. Leila, me ligaram que o padre Bernardo está passando mal, eu estou indo para lá”. (...) Aí fizeram o procedimento (pausa). Aí quando falaram pra nós que ele tinha falecido, aí eu providenciei junto a funerária, né, tudo... faltava a urna onde ele ... aí eu corri lá no cemitério, né... que ele queria ser enterrado lá... aí eu corri lá, perguntei... falei que era o padre e uma coisa que eu achei que era bem interessante é que ele falava que queria ficar “bem próximo ao povo dele” e eu achei uma urna próximo assim ao Cruzeiro aonde ele queria mesmo. Aí nós pegamos essa né, aí o Capitão Abelardo, que faleceu também, deu toda a assistência, corpo de bombeiros que ele foi em cima né.... Muita, muita gente que não dava para andar lá no cemitério... Na hora lá, de colocar ele na urna, eu estava presente eu até ajudei um pouquinho, que estava meio apertado ali. Escolhi a túnica que ele mais gostava, era uma túnica prata muito bonita! Ele foi sepultado com ela. Aí vieram os bispos, vieram todos os padres. Foi velado na igreja. Não tinha espaço para ninguém mais na igreja.

Realizados os trâmites comuns aos serviços funerários, o corpo do monsenhor foi velado nas dependências da paróquia Divino Espírito Santo e, na madrugada que se seguiu, centenas de pessoas, paroquianos e simpatizantes se deslocaram até o local para um último adeus. Número que só fez aumentar com o passar das horas, chegando ao ponto de, às três horas da tarde do dia 21 de novembro, o arcebispo que presidia a celebração, Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger, sugerir que o caixão fosse levado para o lado de fora da porta central da igreja, para que as despedidas continuassem mesmo durante a missa de corpo presente. Ação que pode ser compreendida como uma estratégia de logística e de expressa sensibilidade diante da multidão que se aglomerava no interior e ao redor da igreja.

Dom Murilo lembra que “uma verdadeira multidão queria passar diante do corpo de Pe. Bernardo” e que “nem todos iriam conseguir fazer isso até o final da Missa e o início da caminhada para o cemitério. Permiti, então, que a visitação continuasse mesmo durante a Missa”.

Crianças, jovens, idosos e adultos formavam duas filas ao lado do caixão, para se despedir do padre. Pessoas ligadas aos trabalhos litúrgicos na paróquia agiam como orientadores para a aglomeração humana, que parecia aumentar a cada instante. Em meio a lágrimas e expressões contritas, tocavam sua mão ou o rosto; beijavam-no e deixavam sobre o esquife lembranças como rosas, lenços e bilhetes.

Diversas emissoras de rádio transmitiram a celebração das exéquias, que se iniciou às 15:00h do dia 21 de novembro. Dom Murilo cita, em sua homilia, as rádios Colmeia, Nova Ingá, Difusora e Atalaia. As emissoras de televisão, que também faziam a cobertura do evento, foram citadas por J. B. Mariano, apresentador do programa de nome homônimo, ainda hoje no ar, e que na época era transmitido pela TV Cidade.³³⁸

Além dessa cobertura, o apresentador J. B. dedicou ao evento, na semana seguinte, um programa específico, em que transmitiu ao vivo a missa de sétimo dia de falecimento do monsenhor. É ele quem informa que, além de sua equipe, estiveram presentes ao velório e enterro diversas emissoras de televisão não nominadas. Posteriormente, os registros feitos por esses veículos televisivos e por cinegrafistas amadores acabaram por contribuir para a gravação do vídeo em homenagem ao padre.³³⁹

Estavam presentes à celebração o primeiro arcebispo da diocese de Maringá, Dom Jaime Luiz Coelho, o arcebispo diocesano na ocasião, Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger, mais de 40 padres, hoje muitos deles monsenhores e bispos; um número expressivo de ministros e ministras da eucaristia, religiosas das diversas congregações de Maringá, os irmãos Marista, a família que morava com o padre e o imenso público formado por curiosos, paroquianos e simpatizantes.

Coube a Dom Murilo a realização da homilia, na qual comparou o monsenhor e todo ser humano a um santo, considerando que todos teriam sido escolhidos por Deus para esse propósito.

O monsenhor foi uma expressão da benção do Pai, citada por Paulo, que nos escolheu para sermos santos e irrepreensíveis diante de seus olhos. Fomos escolhidos para sermos santos, exemplo de vida. Santo é quem tem Deus como centro de sua vida; quem orienta os seus passos pelos ensinamentos daquele que o enviou – Jesus Cristo, seu filho amado. O pai nos adotou como filhos para fazer resplandecer sua maravilhosa graça, graça que nos foi concedida por ele, o bem-amado. A vida de Bernardo foi uma graça, um dom de Deus... ficam seu testemunho, seu sorriso de

³³⁸ O Programa JB Mariano, acontece diariamente as 13:00 e 23:00 horas na TV Comunitária, canal 15 NET, segundo informação presente na página do Facebook - https://www.facebook.com/pg/Programa-JB-Mariano-176604022782552/about/?ref=page_internal. Acesso em 14 set 2018.

³³⁹ As informações sobre JB Mariano e a cobertura do velório e missa de 7º dia do monsenhor fazem parte de um dos vídeos que compõem o DVD “História do Monsenhor Bernardo”.

menino grande, sua informalidade, que a todos atraía (pois) Bernardo revelou a graça de Deus aos humildes.³⁴⁰

Dom Jaime relembrou o padre citando palavras do Papa João Paulo II, em conferência acontecida em Puebla, no México, em 1979, quando o pontífice teria dito que “a alma que vive em contato habitual com Deus e se move dentro do ardente raio do seu amor sabe aproximar-se da pessoa e inserir-se no meio do povo”³⁴¹, residindo nesse detalhe o segredo que teria levado ao expressivo número de pessoas que estavam acompanhando as exéquias. Nesse momento, o arcebispo lembrou os motivos da vinda do padre Bernardo para Maringá, a partir do convite feito por ele em sua visita ao seminário de Saint Jacques.

Ao final de sua fala, e seguindo os rituais da missa de defuntos, o padre foi lembrando, agradecido e homenageado. Teve seu corpo encomendado em meio a orações e benzimentos comuns aos rituais das exéquias. Dom Jaime fez as orações de encomenda e Dom Murilo, monsenhor Orivaldo Robles e o padre Francisco Robl, vigário paroquial, aspergiram o corpo com água benta.

Após a benção, os demais padres se aproximaram do caixão e fizeram suas despedidas, abençoando com o sinal da cruz ou tocando o colega que, por diversas vezes, foi o responsável por preparar suas refeições em eventos religiosos ou encontros de descontração, bem como os socorrera em necessidades litúrgicas em suas paróquias. Aos padres seguiram-se os ministros, que se dispuseram ao redor do caixão até o momento em que este foi fechado.

O esquife havia sido trazido para a nave da igreja durante a oração eucarística e, contrariando os movimentos pré-ordenados comuns ao ritual litúrgico, algumas pessoas se aproximaram do caixão para tocar o morto em meio a lágrimas, beijos e abraços, dentre elas a família que convivia com o padre no Brasil.

Esse é um dos três registros em vídeo em que a emoção pela partida do monsenhor pode ser observada de forma mais explícita. Outros dois são a exposição do corpo sob a marquise da Igreja e quando o caixão é baixado à cova. Noutras tomadas observa-se pessoas chorando de forma silenciosa e, durante todo o vídeo, é possível ouvir os lamentos dos presentes numa expressão incontida perante a comoção causada pela morte do monsenhor.

³⁴⁰ HISTÓRIA do Monsenhor..., op. cit.

³⁴¹ Ibidem.

FIGURA 27 – Notícia sobre a morte do padre Bernardo em primeira página d'O Diário de Maringá pelo segundo dia consecutivo.



FONTE: ACERVO Particular de L. N., 2018.

Após a distribuição da eucaristia, algumas palavras são dirigidas à comunidade em forma de avisos, convites ou outros temas considerados necessários e relevantes. Na sequência dos informes, seguiram-se novas homenagens ao defunto, feitas por paroquianos e pela família francesa do padre, por meio da leitura da carta enviada por suas irmãs à comunidade. Na carta, elas exaltam o caráter carismático do irmão e agradecem o carinho dispensando a ele no Brasil.

Em sequência, os ministros e ministras da eucaristia se aproximam da urna e, ao final da leitura, seguiu-se uma salva de palmas, homenagens e agradecimentos emocionados exaltando a vida do monsenhor, adjetivada como vida de luta, sacrifício e alegria.

4.1.1 Cortejo e Sepultamento

Segundo informações obtidas junto ao Quartel Central do Corpo de Bombeiros em Maringá, não há dados específicos sobre o número de civis que tiveram o cortejo fúnebre realizado em caminhões do corpo de bombeiros, como foi o caso do monsenhor Bernardo. Mas explicam que isso pode ser considerado uma honraria destinada a pessoas cuja vida pública seja considerada de especial apreço para a sociedade local, pois somente pessoas de conhecimento público expressivo são objeto desse tipo de cortejo.³⁴²

No vídeo feito nas dependências do cemitério municipal, o caminhão do corpo de bombeiros é seguido por uma multidão de pessoas e clérigos em meio a cânticos religiosos como: “Segura na mão de Deus”, “Porque ele vive, posso crer no amanhã...” e “Com minha mãe estarei...” todos com ênfase na certeza da vida após a morte. Um padre em particular, o monsenhor Orivaldo Robles, parece tomar para si a incumbência de iniciar os hinos fúnebres, nos quais é seguido pelo grande público presente.

A retirada do caixão do caminhão foi feita pelos soldados do corpo de bombeiros e por alguns dos padres presentes, sendo esses últimos os responsáveis por levar o esquife para o local exato do sepultamento, onde funcionários do cemitério já estavam aguardando. No vídeo, pode-se observar diversas câmeras filmadoras registrando o evento, embora não seja possível identificar quais são as emissoras que enviaram seus repórteres e cinegrafistas.

³⁴² O contato com o Quartel Central do Corpo de Bombeiros foi feito via telefone no dia 24 de setembro de 2018 e a pergunta feita foi se havia registro do número de enterros cujo cortejo tenha sido feito em caminhão de bombeiros em Maringá. A resposta dada pela telefonista foi que é comum o cortejo para membros da corporação e mais raro para membros da sociedade civil, sendo reservado apenas para pessoas de conhecimento público expressivo. Não há, no entanto, registros quantitativos sobre quem foi objeto dessa honraria.

FIGURA 28 - Cortejo fúnebre em carro de bombeiros.



FONTE: APDES, 2018.

A descida do caixão ao túmulo foi acompanhada por uma chuva de flores vinda de todas as direções, juntamente com aplausos e lágrimas. Este é outro momento em que a comoção pela morte do monsenhor pode ser vista em sua maior expressão. O encerramento das exéquias se deu com a oração da Salve Rainha, puxada mais uma vez pelo padre Orivaldo.

Na sequência do vídeo dedicado a missa de exéquias e ao enterro, são acrescentados quatro outros vídeos. Uma tomada na qual Dom Murilo, ainda no cemitério, fala aos familiares do padre e manifesta o desejo de que o vídeo possa mostrar-lhes o carinho da população pelo irmão morto, de onde se pode inferir que o mesmo tenha sido enviado à França.

Um segundo vídeo, gravado no que parece ser um estúdio, traz uma religiosa do colégio Regina Mundi³⁴³ se comunicando em francês com familiares do padre; um terceiro vídeo gravado por Dom Jaime por ocasião do programa de televisão semanal³⁴⁴ comandado por ele e

³⁴³ Todas as tentativas de entrevistar ou tirar dúvidas com as religiosas do Colégio Regina Mundi foram negadas pela instituição sem maiores esclarecimentos.

³⁴⁴ Entre 21 de setembro de 1974 e 01 de janeiro de 2007, Dom Jaime apresentou o programa “Por um mundo melhor”, na TV Cultura, canal 8 pertencente à Rede Paranaense de Telecomunicação (RPC). Foi nesse programa que, em seus cinco minutos semanais, o bispo Jaime fez sua fala sobre Bernardo em data não identificada.

cujo título, naquele dia, foi “Horizontes no Infinito”. Por fim, o vídeo dedicado a missa de corpo presente e enterro do padre termina com uma sequência de imagens no qual ele aparece vestido em sua conhecida túnica dourada durante a celebração de um matrimônio.

4.1.2 Repercussão

Conhecer os motivos que levaram à morte do monsenhor foi um dos temas mais discutidos na ocasião de seu falecimento. Era do conhecimento da comunidade que ele era fumante e apreciava a cerveja, o vinho e refeições elaboradas. Além disso, não era segredo que o atendimento ao público o mantinha sempre no limiar da exaustão.

FIGURA 29 - Artigo sobre a morte do padre com ênfase em seu apreço pelo cigarro.



FONTE: APDES, 2018

A referência ao tabagismo, por exemplo, é uma característica ainda hoje lembrada quando o assunto é o padre Bernardo. Na ocasião de seu falecimento, pessoas conhecidas e jornais locais chamaram a atenção para esse fato, numa tentativa de explicar sua morte prematura. O tabagismo introduz também um fato ocorrido com o padre, lembrado pelo casal P. e N., que aconteceu cerca de cinco anos antes de sua morte, quando, muito gripado, o padre teria feito um Raio-X dos pulmões. Realizado o exame, no entanto, não foram diagnosticadas quaisquer alterações no órgão.

P. – Ele tinha umas brincadeiras assim que ele fazia tipo assim, um dia ele estava bem gripado assim sabe aí levou ele lá no Santa Rita, até com essa Dra. Leila para fazer uma radiografia. Aí diz que ele falou assim “Olha Santa Rita! Se der alguma coisa aí depois nós vamos conversar! Nós vamos...” porque ele fumava... O pulmão dele saiu limpinho! Não tinha nada!!! Não tinha nada (risos) você entendeu? Eram umas coisas assim sabe, bem...

N. – A dra. Leila falou assim: “Nossa! Há quantos anos o senhor fuma?”, ele falou lá não lembro quanto.

P. – “Como que o pulmão do senhor é branco! Não tem nada! É limpo!” Por aquele tempo devia ter alguma sequela, alguma coisa né!?

O diálogo entre o casal contrasta com o relato do sr. F. C. e sua esposa H. C. De acordo com os últimos, nos meses que antecederam a morte do monsenhor, o padre estava fazendo uso de medicamentos prescritos por cardiologistas. Contam também que ele bebia e fumava bastante, mesmo sob medicação. À guisa de explicação para esse comportamento eles acrescentam que:

Você imagina você atender 150, 200 problemas por semana e você não ter... você sabe, a missão dele é escutar, não falar, se for aconselhar, e perdoar e não falar nada para ninguém. Você sabe que padre é isso né? Você falou com um padre, ele morre, mas não diz nada.

Ou seja, entre a “bronca” em Santa Rita de Cássia e sua morte, a saúde do padre se debilitou por diversos motivos e mesmo o estresse citado mostra uma face do trabalho do padre que muitos dos que o conheceram parecem ignorar: a imensa carga física e emocional gerada pela dinâmica imposta por ele diante da demanda apresentada por pessoas em busca de atendimentos.

O tema traz, para Dona H. C., a lembrança sobre a sensação que teve na última vez em que esteve com o padre no litoral paranaense, quando ele voltou a se pronunciar sobre o desejo de ser enterrado no cemitério municipal. No momento em que o padre tocou no assunto, ela teria sentido que ele não viveria muito mais, principalmente por abusar do fumo e da bebida, o que a teria levado a pensar e comentar com seu esposo: “Que triste saber que podemos perdê-lo tão cedo!” e emenda: “Parece que ele estava pressentindo”.

Como lembrou o casal, os médicos teriam informado ao padre sobre sua condição de saúde e o acompanhavam no tratamento, o que leva a considerar que o monsenhor tinha conhecimento da delicadeza de sua saúde, o que, por motivos indefinidos, não se reverteu em um cuidado minucioso de si mesmo quanto à alimentação, fumo, bebidas alcoólicas e ativadores de estresse. Aparentemente, entre o diálogo narrado por P. e N. e o último ano de vida do padre, embora ele tivesse conhecimento de sua condição, parece que se sentia incapaz de lutar em favor próprio, como informou o senhor C. E. M.

Outros desdobramentos ligados à sua morte são relativos aos seus bens materiais. O atestado consta que o padre era eleitor e que deixara bens inventariados, mas não um testamento. Posteriormente, a notícia de um testamento em nome de uma afilhada chamada Carolina escreveria uma outra página na história do padre.

Vários entrevistados citam que, no documento, foi registrado que tanto os bens presentes quanto os futuros eram de posse da beneficiada. Assim, tanto a família adotada quanto os familiares franceses não tiveram acesso aos bens do falecido, no caso um apartamento na avenida Brasil e o sobrado de aproximadamente 600m² na Zona 7, ambos em Maringá, pelo que se pôde constatar.

O testamento levou a uma disputa judicial entre a família beneficiada e a família que vivia sob o teto do padre, ficando a primeira legalmente com suas posses materiais e ambas com posses afetivas. À família genitora restou apenas a lembrança e o afeto pelo filho e irmão, que há anos deixara a França para viver o sacerdócio no Brasil.

Entretanto, se muito restou dos afetos e bens patrimoniais, pouco restou de seus bens pessoais. Um véu umeral, usado quando o padre ou o diácono porta o Santíssimo Sacramento no ostensório, encontra-se em posse da paróquia Divino Espírito Santo; o rosário que estava em suas mãos durante o funeral e os documentos pessoais originais do padre são guardados pelos ex-paroquianos e amigos P. e N.

Uma de suas estolas se encontra em posse do grupo carismático Filhos de Sião e outra sob a responsabilidade da Casa de Emaús, onde se encontram o já citado par de vasos de óleo santo que, segundo P. P. B., foi um presente do padre a seu marido, posteriormente repassado aos membros do grupo de oração Filhos de Sião e armazenado no relicário da Casa de Emaús.

345

³⁴⁵ A Casa de Emaús atende atualmente como Centro de Apoio e Assessoria ao portador do vírus HIV/AIDS, mas sua história remete a fundação da Associação Beneficente Estrela da Manhã — Casa de Emaús em 1999. O surgimento da Associação/Casa de Emaús se dá “quando pessoas preocupadas com a falta de leitos em hospitais de Maringá para atender enfermos do vírus HIV/AIDS procuraram Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger, então Arcebispo Metropolitano de Maringá. A autoridade local da Igreja Católica acolheu prontamente a iniciativa do

Algumas de suas vestes sacerdotais foram doadas a outros sacerdotes pelo quarto padre da paróquia Divino Espírito Santo, em 2009, enquanto grande parte de seus pertences teriam sido queimados, segundo P. e N.

FIGURA 30 - Véu Umeral.



FONTE: APDES, 2018.

grupo, uma vez que esta parcela da sociedade se encontrava marginalizada e sem os necessários apoios institucionais. Em 29 de março de 2001 foi fundada a Associação Beneficente Estrela da Manhã, - Casa de Emaús, tendo como Presidente do Conselho Diretivo o Senhor Arcebispo Metropolitano e Diretor Presidente o Senhor Sidnei Oliveira Teles Filho, coordenador do Grupo Filhos de Sião na atualidade. Desde sua origem, a Casa de Emaús e o Grupo mantém vínculos estreitos no que tange a administração do local e da presença dos objetos/reíquias pertencentes aos três membros falecidos do Grupo; sendo dois deles considerados os “pais fundadores”, e os padres Bernardo e Chiquinho só fazem reforçar esses laços. Na memória da Casa, o padre Bernardo consta como um dos colabores do Centro por ter realizado, ainda que por pouco tempo, atendimentos no local. Cf. CASA DE EMAÚS. Disponível em: < <https://www.facebook.com/CasaDeEmausMaringa/> >. Acesso em: 04 fev. 2021.

FIGURA 31 – Documentos e objetos pertencentes ao padre em posse do casal P. P. B. e N. M. S. B.



FONTE: ACERVO PARTICULAR DE P. P. B. e N. M. S. B., 2020.

A religiosidade peculiar e o carisma são motivos que permitem compreender a intensidade da comoção trazida pela morte do monsenhor, bem como o número de visitantes presentes ao velório e enterro naquele 21 de novembro do ano 2000. Sendo que a comoção pode expressar diversas emoções, como: choque, revolta, abalo, surpresa ou susto. É certo acreditar que muitos que o conheceram manifestaram qualquer um destes sentimentos, ou mais de um ou todos eles, quando souberam do passamento do monsenhor.

Sem contar aqueles e aquelas que se sentiram desesperados e desamparados diante da perda de seu confessor, orientador espiritual e pessoal. Ainda que as visitas ao túmulo do padre ocorram em sua grande maioria no Dia de Finados, o fato de ser o segundo mais visitado do cemitério municipal expressa, ainda hoje, a intensidade dessa comoção, uma vez que a ida até a sepultura representa a possibilidade de estar novamente em sua presença, em uma conversa murmurada, em oração, ou apenas em reverente silêncio. Afinal, uma sepultura representa o testemunho fundamental da morte³⁴⁶, bem como a possibilidade de encontro com o ente falecido.

4.2 TÚMULO

4.2.1 Cemitérios em Maringá

No dia 8 de setembro de 1970, o então prefeito de Maringá, Adriano José Valente (1921-2010), sancionou a Lei 773, que dispõe em seu Art. 1º que *fica criado* o Cemitério Municipal de Maringá, parque de utilidade, reservado e respeitável.³⁴⁷ Em princípio, esse parece ser o início da história do cemitério público da cidade, uma vez que o termo *criação* remete ao sentido de origens. No entanto, a área destinada ao cemitério encontrava-se demarcada no Anteprojeto elaborado pela CMNP em 1945, e o registro do primeiro sepultamento data do dia 7 de junho de 1947, de acordo com dados da instituição.³⁴⁸

³⁴⁶ MORIN, op. cit., p. 23.

³⁴⁷ PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ. Lei nº. 773/70. Cria, na sede do município de Maringá, o cemitério municipal de Maringá, parque de utilidade, reservado e respeitável. Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a/pr/m/maringa/lei-ordinaria/1970/78/773/lei-ordinaria-n-773-1970-cria-na-sede-do-municipio-de-maringa-o-cemiterio-municipal-de-maringa-parque-de-utilidade-reservado-e-respeitavel> >.

Acesso em 08 ago. 2020.

³⁴⁸ REGISTRO DO CEMITÉRIO, 1948 a 1951.

Portanto, enquanto prefeito durante os anos de 1969 e 1972, Adriano José Valente não criou o cemitério municipal em sua designação primeira, que é a de ser uma área reservada para sepultamentos, mas, sim, deu a esse espaço uma nova concepção, baseada na ocupação como algo útil, reservado e respeitável. O que essas três características agregadas ao espaço significam exatamente, a lei não especifica, mas é possível inferir que o prefeito usou o conjunto de adjetivos para caracterizar sua intervenção num espaço com funções anteriores e, com isso, agregar feitos à sua administração.

Em um trabalho recente, Fabíola Cordovil³⁴⁹ faz um apanhado detalhado sobre as administrações municipais maringaenses acontecidas entre os anos de 1947 a 1982, incluindo a forma como o cemitério municipal foi organizado espacialmente e administrado nesse período. Ela também destaca que o equipamento já estava em uso antes que a primeira administração municipal tomasse posse em 14 de dezembro de 1952.

De fato, Inocente Villanova Jr. (1903-1986), o primeiro prefeito do município, registra o início das atividades no local como sendo obra de sua gestão no período de 1952 a 1956. No entanto, relatos coletados pela estudiosa informam que o cemitério estava em uso antes desse registro, quando Maringá ainda estava sob a jurisdição de Mandaguari e, quando os primeiros sepultamentos pós-municipalização foram direcionados para o local, constatou-se não haver nem pá e nem enxadão para proceder às inumações, pois as ferramentas teriam sido levadas para aquele município.³⁵⁰

Todas as gestões estudadas por Cordovil realizaram melhorias no cemitério, que vão desde a ampliação do espaço físico à renovação administrativa e paisagística, incluindo construção de prédios, delimitação e realocação de arruamentos e túmulos, de forma a modernizar e adequar o espaço às necessidades dos munícipes.

Em mais de sete décadas de existência, o cemitério municipal passou por várias intervenções administrativas e paisagísticas, que seguiam ora o projeto de 1945, ora as demandas municipais, como aumento demográfico e adequação às normas sanitárias. Em todos esses processos, a prefeitura esteve amparada por projetos arquitetônicos, paisagísticos e urbanistas elaborados por profissionais como José Augusto Bellucci, responsável por diversos

³⁴⁹ CORDOVIL, Fabíola Castelo de Souza. A aventura planejada: engenharia e urbanismo na construção de Maringá, Paraná, 1947 a 1982. 2010. 636f. 2010. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos. Disponível em: < <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-25042011-103049/pt-br.php> >. Acesso em fev. 2020.

³⁵⁰ Ibidem, p. 171.

projetos na cidade, como a Catedral Metropolitana e o terminal de passageiros do antigo aeroporto, por exemplo.³⁵¹

Atualmente, o cemitério conta com 3.700 sepulturas e mais de 88 mil inumações.³⁵² Contudo, a capacidade para receber novos sepultamentos encontra-se no limite, ainda que no ano de 2018 a administração tenha aberto covas ao longo de ruas mais largas, numa tentativa de ampliar o número de enterramentos. Por esse motivo, a Prefeitura municipal e o IAP encontram-se em negociação para a criação de um novo cemitério municipal.

Além do cemitério municipal, Maringá conta com dois outros cemitérios particulares e uma cripta. Um deles é o Cemitério Parque de Maringá, e o outro, mais antigo, é o cemitério do Centro de Espiritualidade Rainha da Paz, onde se encontram enterrados religiosos e religiosas que atuaram em Maringá e em outras regiões do país. Um terceiro local de sepultamentos exclusivo para religiosos é a cripta que se encontra no subsolo da Catedral Basílica Menor de Maringá, sendo o corpo do arcebispo Jaime Luiz Coelho o último, inumado no dia 05 de agosto de 2013. Atualmente, somente dois clérigos estão enterrados no local, Dom Jaime e o Monsenhor Sidney Luiz Zanettini.³⁵³

O mais novo dos espaços é o Cemitério Parque de Maringá. Instalado em julho de 1985, o cemitério particular foi organizado de forma a promover um clima de introspecção durante os enterramentos e visitas. Distribuído em seis alqueires, os jazigos são subterrâneos, ornados por uma lápide em forma de trapézio, com dados do inumado acompanhados de uma foto. O acesso aos jazigos se dá por um corredor asfaltado em meio à mata nativa, e os túmulos encontram-se distribuídos por um extenso gramado. Hoje, o cemitério está com 7 mil jazigos ocupados e passou a ofertar o serviço de cremação.³⁵⁴

O Crematório Angelus está distribuído em um prédio com 1.500m² e atende os Estados do Paraná, Mato Grosso do Sul e o interior de São Paulo. Com capacidade diária de cremação de seis corpos, os familiares podem retirar as cinzas, em média, seis horas após a cremação. Os

³⁵¹ CORDOVIL, 2010, passim.

³⁵² REGISTRO DO CEMITÉRIO. 1948-1951.

³⁵³ Monsenhor Sidney Luiz Zanettini (1927-1951), ordenou-se no ano de 1951 e era formado em Direito. Após atuar em diversas paróquias paranaenses, trabalhou na diocese de Maringá entre 1966 e 1944. Posteriormente foi transferido para as paróquias de Palmas e de Paranavaí. A TRAJETÓRIO DO PADRE SIDNEY ZANETTINI. Disponível em: < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2019/12/a-trajetoria-do-padre-sidney-zanettini-11892722.html> >. Acesso em: 12 jan. 2021. Na diocese maringaense, os monsenhores Sidney e Bernardo assumiram com frequência trabalhos em conjunto como atestam diversos documentos disponíveis no ACMM.

³⁵⁴ FINADOS: Cemitério Parque de Maringá está pronto para receber visitantes. Disponível em: < <https://www.ofatomaringa.com.br/blog/ler?link=finados-cemiterio-parque-de-maringa-esta-pronto-para-receber-visitantes-> >. Acesso em 01 nov. 2020; CEMITÉRIO PARQUE completa 35 anos de atividade em Maringá. Disponível em: < <https://www.ofatomaringa.com.br/blog/ler?link=cemiterio-parque-completa-35-anos-de-atividade-em-maringa> >. Acesso em 01 nov. 2020.

protocolos³⁵⁵ específicos para a cremação se iniciam normalmente com o velório, seguido do encaminhamento ao crematório, onde se dão homenagens dos familiares ao ente querido falecido. Para essa cerimônia, o Crematório Angelus dispõe de uma sala projetada para esse fim com um auditório com capacidade para 200 pessoas sentadas e até 600 pessoas no total. Durante as despedidas é reproduzido um vídeo com imagens do/a falecido/a em dois telões.³⁵⁶

A cerimônia chega ao final quando a urna mortuária desce por um elevador, simulando o sepultamento, em um processo que pode durar entre 30 e 40 minutos. Somente após esse ritual, o corpo é encaminhado para a cremação, e a família poderá receber as cinzas no mesmo dia ou no dia seguinte.³⁵⁷ Com essas características e formato, o Crematório Angelus inaugura em Maringá uma nova forma de vivenciar os falecimentos e ritos funerários. Afinal, com a cremação, os túmulos deixam de existir e os familiares podem dispor das cinzas da forma como foi solicitada pelo falecido, caso tenha sido feita alguma orientação nesse sentido, ou da maneira que desejarem, inclusive mantendo as urnas contendo as cinzas consigo.

Já o cemitério estabelecido nas dependências do Centro de Espiritualidades Rainha da Paz é um local com dimensões limitadas e uma paisagem singular, na qual grassam túmulos ao rés do chão, com lápides de granito na qual constam a identificação do defunto, a data de nascimento, de ordenação e morte, assim como a ordem de pertencimento. Todos os túmulos são ornados por plantas e se encontram à sombra de um crucifixo revestido em pedra, com aproximadamente três metros de altura.

O Centro de Espiritualidade Rainha da Paz é administrado pela Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria, fundada em 25 de março de 1920 pelo Arcebispo Dom Wilhelm Berning, bispo de Osnabrück, Alemanha. No Brasil, a instituição iniciou suas

³⁵⁵ Devido à pandemia ocasionada pelo Coronavírus (SARS-CoV-2), causador da doença Covid-19, que atingiu o Brasil no início de 2020, os protocolos de inumações sofreram modificações quanto ao formato dos velórios e sepultamentos/cremações a partir da publicação do Decreto nº. 445 de 18 de março de 2020. De acordo com o documento, os serviços funerários seriam mantidos operando apenas em regime de atividades essenciais. No primeiro momento da pandemia, a prefeitura municipal optou por restringir a visitação aos cemitérios, reduziu o tempo de duração das cerimônias e o número de pessoas autorizadas a participar da despedida. Foi proibida, ainda, a divulgação de notas de falecimento até uma hora depois do sepultamento; a abertura das urnas mortuárias, independente da *causa mortis*, e o intervalo entre as inumações que passou a ser de uma hora. Posteriormente, novos protocolos foram adotados e restrições como visitas cemiteriais foram liberadas, ainda que a prefeitura e instituições religiosas tenham feito campanhas informais solicitando principalmente que pessoas do grupo de risco e crianças evitassem as visitas aos entes queridos. Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ. Decreto nº. 445/2020. Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a1/pr/m/maringa/decreto/2020/45/445/decreto-n-445-2020-declara-situacao-de-emergencia-no-municipio-de-maringa-e-define-outras-medidas-de-enfrentamento-da-pandemia-decorrente-do-coronavirus> >. Acesso em 08 nov. 2020; VELÓRIOS em Maringá poderão ter apenas 20 pessoas por sala. Disponível em: < <https://www.cbnmaringa.com.br/noticia/velorios-em-maringa-poderao-ter-apenas-10-visitantes-por-sala> >. Acesso em 08 nov. 2020.

³⁵⁶ ANGELUS CREMATÓRIO. Disponível em: < <https://angeluscrematorios.com.br/index.php?pagina=sobre> >. Acesso em 08 nov. 2020.

³⁵⁷ Ibidem.

atividades no dia 12 de julho de 1956, com a chegada de seis religiosas a convite de Benno Wagner³⁵⁸ e Oswaldo Rambo, padres jesuítas responsáveis pela então Paróquia Santíssima Trindade e pela Paróquia São José Operário. Na época, as irmãs fixaram residência numa Maringá incipiente, com o objetivo principal de atuar na área da saúde.³⁵⁹

Enquanto a instalação do cemitério municipal esteve vinculada a um projeto urbanístico, o cemitério do Centro de Espiritualidades foi construído como um “gesto de afeto” para com uma das freiras da instituição, que se destacava pelo trabalho realizado junto aos doentes no início dos anos 1960. Irmã Maria Clarice, cujo nome civil era Ruth Romano, morreu no dia 6 de janeiro de 1965 de uma doença não identificada pela instituição; e foi nessa ocasião que o cemitério do Centro foi criado e inaugurado, o que o torna o segundo da cidade. Assim, irmã Maria Clarice, com apenas 20 anos de idade, tornou-se a primeira religiosa a ser enterrada no local, construído especialmente para recebê-la como forma de agradecimento por seu trabalho.³⁶⁰

Na memória sobre o cemitério Rainha da Paz, além da peculiaridade relativa à sua criação, existe um segundo fato que marcou a história do local e diz respeito à forma como os sepultamentos eram feitos: até o ano de 2012, as inumações aconteciam diretamente na terra, e a partir dessa data as sepulturas passaram a receber lajes. A instituição não soube precisar o porquê dessa mudança, mas documentos relativos a normas ambientais informam que até o ano de 2010 todos os cemitérios deveriam dispor os corpos inumados, de acordo com as instruções presentes na Resolução nº 335 de 2003 elaborada pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente, o CONAMA.³⁶¹

³⁵⁸ Em seu livro, o ex-padre e professor Benno Wagner (1922-2009) narra detalhes pitorescos sobre os velórios acontecidos na Maringá dos anos 1950 lembrando que por se localizar perto do cemitério, a Igreja Santíssima Trindade, hoje Catedral Nossa Senhora da Glória, recebia muitos corpos para serem benzidos antes dos enterros. Ainda segundo ele, o número de mortos, sobretudo de crianças, era bastante grande no período devido à falta de higiene e saneamento básico. Cf. WAGNER, Benno. **Maringá Cidade Canção: volta às raízes**. v. 6. Curitiba: Ed. do autor, 2000.

³⁵⁹ CENTRO DE ESPIRITUALIDADE RAINHA DA PAZ - CERP. Disponível em: <<http://pbmm.com.br/cerp>>. Acesso em: 03 jul. 2019.

³⁶⁰ Informação obtida informalmente durante o trabalho de campo realizado no Centro Rainha da Paz para obtenção de dados acerca da instituição no dia 07 de agosto de 2019.

³⁶¹ O CONAMA foi criado em 1981 e, dentre outras prerrogativas ligadas ao uso e preservação do meio ambiente, o órgão estabelece as normas relativas ao licenciamento ambiental relativas à criação de cemitérios. BRASIL. CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE – CONAMA. Disponível em: <<http://www2.mma.gov.br/port/conama/>>. Acesso em: 16 out. 2020.

FIGURA 32 – Cemitério do Centro de Espiritualidades Rainha da Paz.



FONTE: LUPION, 2018.

Segundo a Resolução, o nível inferior das sepulturas deve estar a uma distância de pelo menos um metro e meio acima do lençol freático, “proporcionando, assim, as condições adequadas à decomposição dos corpos, exceto nos casos específicos previstos na legislação”.³⁶² Considerando essa orientação, depreende-se que regulamentações ambientais ocorridas em âmbito nacional tenham sido motivadoras para o estabelecimento de novas formas de sepultar os religiosos e as religiosas no Rainha da Paz.

Quanto ao número de inumados, os dados se modificam ora por conta de novos sepultamentos, ora devido ao traslado de corpos entre cemitérios religiosos. No dia 7 de agosto

³⁶² BRASIL. RESOLUÇÃO CONAMA nº 335, de 3 de abril de 2003. Disponível em: < http://www2.mma.gov.br/port/conama/legislacao/CONAMA_RES_CONS_2003_335.pdf >. Acesso em: 16 out. 2020.

de 2019 o cemitério contava com 55 corpos, sendo o enterro do Monsenhor Orivaldo Robles (1941-2019) o último ocorrido no local no dia 21 de janeiro de 2019.

Seguindo essa norma, o padre Bernardo deveria ter sido enterrado no cemitério Rainha da Paz, mas, em atendimento ao seu pedido, ele foi sepultado no cemitério municipal. O primeiro relato que se tem sobre as orientações do padre Bernardo para seu sepultamento vieram do senhor N. M. S. B. Conta ele que, em visita ao Centro Rainha da Paz, o padre teria manifestado seu desejo em ser enterrado no cemitério municipal devido às condições do local, contrariando assim a prática de sepultamentos vigente:

Um dia teve um curso lá no Rainha da Paz e ele (Pe. Bernardo) falou: “vamos ver a sepultura do padre Fritz?”, que era da nossa paróquia. Ele (Pe. Bernardo) que cuidava do padre Fritz. Eu falei “Vamos”. Chegou lá, era aquele capinzal, aquela coisa. Ele falou “Olha que pecado!” E aí foi onde que ele falou “Eu quero ser enterrado lá junto com o meu povo!”. E assim foi feito!³⁶³

Dom Jaime também testemunhou nesse sentido durante o programa dedicado ao padre logo após sua morte e durante a missa de corpo presente do monsenhor. Desse relato, destacou-se a passagem em ele menciona o desejo do padre em não ser enterrado no Rainha da Paz e sim no cemitério municipal:

Em 1969 eu criei a paróquia Divino Espírito Santo e trouxe para cá o padre Bernardo. Meu bom amigo, vocês aqui de Maringá, da região, conhecem muito mais do que eu a grandeza dessa alma do padre Bernardo. Eu o conheci por certo, meu sacerdote! estávamos sempre juntos. Ele trazia para mim os seus problemas, nós nos confidenciávamos. Essa alegria, essa amizade que nós tínhamos... para você que estava a cada momento ali na paróquia, recebendo a sua influência, a sua benção, a sua palavra de amor, o seu sorriso, aquele acolhimento extraordinário. O papa João Paulo II, quando nos visitou em Puebla no México, naquela celebre conferência dos bispos da América Latina, ele disse que: quem está habitualmente ligado a Deus sabe encontrar o momento propício de inserir-se no meio do povo e levar ao povo essa presença de Deus. Monsenhor Bernardo fez isso. Aquele contato com Deus. Aquela vida de Deus. Ele soube levar essa vida de Deus aos seus amigos, a todos aqueles que o procuravam. Ele dizia: “nós tínhamos aqui o costume de enterrar os sacerdotes nas igrejas matrizes”. Mas, há um cânone no direito canônico que diz que não se pode enterrar a não ser os bispos (teria respondido Dom Jaime). Então ele disse: “já que não posso ser enterrado na minha igreja matriz, quero ser enterrado no cemitério municipal. Ficar no meio do povo”. E todos pudemos ver a consagração do seu sepultamento. Quantas milhares de pessoas passaram pela igreja Divino Espírito Santo. Quantos derramando lágrimas. Quantos chorando verdadeiramente essa partida. Horizonte no infinito. É Deus. O Infinito de Deus. Nós estamos todos caminhando para esse infinito. Estamos todos lutando para chegar um dia até lá, nos braços de Deus. Querido monsenhor Bernardo, repouse em paz. Repouse junto a Deus. E aí do céu continue velando a deus por todos nós, pedindo a Deus por todos nós. Você que abriu seus braços, seu sorriso para acolher a todos continue assim

³⁶³ O padre Fritz, citado por N., refere-se ao padre Friedrich Josef Karl Gerkens (1926-1994), foi, dentre outras atribuições da diocese, vigário na Divino Espírito Santo no período em que o monsenhor Bernardo era o pároco local (APDES, 2018).

sorrindo junto a Deus e trazendo para todos todas as bênçãos do céu. Meu bom amigo, que Deus a todos nos abençoe, bom dia!³⁶⁴

Verifica-se um certo zelo do padre para com o seu local de sepultamento. Ele trazia em sua bagagem a informação de sepultamentos ocorridos no interior das igrejas e tocara sobre esse assunto com seu superior. Este reconhece a existência de tal prática, mas informa que o costume se restringe somente aos bispos, tendo sido ele mesmo enterrado na cripta da Catedral anos depois. Mas, informado do desejo de Bernardo em ser enterrado em um local público que permitisse permanecer “mais perto dos seus”, o bispo não objetara, inclusive, parecera compreender e valorizar o desejo de Bernardo.

Padre Bernardo é o único clérigo enterrado no cemitério municipal. O fato de o túmulo estar localizado em um local de fácil acesso ou de acesso mais conhecido contribuiu para que a devoção ao padre se fortalecesse. Afinal, em um cemitério público existe um certo conforto em realizar visitas a pessoas conhecidas e às desconhecidas.

Não que o cemitério Rainha da Paz dificulte o acesso aos visitantes, mas a visibilidade do local em relação à comunidade local é bem menos divulgada por se restringir às inumações de religiosos e religiosas católicas, enquanto no cemitério municipal é possível dedicar alguns minutos para visitar familiares e pessoas conhecidas já falecidas bem como o monsenhor. É interessante registrar que, nos cinco anos em que durou a pesquisa, nenhuma das pessoas interpeladas se dirigiu ao cemitério exclusivamente para visitar o túmulo do padre.

Ao apostar na possibilidade de manter-se presente para as pessoas que o conheceram, escolhendo um lugar público, o padre estava correto em sua avaliação. Esse fato permitiu o livre acesso ao local da mesma maneira como tornou visível para a instituição e para a imprensa o intenso fluxo de pessoas, de presentes e manifestações de reverência em seu túmulo, sobretudo na data de Finados.

Devido a essa visibilidade, a administração cemiterial e a imprensa costumam registrar todos os anos o fato de o túmulo do monsenhor ser o segundo mais visitado do cemitério. Pessoas que jamais conheceram o padre também sofrem influência da intensidade das visitas e das constantes referências feitas pela mídia local, já que muitos se aproximam do túmulo nessas ocasiões para saber quem é que está ali sepultado. Algumas inclusive aproveitam para conhecer a história do padre e compreender os motivos que levam ao intenso fluxo de pessoas. Por esse motivo, os locais onde acontecem os sepultamentos são essenciais para a compreensão da formação de uma devoção, bem como para avaliar o alcance de sua permanência.

³⁶⁴ HISTÓRIA do Monsenhor... op. cit.

4.2.2 O Cemitério Municipal de Maringá e seus santos

Como visto, os relatos, existentes sob diversos suportes, assim como, principalmente, a memória existente na sociedade maringaense contribuíram para a identificar o monsenhor como um curador. Colaboraram na construção da narrativa sítios e reportagens digitais que corroboram o que a memória coletiva preserva sobre o padre, ou seja, que ele era “gente boa”, um santo que realizava milagres e que se entregava sem reservas ao atendimento massivo daqueles e daquelas que o procuravam.

Nas reportagens ele é descrito ainda como maçom e, mais uma vez, como fumante e que bebia; era um grande pescador e um padre liberal.³⁶⁵ É relevante registrar que essa forma de identificar o padre não demonstra uma postura moralista por parte do jornalista. Antes, expressa algo que era do conhecimento de todos, o que para os fins da construção de um milagreiro — que é o mesmo que santo não oficial — torna-se algo irrelevante.³⁶⁶

Os milagreiros de cemitério pertencem a um rico complexo ritualístico, individual e coletivo de milhares, até milhões de brasileiros que buscam neles conforto para suas mazelas. Milagres são pedidos ali no túmulo, único espaço material de contato direto como o morto especial. Velas e flores dividem espaço com ex-votos e uma infinidade de oferendas deixadas para eles em sinal de agradecimento por um milagre ou uma graça recebida. O cemitério como cidade, o túmulo como templo e morada eterna. Há no devoto um entendimento que uma cumplicidade orgânica se faz entre ele e seu milagreiro, já que em sua esmagadora maioria fazem parte de uma cultura local, são reconhecidos como daquele espaço cidadão, o que significa que conhecem onde tudo aconteceu e continua acontecendo. Esta proximidade territorial entre o devoto e o milagreiro amplia seu poder de resolução imediata de problemas e conflitos. Todos são dos mesmos locais.³⁶⁷

Lourival de Andrade Jr. analisa esse aspecto da moralidade como algo irrelevante para os fins da produção de um milagreiro ao estudar a devoção atribuída à cigana Sebinca Christo e cita exemplos de “santos de cemitério” que fogem ao padrão moral estabelecido pela Igreja Católica. Segundo ele,

³⁶⁵ A reportagem citada se refere a uma discussão ocorrida no ano de 2015 quando vereadores da Câmara Municipal de Maringá tentaram aprovar um projeto no qual o Posto de Saúde da Vila Sete seria nominado sob a alcunha de Bernardo Cnudde, o que acabou não ocorrendo. RIGON, Angelo. Vereadores de Maringá passam por cima da legislação. 2015a. Disponível em: < <https://angelorigon.com.br/2015/10/23/vereadores-de-maringa-passam-por-cima-da-legislacao/> > Acesso em: 15 nov. 2019a; RIGON, Angelo. Projeto que dá nome a Posto de Saúde deve ser vetado. 2015b. Disponível em: < <https://angelorigon.com.br/2015/10/27/projeto-que-da-nome-a-posto-de-saude-deve-ser-vetado/> >. Acesso em: 15 nov. 2019b.

³⁶⁶ ANDRADE JÚNIOR, L. op. cit., p. 98.

³⁶⁷ ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Dos horrores aos humores: o cemitério no cordel brasileiro. REVISTA M, v. 2, n. 4, p. 412-437, jul./dez. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: Disponível em: < http://www.revistam-unirio.com.br/arquivos/2018/02/v02_n03_a02.pdf >. Acesso em 17 jul. 2018.

esse devoto pouco se importa com a condição moral em que a alma em vida se inseria. O que importa a ele é o espaço que conquistado pelo “santificado” no mundo dos mortos, e, assim, poder atuar de forma de forma correta nas resoluções dos problemas do mundo terreno.³⁶⁸

Além de Sebinca, Andrade Jr. cita o caso da devoção à prostituta Jandira, de sobrenome não identificado, e do padre Silvério Weber, que teve um filho com uma das devotas que trabalhavam com ele na igreja; e “apesar desse fato, que é confirmado por todos que conviveram com a situação, frei Silvério continua sendo cultuado e santificado por aqueles que veem nele muito mais um “santo” do que um homem”.³⁶⁹

José Leite de Santana, santo milagreiro do cemitério São Sebastião em Mossoró, Rio Grande do Norte, representa outro aspecto da construção de um “santo de cemitério”, que é a morte de forma trágica. Essa condição é um valor em si para a constituição de uma devoção muito mais do que uma vida impoluta.

Pertencente ao bando de Lampião, José Leite de Santana, ou, mais especificamente, o cangaceiro Jararaca, foi um bandoleiro que colecionou o adjetivo de ser mais perigoso que o próprio chefe. Após ter sido capturado durante a invasão à cidade Mossoró em junho de 1927, Jararaca teria sido recolhido à delegacia, onde concedeu diversas entrevistas a jornais locais, antes de ser executado no dia 19 de junho de 1927, supostamente por policiais locais.³⁷⁰

As versões para a morte de Jararaca são inúmeras. Degolado e enterrado; espancado, degolado e enterrado vivo; espancando, obrigado a cavar a própria cova e enterrado vivo; todas as formas anteriores acrescida de castração e morte por tentativa de fuga. Enfim, várias narrativas que foram, ao longo dos anos, acrescidas de sentidos e culminaram com a criação de uma devoção na qual, de cangaceiro sanguinário, Jararaca torna-se mártir pela forma como sua morte se deu. Somado ao fato de que a ele são atribuídos milagres diversos pela população local, Jararaca, ao se arrepender da vida pregressa na hora da morte, torna-se um santo milagreiro cuja eficácia se verifica exatamente pela devoção a ele atribuída no cemitério de Mossoró.³⁷¹

Ou seja, é a eficácia do milagreiro o elemento que legitima sua presença e pertencimento ao grupo dos capacitados a realizar ações extraordinárias, e não sua vivência inscrita em um

³⁶⁸ ANDRADE JÚNIOR, op. cit., 2008, p. 114 grifos do autor.

³⁶⁹ Ibidem, p. 201 grifos do autor.

³⁷⁰ FALCÃO, Maurício de L. Uma morte muito aperreada: memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de Lampião em Mossoró. 2011. 181 f. Dissertação – Universidade Federal do Ceará, Programa de pós-graduação em História Social, 2011, passim.

³⁷¹ Ibidem, p. 142.

modelo de santidade como o proposto pela Igreja Católica, com base na vida exemplar atribuída a determinados santos, por exemplo.

No catolicismo, essa condição – a de ser santo – é qualificada como uma distinção atribuída pela igreja, por meio de um processo de canonização, somente àqueles que se destacaram pela realização de milagres e por seu exemplo de vida cristã. Para a hierarquia clerical, apenas os beatificados em menor grau, e os canonizados em sua plenitude podem ser reverenciados como santo.³⁷²

Assim, convivem em espaços como cemitérios, mas não somente, milagreiros institucionalizados — isto é, os canonizados pela Igreja Católica —, e milagreiros cuja consagração está inscrita na devoção que lhe atribuem seus devotos à margem do poder católico, ainda que, como o frei Silvério Weber, tenham feito parte do catolicismo institucionalizado.

Padre Bernardo pode ser compreendido como parte do segundo grupo de “santos de cemitério” cuja devoção acontece à margem da Igreja Católica maringaense, mas, com um diferencial, a devoção a ele destinada é praticada por um grupo seletivo de pessoas, não sendo alvo de romarias ou peregrinações.

De acordo com Solange Ramos de Andrade, “as principais manifestações da religiosidade católica estão associadas a três aspectos complementares”³⁷³, sendo eles o culto aos santos; a peregrinação/romaria e o “conjunto de *ritos e cerimônias* realizados para pedir curas, proteção para si e para os mortos, resolução de problemas emocionais e financeiros, conservação de saúde, dentre outros”.³⁷⁴

Ao citar a relevância que as condições da morte agregam na formação e manutenção de uma devoção, os autores citados sinalizam para mais um componente essencial que é a morte por martírio ou em condições violentas e desumanas. Outros componentes são a oralidade como elemento de divulgação; manifestações concretas (ex-votos; gestos) nos locais que identificam a devoção; procissões e festas em agradecimento às graças alcançadas.³⁷⁵

Na ausência desses elementos é lícito questionar: 1. o que se verifica junto ao túmulo do padre pode ser considerado uma devoção? 2. uma devoção pode se iniciar a partir de outros elementos que não os citados por Andrade Jr. e Andrade? 3. sendo uma devoção, ela conta com

³⁷² JURKEVICS, Vera Irene. Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações da religiosidade popular. 218 f. 2004. Doutorado – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba-Pr, 2004, p. 19.

³⁷³ ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e seus santos. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento Histórico e Diálogo Nacional - ANPUH, RN. 22 a 26 jul. 2013. p. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364926943_ARQUIVO_ARELIGIOSIDADECATOLICAE_SEUSSANTOS.pdf>. Acesso em: nov. 2017, p. 4.

³⁷⁴ ANDRADE, loc. cit., grifos da autora.

³⁷⁵ ANDRADE JÚNIOR, op. cit., 2008, p. 98.

requisitos capazes de mantê-la? Temos visto até aqui que existe um tipo de devoção reservada ao padre, o que se questiona é sua permanência. Sigamos.

Outras reportagens sobre o padre são realizadas ainda hoje por ocasião do Dia de Finados, quando ele é citado juntamente com outros falecidos cujas trajetórias, de vida e de morte, continuam a fazer sentido para as coletividades. Uma morte constantemente lembrada é a do já citado jovem Clodimar Pedrosa Lô, ocorrida em 1967 após ter sido denunciado injustamente por roubo, violentamente torturado e morto por policiais no interior das dependências da delegacia de polícia.

A morte do adolescente de 15 anos ficou registrada na memória dos maringenses sob vários suportes. Além das notícias trocadas entre os munícipes e registrada por jornais impressos, a Rádio Cultura veiculava todos os dias pelo programa Aconteceu! detalhes do caso. Uma história que se iniciou em 1967 cujo desfecho se deu em 1972, quando o pai de Clodimar foi absolvido perante o júri após ter assassinado o gerente do Hotel que denunciou o menino Lô como tendo sido o responsável por um suposto roubo no quarto de um dos hóspedes.³⁷⁶

A também adolescente Fabíola Regina Coalio, morta em 2003 aos 12 anos, após ter sido atropelada por dois motoristas que tiravam “racha” na Avenida Colombo, é outro túmulo cuja visitação tem se intensificado nos últimos anos; assim como a sepultura de Márcia Andreia do Prado Constantino, morta em 2007, aos 10 anos, depois ter sido estuprada e ter seu corpo queimado por seu algoz. O quinto túmulo mais visitado pertence ao menino Arthur Salomão, morto em 2012, alvejado por uma bala perdida durante uma troca de tiros no Jardim Alvorada, bairro maringense.³⁷⁷

Ao contrário do monsenhor Bernardo, cuja morte aconteceu repentinamente devido a causas naturais somadas a complicações de saúde, os casos citados foram, inclusive nesta tese, resumidos a partir da forma violenta com que morreram, característica quase sempre presente nas construções dos processos de devoção.

Esses túmulos têm recebido atenção por parte do Patrimônio Histórico local durante a realização de “city tours” por diversos espaços urbanos maringenses, dentre eles o equipamento cemiterial. Dessa forma, verifica-se que estão sendo construídas pela Prefeitura

³⁷⁶ As obras *Lô*, do jornalista Eliel Diniz (1983), e *Sala dos Suplícios*, de Miguel Fernando Peres da Silva (2017) registram em detalhes esse acontecimento. A segunda, inclusive, denunciando por meio da violência ocorrida com o jovem Lô a presença do Estado autoritário na cidade de Maringá durante o Regime Militar ocorrido entre 1964 e 1985.

³⁷⁷ Cf. VEJA QUAIS SÃO OS TÚMULOS MAIS VISITADOS DE MARINGÁ. Disponível em < <https://gmconline.com.br/noticias/cidade/veja-quais-sao-os-tumulos-mais-visitados-no-cemiterio-de-maringa> > . Acesso em: 15 nov. 2019; MENINA MORRE EM ‘RACHA’. Disponível em: < <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/menina-morre-em-racha-458623.html> > . Acesso em: 15 nov. 2019.

memórias acerca de certos túmulos e seus falecidos, sobretudo daquelas cujas mortes ocorreram de forma trágica e que têm demonstrado um caráter potencial como “santos de cemitério”, aos quais tem sido atribuída, ainda que de forma insípida, a recepção de graças por pedidos realizados.

FIGURA 33 - Túmulo de Clodimar Pedrosa Lô.



FONTE: LUPION, 2017.

Se “o povo escolhe seus próprios santos fora da oficialidade”³⁷⁸, a divulgação feita quer seja pelos devotos via ex-votos, quer seja por outros veículos como jornais, a administração dos cemitérios, e mesmo a Prefeitura contribuem para a formação e manutenção dos milagreiros. Contudo, somente o adolescente Lô apresenta ex-votos que recobrem seu túmulo e lápide quase por completo, elemento que traz visibilidade ao local e favorece a manutenção da devoção a ele prestada.

³⁷⁸ ANDRADE JÚNIOR, op. cit., 2008, p. 93.

Na devoção dedicada ao padre inexistem as já citadas romarias ou peregrinações ao túmulo, bem como a causa de sua morte não se conforma com mortes por martírio. A divulgação da eficácia do monsenhor enquanto intercessor também não é verificada. Existe, sim, uma memória oral sobre ele, mas não é possível caracterizá-la como divulgadora e sim rememoradora de sua trajetória, assim como existe a dúvida quanto objetos deixados no túmulo enquanto exemplos de ex-votos.

Não se descarta o fato de que, com sua morte, estabeleceu-se um tipo de devoção junto ao seu túmulo. O que se questiona é a permanência dessa devoção, haja vista a fragilidade dos elementos que a compõem e, principalmente, o fato de seus devotos se resumirem àqueles e àquelas que efetivamente o conheceram. E, como citado anteriormente, não existem relatos de que ele tenha realizado milagres, depois de sua morte, com alcance suficiente para atrair novos devotos, bem como não há, por parte da cúria local, qualquer movimento para atestar essa devoção. Nesse sentido, a eficácia do monsenhor enquanto intercessor e mesmo curador *post mortem* não foi efetivamente verificada.

Diante dessa condição, acredita-se que a devoção a ele destinada seja algo contingente, haja vista a dependência em relação ao grupo de devotos idosos e das celebrações realizadas pelo Grupo Carismático Filhos de Sião, que, na verdade, não tem alcance divulgacional. Como os devotos idosos, as celebrações mantêm viva a memória do padre enquanto este era vivo mais do que enfatizam suas potencialidades como um santo milagreiro no pós-morte.

4.2.3 O túmulo do padre: espaço de transcendência e Topofilia

Etimologicamente, a palavra transcender remete a atravessar, ultrapassar, transpor³⁷⁹, ou seja, algo que ultrapassa a realidade sensível. Nessa perspectiva, é possível considerar que os seres humanos têm buscado, ao longo de suas experiências no mundo, diferentes formas de manter relações ou experienciar o sagrado, seja por meio de imagens, locais naturais ou artificiais, gestos, danças, meditações, audições ou promoções de determinados sons, orações, objetos, enfim, a partir de suportes diversos, inscritos ou não na materialidade e nas expressões corporais físicas ou sensíveis.

O que se constata com essa permanência é que, ao desenvolverem a capacidade de dar sentido ao visível e ao não visível, os seres humanos deram origem a maneiras diversas de

³⁷⁹ HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro S. Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 243.

vivenciar sua relação com o natural e com o sobrenatural, sendo a transcendência uma dessas manifestações, cujo significado reside em ser o elo entre o tangível e o intangível.

Considerando esse elo, o túmulo passa a ser compreendido como um espaço de transcendência no qual, entre rituais particulares e, ao mesmo tempo, de identificação e comunicação entre determinados grupos, os visitantes tumulares se conectam com aqueles que foram separados pela morte do corpo, mas não do afeto vivido.

Em sua análise, Tuan considera que “em geral, os lugares sagrados são locais de hierofania”.³⁸⁰ Nesse sentido, mais do que simples locais onde são agrupadas sepulturas ou reservatórios de corpos,³⁸¹ os cemitérios são monumentos, espaços sagrados que guardam a memória e a história dos inumados.

Os túmulos, como monumentos, perpetuam recordações individuais — dos familiares — ou coletivas dos falecidos. Realizar a crítica de um túmulo, portanto, pressupõe considerar que tais espaços são documentos cuja historicidade pode ser verificada, visto que guardam em sua história o fato de serem “produto da sociedade que os fabricou”³⁸², bem como dos afetos que ensejam.

As manifestações de afetividade transformam o espaço tumular, representação física que guarda os restos mortais do ente falecido, em um umbral ou local de entrada, quase como um limiar que permite a comunicação entre vivos e mortos. A relação gerada pelo elo decorrente do espaço-afeto é o dado sensível que autoriza pensar o túmulo do monsenhor como um espaço topofílico e capaz de suscitar momentos de transcendência naqueles que o visitam.

Os túmulos são, nesse sentido, objetos da história sensível, posto que ensejam emoções e sentimentos que marcam memórias individuais e coletivas, cujas significações particulares ou comunitárias representam as experiências humanas como

(...) uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas. Na verdade, poderia se dizer que a esfera das sensibilidades se situa em um espaço anterior à reflexão, na animalidade da experiência humana, brotada do corpo, como uma resposta ou reação em face da realidade. Como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade se traduz em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade.³⁸³

³⁸⁰ TUAN, op. cit., p. 186.

³⁸¹ ÀRIES, Philippe. **O homem perante a morte**. Portugal: Publicações Europa/América Ltda, 2000, p. 54.

³⁸² LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

³⁸³ PESAVENTO; LANGUE, op. cit., p. 10.

Uma vez junto ao túmulo do padre, o que se viu foram pessoas adultas em idades avançadas, sós ou em coletividade, realizando uma série de reverências que representam a forma como esse grupo operacionaliza a relação com o monsenhor no pós-morte.

FIGURA 34 - O toque.



FONTE: LUPION, 2018a.

A partir dessa perspectiva, o túmulo-topofílico tornou-se gerador de reações que vão desde a escolha em visitar o local até os gestos realizados e os objetos que são trazidos à guisa de presentes e afetos; ou seriam ex-votos? São manifestações que objetivam ultrapassar os limites do vivido, ausentando-se da realidade ao menos por alguns instantes, numa tentativa de retomar a ligação com o falecido por meio de ações e objetos cuja simbologia é de conhecimento mútuo.

O toque das mãos na foto que orna a sepultura e no próprio coração, acompanhado de orações silenciosas, é uma das manifestações que se repete à exaustão entre os visitantes. Para Certeau, a “*oración organiza tales espacios com los gestos que dan sus dimensiones a un lugar y una ‘orientación’ religiosa al hombre*”³⁸⁴ e, dentro desses espaços, os gestos que acompanham as orações servem como linguagens ou como orientadores que comunicam o sentimento de pertença ou de distinção a um determinado grupo.

Le Breton amplia esse olhar quando afirma que o rol de gestuais ou determinadas posturas utilizados durante a fala cumprem a função de simbolizar e significar o que está sendo dito:

Las mímicas, los gestos, las posturas, la distancia con el outro, la manera de tocarlo o evitarlo al hablarle, las miradas, son las materias de un lenguaje escrito en el espacio y el tempo, y remiten a un orden de significaciones. [...] Aunque la palabra calle, los movimientos del rostro y el cuerpo se mantienen y testimonian significaciones inherentes al cara a cara o a la situación.³⁸⁵

Além dos elementos significativos em relação à linguagem dos gestos, a simbologia corporal é, também, capaz de traduzir o parentesco singular existente entre pessoas de um mesmo grupo. Nesse sentido, os gestos representam orientações culturais e sociais de determinados indivíduos em determinados espaços e temporalidades.

Antropologicamente, os gestos são analisados como “*una figura de la acción, no un simple acompañamiento decorativo del habla*”.³⁸⁶ No caso das manifestações tumulares, essas encontram-se autorizadas pelo próprio espaço, que permite que determinadas emoções e gestuais possam acontecer. A historicidade da morte tem demonstrado que a cultura afetiva é mutável e que, na atualidade, os sentimentos perante a perda de pessoas queridas demandam posturas sociais marcadas pela contrição e pelo zelo perante as celebrações³⁸⁷, de forma que a morte está submetida a significados culturais que orientam a tonalidade tantos dos funerais quanto da dor e do sofrimento.³⁸⁸

Além disso, o modo com que os indivíduos se relacionam com o falecido também interfere nas emoções vivenciadas, como quando pessoas próximas sentem mais intensamente a perda do ente querido. Ou seja, o significado da morte, seu sentido e as emoções geradas estão submetidas às relações interpessoais de forma que “*su repercusión individual y social es*

³⁸⁴ CERTEAU, op. cit. 2006, p. 33.

³⁸⁵ LE BRETON, op. cit., p. 39.

³⁸⁶ LE BRETON, op. cit., p. 38.

³⁸⁷ Ibidem, p. 120.

³⁸⁸ Ibidem, p. 123.

*impuesta por la evaluación del sujeto y el grupo y la investidura afetiva de que era objeto el falecido”.*³⁸⁹

Um outro elemento que permite visualizar a resistência dos visitantes em atender às limitações quanto às demonstrações de afeto junto ao jazido é o fato de haver uma placa sobre o túmulo proibindo a queima de velas sobre a lápide.

FIGURA 35 - Manifestações dos vivos no túmulo do Padre Bernardo Cnudde.



FONTE: Elaborado pela autora.

Diante da proibição, as velas são queimadas ao redor do túmulo, inclusive entre a lápide e o próprio túmulo. No entanto, não há nenhuma advertência por parte do poder público cemiterial sobre a ornamentação dos túmulos com outros objetos, de forma que grassam sobre a lápide diversos tipos de vasos de flores naturais e artificiais, moedas, rosários, bilhetes e, em certa ocasião, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida com aproximadamente vinte centímetros de altura.

³⁸⁹ LE BRETON, loc. cit.

A imagem da santa estava presente no túmulo no dia 18 de outubro de 2018. No dia 02 de novembro do mesmo ano, já não se encontrava mais no local. Como no período houve uma remodelagem geral no equipamento cemiterial devido aos constantes surtos de dengue na cidade, não só o túmulo do padre como outros jazigos foram despidos da maior parte dos objetos que os ornamentavam.

Em março de 2020, o trabalho de campo no cemitério foi interrompido devido a pandemia provocada pelo Coronavírus (SARS-CoV-2).³⁹⁰ Retornado no mês de outubro do mesmo ano, encontramos o túmulo ornado com uma fotografia colorida do padre emoldurada em tamanho 60/50cm, alguns vasos de flores artificiais bastante desgastados e um exemplar da Revista Maringá Missão de dezembro de 2019. Foi possível observar que não haviam sido queimadas velas no local.³⁹¹

³⁹⁰ A Prefeitura de Maringá publicou, entre os dias 13 de março e 30 de novembro de 2020, 46 Decretos com instruções gerais para o combate a COVID-19 e desses, dois mencionam os serviços funerários. Publicado no dia 18 de março do ano 2020, o Decreto 445 declarou situação de emergência devido à pandemia e estabeleceu o *lockdown* no município pelo prazo de trinta dias. Nesse documento, a prefeitura informou ainda que, como atividades essenciais, os serviços funerários estariam mantidos. Trinta dias depois, por meio do Decreto 566/2020 a prefeitura informou no artigo 6º que “os serviços funerários deverão seguir as normas dispostas em portarias da Secretaria de Saúde”. Os Decretos publicados seguem as orientações da OMS, Organização Mundial de Saúde, quanto ao manejo de corpos cujas mortes são suspeitas ou causadas pela COVID-19. No dia 23 de março de 2020, o Ministério da Saúde lançou a primeira versão do manual que dispõe sobre o manejo de corpos no contexto do coronavírus e, em novembro do mesmo ano, uma segunda versão foi disponibilizada. As orientações presentes nos manuais organizam a forma como os corpos mortos são geridos nos municípios que por sua vez utilizam documentos como as Portarias para transmitir as informações para cemitérios, funerárias, clínicas, hospitais e mesmo para a população em geral uma vez que os documentos são disponibilizados no site do Ministério. Nos manuais estão dispostos os protocolos relativos ao manejo dos corpos a partir do momento em que acontece o óbito até o momento do sepultamento, sendo que esse último pode se dar por meio da cremação quando há identificação dos falecidos. No primeiro momento da pandemia e com base nas orientações do Ministério da Saúde, a prefeitura municipal restringiu, via Portaria 019/2020 – SAÚDE de 23 março de 2020, a visitação aos cemitérios, reduziu o tempo de duração das cerimônias para seis horas contadas retroativamente a partir do horário da realização do sepultamento e somente no período diurno. O número de autorizados a participar da despedida foi restringido para dez pessoas. As notas de divulgação de falecimento passaram a ser permitidas até uma hora depois do sepultamento e a abertura das urnas mortuárias, independente da causa mortis, deixou de ser permitida. O intervalo entre as inumações passou a ser de uma hora e os velórios em residências, igrejas, templos ou quaisquer outros locais que não salas de velório foram totalmente restringidos. Posteriormente novos protocolos foram adotados e restrições como visitações cemiteriais foram liberadas, ainda que a prefeitura e instituições religiosas tenham feito campanhas informais solicitando principalmente que pessoas do grupo de risco e crianças evitassem as visitações aos entes queridos. Com o lançamento da segunda versão do manual que dispõe sobre o manejo dos corpos em tempos da COVID-19 em novembro de 2020, a Portaria 019/2020 - SAÚDE foi revogada e os serviços funerários passaram a ser orientados pela Portaria 133/2020 – SAÚDE publicada no dia 22 de dezembro de 2020. Constituída por 11 artigos, a Portaria 133/2020 – SAÚDE mantém algumas das orientações de sua antecessora enquanto insere protocolos mais específicos para a realização dos velórios. Sob a nova orientação, passam a ser permitidos velórios “nos casos em que o início o período de transmissão da COVID-19 ocorreu em tempo superior a 21 (vinte e um) dias da data do óbito”, sendo necessário que médico que assinou a Declaração de Óbito ateste essas informações. Em casos de morte “ocasionadas por qualquer tipo de síndrome respiratória aguda grave (sendo ou não diagnosticados/suspeitos como COVID-19)”, a urna deve permanecer lacrada e encaminhada diretamente para o sepultamento ou cremação. As orientações para o manejo dos corpos mortos durante o período da pandemia aplicadas em Maringá pouco diferem das orientações utilizadas noutros municípios e estados. Cf. PREFEITURA a e b; BRASIL a e b; VELÓRIOS..., 2020.

³⁹¹ A revista trazia na capa Dom Anuar Batisti, arcebispo que esteve à frente da diocese entre 2004 e 2019 e não havia reportagens sobre o padre. Tendo renunciado ao cargo por motivos de doença, atualmente Dom Anuar é bispo emérito de Maringá.

Nos dias 01, 02 e 22 de novembro, foram realizados novos trabalhos de campo no cemitério. Escolhemos estar no local nos dias que antecediam ao Dia de Finados por acreditarmos que muitas visitas seriam antecipadas devido à pandemia, o que ocorreu de fato. A visita do dia 22, no entanto, teve por objetivo ainda verificar a existência de manifestações em data aproximada do aniversário de morte do monsenhor.

Em ambas as datas foi constatada a permanência da fotografia no local e a ausência de eventos ligados ao aniversário de morte. No dia 23 de novembro, entretanto, o Grupo Filhos de São realizou, na paróquia São Francisco de Assis, a entrega de “lembrancinhas de aniversário do Grupo” no mesmo dia e horário que acontecem as reuniões do Grupo no local.

Nesse sentido, as manifestações realizadas pelo Grupo perto da data do aniversário de morte dos “pais fundadores”, do Padre Chiquinho e do Padre Bernardo, resultam em celebrações que homenageiam todos os falecidos citados, ou seja, não é um evento exclusivo para o padre Bernardo, bem como não são feitas divulgações que objetivam enfatizar os poderes curadores com os quais o monsenhor é identificado. Como os demais homenageados, o padre Bernardo recebe os agradecimentos pela dedicação aos que o procuravam, assim como pelo trabalho realizado junto ao Grupo.

Enquanto no dia 13 de outubro não havia velas ao redor do túmulo, nos dias 01 e 02 de novembro maços inteiros estavam sendo queimados no local. O número de vasos de flores também sofreu alteração. No domingo dia 1º, dos 21 vasos que ornavam o túmulo, doze eram de flores naturais e, no dia 02, havia 32 vasos, sendo 17 naturais.

Comparativamente, no entanto, o número de visitantes do túmulo em 02 de novembro de 2020 ficou bem abaixo dos demais anos, algo que já era esperado, tendo em vista as orientações de prevenção ao contágio pela COVID-19.

Não obstante a redução nas visitas, foi possível conversar com algumas pessoas que estiveram no local e verificar a permanência da memória na qual o padre aparece como atencioso e detentor de uma “reza forte!”. Um visitante credita ao monsenhor o fato de ter sido curado de bronquite ainda na infância.

Segundo ele, o padre frequentou a casa do seu avô durante muitos anos, desde que chegou a Maringá, e quando celebrava missas na Capela Nossa Senhora Aparecida, na Gleba Guaiapó. Após narrar detalhes do velório e do enterro do padre, o visitante finalizou sua história com a informação sobre um homem que teria pernoitado ao lado do túmulo durante duas noites seguidas, logo após o enterro, tal era a desolação pela perda do monsenhor.

FIGURA 36 - Túmulo em 13 de outubro de 2020.



FONTE: LUPION, 2020a.

FIGURA 37 - Túmulo em 02 de novembro de 2020.



FONTE: LUPION, 2020b.

O número de visitantes do túmulo, que chegava a 140 pessoas em horários de pico no Dia de Finados em tempos pré-Covid-19, revela a intensidade da investidura afetiva que a comunidade daqueles que conheceram o padre dispensam ao monsenhor. Assim compreendido, o rol de gestuais são considerados como representativos dos códigos culturais e das temporalidades em que estão inseridos.

Considerando, portanto, o número de visitas, os gestuais realizados, os objetos e as homenagens realizadas pelo Grupo Filhos de São, a conclusão de Le Breton pode ser comparada à de Michel de Certeau quanto ao fato de que as orações e gestos contritos passam a ser uma forma de linguagem compreendida tanto pelos vivos quanto pelo falecido, pois ambos vivenciaram os mesmos códigos da religiosidade católica com os quais geralmente podem ser identificados os gestuais. Conclui-se, portanto, que as formas como os visitantes se comportam diante do túmulo são consideradas tanto táticas de comunicação quanto a demarcação de seus próprios domínios perante a instituição católica ou as normas da administração pública responsável pelo cemitério.

As ações realizadas pelos visitantes do túmulo do monsenhor foram concebidas como espaços de comunicação nos quais os vivos se reencontram com o morto, que já não é mais falecido, e sim vivente de outra dimensão, cujo encontro torna-se possível por meio do conjunto composto por objetos, orações e simbologia corporal realizados junto ao túmulo-topofílico que permite transcender a realidade vivida como um portal em que o acesso se dá por meio da linguagem compartilhada entre as partes.

Sabedores de que, para a Igreja Católica local, o padre é somente mais um dentre tantos outros, seus admiradores encontraram formas de reverenciar aquele que teria sido, para muitos, mais do que um padre submetido incondicionalmente às normas do catolicismo.

4.3 UMA DEVOÇÃO CONTINGENTE

Quando nos Campos santos acontece de surgirem devoções a pessoas específicas, esses espaços podem vir a tornar-se locais de visitas pontuais e, em um extremo, de peregrinações intensas e atemporais. Junto ao túmulo do padre acontece um certo nível devocional, demarcado pela pontualidade das visitas, cujo ápice se dá ou no Dia de Finados ou em datas aproximadas à sua morte. À exceção dessas datas, as visitas são esporádicas e geralmente realizadas por pessoas que, ao visitar familiares e conhecidos falecidos, aproveitam para render homenagens ao monsenhor. Considerando a pontualidade das visitas, nesse subtópico é retomada a discussão que considera a devoção dedicada ao padre como algo contingente.

Missas e orações envolvendo a memória sobre o padre podem acontecer nas paróquias às quais o Grupo já pertenceu ou então nas dependências da capela ecumênica do cemitério municipal, bem como junto aos túmulos dos entes queridos, à exceção do Padre Chiquinho, que foi enterrado no cemitério Rainha da Paz. Nos últimos anos, alguns desses eventos foram organizados nas dependências da paróquia São Francisco de Assis, local em que o grupo passou a se reunir desde 2017, após uma série de divergências com o atual pároco da Igreja Divino Espírito Santo.

A realocação do Grupo noutra paróquia gerou uma situação de desconforto registrada em sites que noticiam fatos ocorridos em Maringá como O Portal, sob a responsabilidade do jornalista Angelo Rigon que dedicou, em 2016 e 2017, duas reportagens sobre tema, e o sítio do jornal O Diário de Maringá que, em 17 de agosto de 2017, disponibilizou uma reportagem sobre a contenda.

No site do Rigon foram divulgados textos basicamente com os mesmos dados, nos quais se sobressai a crítica ao ato do monsenhor Júlio em solicitar ao Grupo Filhos de Sião que procurasse um outro local para realizar suas reuniões.

Por incrível que pareça no ano da misericórdia anunciado pelo Papa Francisco o pároco que assumiu a Paróquia Divino Espírito Santo em 2014 tem se posicionado contra o aglomerado de pessoas que se reúnem na paróquia às segundas-feiras alegando que o número de carros é muito grande e tem deixado a igreja fechada para não receber os fiéis (que tem ficado na chuva para rezar), como foi o caso da última segunda-feira, dia 1º/5/2017. Entretanto o referido sacerdote parece ignorar o fato de existir uma pizzeria e um centro espírita nas proximidades da igreja, que também influenciam na presença de automóveis no local. Aparentemente e infelizmente, para o pároco que cuida da Igreja, é preferível que a Igreja fique vazia e fechada.³⁹²

A reportagem foi motivo de comentários favoráveis e contrários à atitude do monsenhor. Alguns comentaristas informam que a Igreja não comportava mais o número de integrantes do Grupo e que a dinâmica dos encontros, marcada por cânticos e orações eloquentes, impediam outras atividades como a catequese, por exemplo. Além disso, muitos consideram que o Grupo Carismático Filhos de Sião não segue as normas da paróquia, sendo também um grupo dissidente da RCC Nacional por ter lançado um de seus membros como candidato político.

Comentários mais apaixonados classificam o Grupo como desobediente, sendo por isso necessário, antes de emitir julgamentos, que o padre seja ouvido, pois, continua o comentarista anônimo, “esse grupo de oração é super desobediente, não participa das ações da paróquia e quer ter vida própria como se o templo fosse sua propriedade, dentre outras coisas”.³⁹³

Os comentários favoráveis ao Grupo alegam que o fato de o monsenhor Júlio “ser de esquerda”, pertencer ao Partido dos Trabalhadores e odiar os carismáticos, assim como todos os padres que se formaram nas décadas de 1980 e 1990, teriam sido os verdadeiros motivos que o levaram a pedir a saída do Grupo. Na reportagem d’O Diário do dia 17 de agosto 2017, o jornalista Luiz de Carvalho registrou que “na semana passada, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas foi entregue ao arcebispo dom Anuar Batisti, denunciando as supostas manobras para afastar o grupo” da paróquia.³⁹⁴

No dia 18 de agosto de 2018, integrantes da Diretoria do Conselho Pastoral Paroquial (CPP) e do Conselho de Assuntos Econômicos (CAE) da Paróquia Divino Espírito Santo

³⁹² GRUPO DE ORAÇÃO: UMA DISCUSSÃO. 2017. Disponível em: <<https://angelorigon.com.br/2017/05/04/grupo-de-oracao-uma-discussao/>>. Acesso: 09 nov. 2020.

³⁹³ Ibidem.

³⁹⁴ GRUPO reclama de padre. disponível em: <[file:///C:/Users/Marcia%20Regina/Documents/DOCTORADO/Bernardo/Bernardo Internet%20-%20Copia/Grupo%20reclama%20de%20padre%20-%20Maring%C3%A1%20-%20Di%C3%A1rio.html](file:///C:/Users/Marcia%20Regina/Documents/DOCTORADO/Bernardo/Bernardo%20Internet%20-%20Copia/Grupo%20reclama%20de%20padre%20-%20Maring%C3%A1%20-%20Di%C3%A1rio.html)>. Acesso em 10 jan. 2019.

publicaram na página do Facebook da instituição uma nota explicativa, na qual esclarecem que a Igreja estava se organizando para realizar uma expressiva reforma para adequar suas instalações às normas do Corpo de Bombeiros, sobretudo acerca da capacidade de público.

O Grupo Filhos de Sião costumava receber em dias de reuniões aproximadamente mil pessoas, que se dirigiam ao local para orar e usufruir dos atendimentos terapêuticos realizados. Um número que excedia a capacidade da nau da Igreja, levando muitos participantes a ficarem do lado de fora do prédio, motivo que, segundo comentários, teria sido alegado pela instituição para solicitar a mudança do Grupo para outro local.

A nota explicativa, no entanto, não menciona em nenhum momento o Grupo e o pedido para que deixassem a paróquia. Apenas explicita que a reforma e as adequações são situações que ocasionam transtornos e limitaram de uso do espaço durante sua execução; e que as mudanças visavam exatamente aumentar a capacidade de recepção de público e a já citada adequação às normas de segurança.

Em 2018, com a parte estrutural da reforma já finalizada, estavam sendo montados os mobiliários que compõem a estética das igrejas, como a decoração interna em motivos bíblicos, bancos, ambão, altar e pia batismal. Esses últimos em formato de heptágono numa referência aos sete dons do Espírito Santo e em consonância com o formato arquitetônico da igreja.

Contendas à parte, fato é que no ano de 2017 o Grupo Filhos de Sião deixou de realizar suas orações, atendimentos e reuniões nas dependências da Paróquia Divino Espírito Santo, tendo se instalado na Paróquia São Francisco de Assis depois de 26 anos desempenhando suas atividades no local. A origem do Grupo remonta a um pequeno grupo de jovens católicos que, no ano de 1982, resolveu experienciar a orientação da Renovação Carismática. O grupo não surge com a introdução da Renovação na cidade, mas se fortalece a partir desse encontro.

Conta S. O. T. F^o, integrante desde sua origem, que o Grupo foi acolhido pelo padre Bernardo em 1991 e que, além dele, somente o padre Sidney Zanettini, sacerdote na Catedral Nossa Senhora da Glória, e o padre Angelo Banki na vizinha Paiçandu atendiam a grupos carismáticos em suas paróquias naquela época. Nas demais, a existência de grupos carismáticos, muitas vezes conhecidos apenas como “grupos de jovens”, se dava à margem de seus párocos e comunidades. Após uma série de encontros nos quais se discutia a dinâmica dos movimentos carismáticos, os grupos se organizaram, formaram suas próprias lideranças e se fortaleceram na diocese.

A RCC mantém uma organização própria de atuação, por isso a necessidade de seus integrantes conhecerem seu funcionamento. Surgida no ano de 1967, nos Estados Unidos, a Renovação se caracterizou por ser um movimento encabeçado por leigos católicos ligados à

academia que se encontravam descontentes com suas vidas pessoais, profissionais e sua vivência religiosa acadêmica, e que buscaram novas respostas aos dilemas apresentados nessas dimensões.³⁹⁵

Esse grupo inicial manteve contato com grupos protestantes que manifestavam fervor em relação ao Espírito Santo, a quem atribuíam o poder de operar nas pessoas de forma a torná-las melhores para o mundo. Experiência pioneira que viria a se tornar a RCC, um movimento ocorrido no seio da Igreja Católica estadunidense e que no ano de 1974 já organizava seu segundo Congresso Internacional, com a participação de mais de 30 mil pessoas vindas de 35 países. Estima-se que nessa época o movimento já contava com cerca de 80 mil membros por todo do mundo.

A data da chegada do movimento no Brasil é motivo de controvérsia entre os registros publicados na Revista Oficial da RCC e o relato de Dom Cipriano Chagas, um dos primeiros bispos a se manifestar sobre o movimento.³⁹⁶ Enquanto a primeira informa que a Renovação aportou no Brasil no ano de 1972, o bispo aponta o ano de 1969 como a data provável da chegada. Debates à parte, fato é que a RCC chegou ao país poucos anos depois de seu surgimento nos Estados Unidos, e à Maringá no fim da década de 1970.

Em entrevista publicada no Boletim Informativo da RCC, veiculado em outubro novembro de 1993, Dom Jaime se refere às primeiras atividades do movimento ocorridas na diocese. Nessa entrevista, o arcebispo tece críticas sobretudo à autonomia apresentada pelos integrantes dos grupos carismáticos, ao mesmo tempo em que valoriza as tentativas de aproximação entre o clero local e a nascente RCC.

Em 1979 aparecem na igreja que está em Maringá, os primeiros vestígios da RCC – Renovação Carismática Católica. Pessoas entusiasmadas com o movimento, muitas delas não souberam ver a luz do Espírito Santo, debandando para seitas e igrejas evangélicas, chegando alguns a criar a sua “própria igreja”. Rebelaram-se contra o bispo diocesano e os sacerdotes. Nesta caminhada a RCC foi se purificando, chegando aos nossos dias, contudo, ainda havendo aqui e acolá algumas pessoas e alguns grupos que não se afinaram com a orientação da diocese, vivendo, até um certo fanatismo. Posso, porém, dizer, que no momento a RCC atua em nossa arquidiocese, deixando-se guiar pelo pastor da diocese e pelos sacerdotes. Isto ocorre há uns cinco anos, embora, como disse acima, haja, ainda, pontos discordantes. (...) Essa participação da RCC em nossa arquidiocese é, ainda, questionável, visto muitos dos seus membros isolarem-se das suas comunidades paroquiais, agregando-se em grupos supra paróquia e extra paróquia, e que leva a um não engajamento na pastoral de conjunto da arquidiocese.³⁹⁷

³⁹⁵ PRANDI, op. cit., p. 32.

³⁹⁶ Ibidem, p. 34.

³⁹⁷ BOLETIM INFORMATIVO DA RCC – MARINGÁ, PR, Ano I, nº 8, outubro/novembro de 1993 apud SILVA, Antonio Ozaí. **Religião e política**: memória e história da renovação carismática – PR. Revista espaço acadêmico. n. 81. fev. de 2008, p. 09.

O primeiro grupo da Renovação a se estabelecer em Maringá teve início com um jovem de ascendência judaica que conheceu o Movimento em Presidente Prudente, interior de São Paulo. Esse grupo era bastante eclético e contava com evangélicos dentre seus participantes. Alguns desses participantes acabaram abandonando essa primeira experiência por considerarem-na amadora e com uma certa dose de fanatismo quando o grupo se afastou da doutrina católica e não aderiu à teologia protestante³⁹⁸, que acabou por se transformar apenas em um grupo sem adesão institucional precisa.

Com essa prática, o grupo que costumava se encontrar na sobreloja da Livraria Paulinas, no centro de Maringá, foi convidado a procurar outro local para realizar seus encontros. Dois outros grupos vieram se estabelecer na diocese em anos posteriores. Um deles com origem na cidade de Adamantina, Estado de São Paulo, e outro da cidade de Terra Rica, noroeste paranaense. Assim como ocorrido com o grupo inicial, os novos grupos tiveram de buscar locais próprios para realizarem seus encontros.

Houve por parte da comunidade católica local uma certa resistência ao movimento carismático na diocese, representada pela forma como Dom Jaime se referia à chegada do movimento à diocese: “Vocês entraram pela porta dos fundos!”. Frase que era repetida em todos os encontros da RCC em que o arcebispo esteve presente, conta S. T. Como coordenador do Grupo, conta ele que Dom Jaime constantemente relatava que integrantes do primeiro grupo da RCC em Maringá teriam ido até sua casa orar, pois “ele precisava do Espírito Santo”. Oração que, é claro, jamais aconteceu.

Depoimentos arrolados por Silva³⁹⁹, que datam da época em que os grupos ainda não haviam se desenvolvido em plenitude, informam opiniões que denunciavam a existência de relações entre a RCC no Brasil e a Agência Central de Inteligência (CIA). De acordo com esses depoimentos, a CIA financiava o movimento da RCC na tentativa de impedir uma possível revolução por parte do clero brasileiro que seguia os pressupostos da Teologia da Libertação.⁴⁰⁰

Mons. Júlio cita em seu depoimento que,

A RCC nasce nos Estados Unidos. E, infelizmente, para muitos países latino-americanos ela não fez uma leitura da realidade nossa. Tem até um autor latino-americano que escreve “Quando os diabos descem do Norte”⁴⁰¹. É um texto é um pastor luterano, a tese de doutorado dele, o livro está por aí e esse pastor analisa todos os movimentos pentecostais, não só a RCC, mas todo o pentecostalismo que a partir

³⁹⁸ SILVA, Antonio Ozaí. **Religião e política**: memória e história da renovação carismática – PR. Revista espaço acadêmico. n. 81. fev. de 2008, p. 10.

³⁹⁹ Ibidem, p. 13.

⁴⁰⁰ Ibidem, p. 11.

⁴⁰¹ O livro a que se refere o monsenhor é “Os demônios descem do Norte”, escrito por Décio Monteiro de Lima e publicado em 1987 no Rio de Janeiro pela Francisco Alves.

dos anos oitenta caem de cheio nos países da América Latina e na África, nos países de terceiro mundo assim chamados, por que na verdade, se a gente for analisar, do ponto de vista crítico, a gente vai perceber uma coisa muito séria, há um modelo de igreja que os Estados Unidos quer, que um povo cordeirinho, que não analisa, que não tem senso crítico nenhum. Um povo feito vaquinha de presépio, uma boiada que está indo para um matadouro sem saber que lá na frente vai morrer. É um pouco o estilo digamos assim, da pregação da Renovação carismática. Quer dizer, nós vivemos num país até então dito subdesenvolvido que é um pouco a linguagem dos anos sessenta, dos anos setenta, país de terceiro mundo, subdesenvolvido, e agora nós vamos entrar numa religião que ameniza os problemas, que faz nessa linha: Deus é que vai fazer tudo.

Embora a visão sobre a RCC na diocese pareça seguir a resistência demonstrada pelo monsenhor Júlio, no mesmo período o padre Bernardo investiu mais no movimento que nas CEBs em sua paróquia:

(...) o caso do padre Bernardo, monsenhor Bernardo, com a cabeça europeia, com os costumes europeus, ele não conseguiu digerir esse modelo de igreja latino-americano. Por isso que foi, digamos assim, muito mais fácil ele abrir-se a um modelo europeu, um modelo de primeiro mundo, porque a RCC não sei se você sabe, ela tem o seu nascimento na Europa com o Cardeal Suenens, belga. Depois os americanos transpõem esse modelo de igreja para os Estados Unidos, então o pentecostalismo católico, para nós, passa via modelo americano (risos). (...) Mas isso não significou desunião, não significou racha. Pelo contrário! Respeitou-se o modelo, no caso aqui, o caso concreto, o padre Bernardo.

Teria o padre Bernardo, de fato, não digerido o modelo latino-americano de opção pelos pobres como considera o mons. Júlio? É uma hipótese digna de confronto, pois a forma de agir do padre respondia e, ao mesmo tempo, fomentava a demanda de atendimentos presentes na paróquia. Como apontado até aqui, a dinâmica criada pelo padre em sua paróquia não se explica em sua singularidade. Sua “cabeça europeia”, pode ter contribuído, mas, sozinha, não é um fator que possa sustentar a dinâmica criada pelo monsenhor.

A resposta a essa questão, dada pelo monsenhor Júlio, pode ser questionada considerando a complexidade formada pelas particularidades relativas à sua infância, formação sacerdotal, abertura para o conhecimento de outras religiões e sua própria experiência com o sobrenatural, ou seja, elementos que compõem sua atuação como *outsider* e a influência da característica desviante em sua *performance*.

Fato é que, em 1991, o padre acolhe o grupo de orações Filhos de Sião e, segundo o testemunho de S. T., o fez porque se identificava com a proposta carismática numa busca por compreender eventos ocorridos consigo próprio. O primeiro contato com o grupo teria se dado em um encontro da Renovação do qual ele participou. Por intermédio de um dos integrantes, o padre soube que o Grupo estava sem um local para realizar as reuniões e, por esse motivo, os teria acolhido na Paróquia Divino Espírito Santo.

Tendo convivido com o padre por mais de dez anos, S. T. acredita que o acolhimento ao grupo se deu porque

Ele (Pe. Bernardo) procurava um pouco de explicações para aquilo que acontecia na vida dele. Porque aquilo que se manifestava na vida dele já se manifestava muito antes de tudo, de todo esse surgimento do movimento. Ele já tinha uma porção de casos de pessoas que o procuravam e que diziam que haviam sido curadas ou que coisas voltadas à libertação do mal... (Ele) ia nas casas e mandava abrir colchoes... e encontravam-se objetos que não tinham como ter entrado ali dentro dos travesseiros. Tinham coisas muito surpreendentes aí. Tinham um dom certamente extraordinário.

A instalação na Divino Espírito Santo teria sido uma alegria para o grupo, que viu no gesto do padre a ação de uma pessoa que era incapaz de excluir por desconhecimento. “Ele não tinha medo daquilo que era bom”, além disso, “o monsenhor já tinha em sua história coisas incompreensíveis. Então ele tinha mais facilidade para compreender aquilo que era manifestação extraordinária” finaliza S. T.

Posteriormente, o padre teria se tornado o mentor espiritual do grupo, tendo participado de encontros e socorrendo-os em situações inusitadas, como quando realizou o que, para S. T., teria sido uma sessão de exorcismo a uma integrante do grupo que manifestou um comportamento entendido pelo grupo como resultado de uma possessão demoníaca. Depois de tentarem acalmar sem sucesso a jovem com rezas diversas, alguns membros resolveram ir, mesmo de madrugada, à casa do monsenhor pedir ajuda para aquela situação. Segundo o relato, tudo foi resolvido depois que ele “levou a estola, ele deu um tapa nela para ver se não era uma histeria, depois ele fez uma oração e ela ficou dormindo”.

O convívio do monsenhor com Grupo Filhos de Sião se inicia, portanto, em 1991, mas não se finda com sua morte no ano 2000. O afeto destinado ao padre, somado à morte de entes queridos no ano anterior, desencadeou no Grupo a organização de uma série de homenagens a esses falecidos que perdura até a atualidade.

Inclusive, em novembro de 2000, o Grupo e o padre estavam organizando um evento em honra dos primeiros coordenadores, que haviam falecido no dia 19 de novembro de 1999 em um acidente de automóvel, quando o próprio padre veio a óbito. Dois dos três integrantes falecidos eram coordenadores do Grupo desde o início da experiência carismática e, por esse motivo, passaram a ser considerados os “pais fundadores” do Grupo Filhos de Sião.⁴⁰²

⁴⁰² Rosana dos Santos Orvatic (06/12/1963 – 23/11/1999); Sirlei Telles Pimenta (12/03/1963 – 23/11/1999) e seu esposo Raul Otávio Pimenta (01/11/1962 – 23/11/1999), são os falecidos do Grupo denominados “Pais Fundadores”. Falecidos no dia 23 de novembro 1999 vítimas de um acidente de automóvel, o Grupo se organizava para homenageá-los quando o padre Bernardo veio a óbito.

A partir dessa data, os “pais fundadores” são homenageados durante as celebrações, nas mesmas em que o padre também é lembrado. O padre Chiquinho, após sua morte no dia 04 de novembro de 2009, também passou a ser homenageado pelo Grupo, devido ao atendimento às confissões de integrantes prestado durante os encontros e reuniões.

A figura 38 mostra a celebração realizada na Igreja Divino Espírito Santo no dia 25 de novembro de 2013, último ano em que o Grupo pôde realizar as homenagens no local. No destaque estão os dois padres e os “pais fundadores”, representados tanto por seus retratos quanto por pertences pessoais denominados pelos frequentadores do Grupo como “reliquias”.

Já a figura 39 retrata a celebração acontecida nas dependências da Capela Ecumênica, existente no Cemitério Municipal, no dia 23 de novembro de 2014, onde mais uma vez os retratos e o objetos-reliquias foram expostos. Nesse ano, a fotografia do padre Chiquinho não foi apresentada.

No que tange às reliquias, pertences pessoais do padre e alguns objetos dos “pais fundadores” são considerados como tais pelo Grupo. “O culto às reliquias, aos restos – *reliquiae* – dos corpos santos, é tão antigo quanto a Igreja”, explica Gélis⁴⁰³, e “se baseia numa possível transferência da sacralidade do corpo santo para o devoto”⁴⁰⁴, ou seja, serem impregnadas com o poder de cura e salvação, o que faz das reliquias algo que se refere “ao que resta do corpo, dos vestidos ou dos objetos que pertenceram a um *santo* ou *beato*”⁴⁰⁵, ou seja, a alguém santificado institucionalmente pela Igreja Católica.

A significação das reliquias entra em desacordo com o Código Canônico, mas que atende aos interesses do Grupo carismático, posto que materializam sua historicidade bem como a sacralidade dos signos devocionais.

O Grupo, portanto, mostra-se como um movimento antidisciplinar ao atribuir sentido sagrado a um conjunto de objetos não reconhecidos pela Igreja Católica como tais e ao instituir ritos e cultos de veneração e devoção a um grupo específico de pessoas cuja devoção à Igreja é reconhecida única e exclusivamente pelo próprio Grupo.

⁴⁰³ GÉLIS, Jacques. O corpo, a igreja e o sagrado. In: CORBIN, Alain.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). **História do corpo:** da Renascença às luzes. 5. ed. Tradução: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012a. v. 1, p. 94.

⁴⁰⁴ Ibidem, p. 98.

⁴⁰⁵ CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO, op. cit., p. 394 grifos no original.

FIGURA 38 - Exposição das “reliquias” e fotografias durante a Celebração do aniversário do Grupo Filhos de Sião na Igreja Divino Espírito Santo em 25 de novembro de 2013.



FONTE: GRUPO FILHOS DE SIÃO, 2018.

FIGURA 39 - Celebração Eucarística- Capela Ecumênica do Cemitério Municipal, 23 de novembro de 2014.



FONTE: GRUPO FILHOS DE SIÃO, 2018.

FIGURA 40 - Estola pertencente ao padre Bernardo em posse do Grupo Filhos de São.



FONTE: GRUPO FILHOS DE SÃO, 2018.

Analisados sob a perspectiva dos integrantes, os objetos considerados relíquias podem ser estudados a partir de duas categorias: relíquias de exposição e relíquias particulares. A Igreja Católica teria condenado, durante a Idade Média, a segunda categoria, uma vez que seus proprietários costumavam levá-las junto ao corpo numa “perigosa confusão entre práticas mágicas e ritos sagrados”.⁴⁰⁶

⁴⁰⁶ GÉLIS, op. cit., p. 101.

FIGURA 41 - Relicário da Casa de Emaús.



FONTE: LUPION, 2020c.

FIGURA 42 - Objetos do padre Bernardo presentes no relicário da Casa de Emaús: Estola e Vasos de Óleo Santo.



FONTE: LUPION, 2020d.

Estão listadas entre as relíquias de exposição aquelas que são expostas pelo Grupo durante as celebrações de novembro em homenagem aos padres e dos “pais fundadores”. No restante do ano a Casa de Emaús mantém os objetos no relicário construído nas dependências da instituição, enquanto os coordenadores do Grupo se responsabilizam por guardar os objetos até o próximo encontro.

Já os objetos particulares são as relíquias privadas como, por exemplo, as que estão em posse do casal P. e N. São objetos que podem ser considerados como propriedades pessoais, visto que não são expostos ao público, o que torna o casal, juntamente com os Filhos de Sião e a Casa de Emaús, algo como guardiões da memória do monsenhor.

Nesse sentido, além dos poderes de cura e salvação, as “reliquias” relativas aos padres e aos “pais fundadores” encerram memórias e afetos exclusivas ao Grupo; e uma sacralidade atestada exatamente por esses atributos e não pela institucionalização oficializada pela Igreja Católica sobre os objetos e seus detentores. Assim, o termo relíquias, na forma como o Grupo Filhos de Sião as representa, remete a um sentido de sacralidade criada pelos próprios membros-coordenadores e não em acordo com Código Canônico.

Em anos recentes, a sra. L. N., que não soube precisar a data, foi convidada a levar uma estola que pertenceu ao padre Bernardo durante a apresentação dos dons, momento específico da liturgia católica presente na celebração eucarística e realizada durante o mês de novembro, ou seja, quando acontecem as comemorações relativas à historicidade do Grupo, com ênfase no falecimento dos membros fundadores e dos dois padres.

Em sua participação, a sra. L. N. teria representado a si mesma como “um milagre” realizado pelo padre Bernardo não uma, mas duas vezes. Conta ela ainda que foram confeccionadas para o evento camisetas com os dizeres “Eu sou um milagre” e que ela e outros, na mesma condição de agraciados por milagres atribuídos ao padre, estavam usando na ocasião.

Sob a orientação do Grupo, portanto, executa-se uma prática de lembrar pessoas falecidas consideradas essenciais para fundamentar suas origens por meio de celebrações específicas e da exposição dos objetos/reliquias. Nota-se, no entanto, que os objetos pertencentes ao monsenhor fazem parte de um conjunto de objetos-reliquias utilizados pelo Grupo para lembrar os entes queridos sem mencionar ou representar qualquer hierarquia entre os mesmos.

As celebrações realizadas pelo Grupo Filhos de Sião, portanto, são eventos que comemoram menos o padre Bernardo que os ex-integrantes falecidos e a própria história das origens do Grupo. Inclusive, no dia 23 de novembro de 2020, foi entregue uma lembrancinha

em comemoração ao aniversário do Grupo e em honra aos fundadores, em um evento restrito, devido à pandemia, nas dependências da Paróquia São Francisco de Assis, sem qualquer referência específica ao monsenhor. As comemorações aconteceram durante uma semana e tiveram por objetivo celebrar os “30 anos de gratidão pelo Grupo Filhos de Sião. Estamos em uma semana de comemorações. Nosso grupo completa 30 anos, tivemos bolo e sorteio de capelinhas, como pequenas *reliquias*, em memória de nossos fundadores.”⁴⁰⁷

No dia 26 de novembro os coordenadores do Grupo convocaram os membros a deixarem suas memórias sobre os “pais fundadores” na página do Facebook. E no dia 29 de novembro de 2020 foi disponibilizado um link para inscrição na celebração eucarística em Ação de Graças pelo aniversário do Grupo com capacidade para 100 pessoas. A celebração aconteceria no dia 30 de novembro e a participação manteve as mesmas restrições devido ao estado pandêmico vivido na ocasião.

Nesse sentido, as celebrações ocorridas nas dependências do cemitério municipal ou nas paróquias às quais o Grupo pertenceu tornaram-se uma forma de instituir a existência do Grupo, dando a ele uma historicidade que se fortalece com o trabalho desempenhado pelos “pais fundadores” seguido da ação do padre Bernardo, benfeitor que os acolheu em um momento em que a continuidade do Grupo estava debilitada, tendo em vista a inexistência de um local onde pudessem expressar sua religiosidade. Não se celebra, portanto, a memória do monsenhor, e sim a memória do Grupo.

Durante todo o percurso dessa narrativa aventou-se a hipótese de que, na ausência do grupo carismático Filhos de Sião e daqueles que conheceram o padre pessoalmente, em geral pessoas já idosas, a devoção destinada ao monsenhor possa vir ao ocaso. Assim, o padre não terá sobrevivido à era daqueles que o conheceram pessoalmente e, mesmo que permaneça na memória da cidade como um padre que realizava milagres, será sempre como algo inscrito no passado sobretudo, enquanto ele esteve vivo.

Vimos alhures que a formação de uma devoção e sua manutenção dependem de determinadas circunstâncias, como a forma como o objeto da devoção viveu; como ele morreu; a eficácia de suas ações; a divulgação de parte dos devotos e a existência de romarias ou peregrinações em locais que permitem recordar o falecido. Ao analisar a devoção destinada ao monsenhor Bernardo, constatou-se que sua morte, embora inesperada, não ocorreu em meio a martírios e sofrimentos. A ausência de romarias e peregrinações ao túmulo é outro requisito

⁴⁰⁷ GRUPO FILHOS DE SIÃO. Disponível em: < <https://www.facebook.com/filhosdesiao> >. Acesso em 30 nov. 2020, grifos da autora.

que fragiliza a devoção a ele destinada. Mas nada se compara ao fato de não ter havido rumores expressivos sobre sua eficácia como intercessor após seu falecimento.

Por outro lado, a devoção ao padre segue algumas condições pertinentes a devoções marginais, como o fato de ter sido em vida que ele construiu os elementos que permitiram a formação da uma devoção à sua pessoa. Outros fatores que concorrem para o fortalecimento de sua devoção referem-se à localização táctica de seu túmulo no cemitério público, o que permite a visibilidade do alcance das visitas por parte da administração local que, por sua vez, informa aos meios de comunicação quais são os túmulos mais visitados.

Nesse sentido, também a administração municipal e os meios de comunicação locais contribuem para que a ideia do túmulo do monsenhor, como espaço de devoção, tenha se cristalizado na memória sobre o cemitério de Maringá embora não pareça ter contribuído para fortalecer a devoção a ele ainda que aguce a curiosidade em conhecer “segundo túmulo mais visitado do cemitério” em número expressivo de pessoas.

Além disso, como foi constatado, as homenagens feitas pelo Grupo Filhos de São não são celebrações específicas em honra ao monsenhor, e sim a um conjunto de pessoas de relevância para a historicidade do Grupo. O Grupo, no entanto, não costuma divulgar esses eventos ao público em geral e, durante a pesquisa, somente no ano de 2017 houveram manifestações junto aos túmulos do padre e dos “pais fundadores”.

Noutros anos, os eventos ocorreram internamente ao Grupo, na capela ecumênica do cemitério municipal e nas dependências das Paróquias Divino Espírito Santo e São Francisco de Assis. Em todos esses anos, a divulgação dos eventos sempre foi interna, por vezes por meio de avisos na página do Facebook do Grupo, mas geralmente a toque de caixa e entre os próprios participantes.

De forma alguma as condições citadas são sinônimo da diminuição do afeto a ele atribuído, quer seja por memorialistas, integrantes do Grupo Filhos de São ou simpatizantes e ex-paroquianos. O que existe, de fato, é uma não continuidade de sua *performance* no *post mortem*, ausência que impede a formação de novas devoções e, conseqüentemente, a manutenção da existente sob essas condições.

São, portanto, aqueles que continuam a lembrar fatos relativos ao padre os responsáveis por manter sua memória viva. Sua vida recheada de casos ligados ao sobrenatural e às práticas de cura para além do universo católico fizeram dele uma pessoa extremamente conhecida em vida, fato que colaborou para manter viva sua memória mesmo depois de sua morte. A devoção a ele destinada é mais uma devoção ao que ele foi no passado e não a seus predicados no presente. Recheada de afetos, a devoção ao padre é, acima de tudo, uma devoção

contingente, e parece impossível que ultrapasse a era daqueles que o conheceram pessoalmente, a menos que se constate, em um horizonte próximo, que ele tenha realizado algum tipo de milagre capaz de trazer novos integrantes para sua devoção.

5 “NÃO SEI O QUE TANTO VOCÊS VEEM NO PADRE BERNARDO!”

5.1 POSSIBILIDADES DE PESQUISA

Um traço sempre presente em estudos acadêmicos e pesquisas em geral é a certeza de que o trabalho está sempre incompleto. Como se algo não tivesse sido explorado à exaustão ou ainda que tenha aberto possibilidades de pesquisa cuja investigação não foi possível devido à profundidade do tema, problema ou mesmo por se afastar dos objetivos pretendidos. Nesse sentido, o não uso do termo “conclusão” ao final de um trabalho, e sim de “considerações finais” retoma tanto o relatório dos resultados alcançados perante o objeto, os objetivos, métodos e teorias propostos quanto novas possibilidades de trabalho originadas exatamente quando a pesquisa foi considerada “finalizada”.

Nesse sentido, o estudo sobre a prática religiosa do padre Bernardo e a devoção a ele destinada permitiu a ampliação para diversos temas sobre o campo da religião católica no município. Um desses campos é dado pelo estudo dos Livros Tombo das paróquias. Esses documentos se apresentaram como fontes inéditas de informações a respeito do estabelecimento da Igreja Católica no município e na região, bem como das próprias histórias das paróquias e párocos que os produziram. Outra possibilidade é a ampliação dos estudos sobre a inserção das orientações do Vaticano II na diocese e seus desdobramentos nas paróquias.

Nessa direção estão os Planos de Pastoral de Conjunto concebidos a cada década pela diocese. Uma leitura atenta desses documentos demonstra como a Igreja tem se posicionado e agido para manter-se como poder simbólico a partir do método ver-julgar-agir desde o Vaticano II. Muitos padres, monsenhores e bispos que estiveram presentes nesse processo continuam na ativa e, certamente, são detentores de memórias riquíssimas no que se refere à temática.

Além de pesquisas voltadas para as religiões, religiosidades e crenças, estudos voltados para a história das instituições e das relações de poder, somados ou não à produção de documentos orais, podem contribuir para ampliar as informações sobre os temas passíveis de serem abordados a partir tanto dos Livros do Tombo quanto das Pastorais de Conjunto.

Uma outra possibilidade de trabalho é o status da relação com a morte fundamentado em dois pontos de referência. Um deles são os funerais ocorridos a partir da construção do Crematório Angelus e outro as formas como os indivíduos operam sua relação com a morte e funerais durante a pandemia da COVID-19.

Sobre o crematório alguns questionamentos possíveis seriam: Quais os sentidos que essa modalidade traz para os enlutados? O que é feito das cinzas? Não há um túmulo para visitação, então como têm sido rendidas as homenagens póstumas? Qual o perfil daqueles que recorrem a esse modelo de despedida? Qual a rela o entre estudos sobre enterramentos e meio ambiente? Como as religiões veem as crema es? E o poder público? Enfim, são inúmeras as possibilidades de pesquisa nessa área parcamente explorada.

Quanto às mortes e funerais causados pela COVID-19, as problemáticas permitem abordar as rela es simbólicas e emocionais trazidas pela pandemia ao imaginário do vivente perante a morte. Como lidar com a impossibilidade da despedida? Como fica a fé diante de uma doença desconhecida? A descri o dos velórios e a documenta o produzida para orientar os funerais são outra possibilidade de pesquisa. Esses são apenas alguns exemplos de problemáticas que o tema suscita. Pesquisas baseadas em documentos orais e institucionais somadas a estudos voltados para as sensibilidades podem ser relevantes na abordagem sobre esses temas e problemas.

Um outro estudo possível   a constitui o de devo es que está ocorrendo no cemitério municipal, notadamente no campo das devo es infantis. Tangencialmente ao trabalho com o monsenhor, observou-se que existe, tanto de parte da prefeitura quanto da própria institui o cemiterial, uma espécie de estigma sobre os cemitérios enquanto espaços de devo o por excelência. Por esse motivo, fomenta-se um imaginário que atribui a certos falecidos, sobretudo os mortos em situa o de violência, como   o caso das crianças em questão, o poder de se tornarem “santos de cemitério”. Um tema que provavelmente possa aliar aos estudos das religiões, religiosidades e práticas os saberes pertencentes   historiografia que tem na história do presente sua referência, bem como os estudos a partir da oralidade.

Dentro dos estudos cemiteriais certamente merece destaque a ausência de pesquisas relativas ao cemitério existente no Centro de Espiritualidades Rainha da Paz. Cemitérios devotados exclusivamente   inuma o de religiosas e religiosos católicos são previstos no Código Can nico e a existência de um equipamento dessa natureza no município de Maringá   uma experiência única que pode ser melhor explorada.

Outra perspectiva de pesquisa refere-se   história da arquitetura e da arte presente nas igrejas, templos e locais maringaenses sagrados sob qualquer denomina o. Um estudo que certamente revelaria artistas desconhecidos para a comunidade local, como o diácono entrevistado, o sr. A. J. F., bem como a riqueza e simbologia empregadas pelas institui es para demarcar os espaços sagrados sob sua responsabilidade.

5.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem foi padre Bernardo? Desnecessário dizer que traçar sua trajetória de vida e de atendimentos demandou pensá-lo para além da singularidade de sua batina. Padre sim, católico certamente. Mas também curioso, ousado e *outsider*. Curioso porque em sua prática de atendimento buscava formas diversas de conhecimento; ousado porque foi capaz de levar avante essa prática ainda que isso lhe custasse, por vezes, repreensões de parte de seu bispo e *outsider* porque seu fazer religioso encontrava-se em um momento de inflexão no qual a diocese demandava um tipo de ação pastoral e sua comunidade outro, e ele, no centro dessa situação, optou taticamente por manter as duas formas de religiosidade ainda que a RCC tenha sido preponderante.

É assim que a prática sacerdotal do padre Bernardo e a devoção a ele reservada, constantemente lembradas individual ou coletivamente, tornaram-se objeto de pesquisa. Acontecida no período pós-Vaticano II, quando os postulados oriundos do Concílio foram elaborados, executados e experimentados, a prática do padre destoou das demais práticas de seus pares. Não por se contrapor aos novos preceitos da Santa Sé, e sim por se desviar do modelo predominante proposto na diocese.

Esse desvio se deu na medida em que a paróquia sob sua direção não se alinhou exclusivamente às propostas da diocese no que tange ao estabelecimento exclusivo da aplicação das diretrizes das CEBs, e sim ao corolário do movimento católico conhecido como RCC. Fato que tornou, naquele período, a paróquia Divino Espírito Santo singular no conjunto das demais paróquias.

Ao ser convidado para participar da pesquisa, um monsenhor respondeu à guisa de negação: “Não sei o que vocês tanto veem no Bernardo!”. O carisma do padre não passou despercebido ao colega de batina e, certamente a frase não representa seu desconhecimento sobre o quão especial ele era para a comunidade. Interpelado sobre a possibilidade de ser entrevistado, na forma como foi expressa, a negação poderia corresponder à maneira como a Igreja Católica maringense se posiciona em relação ao monsenhor. Não há, porém, unanimidade nesse sentido, uma vez que a maioria dos padres, instituições e pessoas ligadas à Igreja Católica demonstraram afetos positivos em relação ao padre Bernardo.

A negação parece ter sido ambientada mais nas particularidades pessoais do monsenhor convidado do que em algo imposto pela Cúria local. A recusa representaria, nesse sentido, uma tentativa em não incentivar maiores especulações sobre aquele que foi o personagem mais expressivo do catolicismo maringense depois de Dom Jaime Luís Coelho. E, talvez ainda, o

não incentivo seja algo que tenha sido expresso tempos antes para evitar que a devoção ao padre Bernardo tomasse rumos não desejados pela arquidiocese maringense. Talvez tenham existido, ou ainda existam, clérigos que tenham a mesma opinião do padre que se negou a ser entrevistado, mas é algo que a pesquisa não tem dados suficientes para afirmar. Conjecturas.

É sempre bom lembrar que um de seus pares afirmou que padre Bernardo jamais se adequou ao pensamento teórico presente na proposta teológica das CEBs, o que levaria à conclusão sobre ele ter vivido sua religiosidade baseada em seu carisma pessoal e na crença em sua capacidade como intercessor por benesses.

O jeito simples de se comunicar com o qual ele é identificado lembra alguém cujo apreço pelo senso comum não seja uma escolha, e sim uma não superação da religiosidade que preza pela reza do terço mais do que pelo trabalho social como proposto nas CEBs, de forma que o monsenhor não teria alcançado a complexidade da pastoral proposta pelo Vaticano II. E, embora tenha agido de forma tática organizando em sua paróquia uma economia baseada no atendimento massivo sustentado por sua *performance*, esse fato foi menos uma escolha consciente do que sua incapacidade em transcender a religião pré-Concílio.

O padre falecido vive sim nas memórias de seus devotos, mas a manutenção dessa memória é dependente dos sujeitos de domínio. Como os devotos estão em sua maioria em idade avançada e não se verificou o surgimento de novas devoções, bem como não há relatos expressivos que atestem a eficácia do monsenhor como capaz de realizar milagres e interceder por graças depois de sua morte, é provável que a devoção a ele destinada torne-se algo impossível de se manter na ausência dos memorialistas mais idosos, dos membros do Grupo Filhos de Sião e das pessoas que efetivamente o conheceram.

Os dados apresentados objetivaram promover a “exumação” do monsenhor de forma coerente e de acordo com os parâmetros relativos às operações historiográficas pertinentes às produções científicas oriundas do ambiente acadêmico. A citada coerência reside no fato de que, diante da ausência do monsenhor, produz-se um texto, uma escritura na qual traços de seus atos possam ser reconhecidos por aqueles que com ele conviveram ou não, transformando a história das práticas sacerdotais do padre Bernardo em um fato histórico cuja singularidade nos permite relacioná-lo ao estudo dos desvios ou, ao estudo dos *outsiders*, bem como aos estudos cemiteriais.

Entretanto, ele não esteve isolado no universo católico do qual era parte devido a sua condição de sacerdote, mas também não extrapolou esse campo de forma a perder sua identidade como padre. Mas agregou à sua condição de sacerdote católico outros saberes e fazeres de forma a tornar sua prática de atendimentos mais eficaz.

Aberto a novos conhecimentos e ao mesmo tempo ligado à sua formação católica, primeiro na infância com a família e posteriormente pelo sacerdócio, padre Bernardo pode ser compreendido a partir da metáfora criada por Morin⁴⁰⁸, na qual o ser humano é comparado a uma península em que uma de suas partes permanece conectada ao continente enquanto o restante encontra-se aberto aos mares, ou, no caso, a novos conhecimentos, sendo esse, portanto, o cerne do elemento desviante de sua conduta enquanto aquele representa o ordinário de sua prática.

⁴⁰⁸ MORIN, op. cit.

REFERÊNCIAS

ACERVOS

ACERVO DA CÚRIA METROPOLITANA DE MARINGÁ, 2018.

ACERVO DO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE MARINGÁ, 2020.

ACERVO DA PARÓQUIA DIVINO ESPÍRITO SANTO, 2018.

ACERVO DA PARÓQUIA SÃO JOSÉ OPERÁRIO, 2018.

ACERVO DA CATEDRAL METROPOLITANA DE MARINGÁ, 2018.

ACERVO PARTICULAR DE P. P. B. e N. M. S. B., 2018.

ACERVO PARTICULAR DE F. C. e H. C., 2018.

ACERVO PARTICULAR DE L. N., 2018.

ACERVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE MARINGÁ, 2018.

ACERVO MARINGÁ HISTÓRICA. Multidão na estação rodoviária 195(?). 1 fotografia. p&b. Disponível em: < <http://www.maringahistorica.com.br/search?updated-max=2019-01-17T16:59:00-08:00&max-results=7&start=14&by-date=false> >. Acesso em: 05 fev. 2018.

FONTES ORAIS

A. J. F. Quem foi o padre Bernardo para você? Maringá-PR, 07 ago. 2020. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Duração: 64 min.

C. F. L. M. Quem foi o padre Bernardo para você? Maringá-PR, 18 out. 2018. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Duração: 18 min.

C. E. M. Quem foi o padre Bernardo para você? Maringá-PR, 31 out. 2020. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Duração: 37 min.

C. S. N. e B. N. Quem foi o padre Bernardo para você? Maringá, 29 jul. 2020. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Duração: 48 min.

D. T. L. Quem foi o padre Bernardo para você? Maringá-PR, 23 set. 2020. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Duração: 11 min.

Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger. Quem foi o padre Bernardo para você? Maringá-PR, 23 set. 2020. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Questionário fechado.

F. C. C. e H. C. Quem foi o padre Bernardo para você? Maringá-PR, 18 out. 2020. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Duração: 3 60 min.

IR. S. C. Quem foi o padre Bernardo para você? Mandaguaçu-PR, 30 out. de. 2020. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Duração: 75 min.

L. N. Quem foi o padre Bernardo para você? Maringá-PR, 17 jul. 2020. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Duração: 73 min.

M. A. P. S. Quem foi o padre Bernardo para você? Maringá-PR, 24 mai. 2020. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Duração: 83 min.

Mons. Júlio Antônio da Silva. Quem foi o padre Bernardo para você? Maringá-PR, 03 e 16 jul. 2020. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Duração: 38 min.

P. P. B e N. M. S. B. Quem foi o padre Bernardo para você? Maringá-PR, 03 e 16 jul. 2020. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Duração: 86 min.

R. S. T. L. Quem foi o padre Bernardo para você? Maringá-PR, 23 set. 2020. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Duração: 11 min.

R. N. Entrevista e Registro imagético da Casa de Bernardo Cnudde. Maringá-PR, 01 ago. 2020. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Duração: 60 min.

S. O. T. Fº. Quem foi o padre Bernardo para você? Maringá-PR, 08 ago. 2020. Entrevista concedida a Marcia Regina de Oliveira Lupion por ocasião da pesquisa de Doutorado em História – PPH/UEM, 2017-2021. Duração: 30 min.

FONTES DOCUMENTAIS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Doenças não Transmissíveis. Manejo de corpos no contexto da doença causada pelo coronavírus Sars-CoV-2 – Covid-19 [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise em Saúde e Doenças Não Transmissíveis. Versão 2 – Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: < http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manejo_corpos_coronavirus_covid19.pdf >. Acesso em: 29 jan. 2020b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Doenças não Transmissíveis. Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus Covid-19 [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise em Saúde e Doenças Não Transmissíveis. Versão 1 – Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/arquivos/manejo_corpos_coronavirus_versao1_25mar20_rev3.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2020a.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: em 16 nov. 2019a.

BRASIL. DECRETO 119-A, DE 07 DE JANEIRO DE 1890. Rio de Janeiro, RJ, jan. 1890. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D119-A.htm>. Acesso em: 29 jan. de 2019.

BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 196, DE 10 DE OUTUBRO DE 1996. Brasília, DF, out 1996. Disponível em <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html>. Acesso em: 03 jan. 2018.

BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012. Brasília, DF, dez 2012. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html>. Acesso em: 03 jan. 2018.

BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 510/2016, DE 07 DE ABRIL DE 2016. Brasília, DF, abr 2016. Disponível em <<http://www.anped.org.br/news/nova-resolucao-5102016-de-etica-na-pesquisa>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, promulgado por João Paulo II, Papa. 4. ed. Secretariado Nacional do Apostolado da oração. Lisboa, 1983. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf>. Acesso em 25 jun. 2020.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. Plano de emergência para a igreja do Brasil 1963. **Cadernos da CNBB**, n. 1, 2. ed. 1963. São Paulo: Paulinas, 2004. 149 p. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183649.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019.

CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *Sacrosanctum Concilium*: sobre a sagrada liturgia. Disponível em <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_20041204_sacrosanctum-concilium_po.html>. Acesso em: 21 nov. 2019.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL *Gaudium et Spes*: sobre a igreja no mundo actual, 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 17 jun. 2020.

DECRETO *OPTATAM TOTIUS* SOBRE A FORMAÇÃO SACERDOTAL, 1965. Disponível em: < http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_optatam-totius_po.html >. Acesso em: 17 jun. 2020.

IBGE. Paraná. Censo demográfico Paraná. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t19_pr.pdf >. Acesso em: 28 de set. 2018.

IBGE. Paraná. Censo demográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t14_pr.pdf >. Acesso em: 28 de set. 2018.

LIVRO DO TOMBO da Paróquia São José 1954-1974. Paróquia São José Operário. Maringá-PR, 2019.

OSTERROHT, Edgar Werner. **Homenagem ao cinquentenário de Maringá** – década de 1950-1960. Maringá-PR: Gráfica Regente, 1997. 73 p.

PARANÁ. LEI Nº 5362, DE 09 DE MAIO DE 2001. Maringá, PR, mai. 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ. Decreto nº. 445/2020. Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a1/pr/m/maringa/decreto/2020/45/445/decreto-n-445-2020-declara-situacao-de-emergencia-no-municipio-de-maringa-e-define-outras-medidas-de-enfrentamento-da-pandemia-decorrente-do-coronavirus> >. Acesso em 08 ago. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ. Lei nº. 773/70. Cria, na sede do município de Maringá, o cemitério municipal de Maringá, parque de utilidade, reservado e respeitável. Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a/pr/m/maringa/lei-ordinaria/1970/78/773/lei-ordinaria-n-773-1970-cria-na-sede-do-municipio-de-maringa-o-cemiterio-municipal-de-maringa-parque-de-utilidade-reservado-e-respeitavel> >. Acesso em 08 ago. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ. Secretaria de Saúde. **Portaria Nº 019-2020 – Saúde de 23 de março de 2020**. Maringá, 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ. Decreto nº. 445/2020. Declara situação de emergência no município de Maringá e define outras medidas de enfrentamento da pandemia decorrente do coronavírus. Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a1/pr/m/maringa/decreto/2020/45/445/decreto-n-445-2020-declara-situacao-de-emergencia-no-municipio-de-maringa-e-define-outras-medidas-de-enfrentamento-da-pandemia-decorrente-do-coronavirus> >. Acesso em 08 nov. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ. Decreto nº. 566/2020. Dispõe sobre o funcionamento de atividades essenciais e do funcionamento parcial das demais atividades, para fins de enfrentamento da pandemia decorrente do coronavírus e dá outras providências. Disponível em: < <http://www2.maringa.pr.gov.br/cdn-imprensa/decreto566.pdf> >. Acesso em 08 nov. 2020b.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ. Plano Local de Habitação de Interesse Social. Caderno do Diagnóstico Habitacional. 2010. Disponível em: < <http://www2.maringa.pr.gov.br/sistema/arquivos/9d672a333a21.pdf> >. Acesso em: 24 jun. 2021.

PREVENÇÃO E CONTROLE DE INFECÇÕES PARA O GERENCIAMENTO SEGURO DE UM CADÁVER NO CONTEXTO DO COVID-19 - Guia de Orientação - 24 de Março de 2020. Disponível em: < https://78cc12e9-d1b5-405a-80b9-d742dc00115d.filesusr.com/ugd/a77533_b142eaf43b154739b17f8af01fd713e6.pdf?index=true >. Acesso em: jan. 2021.

REGISTRO do Cemitério, 1948 a 1951, 2020.

FONTES IMAGÉTICAS

LUPION, MARCIA REGINA DE OLIVEIRA. **Relicário da Casa de Emaús**. 2020a. 01 fotografia, color., digital/dimensões variadas.

LUPION, MARCIA REGINA DE OLIVEIRA. **Vaso de óleo santo**. 2020b. 01 fotografia, color., digital/dimensões variadas.

LUPION, MARCIA REGINA DE OLIVEIRA. **Estola**. 2020c. 01 fotografia, color., digital/dimensões variadas.

LUPION, MARCIA REGINA DE OLIVEIRA. **Objetos do padre presentes no Relicário da Casa de Emaús: Estola e Vasos de óleo santo**. 2020d. 01 fotografia, color., digital/dimensões variadas.

LUPION, MARCIA REGINA DE OLIVEIRA. **O toque**. 2018a. 01 fotografias, color., digital/dimensões variadas.

LUPION, MARCIA REGINA DE OLIVEIRA. **Túmulo de Clodimar Pedrosa Lô**. 2017. 01 fotografia, Color., digital/dimensões variadas.

FONTE AUDIOVISUAL

HISTÓRIA do Monsenhor Bernardo Abel Alfonse Cnudde. Maringá, PR: Produção Independente, 2001 (?). 1 DVD (121 min.). Port., color.

REFERÊNCIAS

A TRAJETÓRIO DO PADRE SIDNEY ZANETTINI. Disponível em: < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2019/12/a-trajetoria-do-padre-sidney-zanettini-11892722.html> >. Acesso em: 12 jan. 2021.

ALBERTI, Verena. **Ouvir, contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. 196 p.

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Dos horrores aos humores: o cemitério no cordel brasileiro. REVISTA M, v. 2, n. 4, p. 412-437, jul./dez. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: Disponível

em: <http://www.revistam-unirio.com.br/arquivos/2018/02/v02_n03_a02.pdf>. Acesso em 17 jul. 2018.

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Da barraca ao túmulo. Cigana Sebinca e as construções de uma devoção. 2008. 292 f. Doutorado. Universidade Federal do Paraná –UFPR.

ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e seus santos. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento Histórico e Diálogo Nacional - ANPUH, RN. 22 a 26 jul. 2013. p. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364926943_ARQUIVO_ARELIGIOSID_ADECATOLICAESEUSSANTOS.pdf>. Acesso em: nov. 2017.

ANDRADE, Solange Ramos de. **Santo de cemitério: a devoção ao Menino da Tábua** (1978-1994). Maringá: Eduem, 2015.

ANDRADE, Solange Ramos de.; SERAFIM, Vanda Fortuna. A religiosidade católica e seus santos: o Cemitério Municipal de Maringá – PR como espaço de devoção. HISTÓRIA AGORA. v. 10, p. 103-136, 2010. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/198782078/ha10-dossie2>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

ANGELUS CREMATÓRIO. Disponível em: <<https://angeluscrematorios.com.br/index.php?pagina=sobre>>. Acesso em 08 nov. 2020.

AQUINO, Maurício de. Modernidade republicana e *diocesanização* do catolicismo no Brasil: a construção do bispado de Botucatu no sertão paulista (1980-1923). 2012. 301 f. Tese. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, SP: 2012.

ÀRIES, Philippe. **O homem perante a morte**. Portugal: Publicações Europa/América Ltda, 2000.

ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ. Disponível em <<http://arquidiocesedemaringa.org.br>> Acesso em: 05 set. 2017.

BAPTISTA, José Renato de Carvalho. *Sè Tou Melanje: uma etnografia sobre o universo social do Vodou Haitiano*. 2012. 326 f. Tese (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional). Rio de Janeiro, 2012.

BARBOSA, Everton; PEÑA, Luciana. **Jaime: uma história de fé e empreendedorismo, biografia de Dom Jaime Luiz Coelho**. Maringá, PR: DNP Editora, 2011.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 231 p.

BIOGRAFIA DE DOM JAIME LUIZ COELHO (2013). Disponível em: <<https://www.facebook.com/ArquidioceseMaringa/posts/208910532566487/>>. Acesso em: 17 dez. 2020.

BIOGRAFIA DE DOM JAIME LUIZ COELHO. Disponível em: <<http://arquidiocesedemaringa.org.br/bispos/2/dom-jaime-luiz-coelho-in-memoriám>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

BOVO, Marcos Clair. Áreas verdes urbanas, imagem e uso: um estudo geográfico sobre a cidade de Maringá-PR. 324 f. 2009. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciência e Tecnologia de Presidente Prudente – UNESP. Presidente Prudente-SP, 2009.

CAETANO, Loide. **Semeando café e disseminando a fé**. Maringá: Caiuás, 2014.

CAETANO, Loide. História do Protestantismo em Maringá entre 1938-1960. Em elaboração, 2021.

CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1988.

CAPELAS em Maringá: City Tour histórico valoriza patrimônios históricos. Disponível em <<http://arquidiocesedemaringa.org.br/noticiasdiocese/1091/capelas-em-maringa-city-tour-historico-valoriza-patrimonios-historicos>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

CARVALHO, LUIZ. Renascimento de Malan é comemorado em igreja. (05 mai. 2013) Disponível em: < <http://blogs.odiarario.com/luizdecarvalho/> >. Acesso em 05 mai. 2019.

CASA DE EMAÚS. Disponível em: < <https://www.facebook.com/CasaDeEmausMaringa/> >. Acesso em: 04 fev. 2021.

CEMITÉRIO PARQUE completa 35 anos de atividade em Maringá. Disponível em: < <https://www.ofatomaringa.com.br/blog/ler?link=cemiterio-parque-completa-35-anos-de-atividade-em-maringa> >. Acesso em 01 nov. 2020.

CENTRO DE ESPIRITUALIDADE RAINHA DA PAZ - CERP. Disponível em: <<http://pbmm.com.br/cerp>>. Acesso em: 03 jul. 2019.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. v. 1.

CERTEAU, Michel de. **El lugar del otro**. Historia religiosa y mística. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.

CERTEAU, Michel de. **La debilidad de creer**. Buenos Aires: Katz, 2006.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos Avançados, 11 (5), 1991. p. 173-191. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/250983425_O_mundo_como_representacao >. Acesso 17 dez. 2018.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ, **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1977. p. 125.

COMUNIDADE PAROQUIAL Cristo Ressuscitado. Disponível em < http://www.cristomaringa.com.br/jo15/index.php?option=com_content&view=article&id=65:pe-geraldo-schneider&catid=39:nosso-clero&Itemid=57 >. Acesso em: 26 abr. 2021.

CONTINGENTE. In: DICIONÁRIO universal da língua portuguesa. Disponível em < <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/metodologia/> >. Acesso em: 02 set. 2019.

CORBIN, Alain. Dores, sofrimentos e misérias do corpo. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). **História do Corpo 2: da Revolução à Grande Guerra**. 4. ed. Tradução: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012b. v. 2.

CORBIN, Alain.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Org.). **História do corpo: da Renascença às luzes**. 5. ed. Tradução: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012a. v. 1.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Org.). **História do corpo: as mutações do olhar: o século XX**. 4. ed. Tradução: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2011. v. 3.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo 2: da Revolução à Grande Guerra**. 4. ed. Tradução: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012b. v. 2.

CORDOVIL, Fabíola Castelo de Souza. A aventura planejada: engenharia e urbanismo na construção de Maringá, Paraná, 1947 a 1982. 2010. 636f. 2010. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos. Disponível em: < <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-25042011-103049/pt-br.php> >. Acesso em fev. 2020.

CRUZ, Pedrina P. Souza. **Padre Francisco Robl, scj: o “padre Sorriso”**. Blumenau: Odorizzi, 2010. 223 p.

CSORDAS, Thomas J. **Corpo, Significado, Cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

DIAS, Reginaldo Benedito; ROLLO GONÇALVES, José Henrique. **Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: EDUEM, 1999.

DINIZ, Eliel. **Lô**. São Paulo: Ed. Dutra e Xavier Ltda., 1983.

DOESWIJK, Andreas Leonardus; LUPION, Marcia Regina de Oliveira; RODRIGUES, Marcia Garcia. **Nas Águas de Lobato: uma micro-história construída a partir das falas de seus moradores**. Maringá: EDUEM, 2008.

ERTZOGUE, Mariana Haizenreder; PARENTE, Temis. G. **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

FALCÃO, Marcílio Lima. Uma morte muito aperreada: memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de Lampião em Mossoró. 2011. 181 f. Dissertação – Universidade Federal do Ceará, Programa de pós-graduação em História Social, 2011.

FEDALTO, Pedro Antônio Marchetti. (Dom). **História da Igreja no Paraná: contribuição de Dom Pedro Antônio Marchetti Fedalto para a celebração do Jubileu de Ouro do Regional Sul 2 da CNBB**. Curitiba: Serzgraf Indústria e Editora Gráfica Ltda, 2014. 588 p.

FINADOS: Cemitério Parque de Maringá está pronto para receber visitantes. Disponível em: < <https://www.ofatomaringa.com.br/blog/ler?link=finados-cemiterio-parque-de-maringa-esta-pronto-para-receber-visitantes-> >. Acesso em 01 nov. 2020.

FRANCO, José Eduardo. (Coord.). **Glossário de cultura católica**: termos ou conceitos. Portugal: s/e, 2010. Disponível em: < <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernoscienciasreligiosas/article/view/3986/2698> >. Acesso em: 26 jun. 2020.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GARUTTI, Selson. O poder do Anel na diocese de Maringá. 2006. 111 f. Dissertação - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

GÉLIS, Jaques. O corpo, a igreja e o sagrado. In: CORBIN, Alain.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). **História do corpo**: da Renascença às luzes. 5. ed. Tradução: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012a. v. 1.

GOMES, Edgar da Silva. A separação Estado-Igreja no Brasil (1890): uma análise da pastoral coletiva do episcopado brasileiro ao Marechal Deodoro da Fonseca. 2006. 242 f. Dissertação (Mestrado em Teologia Dogmática). Centro Universitário Assunção – Pontifícia Universidade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. São Paulo, 2006. Disponível em < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp023647.pdf> >. Acesso em: 29 jan. 2019.

GONZAGA, Giovane Marrafon. Memórias, notícias e espaços: a presença das religiões afro-brasileiras em Maringá-PR (2000-2014). 2018. 158 f. Dissertação – Mestrado em História - (Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR, 2018.

GRUPO FILHOS DE SIÃO. Disponível em <https://www.facebook.com/pg/filhosdesiao/about/?ref=page_internal> Acesso em: 19 dez. 2017.

GRUPO FILHOS DE SIÃO. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/filhosdesiao/photos/?ref=page_internal. Acesso em: 10 jul. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. In: RELIGIÃO E SOCIEDADE, n. 6. CER-Iser, Rio de Janeiro. Tempo e presença, 1980. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25977/27708> >. Acesso em 10 jul. 2020.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 238 p.

HISTÓRIA da Paróquia São José Operário. Disponível em: < <http://www.paroquiasaojosemaringa.com.br/paroquia> > Acesso em: 28 set. 2018.

HISTÓRICO DA PARÓQUIA Divino Espírito Santo. Disponível em <<http://paroquiadivino.com.br/historia>>. Acesso em: 17 set. 2018.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 243.

JOSEPH, Jean Anel. Missão e igreja local: um estudo do Vodou haitiano no contexto do pluralismo religioso. 2014. 127 f. Dissertação (Pontifícia Universidade Católica – Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção). São Paulo, 2014.

JURKEVICS, Vera Irene. Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações da religiosidade popular. 218 f. 2004. Doutorado – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba-Pr, 2004.

KRISTEVA, Julia. La productividad llamada texto. In: BARTHES, R. y otros. **Los verosímil**. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporaneo, 1970. p. 63-93.

LE ROY LADURIE, Emmanuel. **Montaillou, povoado occitânico, 1294-1324**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LE BRETON, David. **Las pasiones ordinarias**. Antropologia de las emociones. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIRA, Bruno Cardoso. **Princípios litúrgicos do Concílio Vaticano II**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. [Edição digital].

LUPION, Marcia Regina de Oliveira, Nas Águas de Lobato: a construção de um espaço social na zona rural de Lobato, Norte do Paraná (1948-4973). 2003. 186 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2003.

LUPION, Marcia Regina de Oliveira. A criação da diocese de Curitiba e o processo de diocesanização pós-Padroado. **Revista Relegens Thèrkeia**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 13-30, aug. 2019b. ISSN 2317-3688. Disponível em: <<https://revista.ufpr.br/relegens/article/view/67871>>. Acesso em: 30 jul. 2020. Doi: <http://dx.doi.org/10.5380/rt.v8i1.67871>.

LUPION, Marcia Regina de Oliveira. Criação da diocese de Maringá no quadro da difusão eclesiástica nacional, 1956. In: RODRIGUES, Isabel Cristina. et. all. História e Direitos Humanos no mundo contemporâneo: (des)construções. **Anais**. Maringá-Pr: Edições Diálogos, 2019a. p. 651-662.

LUPION, Marcia Regina de Oliveira. Legislação e Direitos Humanos na produção de fontes orais em pesquisas acadêmicas em História. In: PRIORI, Angelo. **Cidadania, violência e Direitos Humanos**. Anais do I Colóquio Internacional de Direitos Humanos e Políticas e Memória. Maringá: Editora Diálogos. 2108a. pp. 528-538. Disponível em: <

http://eventos.idvn.com.br/eventos/coloquio2019/arquivos/ebook_coloquio_2019.pdf >. Acesso em 17 ago. 2020.

LUPION, Marcia Regina de Oliveira. O uso do whatsapp na construção de fontes orais sobre o Padre que curava. In: V SIMPÓSIO NACIONAL DO MOVIMENTO DO CONTESTADO, XIII SEMANA DE HISTÓRIA e VIII SEMINÁRIO DE ESTUDOS ÉTNICO-RACIAIS. Irati-PR, de 26 a 28 de nov. 2018a. **Anais**. Irati-PR, Unicentro, 2018b. p. 01-09. Disponível em: < https://evento.unicentro.br/files/Submissaoarquivos/car_submissao/18_11_2018_car_submissao_1326574783.pdf >. Acesso em jun. 2020.

LUPION, Marcia Regina De Oliveira. Túmulos, espaços de Topofilia e transcendência. In: SILVA, Thiago Cedres; GANDRA, Edgar Ávila; SIMÕES, Elis S. (Orgs.). **História em movimento: múltiplas abordagens**. v. 2. Porto Alegre: Casalettras, 2020. p. 298-307. Disponível em: < https://drive.google.com/file/d/15kBqpLaEdCO_w5BXNG57II7luXnTTyUI/view?usp=sharing >.

LUPION, Marcia Regina de Oliveira.; DOESWIJK, Andreas Leonardus. História do Paraná sem exclusões: o caso da pesquisa realizada no município de Lobato. In: GUILHERME, Cássio Augusto; ROMPATO, Maurílio (Orgs.). **Histórias e memória da ocupação das regiões paranaenses no século XX**. Maringá: Massoni, 2015. p. 194-214.

MAINWARING, S. **Igreja católica e política no Brasil 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MALAN NA ENQUETE DO DIA. Disponível em: < <https://angelorigon.com.br/2017/03/19/malan-na-enquete-do-dia/> >. Acesso em: 01 set. 2020.

MARCHI, Euclides. A igreja do Brasil e o plano de emergência – 1952/1962. **Revista de Ciências Humanas**, n. 30, out. 2001. Florianópolis: EDUFSC, p. 81-108.

MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. In: _____, **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 47-181.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed., 5. reimp. São Paulo: Contexto, 2017. 175 p.

MENINA MORRE EM ‘RACHA’. Disponível em: < <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/menina-morre-em-racha-458623.html> >. Acesso em: 15 nov. 2019.

MORIN, Edgar. **El hombre y la muerte**. 4. ed. Barcelona: Editora Kairós, 2003.

MORIN, Edgar. **El paradigma perdido: ensayo de bioantropologia**. Barcelona: Editorial Kairós, 2005.

MORIN, Edgar. **O método IV: as ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização**. Portugal: Publicações Europa-América Ltda, 1991(?).

MOULIN, Anne. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Org.). **História do corpo: as mutações do olhar: o século XX**. 4. ed.

Tradução: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2011. v. 3.

MOURA, Odilão (Dom). **Ideias católicas no Brasil:** direções do pensamento católico do Brasil no século XX. São Paulo: Convívio, 1978.

NEGRÃO, Lísias. Magia e religião na Umbanda. REVISTA USP, n. 31. Set/nov. 1996. p. 76-89. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25977/27708> >. Acesso mar. 2020.

O TRANSCENDENTAL. Disponível em < <http://www.vilaoperaria.com/historia/vilaoperaria/o-transcendental.html> > . Acesso em: 28 set. 2018.

PARÓQUIA DIVINO ESPÍRITO SANTO. Disponível em: < <http://paroquiadivino.com.br/noticias/paroquia/15-anos-sem-o-mons-bernardo-cnudde> > Acesso em: 05 set. 2017.

PARÓQUIA Santa Isabel do Portugal. Disponível em: < <http://www.pqsantaisabel.com.br/historia> >. Acesso em: 12 ago. 2020.

PARÓQUIA Santa Maria Goretti. Disponível em < <http://www.smariagoretti.com.br/historia> >. Acesso em: 12 ago. 2020.

PARÓQUIAS DA ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ. Disponível em: < <http://arquiocesedemaringa.org.br/paroquias> > Acesso em: 15 out. 2018.

PASTORAL COLETIVA DO EPISCOPADO BRASILEIRO CONTRA A LIBERDADE RELIGIOSA. Disponível em: <https://permanencia.org.br/drupal/node/1327>. Acesso em: 31 mar. de 2019.

PEREIRA, José Carlos. **Devoções marginais:** interfaces do imaginário religioso. Porto Alegre, RS: Zouk, 2005.

PEREIRA, Márcia Maria. A igreja católica em Maringá e a gestão de Dom Jaime Luiz Coelho (1947-1980). 2007. 87 f. Dissertação – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Escrita e Digital.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frederique. (Orgs.). **Sensibilidades na história:** memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PIER, Jean Garden Jean. Haiti: uma república do Vodou? Uma análise do lugar do Vodou na sociedade haitiana à luz da Constituição de 1987 e do Decreto de 2003. 2009. 114 f. Dissertação (Ciências da Religião – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, 2009. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/2107/1/Jean%20Gardy%20Jean%20Pier.pdf> >. Acesso em 22 jul. 2020.

PIETRAFESA DE GODOI, E. **O trabalho da memória:** cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

PIRES, Tiago. *O pastor das almas: José Silvério Horta e a construção cultural de um sacerdote exemplar (1859-1933)*. 2014. 169 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como gênero**. Projeto História, São Paulo, n. 22. j. 2001a. p. 9-36.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana? 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Coords.). **Usos e abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001b. p. 103-130.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1998.

PUPIM, Paulo. Fiéis dizem alcançar graças em missa. **O Diário do Norte do Paraná**, Maringá, 09 jul. 1998, p. 03.

REGO, Renato Leão. O desenho urbano de Maringá e a ideia de cidade-jardim. Acta Scientiarum. v. 23, n. 6, Maringá, 2001. p. 1569-1577. Disponível em: < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciTechnol/article/view/2801/1853> >. Acesso em: 04 abr. 2020.

RESPOSTAS BÍBLICAS. Disponível em: <https://www.respostas.com.br/consagracao/>. Acesso em: em: 04 abr. 2019.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

RIGON, Angelo. Vereadores de Maringá passam por cima da legislação. Disponível em: < <https://angelorigon.com.br/2015/10/23/vereadores-de-maringa-passam-por-cima-da-legislacao/> > Acesso em: 15 nov. 2019a.

RIGON, Angelo. Projeto que dá nome a Posto de Saúde deve ser vetado. Disponível em: < <https://angelorigon.com.br/2015/10/27/projeto-que-da-nome-a-posto-de-saude-deve-ser-vetado/> >. Acesso em: 15 nov. 2019b.

ROBLES, Orivaldo. **A Igreja que brotou da mata – os 50 anos da Diocese de Maringá**. Maringá: Dental Press, 2007.

ROCHA, Anníbal Bianchini da. Raízes de nossa história: o conceito de cidade-jardim implantado em Maringá. **Revista do Instituto da Árvore**. Maringá, 2011. (Revista pedagógica).

ROSENDAHL, Zeny. **Primeiro a obrigação, depois a devoção: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. 196 p.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 93-102.

SERAFIM, Vanda Fortuna. “Padre” Bernardo: um estudo de devoção em Maringá-PR (2005 – 2012). Disponível em < http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/207_trabalho.pdf >. Acesso em: 05 set. 2017.

SILVA, Eronildo José da. Maringá de Todos os Santos: a presença das religiões afro-brasileiras. 2014. 307 f. Tese – Doutorado em Ciências Sociais – (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, 2014.

SILVA, Miguel Fernando Peres. **Sala dos suplícios:** o dossiê do caso Clodimar Pedrosa Lô. 2. ed. Maringá: Clichetec, 2017.

SOCIETÈ DES PRÊTRES DE SAINT-JACQUES. <<http://www.missionnaires-st-jacques.org/vocations/vocations-bresil/>> Acesso em: 16 out. 2018.

STEINKE, Rosana. **Ruas curvas, ruas retas:** a trajetória do urbanista Jorge de Macedo Vieira. Maringá: EDUEM, 2007.

THOMPSON, Eduard Palmer. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das letras, 1998.

TOMAZI, Nelson D. “Norte do Paraná” histórias e fantasmagorias. 1997. 338 f. Tese (Doutorado) - Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

TOMAZI, Nelson D. **Certeza de lucro e direito de propriedade:** o mito da Companhia de Terras Norte do Paraná. 254 f. Dissertação (Mestrado), Departamento de História do Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis, UNESP – Campus de Assis. 1989.

Tradicional festa do Malan aconteceu depois de ser proibida em salão paroquial. Disponível em <<http://www.carlaomaringa.com.br/2015/05/tradicional-festa-do-malan-aconteceu.html>> Acesso em: em 24 jan. 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012. 342 p.

ULIANA, Isabel. O Cemitério Municipal de Maringá (Paraná) Enquanto Espaço de Memória e Saberes Históricos (1947 – 2017). 2018. 119 f. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/431550/2/O%20Cemit%C3%A9rio%20Municipal%20de%20Maring%C3%A1%20%28Paran%C3%A1%29%20enquanto%20espa%C3%A7o%20de%20mem%C3%B3ria%20e%20saberes%20hist%C3%B3ricos%20%281947%20%E2%80%93%202017%29.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

VAINFAS, Ronaldo. **Micro-história:** Os protagonistas anônimos da história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VEJA QUAIS SÃO OS TÚMULOS MAIS VISITADOS DE MARINGÁ. Disponível em <<https://gmconline.com.br/noticias/cidade/veja-quais-sao-os-tumulos-mais-visitados-no-cemiterio-de-maringa>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

VELÓRIOS em Maringá poderão ter apenas 20 pessoas por sala. Disponível em: < <https://www.cbnmaringa.com.br/noticia/velorios-em-maringa-poderao-ter-apenas-10-visitantes-por-sala> >. Acesso em 08 nov. 2020.

VILAOPERÁRIA.COM. Disponível em: < <https://vilaoperaria.com/> >. Acesso em 28 set. de 2018.

WAGNER, Benno. **Maringá Cidade Canção: volta às raízes**. v. 6. Curitiba: Ed. do autor, 2000.

BIBLIOGRAFIA

AGUILLAR, Jurandir Coronado. (Coord). Intrépidos missionários da igreja no Paraná: biografias de presbíteros. Curitiba: Champagnat, 2010. 348 p.

AKIE, Juliana. Guia prático para elaboração de dissertação, tese, monografia e projeto de pesquisa. São Paulo: USP, 2017.

ALBERTI, Verena. **História Oral: histórias dentro da história**. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto. 2008. p. 155-202.

AMADEU, Maria Simone Utida dos Santos. et al. Manual de normalização de documentos científicos de acordo com as normas da ABNT. Curitiba: Ed. UFPR, 2015.

AMADO, Janaína.; FERREIRA, Marieta. M. (Coords.). **Usos e abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001. (Primeira edição 1996).

ANDRADE JÚNIOR, Lourival (Org.), et al. **Cultura e sensibilidades: sertões, histórias e memórias**. 01. ed. Caicó/Cabo Frio: Mares Editores, 2017. 152 p.

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Milagres de cemitério. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=woo7TL2C7e4> >. Acesso: 24 set. 2020. Duração: 3'14"

ANDRADE, Solange Ramos de. Frei Boaventura Kloppenburg e a história da Igreja Católica no Brasil: aspectos de uma biografia. **História Unisinos**. v. 16 n 1, janeiro/abril de 2012. p. 139-148. Disponível em: < <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2012.161.12> >. Acesso em 18 mai. 2018.

ANDRADE, Solange Ramos; SERAFIM, Vanda Fortuna. A religiosidade católica e seus santos: o cemitério municipal de Maringá-PR como espaço de devoção. **História Agora**, v. 10, p. 103-136, 2010.

AQUINO, Maurício de. A Igreja Católica na Primeira República Brasileira (1889-1930): laicidade pragmática, diocesanização, congregações religiosas, In: CARREIRO, Gamaliel Silva; SANTOS, Lyndon de Araújo; FERRETTI, Sérgio Figueiredo; SANTOS, Thiago Lima de. (Orgs.). **Todas as águas vão para o mar: poder, cultura e devoção nas religiões**. São Luis: EDUFMA, 2013. p. 113-142

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

ARQUIDIOCESE DE CURITIBA. Disponível em < <http://arquidiocesedecuritiba.org.br/mitra-da-arquidiocese-de-curitiba/> >. Acesso em: 31 jan. 2019.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Disponível em < <http://www.arquisp.org.br/historia/dos-bispos-e-arcebispos/bispos-diocesanos/dom-lino-deodato-rodrigues-de-carvalho> >. Acesso em: 23 jan. 2019.

AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. **ESTUDOS AVANÇADOS**, 18 (52), 2004. p. 109-120.

AZEVEDO, Thales de. O catolicismo como religião do regalismo no Brasil. In: _____. **A religião civil brasileira: um instrumento político**. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 43-52.

AZEVEDO, Thales de. Primeira República: positivismo declinante e nacionalismos espiritualistas. In: _____. **A religião civil brasileira: um instrumento político**. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 69-78.

AZEVEDO, Thales de. Nos anos 30: a Lei e o Estado “sob a proteção de Deus”. In: _____. **A religião civil brasileira: um instrumento político**. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 79-87.

AZZI, Riolando. O início da restauração católica no Brasil 1920-1930. In: SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, C. S. N. (Orgs.). **Faces do catolicismo**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2008. p. 61-89.

BARBEIRO, Alan. Prefácio. In: ERTZOGUE, M. H.; PARENTE, T. G. **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 11-16.

BAUNGART, T. de A. A.; AMATUZZI, M. M. Experiência religiosa e crescimento pessoal: uma compreensão fenomenológica. **Revista de Estudos da Religião**. Dez, 2007, p. 95-111. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv4_2007/i_baungart.pdf>. Acesso em: 29 jan. de 2018.

CATEDRAL VISTA DA SACADA DO GRANDE HOTEL < <http://www.maringahistorica.com.br/2011/12/> >. Acesso em: 03 out. 2018.

CELLARD, André. Análise documental. In: POUPART, Jean. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 295-316.

CHAGASTELLES, Gianne; LACERDA, Gislene. História oral, memória e história do tempo presente: debate conceitual e de sentido. ENCONTRO SUDOESTE DE HISTÓRIA ORAL: EDUCAÇÃO DAS SENSIBILIDADES, VIOLÊNCIA, DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS, 10, 2013, Campinas-SP. **Anais**. Campinas-SP: ABHO – Regional Sudeste e CMU – Universidade de Campinas, 2013. Disponível em: < http://www.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1372529143_ARQUIVO_textoGianneGislen e.pdf >. Acesso em 26 nov. 2019.

CORBIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. p. 413-611.

COUTO, José Geraldo. **A invenção da história**. Entrevista com Peter Burke. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/9/11/mais!/6.html>>. Acesso em: 14 de outubro de 2016.

CRESPI, Franco. **A experiência religiosa na pós-modernidade**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. 88 p.

DE PAULA, Antonio Roberto. **O jornal do bispo**: a história da Folha do Norte do Paraná. Maringá: 2010. Edição eletrônica disponível em <<http://jornaldobispo.blogspot.com.br/2010/04/livro-o-jornal-do-bispo-historia-da.html>> Acesso em: em out. 2016.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. (Primeira edição 2005).

DELGADO, Lucilia Neves de Almeida; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de história. **Revista História Hoje**. v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/download/90/70>>. Acesso em 25 nov. 2019.

DURAND, Jean-Paul. **Instituições religiosas**: judaísmo, catolicismo, islamismo e Igrejas saídas da reforma. São Paulo: Paulinas, 2003. 162 p.

ELIAS, Norbert.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2000. (1. ed. 1965)

ESTADO DO PARANÁ. Disponível em <<http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa-estado-parana.php>> Acesso em: 03 out. 2018.

FABRIL, Sidney. O Seminário maior Arquidiocese Nossa Senhora da Glória de Maringá enquanto instituição educativa. 247 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação – Fundamentos da Educação. Maringá: UEM, 2007.

HERMANN, Jacqueline. Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida. (Orgs.). **O Brasil republicano**: o tempo do liberalismo excludente da Proclamação da República à Revolução de 1930. 6. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 121-160.

INSTITUT D'HISTOIRE DU TEMPS PRÉSENTS. Frédérique Langue. Disponível em: <<http://www.ihtp.cnrs.fr/users/frederique-langue>>. Acesso em: 06 set. 2017.

KARNAL, Leandro.; TATSCH, Flávia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-28.

KLOPPENBURG, Boaventura. (O.F.M.). Introdução geral aos documentos do Concílio. In: VIER, Frederico (Frei, O.F.M.). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, decretos, declarações. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968. p. 5-36.

KLOPPENBURG, Boaventura. (O.F.M.). **O cristão secularizado**: o humanismo do Vaticano II. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970. 231 p.

KOSELLECK, Reinhart. **Uma história dos conceitos**: problemas teóricos e práticos, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.134-146.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 4. ed. ampl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LANGUE, Frederique. O sussurro do tempo: ensaios sobre a história cruzada das sensibilidades Brasil-França. In: ERTZOGUE, Mariana. H.; PARENTE, Temis. G. **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 21-34.

LATUR, Bruno. “Não congelarás a imagem”, ou: como não desentender o debate ciência-religião. **Mana** 10(2):349-376, 2004.

LASSERRE, Guy. Metraux (Alfred). *Le Vaudou haitien*, 1958, coll. L'Espèce humaine (n° 14). In: *Cahiers d'outre-mer*. N° 48 - 12e année, Octobre-décembre 1959. p. 422. Disponível em: < www.persee.fr/doc/caoum_0373-5834_1959_num_12_48_3976_t1_0422_0000_1 >. Acesso em: 12 dez. 2019.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 167-182.

LIMA, Décio Monteiro. **Os demônios descem do Norte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

LIVRO DO TOMBO da Catedral Nossa Senhora da Glória. Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória. Maringá-PR, 2019.

LUCKMANN, Thomas. **A religião invisível**. São Paulo: Olho D'água; Loyola, 2014. 152 p.

LUZ, France. **O fenômeno urbano numa zona pioneira**: Maringá. 1980. 435 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

MARCHI, Euclides. A igreja e o Estado: a construção da concórdia. **Estudos hispano-americanos**. PUCRS, v. 19, n. 02, dez. 1993. p. 65-97.

MARINGÁ EM NÚMEROS. Disponível em < <http://www.odiario.com/Content/historiademaringa/pdf/info-numeros-maringa-cor.pdf> >
Acesso em: 27 nov. 2018.

MARINGÁ. PREFEITURA DO MUNICÍPIO. SECRETARIA DA CULTURA. Gerência do Patrimônio Histórico. **História artística e cultural de Maringá**: 1936-1990. Maringá: Imprima Conosco, 2016. (Texto de João Laércio Lopes Leal). 256 p.

MARINGÁ. CÂMARA MUNICIPAL. Revista do Legislativo Maringaense – personagens e história: as ruas da região central do município. v. 1, n. 1. Maringá, 2013. (Revista eletrônica). Disponível em: < <http://www.cmm.pr.gov.br/escolalegislativa/revistaEletronicaEd01.pdf> >. Acesso em 09 jul. 2020.

MARINGÁ HISTÓRICA. **A história do cemitério de Maringá**. 2016. (8m36s). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=4sXrJG8xEHA> >. Acesso em 27 nov. 2019.

MARTINS, Darci Aparecida. “Religião e saúde: um estudo a respeito das representações do fiel carismático sobre os processos de recuperação de enfermidades nos grupos de oração da RCC em Maringá-Pr”. f. 200. Tese, 2005. Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2005.

MARTINS, José de Souza. **Uma sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo: Contexto, 2014. 221 p.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel. de; GIARD, Luce.; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MEILY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2000.

MEILY, José Carlos Sebe Bom. Desafios da história oral Latino-Americana: o caso do Brasil. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. (Orgs.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro/CPDOC: FUNDAÇÃO FGV, 2000. [Livro eletrônico].

METRAUX, Alfred. *Le Voudou haitien*. Paris: Gallimard, 1958.

MICELI, Sérgio Pessoa de Barros. A elite eclesiástica brasileira (1890-1930). 1985. 233 f. Tese – Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas na Universidade Estadual de Campina, 1985.

MONBEING, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1984.

MUSEU DA BACIA DO PARANÁ. Disponível em <<http://www.mbp.uem.br/index.php>> Acesso em: 05 out. 2018.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para século XX. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida. (Orgs.). **O Brasil republicano**: o tempo do liberalismo excludente da Proclamação da República à Revolução de 1930. 6. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 13-44.

PAULA, Antonio Roberto. **Francisco Feio Ribeiro**: a jornada de um obstinado. Maringá: Ed. Autor, 2014. 477 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. J. **História e História Cultural**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 132 p. (Coleção História...& Reflexão, 5).

PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nadia M. Weber.; ROSSINI, M. de S. (Orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais**: percursos em história cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da capital**. São Paulo: Hucitec, 2008. 360 p. il.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy.; LANGUE, Frederique. (Orgs.). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 15.

PINSKY, Carla. (Org.). **Fontes históricas**. 2.ed., 1. Reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

PINSKY, Carla.; LUCCA, Tânia R. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

PIRES, Tiago. Monsenhor José Silvério Horta e a espiritualidade do bom pastor (1859-1933). Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012.

PORTELLA, R. Religião, sensibilidades religiosas e pós-modernidade: da ciranda entre religiões e secularização. **Revista de Estudos da Religião**, n. 2, 2006, p. 71-87. Disponível em: < www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_portella.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2018.

PREFEITURA DE MARINGÁ. Capela São Bonifácio. Disponível em: < <http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=349> >. Acesso em: 04 dez. 2019a.

REIS, Osvaldo. **Maringá 60 anos**: a história em conta-gotas. 2. ed. Maringá: Gráfica Primavera, 2007.

REVISÃO ÉTICA NA PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v36n133/1678-4626-es-36-133-00857.pdf>> Acesso em: 03 jan. 2018.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

RIGON, Angelo. Vereadores de Maringá passam por cima da legislação. Disponível em: < <https://angelorigon.com.br/2015/10/23/vereadores-de-maringa-passam-por-cima-da-legislacao/> > Acesso em: 15 nov. 2019^a.

RIGON, Angelo. Projeto que dá nome a Posto de Saúde deve ser vetado. Disponível em: < <https://angelorigon.com.br/2015/10/27/projeto-que-da-nome-a-posto-de-saude-deve-ser-vetado/> >. Acesso em: 15 nov. 2019^b.

ROBLES, Orivaldo. **História da Igreja Católica em Maringá**. Maringá: Sinergia Casa Editorial, 2017.

ROCHA, Anníbal Bianchini da. Raízes de nossa história: o conceito de cidade-jardim implantado em Maringá. **Revista do Instituto da Árvore**. Maringá, 2011. (Revista pedagógica).

RODRIGUES, Denise dos Santos. Religiosos sem igreja: um mergulho na categoria censitária dos sem religião. **Revista de Estudos da Religião**. Dez, 2007, p. 31-56. Disponível em: < www.pucsp.br/rever/rv4_2007/t_rodrigues.pdf >. Acesso em: 29 jan. 2018.

ROLLO GONÇALVES, José Henrique. **História regional e ideologias:** em torno de algumas coreografias políticas do norte paranaense – 1930/1980. 1995. 255 f. Dissertação. (Mestrado), Departamento de História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1995.

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. p. 12928-12942. Disponível em < <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/38.pdf>>. Acesso em: 01 de fev. 2019.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. 248 p.

ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a *gestalt* das autobiografias e suas conseqüências metodológicas. In: FERREIRA, Marieta. M.; AMADO, Janaína. (Coords.). **Usos e abusos da história oral.** 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 193-202.

RUBINO, Carla. Difusão da fé e sua mobilidade religiosa em Maringá: 1947-2010. 2010. 126 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2010.

SALVADOR, Carlos Sobral; EMBIL, José Maria Urteaga. (Coords.). **Dicionário de Direito Canônico.** 1. reimpr. Trad. Jesús Hortal. São Paulo: Loyola, 1997.

SANDRA PESAVENTO. Disponível em < <http://sandrapesavento.org/biografia.php> > Acesso em: 06 set. 2017.

SERRANO, Jonathas. O clero e a República. In: CARDOSO, Vicente Lucínio (Org.). **À margem da história da República.** 3. ed. rev. atual. Recife: Fundação Joaquim Nabuco - Editora Massangana, 1990. p. 69-78.

SILVA, Antonio Ozaí. **Religião e política:** memória e história da renovação carismática – PR. Revista espaço acadêmico. n. 81. fev. de 2008.

SILVA, Francisco Ribeiro da. **História local:** objetivos, métodos e fontes. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 1999, p.383-395. Disponível em: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3226.pdf> >. Acesso em: 05 abr. 2018.

SILVA, Jonas Jorge da. **O templo e a cidade:** memórias sobre a construção da cidade de Maringá. 2007. Dissertação. Maringá: UEM, 2007.

SILVA, Marcos A. **República em Migalhas: história regional e local.** São Paulo: Editora Marco Zero; Coedição: Programa Nacional do Centenário da República e bicentenário da Inconfidência Mineira – MCT/CNPq, 1990.

SILVA, Miguel Fernando Peres. **Sala dos suplícios:** o dossiê do caso Clodimar Pedrosa Lô. 2. ed. Maringá: Clichetec, 2017.

SILVA, M. C.; FARINHA, A. C. As benzedeadas e a renovação carismática católica: o surgimento da benzedeadas renovada. **Revista Brasileira de História das Religiões.** ANPUH, ano V, n. 13, p. 73-91, maio 2012. Disponível em <

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30253> >. Acesso em: 03 ago. 2018.

SILVÉRIO, Valter Roberto (Coord.). **Síntese da coleção História Geral da África: do século XVI ao XX**. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

SITTON, Trad; MEHAFFY, G. L. e DAVIS Jr., O. L. **Historia Oral: una guía para profesores (y otras personas)**. México: F.C.E. 1993. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/364895987/Varios-Historia-Oral-Una-Guia-Para-Profesores-Y-Otras-Personas>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

TAKAHASHI, Juliana Akie. Guia prático elaboração de dissertação, tese, monografia e projeto de pesquisa. São Paulo: USP, 2017.

UBINGE, Genivaldo e S., ALMEIDA, Marcos Roberto. (Orgs.). Queridos diocesanos: 50 textos selecionados de Dom Jaime Luiz Coelho. Maringá: Clichetec, 2007.

VASCO, Ana. **João Paulo II: uma história**. Belo Horizonte: Soler Editora, 2005.

VERRI, Jr. Anibal. **A obra de José Augusto Belucci em Maringá**. 2001. Dissertação. São Paulo: USP, 2001.

VIER, Frederico. (Frei, O.F.M/Coord.). **Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.

VITAL, Dievani Lopes. Iluminismo e revolução nas ideias e nas práticas políticas da “ilustração” brasileira. 2015. 219 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2015.

APÊNDICE - 1

CRONOLOGIA DE EVENTOS E DADOS RELACIONADOS AO MONSENHOR BERNARDO ABEL ALFONSE CNUUDE

| | |
|-----------------------------|---|
| 11/03/1939 | Nascimento do Monsenhor Bernardo Abel Alfonso Cnudde. Pais: Fernando Cnudde e Andrea Lammens Cnudde Local: Paróquia de Saint Saulve, Diocese de Cambrai/Lille-França. |
| 29/06/1966 | É ordenado padre no Seminário de Saint Jacques - França |
| Fins de 1966 | Ano de chegada ao Brasil – estadia na cidade do Rio de Janeiro |
| Início de 1967 (?) | Estabelecimento na Paróquia Santa Maria Goretti |
| 1967 a 1969 | Permanência na Paróquia de Santa Isabel do Ivaí-PR |
| 30/08/1969 | Inicia o processo de incardinação na diocese de Maringá |
| 18/10/1969 | Solicita incardinação na diocese de Maringá |
| 20/10/1969 | O pedido de incardinação é aceito por Dom Jaime Luiz Coelho |
| 22/05/1986 | Dom Jaime solicita maior permanência de Bernardo no Seminário Diocesano |
| 07/04/1988 | Assume o Governo da diocese juntamente com o cônego Geraldo Schneider devido à ausência de Dom Jaime. |
| 23/06/1988 | Dom Jaime solicita ao monsenhor Bernardo que atenda às religiosas da diocese a pedido das mesmas. |
| 11/02 a 22/03/1990 | Assume o Governo da diocese juntamente com o cônego Geraldo Schneider devido à ausência de Dom Jaime. |
| ?/?/1995 | Assume o Governo da diocese juntamente com o cônego Geraldo Schneider devido à ausência de Dom Jaime. |
| 31/12/1973 | Nomeado Membro do Conselho Diocesano (por 3 anos) |
| 05/09/1980 | Nomeado Membro do Conselho Diocesano (por 3 anos) |
| 03/12/1980 | Nomeado Vigário Episcopal |
| 16/12/1983 | Nomeado Membro do Colégio de Consultores (por 5 anos) |
| ?/?/1986 | Nomeado Vigário Econômico do Seminário Diocesano |
| Início dos anos 1990 | Acolhimento ao Grupo Filhos de Sião pelo padre Bernardo. |
| 28/02/1991 | Nomeado Vigário Econômico do Seminário Diocesano |
| 04/04/1991 | Nomeado Membro do Colégio de Consultores (por 5 anos?) |
| 25/02/1993 | Nomeado Membro do Colégio de Consultores (por 5 anos) |
| 04/09/1998 | Recebe o título de Cidadão Benemérito de Maringá |
| 20/11/2000 | Falecimento do Monsenhor Bernardo Abel Alfonso Cnudde |